

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS - CAMPUS DE BAURU
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LETÍCIA DO NASCIMENTO

**A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS:
ENTRE O PRAZER EMANCIPATÓRIO E PRAZER PRAGMÁTICO**

BAURU
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS - CAMPUS DE BAURU
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LETÍCIA DO NASCIMENTO

**A LITERATIURA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS:
ENTRE O PRAZER EMANCIPATÓRIO E PRAZER PRAGMÁTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentando
ao Departamento de Educação da Faculdade
de Ciências - UNESP Bauru como parte dos
requisitos para obtenção do título de graduação
em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a
Rosa Maria Manzoni.

BAURU
2015

Nascimento, Letícia do.

A literatura no Ensino Fundamental - anos iniciais:
entre o prazer emancipatório e o escolar pragmático /
Letícia do Nascimento, 2015
211 f.

Orientador: Rosa Maria Manzoni.

Monografia (Graduação)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015

1. Literatura Infantil. 2. Funções da Literatura. 3.
Organização do Ensino da Literatura Infantil. 4.
Interdiscurso para a produção escrita I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

Rosa Maria Manzoni

Lucilene do Santos Gonzales

Márcia Lopes Reis

Dedico este trabalho a minha família e a todos,
que de algum modo me auxiliaram para a
realização deste sonho.

Agradeço...

À Universidade, ao corpo docente, direção e administração por me apresentar os caminhos para o saber.

A todos os grandes mestres pelos saberes apresentados ao longo dos tempos e que dedicaram a vida a desvendar, desmistificar e compartilhar a ciência e a sabedoria para a edificação da humanidade. Saber que, bem utilizado, tem o poder de mover o mundo e unir as pessoas e, que, antagonicamente, tem a mesma força de trazer o mal, provocar a destruição dessa mesma humanidade. Provando a força do conhecimento.

À querida mestra Rosa Maria Manzoni, para além de minha orientadora, foi tanto é meu mar revolto nessa busca pelo saber quanto meu porto seguro em razão desse desejo ardente pelo conhecimento.

“Pelo poder da palavra, ela pode agora navegar nas nuvens, visitar as estrelas, entrar no corpo de animais, fluir com a seiva das plantas, investigar a imaginação da matéria, mergulhar no fundo de rios e de mares, andar por mundos que há muito deixaram de existir, assentar-se dentro das pirâmides e de catedrais góticas, ouvir corais gregorianos, ver os homens trabalhando e amando, ler as canções que escreveram, aprender das loucuras do poder, passear pelos espaços da literatura, da arte, da filosofia, dos números, lugares onde seu corpo nunca poderia ir sozinho... corpo espelho do universo! Tudo cabe dentro dele!”

Rubem Alves

RESUMO

A Literatura Infantil é um instrumento valiosíssimo para a formação humana, ética, estética e política, além de servir de instrumento para a formação do interdiscurso e transformar os procedimentos de ensino de produção textual escrita. Daí, então, a investigação de como a Literatura está sendo trabalhada na escola. Assim, neste trabalho, constituiu-se como objetivo geral, investigar como o ensino da Literatura Infantil está organizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental e se essa organização promove o desenvolvimento do letramento literário do aluno, e de capacidades de linguagem escrita e comportamento leitor, tornando-o crítico diante de diversos temas. A pergunta que serviu de norte para a pesquisa foi a seguinte: O ensino da Literatura Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, está organizado para desenvolver o letramento literário ao mesmo tempo em que atua como um instrumento catalisador para a aprendizagem da leitura e escrita? Foram estabelecidos como objetivos específicos: a) descrever como o ensino da literatura infantil está organizado (rotina de ensino) no 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental; b) identificar os gêneros literários que são trabalhados em cada ano escolar, descrever como são trabalhados, analisar se esse trabalho está relacionado com o ensino da escrita e qual a natureza dessa relação. c) verificar se o procedimento de ensino da Literatura Infantil busca formas de articular as atividades literárias com a constituição do interdiscurso como conteúdo para a produção textual escrita. A metodologia adotada foi a da pesquisa de campo, a partir de uma abordagem de interpretação qualitativa e teve como fonte direta de dados o ambiente natural em que foi desenvolvido o ensino da literatura Infantil. O trabalho apresenta, então, resultados de dados analisados à luz dos conceitos da Estética da Recepção (ISER, 1977; JAUSS, 1977), e das funções da Literatura, segundo Candido (2000), Yasuda (2004); Lajolo (1983), dentre outros. Dos resultados extraíram-se inferências e interpretações sobre as condições de ensino da Literatura Infantil, tais como: a formação do professor de Literatura e o reconhecimento de si como mediador de leitura literária, a Literatura Infantil como pretexto para ensino de conteúdos escolares e a Literatura como forma de emancipação e lazer.

Palavras-chave: Funções da Literatura. Literatura Infantil. Organização do Ensino da Literatura Infantil. Interdiscurso para a Produção Escrita.

ABSTRACT

THE LITERATURE IN ELEMENTARY EDUCATION - EARLY YEARS: BETWEEN THE EMANCIPATORY PLEASURE AND THE PRAGMATIC SCHOOL

The Children's Literature is an invaluable tool for human formation, ethics, aesthetics and politics, as well as serves as an instrument for the formation of interdiscourse and transforms teaching procedures of text written production. Then, the investigation of how the literature is being worked in school. Therefore, in this work, constitutes the general objective, to investigate how the teaching of Children's Literature is organized in the early years of elementary school and if that organization promotes the development of literary literacy of the student, and language skills written and the reader behavior, making it critical on several topics. The question that served as a north to the research was the following one: is Teaching Children's Literature, in the early years of elementary school, organized to develop the literary literacy while acting as a catalyst tool for learning to read and write? Have been established the following objectives: a) describe how the teaching of children's literature is organized (teaching routine) in the 1st, 2nd, 3rd, 4th and 5th years of elementary school; b) identify the literary genres that have worked in each school year, describe how they are worked out, analyze whether this work is related to the teaching of writing and the nature of that relationship; c) verify if the Children's Literature teaching procedure seeks ways to articulate literary activities with the establishment of the interdiscourse as content for writing the textual production. The methodology that was included was the field research, from a qualitative interpretation approach and it had as direct data source the natural environment in which it was developed the teaching of Children's Literature. The work presents data results analyzed according to the concepts of Aesthetics of Reception (ISER, 1977; Jauss, 1977), and the functions of Literature, according to Candido (2000), Yasuda (2004); Lajolo (1983), among others. From the results were extracted inferences and interpretations about the Children's Literature teaching conditions, such as: literature's teacher training and the recognition of each other as a mediator of literary reading, the Children's Literature as a pretext for teaching school subjects and Literature as a form of emancipation and leisure.

Keywords: Functions of Literature. Children's Literature. Organization of the Children's Literature Education. Interdiscourse for Written Production.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Literatura como elo imaginativo e vivência concreta: conteúdo de formação humana e crítica	14
2.1. Funções da literatura: formação humana.....	14
2.2. A literatura, sua mediação na formação do sujeito: interdiscurso e outras dimensões próprias.....	19
2.3. Estética de recepção: um caminho para a formação intelectual do leitor.....	21
2.4. Literatura na escola: uma relação a ser feita.....	27
3. Metodologia da pesquisa: caminhos percorridos.....	29
3.1. Local.....	29
3.2. Sujeito da pesquisa	30
3.3. Instrumentos de coletas de dados.....	30
3.4. Critérios para análise dos dados.....	31
3.5. Etapas da pesquisa.....	31
4. A literatura no ensino fundamental- anos iniciais: entre o prazer emancipatório e o escolar pragmático	33
4.1. Organização do trabalho com a literatura na escola pesquisada.....	33
4.2.Os parâmetros curriculares nacionais da língua portuguesa e a literatura infantil.....	34
4.2.1. Literatura infantil: conteúdo de ensino na rotina escolar diária.....	36
4.3. Situação de ensino recortados por ano escolar.....	39
4.3.1 – recortes: 1.º ano – áudios 12, 13 e 14.....	39
4.3.2 – recortes: 2.º ano – áudios 10 e 11.....	43
4.3.3 – recortes: 3.º ano – áudios 7, 8 e 9.....	46
4.3.4 – recortes: 4.º ano – áudios 4, 5 e 6.....	50
4.3.5 – recortes: 5.º ano – áudios 1, 2 e 3.....	56
4.3.6 – quadro síntese da situação de ensino.....	67
5. Considerações finais.....	68
6. Referência bibliográfica.....	72

7. Apêndice.....	74
7.1. Transcrição dos áudios.....	75
7.1.1- 1.º ano.....	75
7.1.2- 2.º ano.....	107
7.1.3- 3.º ano.....	114
7.1.4- 4.º ano.....	128
7.1.5- 5.º ano.....	142
8. Anexos.....	171
8.1. Termo de consentimento.....	172
8.2. Atividade de escrita do.....	173
8.2.1 - 1.º ano.....	173
8.2.2 - 2.º ano.....	177
8.2.3 - 3.º ano.....	178
8.2.4 - 4.º ano.....	180
8.2.5 - 5.º ano.....	186
8.3. Planejamento da rotina semanal.....	190
8.4. Atividades do Programa Ler e Escrever.....	192

1. Introdução

A literatura infantil, nos dias de hoje, está ganhando, cada vez, mais lugar dentro da educação fundamental, seja para proporcionar prazer às crianças para instigação da imaginação, ou para servir de instrumento para a construção de novos saberes. Vários estudiosos apontam as grandes contribuições que a Literatura Infantil proporciona para o processo de ensino-aprendizagem, instigando os alunos a lerem e escreverem e a se tornarem mais críticos diante da realidade onde vivem, promovendo-lhes a formação integral, como sujeitos, social ativo. Algumas dessas contribuições residem no desenvolvimento da imaginação, afetividade, emoção; sentimentos; apropriação do conhecimento; aprimoramento da leitura e escrita, dentre outros.

Dada a importância da Literatura Infantil na formação humana dos educandos, e como parte integrante do currículo escolar, é fundamental que o professor, ao organizar o ensino, dedique um tempo adequado para esse conteúdo. O trabalho docente com a literatura já se inicia com a seleção de gêneros dessa esfera que medeiam à apreciação do código estético da literatura e desenvolvam, em seus alunos, o gosto dessa leitura, enfatizando a plurissignificação da linguagem literária, com todas as suas peculiaridades e potencialidades semânticas. Assim, cabe à escola, escolarizar adequadamente a Literatura Infantil de modo a atender a necessidade dessa formação e de criar outras necessidades, como a do seu consumo pelos alunos, para que esse conteúdo se apresente em suas vidas também fora da escola. Considerando a inevitável escolarização da Literatura Infantil e que o domínio da leitura e da escrita é fundamental para o desenvolvimento intelectual e cultural dos educandos, a Literatura Infantil pode ser utilizada como catalisadora para o ensino dessas duas práticas sociais e escolares, ao mesmo tempo em que contribui para a formação da personalidade de seu leitor.

O ensino da leitura e da escrita está intrinsecamente ligado à literatura, já que esta pode desenvolver o domínio dessas habilidades no leitor. Assim, é procedente a preocupação em se estudar como ela está organizada dentro da escola, para promover a formação integral da criança, como fim primeiro e, de quebra, servir de instrumento para o desenvolvimento de capacidades de linguagem na criança. Se a literatura infantil assume esse grau de importância na formação do leitor mirim, formulamos a seguinte questão para nortear esta pesquisa: O ensino da Literatura Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, está organizado para

desenvolver o letramento literário ao mesmo tempo em que atua como um instrumento catalisador para a aprendizagem da leitura e escrita?

A realização desta pesquisa justifica-se pelo fato de investigar o ensino da Literatura Infantil no ensino fundamental, anos iniciais, um tema atual e que constitui um dos conteúdos básicos no currículo de Língua Portuguesa. Além do conteúdo em si, a Literatura Infantil é utilizada como instrumento para o ensino de outros conteúdos dessa área, como leitura, escrita e oralidade.

Esta pesquisa fornece-nos indicativos para investigar como a literatura está sendo trabalhada, principalmente, no ensino fundamental, período em que os alunos estão entrando em um ambiente de leitura mais crítico e diversificado. Assim, tem como objetivo geral investigar como o ensino da Literatura Infantil está organizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental e se essa organização promove o desenvolvimento do letramento literário do aluno, e de capacidades de linguagem escrita e comportamento leitor, tornando-o crítico diante de diversos temas.

Para atender a esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever como o ensino da literatura infantil está organizado (rotina de ensino) no 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental;
- b) identificar os gêneros literários que são trabalhados em cada ano escolar, descrever como são trabalhados, analisar se esse trabalho está relacionado com o ensino da escrita e qual a natureza dessa relação.
- c) verificar se o procedimento de ensino da Literatura Infantil busca formas de articular as atividades literárias com a constituição do interdiscurso como conteúdo para a produção textual escrita.

Ressalta-se, então, que este trabalho está composto das seguintes partes: Introdução, que apresenta uma breve síntese do que foi trabalhado e estudado. Em seguida, há um capítulo intitulado: Literatura como elo entre o imaginário e a vivência concreta: conteúdo de formação humana e crítica, no qual é apresentada a posição de alguns autores diante do tema. Na sequência, encontra-se a metodologia da pesquisa e os motivos pelos quais determinado público foi escolhido. É apresentado, também, nas páginas posteriores deste trabalho, um capítulo de análise de todos intitulado “A literatura no ensino fundamental - anos iniciais: entre o prazer emancipatório e o escolar pragmático.” Onde apresentamos os resultados alcançados e dados coletados, seguido das considerações finais, referências bibliográficas, anexos e apêndices.

O que motivou a realização deste trabalho foi a nossa experiência com a literatura desde o ensino fundamental ao médio. Quando cheguei à faculdade, essa motivação foi crescendo através das aulas de literatura que abriram os horizontes, deixando cada vez mais claro a importância da mesma para a vida. Perante o curso de pedagogia sentiu-se necessidade de conhecer como se estrutura o ensino de pedagogia nas escolas de ensino fundamental, para assim, fazer a junção da teoria tão rica estudada na universidade e a prática do ensino de literatura na sala de aula.

2. LITERATURA COMO ELO ENTRE IMAGINÁRIO E A VIVÊNCIA CONCRETA: CONTEÚDO DE FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA.

O Objetivo deste capítulo é o de discutir o conceito de literatura, suas funções e sua contribuição para a formação do leitor de Literatura.

Para esta pesquisa foi efetuada uma busca no banco de dados virtual ATHENAS da Universidade do Estado de São Paulo, para o levantamento de algumas obras, e artigos sobre o tema. Das obras pesquisadas foram escolhidas algumas que se encontram presentes nas referências. No entanto, definiu-se como prioridade para fundamentar este capítulo a seguinte obra: "A Literatura e a formação do homem" de Antônio Candido, que tem por objetivo discorrer sobre as funções da Literatura que, segundo o crítico literário são sociais, de conhecimento e necessidades de ficção e fantasia.

Outras obras que fundamentam a pesquisa são "Questão de Linguagem"- Coleção repensando o ensino, na qual encontram-se vários artigos sobre o tema abordado; "Funções de linguagem", de Samira Chalhoub; "A Linguagem Literária", de Domício Proença Filho, que visam a Literatura Infantil e suas contribuições para a formação do leitor.

Conforme o minidicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1983, p.845) a palavra "Literatura" tem como significado "A arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso" ou "Conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época". Já, segundo Proença Filho (1986, p.42), "A literatura é, tradicionalmente, uma arte verbal. A presença do advérbio se justifica diante das inúmeras propostas de vanguarda que, sobretudo a partir dos anos 60, buscaram espaços extra verbais para concretizá-la." Lajolo (1983) Vê a obra literária e, conseqüentemente, a Literatura como "objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe como obra neste intercâmbio social." Ressaltando, assim, a importância do se produzir e consumir Literatura.

2.1 Funções da Literatura: formação humana

Diante desses diversos significados e pressupostos entra-se na questão de se estudar literatura como função social ou estudar a estrutura da literatura. Cândido (1985) afirma que muitos estruturalistas tendem a querer estudá-las separadamente, pois estudar as duas vertentes juntas seria muito complexo. "Em face desta, os estruturalistas optam, porque acham que é possível conhecer a história ou a estrutura, mas não a história e a estrutura. Os dois enfoques seriam mutuamente exclusivos" (CÂNDIDO, 1985, p. 81). Perante essa afirmação,

nota-se uma crise dentro do estudo da história da literatura e da estrutura da literatura, sendo que este último (o estudo da estrutura literária) sempre esteve muito presente, nas aulas de Língua Portuguesa, enfocando apenas a tendência estética de como um determinado autor escreve. Concordamos que esse conteúdo é muito importante, mas o interesse pelos elementos contextuais, o como o texto se forma a partir do contexto que o autor se encontra, é fundamental, para, assim, a literatura não ser vista apenas como um conjunto de obras, mas como uma forma de projeção humana. Como afirma Cândido (1985, p.82),

há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana.

É importante nesse momento ressaltar a literatura em sua função social, ou seja, o papel que a obra literária desempenha na sociedade. "O estudo da gênese, a aferição do valor e a relação com o público (CÂNDIDO, 1985, p. 82). O como se forma a obra literária diante do contexto social e histórico de uma determinada época, e como esse contexto pode enriquecer, humanizar e interligar o mundo onde vivemos com a literatura. Como afirma (ibid, p. 82)

[...] na medida em que nos interessa também como experiência humana, não apenas como produção de obras consideradas projeções, ou melhor, transformações de modelos profundos, a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se forma a partir do contexto, até constituir uma independência dependente (se for permitido o jogo de palavras). Mesmo que isto nos afaste de uma visão científica, é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos.

Observa-se o contexto onde a obra literária é criada, os momentos históricos pelos quais ela passou, trazendo, assim, a obra para mais perto do leitor. A partir dela, pode-se conhecer, compreender e identificar os problemas, visões e realidades de uma determinada época, tornando se, dessa forma, parte da obra, não apenas um mero leitor pragmático, mas sim, um leitor de literatura, amarrado às realidades de uma época e de uma sociedade. Assim, ressalta-se a função social da literatura, de humanizar, conhecer, descortinar o mundo.

Vendo, agora, a Literatura não apenas como um sistema de obras, mas sim como forma humanizadora do homem, pode-se abordar o princípio da necessidade universal de ficção e fantasia, onde todos estão inseridos. De acordo com Cândido (1985), essa necessidade é tão grande que toma conta das pessoas, seja no contar ou ouvir um caso, no contar uma piada, brincar de casinha, apostar na loteria, ler um livro, brincar com sombras; seja primitivo ou civilizado; alfabetizado ou não; adulto ou criança, todos buscam esses momentos de ficção e fantasia, no decorrer de seus dias, não passando um dia sem consumi-la, pois a fuga do real e a busca do imaginário é essencial na formação humana. Segundo Cândido (1985), um dos objetos mais eficazes para essa busca da ficção e da fantasia é a Literatura. O autor (1985, p. 83) afirma:

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas.

Dado esse papel singular de satisfazer a necessidade de fantasia no homem é justificável alongar um pouco mais sobre essa função da Literatura para deixar claro que ela nunca é pura; sempre vem imbuída de valores, sentimentos, paisagens, desejos, costumes e problemas existenciais. Diante disso, nota-se o vínculo entre realidade e fantasia, aparecendo a literatura como forma de formação humana entre esses dois mundo (fantasia e realidade). A criação de lendas e mitos surge dessa necessidade de explicação de fatos cotidianos, dando mais uma vez espaço para as funções da literatura. Como afirma (ibid, p.83),

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura.

Essa citação de Cândido (1985), faz com que pensemos que a relação entre fantasia e realidade é ainda mais interessante quando "o contexto estabelece-se como base para a criação do imaginário, a partir do qual fatos concretos podem transfigurar-se em imaginários para criar explicações para determinados fenômenos" (ibid, p.87) . Um bom exemplo para essa afirmação é o caso da criação de uma lenda, para explicar a criação das estrelas, onde os índios para explicar a origem daqueles pontos de luz no céu (realidade concreta, contexto),

utilizam o imaginário e criam uma explicação fantasiosa para aquele fenômeno (criação do imaginário). Hoje, com o avanço da ciência, já sabemos, cientificamente, o que são as estrelas, mas encanta o imaginário do homem, enriquece sua alma. A literatura possibilita ao homem realizar uma leitura na qual ele possa sonhar, imaginar outras formas de criação e resoluções de problemas para sua vivências diárias. E esse é o papel da literatura como formação humana abrir um leque de possibilidades para o homem se colocar diante dos conflitos do mundo. Eis a fundamental relação entre imaginação explicativa, que vem do concreto do científico; e imaginação fantástica, ligada a ficção, ao imaginário. Ressalta Cândido (1985 p. 83):

Sabemos que um grande número de mitos, lendas e contos são etiológicos, isto é, são um modo figurado ou fictício de explicar o aparecimento e a razão de ser do mundo físico e da sociedade. Por isso há uma relação curiosa entre a imaginação explicativa, que é a do cientista, e a imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor.

Para que essa junção entre realidade e fantasia, imaginação científica e imaginação fantástica se estabeleça há que se passar pelo devaneio. Segundo (ibid, p. 83),

O devaneio seria o caminho da verdadeira imaginação, que não se alimenta dos resíduos da percepção e, portanto, não é uma espécie de resto da realidade; mas estabelece séries autônomas coerentes, a partir dos estímulos da realidade. Uma imaginação criadora para além, e não uma imaginação reprodutiva ao lado, para falar como ele.

Na esteira de Cândido, o devaneio seria o caminho para alcançar a imaginação, que vai além do que se vê; que se alicerça em fatos concretos e se desenvolve além dessa realidade, em busca do imaginário, do poético, ou seja, em busca da ficção e fantasia necessária para a formação humana. Como insiste (ibid p. 83),

O devaneio (rêverie) se incorpora à imaginação poética e acaba na criação de semelhantes imagens; mas o seu ponto de partida é a realidade sensível do mundo, ao qual se liga assim necessariamente.

Ressaltam-se, assim, as grandes transformações que a obra literária pode fazer no imaginário humano, ao fazer a ligação entre fantasias e vivências concretas que atuam inconscientemente na formação de nossa personalidade. Nas palavras de, Cândido (1985 p. 84):

Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente.

Até aqui, vimos a função social e a função de necessidade de ficção e fantasia. Quanto à função de conhecimento (educativa) da literatura, Cândido (1985, p. 84) esclarece que, "muitas correntes estéticas, inclusive as de inspiração marxista, entendem que a literatura é, sobretudo, uma forma de conhecimento mais do que uma forma de expressão e uma forma de construção de objetos semiologicamente autônomos." De acordo com o crítico literário.

[...] a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. A própria ação que exerce nas camadas profundas afasta a noção convencional de uma atividade delimitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes. A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da triade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. Daí as atitudes ambivalentes que suscita nos moralistas e nos educadores, ao mesmo tempo fascinados pela sua força humanizadora e temerosos da sua indiscriminada riqueza.

Essa longa citação de Cândido esclarece a distinção da função de conhecimento da literatura e da escola. A primeira educa para e com a vida, a segunda, para e com instrução moral de cunho pragmático e ideológico. Contudo, vemos como o estudo da literatura tem sido visto pelas escolas, devendo, então, passar por mudanças para, assim, afirmar a sua função de conhecimento de mundo e de ser, passando pela satisfação da necessidade universal de ficção e fantasia, contribuindo para a formação da personalidade, funcionando como instrumento catalisador para a formação humana, valorizando diferentes culturas e suas diversas formas de expressão.

2.2 A literatura e sua mediação na formação do sujeito: interdiscurso e outras dimensões próprias.

Proença Filho (1986, p. 09) recorda que “o conceito de literatura não é matéria pacífica entre os estudiosos que a ela se dedicam”, pois uns entendem a obra literária como representação e tomada de posição e, até mesmo, como cópia ou reprodução, vendo a linguagem como mero vínculo dessa comunicação. Segundo ele (ibid, p. 09),

Há os que entendem que a obra literária envolve uma representação e uma visão do mundo, além de uma tomada de posição diante dele. Tal posicionamento centraliza, assim, suas atenções no criador de literatura e na imitação da natureza compreendida como cópia ou reprodução. A linguagem é vista como mero vínculo dessa comunicação.

Encontra-se aí a grande importância da linguagem dentro da Literatura, pois é por meio dela que o texto literário envolve dimensões universais, individuais, sociais e históricas. Ainda de acordo com Proença Filho (1986, p. 25),

Como se percebe o texto literário envolve dimensões universais, individuais, sociais e históricas, mas de forma peculiar. Já a linguagem sem si, cabe a significativa afirmação de Coseriu: "A linguagem é uma atividade humana universal, que se realiza individualmente, mas sempre segundo técnicas historicamente determinadas (línguas)"

Assim, envolvendo essas grandes dimensões citadas acima, o texto literário sofre uma caracterização cultural podendo, em seu ensino, levar para dentro da sala de aula diferentes culturas: brasileira, ocidental, europeia e muitas outras. Como afirma Proença Filho (1986, p. 34),

A caracterização cultural, em termos sociais, admite ampliações e setorizações que permitem tratar, entre outras, de cultura ocidental, cultura européia, cultura grega, cultura romana, cultura brasileira etc. Conseqüentemente, de literatura ocidental, literatura européia, literatura grega, literatura romana, literatura brasileira etc.

Com todos esses fatores que envolvem o ensino da Literatura, entendemos ser necessário que exista uma mediação por parte do docente entre o texto e o leitor, de modo a proporcionar melhor compreensão e interação entre ambos. Sobre isso Fernandez (2004, p. 64) afirma que "Quanto mais tenho compreendido a assimetria entre o texto e o leitor e as condições da interação entre ambos, mais me convenço da importância da mediação nos trabalhos com a leitura na escola."

Em relação à mediação do professor entre texto e aluno, na sala de aula, ressalta-se a leitura dentro da escola que, muitas vezes, é realizada como obrigação, sem compromisso com o prazer e o despertar da ficção e fantasia, tornando o ensino da Literatura enfadonho e sem sentido para o aluno. Procedendo assim, transforma-se o ato de ler em apenas decodificação de palavras sem sentido, sem ligação com o aluno, apenas mais um conteúdo da grade curricular da escola. Destaca-se, também, o fato de o professor apenas culpar seus alunos por não gostarem ou terem preguiça de ler, sem ao menos observarem sua postura como Professor/Leitor reconhecendo-se assim, como leitores. Nessa Perspectiva Yasuda (2004, p. 77) afirma que,

A meu ver, a já famosa crise da leitura (famosa não por motivos de reflexão, mas porque se tornou chavão dizer que o aluno não sabe, não gosta e tem preguiça de ler) estaria centrada na dificuldade, sobretudo do professor, de perceber-se enquanto leitor.

Devido a isso, muitas vezes, o professor, por falta de leitura, acaba se prendendo apenas ao livro didático de Português, e, na maioria das vezes, esse é o único livro que o aluno tem acesso. Dessa forma, volta-se o ensino não para a qualidade dos textos lidos e para formação do homem crítico, mas, para a quantidade de conteúdo gramatical trabalhado, tornando, assim, a leitura do aluno pouco crítica, abordando os gêneros da esfera literária sempre da mesma maneira, que a propaganda ou outros gêneros, com o primado da estrutura em detrimento dos elementos que o caracterizam como literário.

Como ressalta (ibid, p.78):

A leitura desses textos pobres em variedade e muitas vezes em qualidade é condicionada à abordagem interpretativa - sempre a mesma tanto para poesia como para textos de propaganda. Essa abordagem considera apenas o que o texto " quis dizer" e ainda fica restrita à leitura que o autor do manual faz do texto. Dificilmente considera a estrutura, os recursos que os configuram e o caracterizam como literário.

De acordo com Fernandez (2004), para chegar a bons resultados no ensino da Literatura, deve-se levar em conta, no trabalho de mediação na sala de aula, diversos aspectos, entre eles estão o processo de leitura, a memória, a emoção, as impressões sensoriais, intelectuais e o registro, não apenas a condicionantes interpretativos do que o texto "quis dizer", como foi citado acima por Yasuda. Sobre o trabalho de mediação de leitura do texto literário, Fernandez (2004, p. 68) distingue três etapas que o docente deve levar em conta:

Para se chegar a isso não será demasiado a necessidade de se levar em conta no trabalho de mediação que:

- 1- o leitor se aperceba de seu próprio processo de leitura, de seus "planos de conduta"
- 2- uma vez avivada a sua memória e tendo registrado suas impressões sensoriais, emocionais, intelectuais, possa contá-las a outrem, registrá-las, trocar enfim as projeções.
- 3- voltando ao texto, o leitor tenha condições de cotejar suas projeções com os sistemas significativos do texto. Assim explicitados os planos de conduta do mediador, que se transformaram em maior ou menor grau nos planos de conduta dos diferentes leitores [...]

Para que o leitor efetive o procedimento descrito no excerto acima, é preciso que o professor averigue a competência leitora de seus alunos, guiando-se não apenas pela idade e sua capacidade intelectual, mas, sobretudo, pela sua própria capacidade e sensibilidade leitora, indicando, para isso, textos significativos a si mesmo e, diante disso, podem ser significativos também para os alunos.

Como afirma Yasuda (2004, p. 79)

E como poderia medir a competência de leitura? Considero que essa avaliação está ligada a competência de leitura do próprio professor. O professor/leitor/mediador é aquele que indica leituras guiando-se não só pela idade e capacidade intelectual do aluno, mas sobretudo, pela própria sensibilidade de leitor. Indica textos que são significativos para si mesmo e que acha que poderão sê-lo também para o aluno. Por isso o professor mediador é o que lê antes, cercando o texto em suas possíveis leituras. Desse modo poderá realizar um trabalho que possibilite, no acontecer da leitura e a partir da verbalização das impressões, criar condições para que o aluno possa desenvolver sua sensibilidade para perceber e desvelar o mundo dos textos em sua diversidade e pluralidade.

É com a mediação da Literatura que o aluno conhece diferentes culturas, ideais e crenças, enfim, conhece um mundo novo, tornando-se um leitor crítico e humanizado diante dos fatos da sociedade. Encontra-se, aí, a importância do professor/leitor/mediador, para direcionar esses alunos a um processo de aprendizagem prazeroso e significativo, envolvendo-os na diversidade e pluralidade dos textos literários, criando condições para a formação integral do aluno.

2.3 Estética da Recepção: um caminho para a formação intelectual do leitor

Esta seção discorre sobre os fundamentos da Estética da Recepção, uma teoria que atribui grande importância do contato do leitor com o texto, as primeiras impressões e devaneios, que devem acontecer antes do interpretar, historicamente, uma determinada obra. Para a Estética da Recepção, as interpretações dadas pelo leitor devem sempre ser levadas em consideração, para que estas funcionem como formadoras do intelecto humano. Depois das impressões pessoais da obra literária, pode-se seguir para uma interpretação histórica, levando em conta o momento histórico em que está foi criada, por quais vivências determinado autor passou durante a criação de um poema ou livro. Ou seja, é importante a aliança entre a leitura feita atualmente, ressaltando as primeiras impressões do leitor atual, e a reconstituição do processo histórico pelo qual o texto passou. A proposta de trabalho da Estética da Recepção fornece ao leitor a liberdade da criação de diferentes interpretações, por diferentes leitores.

Como afirma Jauss (1979 p. 46):

A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, na compreensão fruidora e na fluência compreensiva. Uma interpretação que ignorasse essa experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado. Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou, seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos.

Essa longa citação de Jauss esclarece a importância da experiência primária, ou seja, o primeiro contato do leitor com a obra, criando, assim, o que (ibid, p.46) chama de

[...] diferenciação fenomenológica entre compreensão e discernimento, entre a experiência primária e o ato da reflexão, com que a consciência se volta para a significação e para a constituição de sua experiência, retorna, pela recepção dos textos e dos objetos estéticos, como diferenciação entre o ato de recepção e o de interpretação.

O autor aponta a diferença existente entre como acontece a recepção do texto pelo leitor e os sentidos construídos a partir da sua interpretação, em cujo processo é feita a comparação entre o efeito atual que a obra causa no leitor e a significação do processo

histórico pelo qual esta passou durante sua construção, Jauss (1979, p. 46). "A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético com base nas duas instâncias de efeito e recepção."

Diante disso, encontra-se a necessidade de uma teoria que desse conta do processo dinâmico da obra literária diante dos fatores de recepção e produção, que fosse além dos sistemas semióticos fechados, e criasse uma aliança entre autor, obra e público. Dessa necessidade surgiram os primeiros estudos da Estética da Recepção. Como afirma (ibid, p.48),

[...] Tal propósito não seria alcançável através da panacéia das taxinomias perfeitas, dos sistemas semióticos fechados e dos modelos formalistas de descrição, mas tão só através de uma teoria da história que desse conta do processo dinâmico de produção e recepção e da relação dinâmica entre autor, obra e público, utilizando-se para isso da hermenêutica da pergunta e resposta.

Nesse momento, a teoria da Estética da Recepção volta-se à busca pelo sentido do ato de ler, das entrelinhas da leitura, buscando, assim, uma análise da experiência do leitor de um tempo histórico determinado, e as diferenças existentes entre os dois lados da relação texto e leitor. Esse procedimento mostra o efeito condicionante causado pelo texto e a recepção como um momento condicionado pelo destinatário. Para (ibid, p.50):

[...] entre o efeito, como momento condicionado pelo texto, e a recepção, como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte - o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade.

Observa-se assim, a importância desse momento, onde o contato primário com a obra se funde com as experiências históricas do leitor, criando, assim, um momento totalmente novo de significação, no qual o texto e leitor se complementam. De acordo com Jauss (1979, p.50), "[...] isso é necessário a fim de se discernir como a expectativa e a experiência se encadeiam e para se saber se, nisso, se produz um momento de nova significação". O autor afirma também que:

[...] o estabelecimento do horizonte de expectativa interna ao texto é menos problemático, pois derivável do próprio texto, do que o horizonte de expectativa social, que não é tematizado como contexto de um mundo histórico." (Idem)

Assim, vários seriam os modos de identificação do leitor com a obra, dependendo de fatores como: seu valor social, sua história de vida e suas vivências diárias. Essa identificação do leitor alimenta sua busca pelo prazer diante da leitura. O intuito de encontrar nas obras literárias os chamados heróis, que darão a sensação de prazer ao leitor, criando um processo emocional entre obra, leitor e autor. Como ressalta (ibid, p.58):

As tentativas de determinar os modos de interação da identificação com os heróis e de pesquisar o fundamento do prazer diante dos heróis cômicos dedicam-se ao problema de como se pode compreender o processo emocional da recepção literária e da comunicação, visto sobre os pressupostos da perspectiva estética.

Para que esse processo de interação entre leitor, obra e autor aconteça é necessário um vai e vem entre o texto e a sociedade atual, no qual o leitor faz questionamentos diante da obra literária, cria suas novas respostas e soluções, tampando, assim, com sua vivências, emoções e conhecimentos históricos, as lacunas do texto literário. Nesse ínterim surge um processo de significação e prazer diante da leitura, fazendo com que o leitor transcenda em sua leitura e faça uma aliança com o autor da obra, sociedade atual e processo histórico pelo qual o texto literário passou. E, desse processo, surge outro, o da leitura humanizadora, rico e diversificado diante da sociedade, que Jauss (1979, p. 56) entende por hermenêutica literária:

[...] entendo que a hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação de tensão entre texto e atualidade como um processo, no qual o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai e vem de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico.

Essa afirmação de Jauss (1979) permite-nos dizer que a teoria da recepção anda lado a lado com uma teoria de efeito estético, na qual o processo de transformação e de significação do leitor perante o texto ficcional descreve uma estrutura de comunicação. Como ressalta (ibid, p. 53):

[...] ao lado da teoria da recepção uma teoria do efeito estético, que conduz através do processo de transformação, à constituição do sentido pelo leitor e que descreve a ficção como uma estrutura de comunicação.

Essa estrutura de comunicação presente no efeito estético da obra literária faz com que pensemos que diante de uma sociedade industrial é quase impossível controlar a manipulação do efeito estético, onde a obra é vista como uma mercadoria, diante da lei de oferta e procura.

No entanto, esse efeito de recepção estética não depende apenas do consumo passivo de determinada arte, mas sim da aceitação ou não dela pelo público. Como descreve Jauss (1979, p. 57):

O discurso pouco crítico sobre o "caráter de mercadoria" da arte, mesmo sob as condições da sociedade industrial, não considera que, até mesmo os produtos da "Indústria da Cultura", permanece como mercadorias sui generis, cujo caráter permanente de arte é tão pouco compreendido pelas categorias de valor de uso e de mais-valia, quando a sua circulação o é pela relação de oferta e procura. É só de modo parcial que a necessidade estética é manipulável, pois a produção e a reprodução da arte, mesmo sob as condições da sociedade industrial, não consegue determinar a recepção: a recepção da arte não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa, e, por isso, em grande parte não sujeita ao planejamento mercadológico.

Podemos afirmar, então, que a experiência estética não é apenas criação através da liberdade e nem aceitação em liberdade, é a junção entre liberdade de criação e receptividade da obra (ibid, p. 60) observa que “[...] a experiência estética não se distingue apenas do lado de sua produtividade, como, criação através da liberdade, mas também do lado de sua receptividade, como “aceitação em liberdade”.

Até agora ressaltamos as ideias da teoria da recepção sobre os primeiros contatos do leitor com a obra e o seu processo de reconstituição histórica, a interação que deve ocorrer entre leitor, obra e autor e o efeito estético diante da sociedade industrial. Agora, podemos discorrer um pouco sobre o prazer estético da arte que, segundo (ibid, p. 64), pode ser capaz de "liberar a produção e a recepção da arte".

Segundo Jauss (1979), essa produção e recepção da arte acontece quando o leitor identifica-se com os personagens de determinada obra. Quem nunca leu um livro e se colocou no lugar do herói? Ou viu um filme e torceu pelo mocinho ou bandido? Ou seja, esses momentos despertam um processo de prazer que dá vida as suas experiências internas, que (ibid, p. 65) chega até a chamar de "cura":

O expectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso as próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura.

O processo de identificação dá ao leitor a possibilidade de reconhecimento e relação com o outro, como pessoa física e moral. Nesse momento, acontece a troca entre o que Jauss (1979) chama de "contemplação desinteressada e a participação experimentadora", na qual o

leitor atinge a capacidade de se colocar no lugar do outro, o que afirma o comportamento Estético. Sobre isso, afirma (ibid, p.77):

O Prazer estético que, desta forma, se realiza na oscilação entre a contemplação desinteressada e a participação experimentadora, é um modo de experiência de si mesmo na capacidade de ser o outro, capacidade a nós aberta pelo comportamento estético.

Observamos em relação a isso que o prazer estético faz com que entremos em relação com experiência, muitas vezes, adversas de nossa realidade. O texto literário pode causar no leitor, diante do prazer da leitura, a descoberta e o desbravamento de novas culturas, lugares, novos mundos, que, na maioria das vezes, ficam distantes do cotidiano de nossas vidas. Como ressalta Jauss (1979, p.78), "Deste modo o prazer estético da identificação possibilita participarmos de experiências alheias, coisa de que, em nossa realidade cotidiana, não nos julgaríamos capazes."

Nesse momento, a interação entre texto e leitor é marcante, pois "a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor" (Iser 1979, p. 83), visando aos modos de contingência encontrados ou originados das interações humanas. (ibid, p. 83) afirma que:

Isso significa que a contingência é a base constituinte da interação, que lhe é subjacente e que, portanto, não pode ser compreendida como a causa prévia de um efeito subsequente. Ao contrário, a contingência deriva da própria interação, pois os "planos de conduta" de cada parceiro são concebidos separadamente e, assim, é o efeito imprevisível sobre o outro que provoca tanto as colocações táticas e estratégicas, quanto os esforços interpretativos.

Nesse momento, já podemos ressaltar a importância da interação didática, onde acontece a necessidade do interpretativo, que comanda e regula a interação. Nas palavras de (ibid, p. 87),

A interação didática se impõe a cada um porque a inapreensibilidade da experiência alheia nos propulsiona para a ação. Disso resulta a necessidade de julgamento interpretativo, que comanda e regula a interação. Como não podemos perceber sem pressupostos, não tem sentido falar-se da recepção recebida como uma pura percepção. Portanto a interação didática não é um dom por natureza, mas sempre um produto de uma atividade interpretativa, de que se origina uma imagem do outro que é simultaneamente, uma imagem de mim mesmo.

2.4 Literatura e escola: uma relação a ser refeita

Esta seção tem por finalidade discorrer, brevemente sobre como a literatura é tratada na escola, a importância da mediação sobre a leitura de mundo e o mundo da leitura e, por fim os usos e abusos que acontecem dentro da escola no que diz respeito ao ensino de literatura. Visando assim sua importância dentro da instituição de ensino e qual sua importância na formação do leitor. Perante isso Lajolo (1983, p.18) afirma que,

Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário das obras que aspiram ao status de literatura, a escola é fundamental. A instituição escolar é das que há mais tempo e com maior eficiência vêm cumprindo o papel de avalista e fiadora da natureza e valor literário dos livros em circulação

Diante desse papel da escola, antigamente, ela tinha o poder de decidir o que era boa literatura ou má literatura. Lajolo (1983) afirma que já vai muito além disso: "o papel da escola como uma das mais importantes instâncias que legitimam uma obra, não só como uma boa ou má literatura, mas como literatura ou não literatura". (ibid, p. 21)

Observa-se que esse poder destinado à escola sobre a literatura, deu a essa instituição a tradição de considerar o aluno um papel em branco, para o qual, por meio do ensino da Literatura, transmitir valores e ensinar aspectos ortográficos, sem olhar para o aluno, como um ser inserido na sociedade, que traz com ele vivências que devem ser levadas em conta, no trabalho com a Literatura. Sobre esse papel da escola, Lajolo (1982, p.49) afirma que "a tradição de ensino de Literatura habituou-se a ver os alunos como recipientes vazios que cumpria encher com informações da mais desconhecida natureza, todas elas periféricas ao fato literário."

Observando isso, vemos a necessidade e a responsabilidade de transformar a escola organizando o ensino da Literatura em favor da formação dos alunos. Essa transformação implica o modo como se vê a Literatura. Isto é, não a vendo mais em seu aspecto pragmático de transferência de conhecimento, e sim no seu caráter sedutor em que o leitor é seduzido pela obra, tornando, assim, o apreender significativo diante da obra literária. Como afirma

(idem, p. 37),

É essa responsabilidade que nos transforma, de leitores, em uma espécie de atravessadores, num mercado organizado em função de uma clientela que mantém relações enviesadas com a mercadoria que compra: é para legitimar e avaliar tal viés que precisamos ser seduzidos, não só pelo texto que indicamos a nossos pupilos, mas pelo texto que, falando sobre ele - texto, apresenta-o, divulga-o, promove-o.

Ainda sobre a relação entre literatura e escola, segundo Lajolo (1982) a literatura na escola "é consumida com a mesma passividade com que se digerem figuras de geometria". Diante disso, nota-se a necessidade de enfatizar a importância de se reconhecer como leitor de literatura, construindo, assim, o que Lajolo (1994, p. 44) chama de "interação de texto com o leitor", na qual

Leitor e texto precisam participar de uma mesma esfera de cultura. O que estou chamando de esfera de cultura inclui a língua e privilegia os vários usos daquela língua que, no correr do tempo, foram construindo a tradição literária da comunidade falante daquela língua.

A autora ressalta a necessidade de tornar a interação texto leitor válida, pois, se isso não acontece, os textos considerados pela escola como os bons, não solucionam problemas nenhum, pois o professor muitas vezes não se reconhece como leitor e nem ao menos sabe trabalhar as perspectivas certas para direcionar o ensino para interação entre texto - leitor. Nas palavras de, (idem, p. 45),

Por isso a mera inclusão de textos tidos como bons e superiores entre os textos escolares não soluciona nenhuma das faces da crise da leitura, pois a presença de um excelente texto num manual pode ficar sem a contrapartida, qual seja, o texto tido como bom pode ser diluído pela perspectiva de leitura que a escola patrocina através das atividades com que ela circunda a leitura.

O excerto destaca a importância da organização do ensino da literatura dentro da escola, para assim promover verdadeiramente a mediação entre texto-leitor, para que ocorra o processo de apreensão da literatura em sua totalidade Emancipatória.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA: CAMINHOS PERCORRIDOS

A pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa. Para Lüdke e André (1986), "esse tipo de pesquisa se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 13). O estudo qualitativo propõe contato direto com os sujeitos da pesquisa, sendo o pesquisador um dos principais instrumentos da mesma.

A escolha pela pesquisa qualitativa deve-se ao fato de poder ficar o mais próximo possível do objeto de estudo, no caso a prática docente, no que se refere ao ensino de literatura, para se compreender melhor a realidade, isto é, como o ensino da Literatura ocorre no ensino fundamental – anos iniciais.

Do ponto de vista dos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva porque pretende descrever as transformações e contribuições que a Literatura pode causar no processo de aprendizagem da escrita. Já, quanto ao objeto, esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo, uma vez que a pesquisadora foi a cinco salas de aula investigar como se dá o processo do ensino da Literatura Infantil e o trabalho de mediação com a literatura infantil.

Inicialmente, o projeto foi submetido à gestão escolar e foi aprovado pela instituição, momento em que o termo de consentimento livre esclarecido (Anexo 01) foi assinado pela diretora, em nome de todos os participantes da pesquisa, para os quais foi garantido anonimato.

3.1 – Local

A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental mantida pela Prefeitura Municipal, localizada no município de Arealva, que possui uma instituição territorial de 506,465 Km², fundado em 1948. Localiza-se às margens do Rio Tietê, numa latitude 22°01'43" sul e a uma longitude 48°54'40" oeste, estando a uma altitude de 445 metros. Sua população estimada em 2016 era de 8.299 habitantes.

A escola possui, aproximadamente, 1.700 m² de área construída. Fica no entorno a Santa Casa de Misericórdia, o Posto de Saúde, Posto Policial, Bosque Municipal (onde são realizadas diversas atividades escolares) e alguns estabelecimentos comerciais.

Apesar de o prédio escolar possuir uma boa estrutura física, necessita de uma pequena reforma, pois a escola foi fundada em 1978, e não houve muitas reformas desde então. Possui

oito salas de aulas amplas e arejadas, sala para biblioteca, sala de reforço, sala de reunião, diretoria, secretaria, almoxarifado, cozinha, sala dos professores com sanitários exclusivos, sanitários para os alunos, gabinete dentário (dentista cedida pelo Posto de Saúde), sala da Coordenação Pedagógica, pátio interno amplo. Possui quadra esportiva coberta e área verde para atividades diversas.

No qual diz respeito ao aparato pedagógico, a escola possui materiais pedagógicos essenciais como: televisões com vídeo e DVD, aparelho de som com amplificadores e microfones, mimeógrafo, máquina de Xerox, computadores (2 secretaria, 1 direção, 1 professores e 1 coordenação), livros de apoio para o professor, fitas de vídeo infantis, técnicas e informativas, DVD, CDs, uma biblioteca com cerca de 900 títulos, sala de informática e a Sala de Recursos, que atende aos alunos com necessidades especiais.

A escola atende em dois períodos, possuindo 2 turmas para cada ano em cada período letivo. Em cada sala são atendidas, aproximadamente, 25 alunos, perfazendo um total de 269 alunos.

A escola conta com 11 professores efetivos, 1 monitor, 1 inspetor de alunos, 1 diretora, 1 coordenadora pedagógica, 1 secretária, 1 inspetora de aluno, 2 atendentes de serviços gerais.

3.2 - Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são crianças matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental. Os alunos atendidos são provenientes da zona urbana (Centro, Vila Damascena, Jardim Maria Melhado, Núcleo Habitacional Oliveira Leutewiller, Condomínio Alto do Tietê e parte da zona rural). Por situar-se em uma comunidade pequena, em que a maioria das pessoas se conhece a longa data, se faz necessário que a escola conheça a realidade e os anseios dessa comunidade e, o contexto social que se situa, para que assim possa realmente exercer sua função escolar: preparar o aluno para ser cidadão participativo e atuante.

Os alunos são provenientes de diferentes níveis sociais e culturais. Apresentam, em sua grande maioria, pessoas sem qualificação profissional e com nível escolar baixo, e uma minoria formada por pessoas que possuem uma qualificação técnico-profissional ou com cursos em nível superior.

3.3 - Instrumento da coleta de dados

Os dados da pesquisa foram coletados por quatro instrumentos: gravações em áudio, observação sistemática, registro em diário de campo e produções escritas dos alunos.

A observação sistemática das aulas foi feita no período de cinco meses, sendo que, em cada mês, foi observada uma turma, durante duas horas por dia, totalizando 60 horas de observação em cada uma. Assim, assim foi realizado um total geral de 300 horas de observação. Esse instrumento foi utilizado porque:

Ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processo observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. (MARCONI & LAKATOS, 1990, p. 65).

A observação sistemática das aulas de literatura infantil será feita com o objetivo de investigar a organização do ensino de literatura infantil nos anos iniciais do ensino fundamental e de descrever as atividades realizadas.

Além da observação, foram feitos pela pesquisadora registros em diário de campo sobre comportamento docente e discente observado, com o objetivo de ampliar os dados para analisar o trabalho com a literatura nos anos Iniciais do Ensino Fundamental. Já as gravações em áudio de situações de aprendizagem da literatura infantil e da escrita foram feitas para serem analisadas à luz do referencial teórico adotado.

Por fim, as produções dos alunos foram analisadas com o objetivo de verificar se a literatura infantil serve de instrumento catalisador para a expressão escrita.

3.4 - Critérios para a análise dos dados.

A análise dos dados coletados na observação sistemática, registro em diário de campo e nas produções escritas das crianças foi feita com a articulação da revisão da literatura.

Os profissionais docentes da instituição possuem formação em magistério e pedagogia (ou similar). Sendo que a professora da 1º Ano, está no magistério municipal há vinte anos, a do 2º, 3º e 5º Anos atuam há 25 anos e por fim a do 4º há dois anos.

3.5 - Etapas da pesquisa.

Esta pesquisa esta estruturada em 5 etapas. A primeira foi destinada à pesquisa de banco de dados, por meio da qual aconteceu a revisão de literatura. Na segunda etapa, foi feita a pesquisa bibliográfica que fundamentou esta pesquisa. O levantamento bibliográfico deste

trabalho foi realizado na Biblioteca da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Bauru.

A terceira etapa da pesquisa foi destinada para a coleta de dados por meio de cinco instrumentos: observação sistemática das aulas de literatura infantil, áudios de alguns episódios de ensino, registro em diário de campo e produção dos alunos provenientes das atividades de literatura infantil realizadas.

Na quarta etapa foi feito o tratamento dos dados (organização e exploração) e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação), a partir de uma interpretação qualitativa.

Finalmente, a quinta etapa da pesquisa será dedicada para a elaboração do relatório final.

4. A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: ENTRE O PRAZER EMANCIPATÓRIO E O ESCOLAR PRAGMÁTICO.

Este capítulo tem como finalidade apresentar, comparar, analisar e interpretar os dados coletados, os quais são apresentados sob a forma de situações de ensino, recortados de gravações em áudio feitos na fase de observação. Essas situações de ensino são apresentadas por ano escolar. Ao todo são apresentadas 14 situações de ensino, sendo três do primeiro ano, duas do segundo ano, três do terceiro ano, três do quarto ano e três do quinto ano, numa sequência geral de nível de ensino.

4.1 - Organização do trabalho com a Literatura na escola pesquisada

Antes de procedermos a análise dos dados coletados, consideramos pertinente apresentar algumas informações sobre o trabalho pedagógico. Os textos literários usados nos episódios de leitura e discussões de textos literários, que estão no material didático adotado pelo município: Programa Ler e Escrever e/ou biblioteca.

Perante essa afirmação, no decorrer das situações de ensino encontram-se episódios de atividades do livro "Ler e Escrever" sendo executadas pelos alunos. Observa-se também que no momento da coleta desses dados a escola estava passando por um projeto intitulado "Trilha Folclórica". No qual o principal autor estudado foi Ricardo Azevedo.

As turmas também realizavam projetos individuais, sendo que cada ano escolar realiza um em específico.

O quadro 1 apresenta os projetos das turmas, em (anexos 02, 03, 04, 05, 06) e algumas atividades resultantes desses projetos:

Quadro1. Projetos e atividades realizadas por ano escolar

Ano	Projeto	Objetivo/Atividades resultantes
1º	Contos Fantásticos e Fábulas	Estudo do Gênero Literário, Reescrita e Sondagem.
2º	Músicas e contos	Estudo do Gênero Literário, Reescrita e Sondagem.
3º	Contos	Estudo do Gênero literário
4º	Projeto Jornal	Estudo do Gênero Reescrita e Sondagem.
5º	Projeto Conto de mistério e Produção de Final de conto.	Estudo do gênero/ Produções escritas.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Todas as salas possuem cantinho de leitura, onde ficam diversos gêneros textuais, a disposição dos alunos. Ressalta-se que o terceiro ano é a única sala que possui um cantinho da leitura mais amplo com almofadas, livros, brinquedos. Os outros anos possuem o cantinho, porém não tem espaço físico, as crianças podem pegar os livros na caixa que fica a disposição no fundo da sala e lerem nas carteiras. Toda a semana os cinco anos do ensino fundamental visitam a biblioteca para a troca de livros, fato que pode ser constado por meio de um episódio do terceiro ano, que descreve onde essa visita acontece (Anexo 8.7).

4.2 – Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa e o ensino da Literatura Infantil

Esta seção tem o objetivo de comparar a organização do ensino na escola aqui investigada, aos estabelecidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (Brasil 1997, p.25), doravante PCNs de Língua Portuguesa, que apontam

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais — que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

O excerto, acima, deixa claro a importância do trabalho com os textos para desenvolver finalidades importantíssimas do uso eficaz da linguagem. Afirma que os textos

favorecem a reflexão crítica e imaginativa levando a pensamentos mais elaborados. Nesse momento torna-se importante citar o texto como unidade de ensino, que segundo os PCNs (Brasil 1997 p. 29):

Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exijam.

A citação ressalta que a unidade básica de ensino no Ensino Fundamental é o texto. No entanto, às vezes, o texto usado para esse fim, é visto apenas como um objeto pragmático, utilizado pelo professor para fins de ensino de conteúdos escolares. Diante disso, muitas vezes, esses profissionais sejam eles docentes ou escritores se confundem e acabam querendo simplificar o texto para torná-lo mais fácil para a criança, subestimando a inteligência do leitor mirim e, até mesmo, privando-o de novas descobertas no mundo da leitura. Ainda de acordo com os PCNs (Brasil 1997, p. 29):

Essa visão do que seja um texto adequado ao leitor iniciante transbordou os limites da escola e influiu até na produção editorial: livros com uma ou duas frases por página e a preocupação de evitar as chamadas “sílabas complexas”. A possibilidade de se divertir, de se comover, de fruir esteticamente num texto desse tipo é, no mínimo, remota. Por trás da boa intenção de promover a aproximação entre crianças e textos há um equívoco de origem: tenta-se aproximar os textos das crianças — simplificando-os —, no lugar de aproximar as crianças dos textos de qualidade.

Nesse momento, chegamos ao ponto chave deste capítulo, onde o texto volta-se ao seu teor literário. O texto literário que usa a linguagem de modo especial e que, por isso, visto pelo professor não apenas como objeto pragmático, mas como parte da rotina escolar, por meio do qual os alunos podem interagir, discutindo e pensando seus aspectos, tanto em forma quanto em conteúdo. A ampliação semântica da obra literária funcione como um catalisador para o processo de leitura e escrita, mas também a sua função humanizadora. De acordo com PCNs de Língua Portuguesa (Brasil 1997, p. 30):

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário

Nesse excerto, encontramos um indicativo da importância da organização do ensino da Literatura dentro da escola. Os dados a seguir apresentados e discutidos a seguir confirmam que a Escola Municipal de Ensino Fundamental, aqui investigada, incorpora o texto literário, às práticas cotidianas, já que integram a rotina escolar dos professores (Anexo 07). Nessa rotina aparece, um tempo destinado à "Leitura do professor" e a "Leitura do aluno". Isso também fica evidente nos áudios, onde esse momento de leitura é chamado de "Leitura Diária" pelos docentes da instituição, como mostram os recortes abaixo. A "Leitura diária" aparece na maioria dos áudios transcritos, em todas as turmas pesquisadas, sendo eles do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

4.2.1- Literatura Infantil: conteúdo de ensino na rotina escolar diária

Excerto 01 – 1.º ano:

45 **Professora:** Assim. A tia vai fazer a leitura diária hoje de provérbios. Lembra que a tia, que o
46 Guilherme perguntou o que era provérbio e a tia explicou aquele dia, lembra?

Excerto 02 – 1.º ano:

26 **Professora:** Então vamos lá, a tia pegou esse livrinho aqui para a leitura diária.
27 **Aluno:** "O livro da paz."

Excerto 03 - 1º Ano:

14 **Professora:** Duas. Agora nós vamos fazer a leitura diária, na leitura diária o que temos que fazer?

Excerto 01 - 2º Ano:

16 **Professora:** Muito bem! Senta Maria Fernanda! Depois eu vejo a tarefa de história, eu não vou dar história agora. Senta Enzo! O Mateus, dá licença? Ontem a Sofia deixou o livrinho, ela trouxe pra eu ler, como eu já tinha uma outra leitura, hoje eu vou ler uma do livrinho da Sofia, como nossa leitura diária.

Excerto 01 - 3º Ano:

4 **Professora:** Vamos lá crianças, calma, relaxa! Vamos sentar ali no fundo. Vamos fazer nossa leitura diária. Eu vou ler pra vocês ó um texto do livro "Lendas e fábulas do folclore brasileiro". Tá! Do Valcir Carrasco. Chama: "O Macaco e seu rabo". A gente viu outro dia a história do macaco e do coelho, né? Hoje é "O macaco e seu rabo". quem já ouviu essa história? Quem conhece?

Excerto 02 - 3º Ano:

175 **Professora:** Então crianças a leitura diária de hoje é um conto popular que chama "O Aprendiz de Mago".

Excerto 03 - 3º Ano:

16 **Professora:** Gabriel da um pro Renan! Todo dia a gente senta nessas almofadas e é sempre a mesma história! Quem se lembra da parte que nós paramos ontem na leitura diária?

Excerto 01 - 4º Ano:

14 **Professora:** A Leitura diária ontem foi do Gabriel. João Furlanetto! Você trouxe algum livro? Não né! Eu já sabia então eu trouxe uma leitura pra você.

Excerto 02 - 4º Ano:

54 Professora: Eu trouxe uma notícia que eu achei interessante pra tá lendo com vocês, ok? Gente a leitura do aluno. como hoje nós vamos separar algumas notícia, então nós vamos escolher uma noticia os alunos vão ler e nós vamos colocar os nomes deles aqui, então deixa um espaço ta! Como leitura diária!

Excerto 03 - 4º Ano:

Professor: Põe na lista então, hoje então é a Laura! Pessoal ninguém começou a copiar a copiar ainda num é? Eu vou inverter a leitura diária porque faltou a Maria Fernanda que ela ia ler um poema, e hoje ela não veio! Tá? Então eu vou deixar a " Gata apaixonada pra mim" e o Macaco de Óculos, pra Laura, porque você não trouxe a leitura né Laura! Olha gente, mais uma fala minha, eu acho que eu to virando papagaio, porque todo dia a mesma coisa, a responsabilidade da leitura diária é de vocês! Por que nós vamos na biblioteca?

Excerto 01 - 5º Ano:

62 Professora: Pronto! Agora vamos a leitura diária!" A Casa de Henrique Dias" quem que é Henrique dias que a gente aprendeu ontem?

Excerto 02 - 5º Ano:

8 Professora: Dê quem é a leitura diária de hoje?

Excerto 03 - 5º Ano:

11 Professora: Não vai contar o fim da história, se eles quiserem saber vão ter que ler o livro (risos). Falou do a história que o João Pedro contou pra gente? Porque fala, falarão bastante! A leitura diária dele conta sobre o que?

Nesses excertos, podemos constatar a incorporação do texto literário na rotina da escola, ocorre em todas as turmas observadas, do 1.º ao 5.º ano. Durante o período de observação, notou-se que todos os dias as professoras selecionavam textos para a leitura diária, ora utilizavam a biblioteca da escola ou do "Livro de Textos dos Alunos - Ler e Escrever". O quadro mostra a organização desses textos, ou seja, de qual suporte foram retirados e para que fins (Objetivos) foram utilizados. Assim ilustrando melhor a organização do ensino de literatura na escola

Quadro 2 – Textos estudados por ano escolar, suportes e objetivos

Ano escolar	Suporte/ Ambiente	Texto Literário	Autor	Outras Informações/objetivos
1.º	Livro didático: "Ler e Escrever"	Provérbios	Ditos Populares	Curiosidade das crianças/ Trabalhados na trilha folclórica.
1.º	Biblioteca da escola	O Livro da Paz	Toddy Car	Conversar sobre paz, pois estavam ocorrendo muitas brigas na sala entre as crianças.
1.º	Biblioteca da escola	Bichos da Praia	Ana e Roseli	Curiosidade das crianças/ Prazer.
2º	Livro de aluno	O desejo do lobo mal	Wiliane Cavalcanti	Conversar sobre valores.
2º	Biblioteca da escola	O Condomínio dos Monstros	Alexandre de Castro Gomes	Roda de Leitura
3º	Biblioteca da escola	"O macaco e o rabo"	Valcir Carrasco	Leitura par aprazer/ Acalmar as crianças que chegaram da educação física.

3°	Biblioteca da escola	"O aprendiz de Mago"	Joseph Delaney	Leitura por prazer/Pequenas discussões e comparação entre outras histórias.
3°	Biblioteca da escola	"O menino que quebrou o tempo"	José Maviel Monteiro	Leitura por prazer/Questionamentos sobre o que os alunos acharam da história.
4°	Biblioteca da escola	"A rã Santa Aurora"	Sylvia Ortof	Leitura por prazer/Nenhuma discussão
4°	Biblioteca da escola	"A gata apaixonada"	Sylvia Ortof	Leitura por prazer/Pequeno questionamento se as crianças gostaram da história.
4°	Livro "Ler e Escrever"	"O Macaco de Óculos"	Sylvia Ortof	Atividades de leitura/Interpretação e análise de texto.
4°	Jornal	"Garoto de dez anos conta como comprou carro só com mesada"	Franciele John (G1)	Projeto jornal
5°	Livro da biblioteca	" Nas Ruas dos Brás"	Dráuzio Varella	Leitura por prazer/Provocação para o estudo da primeira e segunda guerra mundial/ Conversa com as crianças sobre acontecimentos do mundo.
5°	Livro "Ler e escrever"	"O marreco que pagou o pato"	"Carlos Eduardo Novaes"	Introdução a atividade de pontuação.
5°	Livro da Biblioteca	"Em busca de Mim"	Isabel Vieira	Leitura de um aluno/Leitura por prazer/Conversa sobre fatos cotidianos que surgiram com a leitura do aluno.
5°	Livro da biblioteca	"Forró no céu"	"Ricardo Azevedo"	Introdução ao trabalho com contos populares/ Comparação entre outras histórias, mitologia grega, e religião/ Explicação da dança regional Forró/ Contação de outras histórias populares da própria cidade pela professora.
5°	Livro da biblioteca	"O fantasma vagalume"	Sandra Aymoré	Leitura feita pelo aluno/ Leitura por prazer.

5º	Livro da biblioteca	"O macaco e a velha"	Ricardo Azevedo	Trilha Folclórica/ Diferenciação entre conto de esperteza, encantamento e riso/ comparação entre contos/ Instigação para as características do macaco dentro dos contos.
----	---------------------	----------------------	-----------------	--

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora

Esses recortes mostram a presença da leitura na rotina da escola. Porém, os PCNs (Brasil 1997, p.30) apontam que essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. A seguir recortamos alguns episódios de ensino de Literatura Infantil que mostram as discussões feitas pela professora e seus alunos, e outros que mostram que o texto nem ao menos foi discutido de alguma forma.

4.3- Situação de ensino recortadas por ano escolar.

4.3.1- 1º Ano Áudio 12, 13, 14

Recorte 1.1- Áudio 12

42 **Professora:** [...] Qual é o nome da história mesmo?

43 **Alunos:** " O livro da paz."

44 **Professora:** Vocês gostaram dessa historinha?

45 **Alunos:** Sim.

46 **Professora:** Do que fala essa historinha?

47 **Aluno:** Dê paz! Que ela pode ser encontrada em vários lugares.

48 **Professora:** Então vamos lá retomar. Paz, é tirar?

49 **Alunos:** Uma soneca!

50 **Professora:** É tão bom né você fica lá quietinho, né. O que mais pode ser paz? Falar todas as ?

51 **Aluno:** As Línguas!

52 **Professora:** Paz é a chegada de bebês! Quem falou três de um vez? São trigêmeos, né.

53 **Aluno:** O tia!

54 **Professora:** Oi!

55 **Aluno:** Eu tenho duas irmãs, sábia?

56 **Professora:** É. Que legal. Você sabia que a tia não tem irmã. A tia é filha única. Paz, é ser livre! Olha lá. Paz, 57é viajar para?

58 **Alunos:** Todos os lugares.

59 **Professora:** Olha lá ó presta atenção. Paz, é ser diferente, sentir-se bem como você mesmo e ajudar o próximo.

60 O mundo é um lugar maravilhoso graça a você. Tem Muita criança que as vezes num ta contente com o jeito

61que é, com o que tem. Sempre quer o que o amiguinho tem, o mundo não pode ser assim. A gente tem que ser

62 feliz do jeito que a gente é. A gente tem que se amar! Se a gente não se amar, quem vai gostar da gente se a

63gente não se ama? Então primeira coisa a gente tem que se amar! Tá?

64 **Aluno:** Tia eu me amo. Muito ainda.

65 (Aluno beija os braços.)

66(Risos)

- 67 **Professora:** Tá, chega. Olha lá. Ter paz, é fazer novos amigo, é sempre bom conhecer novas pessoas crianças
 68 não só daqui da escola, mas no jardim, na praça. gostoso fazer amigo.
 69 **Aluno:** O Tia, antes deu entrar na escola eu já conhecia todo mundo.
 70 **Professora:** Então vocês são uma sala que estão juntos desde o materna. Num é legal isso, conhecer bastante
 71 gente fazer amigos.
 72 **Aluno:** O tia quando eu fui em Ubatuba. Lá na areia eu conheci um amiguinho.
 73 **Professora:** A, lá ta vendo, lá longe ele conheceu um amiguinho. É gostoso né! agora essa parte aqui eu quero
 74 conversar com vocês. Paz, é pedir desculpas quando você magoa alguém. Vocês concordam com isso?
 75 **Alunos:** Simm.
 76 **Professora:** E o que ta acontecendo aqui na sala, magoando os amiguinho e não estão pedindo desculpas.
 77 Vocês não podem fazer com os outros o que não gostariam que fizessem com vocês. E outra coisa a tia vai
 78 fala, as vezes a gente faz alguma coisa pro amiguinho não com intenção de magoar, mas magoa! Então peça
 79 desculpas. Outra coisa que ta acontecendo também um dá um tapa e revida! A tia já pediu pra parar de fazer
 80 isso. Fala tia, ele bateu em mi. Não é pra revidar e pra conversar. Combinado? Mas agora, o que é paz para
 81 vocês?
 82 **Aluno:** Descansar! Dormir!
 83 **Aluno:** Comer uma pizza enorme e depois descansar.
 84 **Aluno:** Brincar na piscina!
 85 **Professora:** Isso! Lembra que a tia falou que ia trazer uma adivinhas?

Nesse episódio do primeiro ano, podemos notar que houve uma discussão que começou bem interessante, levantando o que os alunos entendiam por paz e retomando algumas frases do livro. No entanto, podemos notar também que, em vários momentos a professora corta a fala do aluno, não dando desdobramento do assunto ao qual ele se referia, e acaba falando sobre ela. Mostra, também, enunciações da professora sobre amor próprio, que devemos nos amar, gostar de nós como somos, entretanto, um aluno se manifesta dizendo que "se ama muito", e logo em seguida, a professora interrompe sua fala com a expressão "Tá chega", conforme as linhas 59 a 67.

Esse procedimento da professora interferiu, negativamente na qualidade das discussões do texto literário. O que poderia virar uma discussão muito interessante, levando em conta os horizontes de expectativa dos alunos, acabou encaminhando para o ensinamento de valores as crianças. A professora usa o livro para chamar a atenção das crianças sobre o que estava acontecendo dentro da sala de aula, não dando muito espaço para o diálogo das crianças, em relação a seus horizontes de expectativa sobre a palavra paz, e logo em seguida muda de assunto. A abordagem do texto literário tal como foi feita pela professora elucida que esta usou a Literatura com um fim pragmático, de ensinamento, não observando a obra em todo seu caráter emancipatório. Por conseguinte, a professora deixou de discutir, considerar e mostrar todas as propriedades compositivas presentes no ato de ler, conforme linhas 76 a 80.

O conteúdo das linhas 67 a 80 o que Lajolo ressalta (1982, p.49) ressalta: "a tradição de ensino da literatura habituou-se a ver os alunos recipientes vazios que cumpria encher com informações da mais desconhecida natureza, todas elas periféricas ao fato literário." A

professora deixa de considerar e valorizar as inferências dos alunos sobre o que seria Paz e medeia a situação para a discussão de fatos periféricos, como conflitos dentro da sala de aula.

Recorte 1.2 - Áudio 14

41 **Aluno:** O tia amanhã é a festa!

42 **Professora:** Festa aonde?

43 **Aluno:** Lá na minha casa!

44 **Professora:** Assim. A tia vai fazer a leitura diária hoje de provérbios. Lembra que a tia, que o Guilherme perguntou o que era provérbio e a tia explicou aquele dia, lembra?

46 **Aluno:** Siiim.

47 **Professora:** Então vamos lá a tia vai fazer e vocês veem se conhecem alguns. O livrinho é da turma da Mônica 48 que fala sobre folclore brasileiro. Como chama mesmo quando a gente vai procurar alguma coisa no livro?

49 **Aluno:** Página!

50 (Risos)

51 **Professora:** Tem as páginas, mas como chama quando a gente olha pra achar mais rápido? Sumário ou índice.

52 Vamos então. Provérbios página 103. A tia vai ler outra vez o que são provérbios tá? "Provérbios, são ditos 53 populares, frases ou expressões que transmitem conhecimentos comuns sobre a vida. Muitos deles foram 54 criados na antiguidade. Porém, estão relacionados a aspectos do cotidiano, por isso são utilizados até nos dias 55 de hoje." Então os provérbios são ditados populares. Vocês nunca ficaram atrás de um caminhão que tinha 56 uma frase escrita? Então aquilo lá são provérbios. É uma frase. Então vocês prestem atenção se virem algum 57 falem pra tia. Tá bom? Ahh esse aqui eu falo sempre! " Pimenta nos olhos dos outros, é refresco." Alguém já 58 ouviu?

59 **Alunos:** Jááá!

60 **Professora:** " Cão que ladra, não morde." " Devagar se vai longe." "Quem tem boca vaia Roma." "Quem com 61 ferro fere, com ferro será ferido." "O peixe morre pela boca." Olha a tia vai mostrar pra vocês, tem quarenta 62 provérbios aqui. Então vamos lá. " Quem planta, colhe." " Quem avisa amigo é." Esse aqui a tia usa muito. 63 "Pau que nasce torto, morre torto." " Quem tem pressa come cru." "Água mole em pedra dura, tanto bate até 64 que fura." " Em boca fechada não entra mosquito." " Cada macaco no seu galho." Vocês nunca ouviram essa 65 também?

66 **Alunos:** Eu já!

67 Professora: "Em terra de cego, quem tem olho é rei." " Ladrão que rouba ladrão, tem cem anos de perdão." " 68 Diga me com que tu andas, que ti direi quem és." " Santo de casa não faz milagre." Já ouviram esse?

69 **Aluno:** Não!

70 **Professora:** Não. "Aqui se faz, aqui se paga." Vamos fazer assim pergunta pra mamãe que ditado popular ela 71 conhece. Daí segunda feira vocês falam pra tia. Tá bom. Então provérbios.

72 **Aluno:** Tia, eu conheço uma piada.

73 Professora: Uma piada? Então vamos lá, pode contar. Ó gente a Stéfany tá falando!

74 **Aluno:** Como é que transforma o suco em sucuri?

75 **Professora:** Num sei.

76 **Aluno:** É só fazer cócegas no suco, que ele se transforma em SUCO - RI.

77 (Risos)

Nesse recorte, também do primeiro ano, podemos observar alguns elementos, já mencionados acima, como: a falta de espaço para o diálogo, e o corte na fala dos alunos, quando um deles começa a mencionar sobre uma festa em sua casa, e a professora, simplesmente, muda de assunto. No entanto, essa mudança de assunto desencadeia em algo interessante que merece ser aqui destacado. A partir de uma curiosidade de um dos alunos sobre o que seria um provérbio, a professora traz leituras referentes a esse gênero textual, suprimindo, assim, a curiosidade do aluno, e ensinando um comportamento leitor em relação à leitura de um livro, explicitando o que é Sumário/Índice. Esse procedimento fica evidente nas linhas 48 a 52.

A partir daí observa-se que a professora faz várias leituras de provérbios, nas linhas 57 a 70. No entanto, novamente corta a atividade bruscamente, conforme linhas 70 e 71:

Mas, algo acontece, quando uma aluna levanta a mão e comenta conhecer uma piada. Nesse momento, a professora a convida a contá-la para os colegas, quando então a aluna se levanta e faz um jogo de palavras que se aproxima muito do sistema de escrita, conforme linhas 72 a 76.

Notamos nessas linhas que a aluna brinca morfológicamente com o substantivo sucuri ao segmentar as duas primeiras sílabas formando um outro substantivo personificado (suco), transformando a última sílaba de sucuri em um verbo, conjugado na 3.^a pessoa do singular, no presente do indicativo (ri), não temos como afirmar se esse jogo morfológico e semântico foi feito conscientemente pela aluna. Se sim, este demonstra que a criança já se apropriou do sistema de escrita.

Recorte 1.3 – Áudio 12

64 **Professora:** Então vamos prestar atenção. O Livrinho que a tia escolheu foi "Bichos da praia", tá? A autora é
65 Ana e Roseli. Olha a foto delas aqui. Ela é artista plásticas tem um ateliê e gosta muito de ler e pintar. Então
66 essa é quem fez a ilustração a Ana. Agora essa é a autora. "Meu nome é Roseli Tuân, porém não sou
67 japonesa. Desde pequena gosto de ver os bichos e observar o que eles fazem. Sou bióloga e hoje vivo rodeada
68 de caramujos, mosquitos e muitos livros. Tenho uma filha chamada Marina que só usa calça jeans!"

69 **Aluno:** Quem que é a Maria tia?

70 **Professora:** Num falei nenhuma Maria!

71 (Risos)

72 **Professora:** Ah Marina! é a filha da autora. É essa daqui!

73 (Risos)

74 **Professora:** Ah Guilherme! Sempre tem uma pra fazer a tia dar risada né! "A praia é um lugar para nadar e
75 para brincar na areia. Lá vive muitos bichos! Vamos conhecer alguns deles?" Quais são os bichos de praia?
76 Quem sabe fala pra tia?

77 **Alunos:** Peixe, gaivota

78 **Professora:** Então vamos lá. "A ostra é um bicho de corpo mole, coberto por uma concha, ela faz uma pérola,
79 a partir de um simples grão de areia."

80 **Aluno:** Tia, na praia tem escorpião também.

81 **Professora:** Na praia? tem no deserto, em lugares sujos, né. "A Maria Farinha parece um ET, tem pinças
82 robustas e olhos móveis! E é coberta por uma carapaça dura!" Olha essa chama Maria farinha.

83 **Alunos:** Parece um caranguejo!

84 **Professora:** "O ermitão precisa achar uma concha vazia para morar!" Alá quem é o ermitão, desse lado aqui,
85 ó.

85 Ele mora numa concha vazia, ele é folgado olha lá o Lucas! "Qualquer movimento da água ele percebe com
86 sua linha lateral. No ar quente a gaivota voa em busca de peixes que são seus alimentos".

87 **Aluno:** Ela come caramujo também, não num é caramujo, é caranguejo!

88 **Professora:** É. E já acabou a historinha! Nossa que historinha curta! Então vamos lá. Voltando na historinha,
89 como chama a história?

90 **Alunos:** "Bichos da Praia"

91 **Professora:** Certo, então quais são os bichos da praia? que tá aqui? que foi mostrado?

92 **Alunos:** A gaivota, peixe!

93 **Professora:** Gaivota, peixe, que mais?

94 **Alunos:** Ostra. A farinha lá!

95 (Risos)

96 **Professora:** A Maria Farinha, Que é o caranguejo, né. E esse daqui como chama?

97 **Alunos:** Ermitão!

98 **Professora:** Ermitão, Isso. E aqui a gaivota que vocês já tinham falado! Vocês conhecem mais algum bicho

99 da praia? Que mais que tem?

100 **Alunos:** Tubarão, baleia, golfinho, tartaruga.

101 **Professora:** Nossa tem bastante né. Ó A tia vai passa o livrinho pra vocês olharem tá!

102 **Aluno:** O Tia, as ostra no desenho do Bob esponja são passarinho.

103 **Aluno:** Num é ostra aquilo, é água viva! E queima aquilo.

104 **Professora:** Então vamos lá, pra começar nós vamos cantar. Primeira qual é?

O recorte acima apresenta, uma breve discussão sobre o livro "Bichos da praia" que a professora ressalta no áudio, ter escolhido para leitura diária. No entanto, volta a acontecer o mesmo que aconteceu antes nas situações de ensino anteriores, ela corta a discussão dos alunos bruscamente para começar a cantar, como podemos observar no recorte acima. Podemos notar também que nem houve a leitura prévia da obra pela professora, como mostram as linhas 88 e 89.

Isso reforça a ideia que de que a dificuldade que os alunos tem diante da leitura, "estaria centrada na dificuldade, sobretudo do professor, de perceber-se enquanto leitor." (YASUDA, 2004, p. 78). Tendo isso em vista e a análise dos episódios de ensino do primeiro ano por um lado observamos a falta de abertura para o diálogo em relação à obra literária. Os cortes de interação feitos pela professora, na qual os alunos poderiam expressar suas impressões pessoais e experiências, impediram que se procedesse o alargamento de seus horizontes de expectativas, deixando nítido a falta de reconhecimento do professor como leitor para assim, ensinar a seus alunos.

Por outro lado, notamos pontos positivos, como a determinação em suprir a curiosidade das crianças através da leitura, o ensinamento de comportamento leitor diante do Sumário/Índice. E por fim até uma manifestação de linguagem oral de uma aluna que se aproxima muito com o sistema de escrita, onde ela faz a piada da "transformação de suco em sucuri!".

4.3.2 - 2º Ano: Áudio 10, 11

Recorte 2.1 - Áudio 10

20 **Aluno:** Tia, Tia, lê essa aqui ó!

21 **Professora:** Não! Eu já escolhi a que eu vou ler. " O desejo do lobo mal." São contos de vários autores que
22 tem nesse livro. Então são vários contos, hoje eu ler um desses! E se a Sofia deixar aí a gente pode ler outros
23 posteriormente. " Essa noite o lobo mal está cansado. Deitado sobre a grama ele reclama: " Estou farto de
24 correr atrás dos três porquinhos e assoprar sob suas casas. Estou farto de colocar a saia da vovó para encanar
25 a chapeuzinho vermelho. Estou farto de caçar cabras. Estou infeliz! Estou farto!" Silvina a pequena fada da
26 floresta ouviu o lobo mal. Sentiu vontade de ajudá-lo , e foi pousar ao lado do focinho do lobo. " Eí, o que
27 está acontecendo com você meu amigo?" " Ó Silvina, se vocês soubesse, eu gostaria de mudar, gostaria que
28 me amassem, aterrorizo todo mundo! E não tenho amigos." "Não é fácil fazer amigos quando pensamos
29 apenas em mastigar aqueles que nos rodeiam." Criticou o seu amigo. " Sei disso muito bem, e desejo mudar.
30 To cansado dessa vida! Não é mais divertido, nada divertido. Você pode me ajudar bondosa fada?" "O lobo
31 mal, como todos os animais da floresta tem direito de fazer um pedido em sua vida! E esse dia chegou para
32 você. Faça seu pedido e eu realizarei. Mais atenção, pense bem pois você tem direito apenas a um pedido,

33 Então não se engane!" Para um lobo, pensar é tudo. Ele levanta solenemente uma pata e declara: " Pela honra
 34 do lobo mal, peço a fada da floresta aqui presente que me transforme em um lobo bondoso, para o resto da
 35 vida!" Desde desse dia o lobo não afugenta mais ninguém na floresta onde agora ele vive rodeado de
 36 amigos." E aí o que vocês acharam? Da mudança?
 37 **Alunos:** Ah, legal mais e as histórias como vão ficar sem o lobo? Afinal ele é bom, que amigos mas ele é o
 38 lobo!
 39 Mais a mudança dele foi certa né tia, mais ainda fico pensando nas histórias sem lobo agora.
 40 **Professora:** Mais pensa que aquelas histórias já aconteceram, como ele mudou agora ele vai ter novas
 41 histórias pra contar. Que mais vocês acharam da história gente?
 42 **Aluno:** Linda!
 43 **Professora:** Então vocês acham que ele realmente mudou?
 44 **Alunos:** Simmm. Sempre há um hora de mudar né tia.
 45 **Professora:** Isso, Isso mesmo. Quem bom né, como o Mateus disse, sempre há uma hora pra pessoa mudar.
 46 Se, às vezes a pessoa, por exemplo uma criança ela fala muito as vezes deixa de fazer algumas atividades,
 47 mais ela pode mudar?
 48 Alunos: Não. Pode sim. Lógico que pode!
 49 **Professora:** Pode ou não pode?
 50 **Alunos:** Pooooodee!
 51 **Professora:** Isso, pode a gente pode sempre mudar! Para o ?
 52 **Aluno:** Bem!
 53 **Professora:** Para o bem, para melhor. Assim como o lobo ele comia os porquinhos, os cabritinho né, do "lobo
 54 e os sete cabritinhos".
 55 **Alunos:** Chapeuzinho vermelho! Ele come a vovó!
 56 **Professora:** Isso, Chapeuzinho vermelho onde ele come a vovó. E então ele resolveu mudar. Por que ele
 57 tinha amigos? Agindo desse jeito ele tinha amigo?
 58 **Alunos:** Não!
 59 **Professora:** Dificil né? A mesma coisa com aquela criança que tá sempre empurrando na vila, ou colocando o
 60 amigo pra fora. Será que ela vai ter muitos amigos?
 61 **Alunos:** Não!
 62 **Professora:** Por que a gente quer ser o que? Bem tratado! E pra ser bem tratado a gente tem que fazer par aos
 63 outros, o que gostaríamos que fizessem com?
 64 **Alunos:** A gente!
 65 **Professora:** Então vamos lá!
 66 (Professora passa o cabeçalho na lousa e as crianças copiam)

O recorte 1 de áudio, do segundo ano, logo de início podemos notar que a professora lê a história que ela quer, não atendendo ao pedido da criança que queria outra história do livro. No entanto, logo após, a leitura, o mesmo aluno questiona, nas linhas 37 a 39, a falta que o lobo faria nas histórias. O aluno do 2.º ano já percebeu a necessidade de haver um antagonista na história:

Antagonista: é o personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, seria o vilão da história (Olympio 1978, p.21).

Nessas linhas, o reconhecimento do antagonista pelo aluno e a necessidade desse personagem nas histórias para dar progressão de fatos para gerar o conflito e, depois, o desfecho. A professora não aproveita esse gancho para um aprofundamento na discussão e insiste, nas linhas 45 e 46, que o lobo tem que mudar. A ideia de mudança para melhor do lobo, repete nas linhas 51 e 53 e nas linhas 62 e 63. Tudo isso para dar o ensinamento final nas linhas 42 e 43. A professora, com essa insistência consegue a adesão dos alunos. Tanto

que estes, respondem a pergunta do que acharam da história com a expressão “linda”, sem ao menos continuar a discussão de como as histórias ficariam sem antagonista. E utilizando a literatura mais uma vez para fins pragmáticos, para ensinar bom comportamento apenas. Tanto que, depois desses ensinamentos, muda de assunto, como fica explícito nas linhas 65 e 66.

Recorte 2.2 - Áudio 11

7 **Professora:** Olá, bom dia a todos! Vocês escolheram ai " O condomínio dos monstros" E eu trouxe para vocês a 8 senhora múmia"

9 (Professora trás um fantoche de múmia para contar a história)

10 **Professora:** O que é isso daqui?

11 **Alunos:** É uma Muuuumiiiiaaa!

12 **Professora:** É uma múmia não é gente? Será que a múmia é um monstro?

13 **Alunos:** Éééé.

14 **Professora:** Que outros monstros nós encontraremos aqui dentro desse livro?

15 **Aluno:** Lobisomem, bruxa!

16 Professora: Isso, a múmia fica toda enrolada no sarcófago. E tem milhares de anos. Vamos lá "Condomínio

17 dos monstros" de André de Castro Gomes.

18 (Professora mostra a capa do livro)

[...]

111 E aí ó, um apartamento para alugar. Dê quem será que é esse apartamento?

112 **Alunos:** Do condomínio!

113 **Professora:** o condomínio tem mais apartamentos, qual foi o apartamento que ficou vago?

114 **Aluno:** O da múmia.

115 **Professora:** O da múmia gente, por que eles mandaram ela pra bem longe! Num foi isso que aconteceu?

115 **Aluno:** É mandaram ela lá pro Egito!

116 **Professora:** No começo, o que tava incomodando? Quem era a incomodada?

117 **Aluno:** O Barulho. A múmia!

118 **Professora:** A múmia aí ela fez uma reunião! Onde?

119 **Aluno:** No Playground.

120 **Professora:** Lá ela foi falando de todos os problemas enfrentados ó, vocês lembram de alguns problemas?

121 **Aluno:** Dos ossos espalhados da caveira. Éééé, da corrente do fantasma!

122 **Aluno:** Do redemoinho do saci.

123 **Professora:** Isso, que mais?

124 **Aluno:** Os uivos do lobisomem!

125 **Aluno:** A risada da bruxa!

126 **Professora:** Isso, quem mais quer participar? Quem lembra mais alguma coisa.

127 **Aluno:** os gritos.

128 **Professora:** Então tá ó. qual foi o acordo fechado entre eles?

129 **Aluno:** Ficar todo mundo em silencio e sem fazer barulho para a múmia dormir.

130 **Professora:** Isso, mais aí, o problema foi resolvido?

131 **Alunos:** Não, porque agora quem deu problema foi a múmia!

132 **Professora:** Ó deixa os outros amigos participarem também!

133 **Aluno:** Foi mal.

134 **Professora:** E aí, Qual foi então, o que aconteceu depois que todo deixaram de fazer barulho?

135 **Aluno:** A múmia começou a roncar muito alto!

136 **Professora:** Como tava todo mundo em silêncio, ninguém mais fazia barulho, né?. Aí, quem começou a

137 perturbar?

138 **Alunos:** A Muuuuumia.

139 **Professora:** E aí, qual foi, o que eles resolveram agora?

140 **Aluno:** fazer um reunião sem a múmia para resolver a situação tia.

141 **Professora:** Certo, e o que foi resolvido, lá;

142 **Aluno:** Que cada um tinha seu limite, e tinha que ser respeitado, então eles fariam alguma coisa com a

143 múmia para resolver o problema.

144 **Professora:** Isso! Ela falava, né, que o limite de um começa onde termina o do outro. Então eles levaram isso

145 a serio e viram que se realmente o limite de um começa onde termina o do outro, ela não respeitou, tava

146 roncando um monte e incomodando todo mundo. Imagina isso por, quantos anos mesmo?
 147 **Alunos:** Miiil.
 148 **Professora:** Mil anos nesse sono! Ai eles resolveram o que?
 149 **Alunos:** fazer um feitiço. E mandar ela pro Egito.
 150 **Professora:** Ai, quem foi que levou ela lá pro Egito?
 151 **Aluno:** O Frankstein levou ela até o quarto da bruxa. A bruxa fez um poção falou umas palavras mágica e
 152 mandou ela lá pro Egito.
 153 **Professora:** Isso. Muito bem! Vocês lembram de algo que a bruxa colocou lá na poção?
 154 **Alunos:** Pelo de ouvido! Gosma de camarão.
 155 **Professora:** Isso, Casca de mosca , tudo isso. E a poção foi um sucesso! Onde a múmia foi parar?
 156 **Alunos:** Lá no Egito!
 157 **Professora:** Bem longe! Isso. Então agora eu vou fazer com vocês uma brincadeirinha de força. E uma
 158 competição entre meninos e meninas. Só vai poder falar a letra quando levantar a mão. Tá num adianta
 159 querer ficar. Então ó primeira palavra, ó. Vamo começar pelas meninas, levanta a mão! Fala.
 160 **Aluna:** A
 161 **Professora:** Meninos! fala.
 162 **Aluno:** S
 163 **Professora:** Meninas! Levanta, fala!
 164 **Aluno:** N
 165 **Professora:** N não tem! Fala Lucas um letra anda!
 166 **Aluno:** R
 167 **Professora:** Como tá na vez dos meninos alguém quer arriscar?
 168 **Alunos:** Eu, eu , eu!
 169 **Professora:** Pode falar!
 170 **Aluno:** sarcófago!
 171 **Professora:** Muito bem!
 172 (Professora faz a brincadeira da força com as crianças até o final da aula. As palavrinhas aparecem na história.)

Podemos notar nesse recorte de trabalho com a literatura, que a professora, traz um elemento para a Contação, que é o fantoche da múmia. Ela começa dando ênfase aos conhecimentos prévios dos alunos e parece que vai começar um levantamento do horizonte de expectativa dos educando, conforme linhas 7 a 17. No entanto, esse diálogo é pouco aprofundado e ela começa a contar a história, linha 18

Em seguida, podemos observar, que a professora conversa um pouco com os alunos sobre a história. Contudo, novamente, não aprofunda a discussão, não constrói assim, o que Lajolo (1994) chama de "hipóteses relativas ao leitor que deseja seduzir". Essa sedução essa não aconteceu nesse episódio de leitura do segundo ano, nem nos anteriores, que como Lajolo (1994, p.38) afirma, "tem-se de considerar que para seduzir o leitor há pôr-se em seu lugar, antecipando suas expectativas e reações."

A professora também faz uma brincadeira de força como intuito de tornar a atividade de leitura mais dinâmica. Porém, não leva nenhum material diversificado que remeta ao texto lido; faz um brincadeira onde ela utiliza palavras da história, para que os alunos adivinhem, criando assim uma disputa entre meninos e meninas.

4.3.3 - 3º Ano: Áudios 7, 8 e 9

Recorte 3.1 – áudio 7

15 **Professora:** Gabriel da um pro Renan! Todo dia a gente senta nessas almofadas e é sempre a mesma história!
 16 Quem se lembra da parte que nós paramos ontem na leitura diária?
 17 **Aluno:** Ééé... Que ele tava na casa dele, e a hora não passava!
 18 **Professora:** E o que aconteceu com o relógio?
 19 **Aluno:** A hora não passava!
 20 **Professora:** Mas, o que aconteceu com todas as outras coisas?
 21 **Alunos:** Pararam. Pararam no tempo!
 22 **Professora:** Pararam no tempo. Por que será que parou?
 23 **Alunos:** Por que o menino quebrou o relógio!
 24 **Professora:** Será que foi porque ele quebrou o relógio?
 25 **Aluno:** porque ele quebrou a ampulheta!
 [...]
 186 (Palmas)
 187 **Alunos:** Noooossaaa, muito legal tia!
 188 **Professora:** O que vocês tem que me contar, me falar sobre essa longa história?
 189 **Aluno:** Nada a declarar!
 190 **Professora:** Nada a declarar Daniel?
 191 **Aluno:** Foi linda!
 192 **Professora:** Num foi linda? O tempo que ficou parado, o que aconteceu então? O que as pessoas fizeram?
 193 Elas tiveram tempo para que?
 194 **Aluno:** pra observar as coisas que há muito tempo não observavam.
 195 **Professora:** Isso, é verdade. Eu tenho certeza que vocês, é, na correria do dia a dia tem até coisas que vocês
 196 tem em casa, e esquecem de brincar e esquecem de ver, por conta da correria do dia a dia, e do tempo que
 197 passa muito rápido! E aqui eles aproveitaram a parada do relógio pra quê?
 198 **Alunos:** Pra poder conversar, se encontrar!
 199 **Professora:** Isso, pra poder conversar, pra poder cantar, pra poder observar. Né? Quantas vezes anoitece a
 gente já tá indo dormir, fica trancado dentro de casa e não sai momento algum pra observar lá fora.
 200 **Alunos:** Eu saiu, Eu saiu a noite!
 201 **Professora:** Quem aqui por exemplo sai a noite e olha pro céu, observa...
 202 **Aluno:** Eu quando não estou dormindo, não todo dia.
 203 **Professora:** Vê se a gente deixa alguma coisa que a gente tá fazendo pra observar isso aí, é raramente pois a
 204 gente tem outras preocupações, outras coisas pra fazer. Então eles aproveitaram aqui ó, "O menino que
 205 quebrou o tempo". Deu aquela parada e eles aproveitaram para fazer as coisa que a tempo não faziam. Tá,
 206 foi longa a história, a gente começou ontem, terminou hoje, mas foi bastante interessante! Né? Que parte
 207 vocês gostariam de comentar? Acharam mais legal?
 208 **Aluno:** A primeira onde ele quebra o relógio, e ficou preocupado que tinha quebrado o tempo!
 209 **Aluno:** Eu gostei da última onde Mané Mota acorda e como mágica o tempo volta ao normal!
 210 **Aluno:** Tia, isso faz a gente pensa né, nois num aproveita o tempo que tem pra curtir a vida, a natureza, fica
 211 só pensando em dormir, ganhar din.heiro e esquece as coisas importantes né, como os coleguinhas, as
 212 brincadeiras o céu, a natureza, né tia!
 213 **Professora:** Né, isso mesmo, essa história faz a gente pensar nisso mesmo, bem legal! Então, vamos voltar
 214 pro lugar?
 215 (Crianças voltam para as carteiras)

Diante desse fragmento do terceiro ano podemos observar a continuação de um história que havia começado no dia anterior. Podemos notar também que a professora investiga as lembranças das crianças sobre a leitura do dia anterior, usando do as como cenário para retomada da leitura como mostra as linhas: 16 á 25.

Esse recorte mostra a importância da interação entre texto e leitor, onde é importante que o profissional docente direcione a situação de aprendizagem localizando o aluno no tempo e espaço, para assim retomar a leitura da obra. Como afirma Lajolo (1994, p.44),

Levar em conta a interação leitor-texto para discutir literatura parece dar conta de forma mais adequada do modo de inserção da literatura na vida

escolar, uma vez que a prática de leitura patrocinada pela escola é dirigida, planejada, limitada no tempo e espaço.

Outro recorte que deixa bem evidente a preocupação da professora com a interação entre texto-leitor é quando ela instiga as crianças a falarem o que acharam do texto, como mostram as linhas: 205 á 2014.

O recorte 1 do 3ºano ilustra a preocupação com a interação e o entendimento entre os alunos e a história lida. Um fato muito interessante a respeito disso é o comentário de um aluno: "que o texto nos faz pensar". Ele faz um reflexão bem interessante sobre a história, falando sobre o aproveitamento do tempo, a busca incessante por dinheiro, que faz com que muitas vezes esqueçamos as coisas importantes, que ele ressalta ser, tais como os "coleguinhas", o "céu", a "natureza", conforme linhas 210, 211, 212.

No entanto, depois dessa reflexão do aluno, a professora não dá mais margem à diálogo, jogando assim um balde de água fria na discussão que a história proporcionou. Essa interpretação se sustenta nas linhas 213, 214.

Recorte 3.2 – Áudio 8

O áudio 8 contém 3 situações que são discutidas aqui. Como essas situações não estão sequencialmente dispostas, e a transcrição da situação de ensino é longa, são feitos três recortes desse áudio os quais são designados de recortes 2.1, 2.2 e 2.3.

Recorte 2.1

161 **Professora:** Às vezes, Pyetra? Leitura é todo dia! Todo dia, pra ficar boa, tem que ler todo dia! Viu, num
162 adianta pegar as vezes, a gente vai sempre na biblioteca, eu tenho certeza que você tem um monte de
163 livrinho na sua casa, num é? Não adianta livro não pé enfeite! É pra ser lido, apreciado. A tia Ângela esse
164 fim de semana preparou as avaliações de português e matemática, história. É. Mandeí pra coordenadora,
165 então eu fiquei até tarde preparando prova. Depois fui pro sítio, almocei com minha família.

Nesse recorte, observamos a preocupação da professora em enfatizar, a importância da leitura. Isso acontece em outros momentos da aula também, como mostra o recorte 2.2, abaixo:

Recorte 2.2

227 **Professora:** Porque num adianta nada pegar e deixar na bolsa, tem que ler o livro né? Vamos trocar
228 então com os colegas.

Nessa mesma situação de ensino, a professora ressalta a importância de se conhecer novas leituras, começar a pegar livros com mais textos e menos figuras para um amadurecimento do leitor. Influenciando assim as crianças a descobrirem novos livros, novas leituras,, novos mundos por meio da literatura. Como apresenta o recorte 2.3:

Recorte 2.3

230 **Professora:** Crianças já tá na hora de vocês pegarem livros que tenham mais leituras. Porque as vezes
 231 dá uma olhada e fala esse aqui não tem tanto o que lê, e por isso acaba pegando. Dá uma olhada lá
 232 trás naquele resuminho do livro, da uma lida no que tem ali. Ali vai fala mais ou menos sobre a
 233 leitura, do que se trata a história entendeu?
 234 (Professora recolhe os livros antigos que estavam com as crianças, e coloca outros sob a mesa para
 235 que elas escolham as histórias para leitura.)
 236 **Professora:** Aí, tem criança que leva duas três vezes o mesmo livro. tudo bem que é legal ler o mesmo
 237 livro, mas também é importante fazer e conhecer outras leituras, concordam? Quanta história
 238 diferente tem aí pra gente conhecer né! Olha esse, "O Colecionador de Manhã." Será que você tem
 239 olhado para os céus? Será que você sabe pastorear nuvens? E manhã? Você coleciona? Essa história
 240 fala da relação entre, pai e filho, neto e avô. Fala de mares, de nuvens e de manhãs! Duas histórias
 241 sobre o afeto, um sentimento delicado como um pássaro com asa quebrada. Mas sabe o que é incrível
 242 dobre ser um pastor de nuvens? Um colecionador de manhãs? Que qualquer um de nós pode ter
 243 talento para ser um deles!" Que lindo né, esse pedacinho fala um pouco da história e também nos
 244 deixa curiosos para saber um pouco mais sobre ela.

A professora lê um pequeno trecho de "O colecionador de Manhãs" para seduzir o leitor, e para que essa sedução aconteça, é necessário não só que o professor indique o texto, mas apresente-o ao aluno, divulgue-o diante dos leitores mirins, para que os mesmos sintam-se tentados a lê-lo. Como afirma (Lajolo 1994, p. 37),

[...] é para legitimar e avaliar tal viés que precisamos ser seduzidos, não só pelo texto que indicamos para nossos pupilos, mas pelo texto que, falamos sobre ele - texto, apresenta-o, divulga-o, promove-o[...]

Recorte 3 - Áudio 9

De modo análogo ao áudio 8, no áudio 9 também são feitos recortes para elucidar fatos que a análise destaca, desse áudio são feitos dois recortes: 3.1 e o 3.2.

Nesse recorte do terceiro ano a professora lê o conto de "Macaco e seu Rabo" de Valcir Carrasco. Antes da leitura da história, faz uma prévia dos conhecimentos dos alunos perguntando se eles conheciam a história e questionando sobre as características do personagem "macaco" nas histórias. Como mostra o recorte 3.1 abaixo:

Recorte 3.1 - áudio 9

4 **Professora:** Vamos lá crianças, calma, relaxa! Vamos sentar ali no fundo. Vamos fazer nossa leitura
 5 diária. Eu vou ler pra vocês ó um texto do livro "Lendas e fábulas do folclore brasileiro". Tá! Do Valcir
 6 Carrasco. Chama: "O Macaco e seu rabo". A gente viu outro dia a história do macaco e do coelho, né?
 7 Hoje é "O macaco e seu rabo". quem já ouviu essa história? Quem conhece?
 8 **Aluno:** O macaco e o rabo.
 9 **Professora:** Isso, "O macaco e seu rabo!"
 10 **Aluno:** Eu acho que eu conheço, acho que é a história que ela faz um monte de troca num é?
 11 **Professora:** Conhece? Lembra alguma coisa?
 12 **Aluno:** Eu li um de macaco, que tava lá na estante da biblioteca, onde o macaco tava em cima do pé de
 13 manga e o jacaré tava só dormindo, mas não é essa é? Daí, quando teve uma hora, ele caiu, ele foi
 14 atravessar o rio, quase que o jacaré pegou ele.

15 **Professora:** Quem mais escutou alguma e quer falar? Fora a história que a gente viu aquele dia, que
 16 era uma fábula sobre o macaco e o coelho, onde um queria matar as cobras e o outro matar as
 17 borboletas, né? lembra da fábula na provinha? Essa daqui é , " O macaco e o seu rabo." O macaco é
 18 esperto?

19 **Alunos:** Ééé, e muito né tia! Pelo menos nas histórias falam que ele é travesso, esperto, brincalhão!

Os alunos comentam que conhecem algumas histórias sobre macacos, e o caracterizam como personagem "brincalhão" e "travesso". Um dos alunos chega a fazer um comentário certo sobre a história; diz que é a história que o macaco faz " um monte de trocas". Logo após a leitura, acontece algo que reforça que a história lida já era bem conhecida pelas crianças e a professora não lembrava. Isso fica claro no recorte 3.2 abaixo:

Recorte 3.2 - Áudio 9

51 **Professora:** Era essa que vocês conheciam?

52 **Alunos:** Era! Tem na coletânea!

53 **Professora:** Mais a da coletânea é essa aqui do rabo?

54 **Alunos:** É.

55 **Professora:** Então depois a gente dá uma olhadinha e compara. Crianças lendas e fábulas do folclore
 56 brasileiro Valcir Carrasco. Tem outras aqui bem bacanas! Tá?

O recorte 3.2 mostra que a professora não lembrava que a mesma história estava presente na coletânea das crianças. E que, realmente, elas a conheciam bem. Diante disso, podemos reforçar novamente o que já foi citado em análises posteriores de outros áudios, que é necessário que o professor se reconheça como leitor, para assim, poder atuar como agente participativo na mediação entre texto e leitor. Ao ler previamente o texto que vai trabalhar, o professor terá conteúdo suficiente para fazer essa mediação.

4.3.4 - 4º Ano - Áudio 4, 5, 6

O áudio 4 também teve seu recorte fragmentado em duas situações: 1.1 e o 1.2.

Nesse primeiro recorte do quarto ano já podemos observar o desencontro de informações durante a aula, onde a professora efetiva alega ter um compromisso, uma "reunião" e, em seguida, a professora que a substitui, por alguns momentos, troca a informação dizendo que ela havia ido "tirar sangue". Como mostra os recortes abaixo:

Recorte 4.1 – Áudio 4

Recorte 1.1

16 **Professora:** Vamos gente, que hoje a tia tem um probleminha, a tia vai ter que sair da sala, e a tia Bia
 17 vai assumir aqui daqui a pouco.

18 **Aluno:** Por quê?

19 **Professora:** Porque a tia tem uma pequena reunião ta bom! Ó eu gostaria que vocês prestassem
 20 atenção na leitura diária, por o que a tia sempre fala da leitura, ela tem um objetivo não tem?

[...]

84 **Professora:** Será? Então vamos lá! Analisando a imagem da pagina 104 e 105! Enquanto a professora

85 vai lá tirar sangue, fazer os exames dela.

86 **Aluno:** Sangue? Mais, num era uma reunião?

Notamos, também, nesse recorte, que a professora efetiva do quarto ano comenta que a Leitura Diária tem objetivos, porém, analisando o áudio podemos observar que ela não expõe esse objetivo às crianças e nem os retoma, em caso de já ter os apresentado previamente. Observamos, ainda que há uma leitura muito interessante feita pelo aluno intitulada "A rã Santa Aurora". No entanto, o aluno lê e a professora nem sequer pergunta se os alunos gostaram da história, manda-os pegar o caderno de história para continuação da aula.

Recorte 1.2

32 **Aluno:** "A rã Santa Aurora".

33 (Não houve nenhuma discussão sobre a leitura)

34 **Professora:** Ok! Peguem seu caderno de história! Podem ir colocando a data de hoje, Quem não

35 terminou a rotina gente, termina em! Tem que copiar a rotina no caderno de Língua Portuguesa!

Isso mostra os traços do trabalho com a literatura na escola, que é vista apenas como mais um conteúdo a ser passado aos alunos, como Lajolo (1982.p.51) afirma, "a literatura na escola, portanto, consumida com a mesma passividade com que se digerem figuras geométricas e regras gramaticais, habitua o aluno a uma atitude sempre passiva perante o texto."

Recorte 4.2 - Áudio 5

O áudio 5 é recortado em 4 partes, cada uma ilustra um determinado fato destacado na análise

Recorte – 2.1

4 **Professora:** Maria Fernanda? Num veio né! ela queria tanto ler um poema. Quem leu o Detetive ontem?

5 **Alunos:** kaue!

6 **Professora:** Põe na lista então, hoje então é a Laura! Pessoal ninguém começou a copiar a copiar ainda

7 num é? Eu vou inverter a leitura diária porque faltou a Maria Fernanda que ela ia ler um poema, e hoje

8 ela não veio! Tá? Então eu vou deixar a "Gata apaixonada pra mim" e o Macaco de Óculos, pra Laura,

9 porque você não trouxe a leitura né Laura! Olha gente, mais uma fala minha, eu acho que eu to virando

10 papagaio, porque todo dia a mesma coisa, a responsabilidade da leitura diária e de vocês! Por que nós

11 vamos na biblioteca?

12 **Aluno:** Pra pega livro...

13 **Professora:** Pra pega livro, certo! Então o aluno, ele não tem desculpa que ele num tem livro, para ler

14 na sua leitura diária. Porque é importante ler em casa aquilo que vai ler aqui para os colegas! Só que

15 ninguém trás a sua leitura. num é assim? Então a gente tem que começar a criar o habito de ler e trazer

16 a leitura, Porque vamos supor é só cinquenta por cento da sala que trás, os outros eu já sei que sou eu

17 que tenho que trazer! Então como que a gente vai fazer? E continuamos com o mesmo problema! Já foi

18 falado com os pais na reunião não adianta não sei mais pra quem pedir! Tá difícil num tá não! As

19 crianças que estavam me devendo trabalho trouxeram? Que eu falei que precisava fechar as notas no

20 final de semana? Sim ou não? Kaue, você trouxe? Pela terceira vez eu vou ter que ligar na sua casa! Né

21 então fica difícil! Porque os trabalhos eu considero como uma terceira nota! ou até a quarta nota,

22 porque a gente faz prova mensal, faz o trabalho de história e geografia! E aí? Né eu já expliquei como é

23 que eu somo! o que vale qual é a pontuação fiz a conta na lousa! Agora o aluno não trás o trabalho. Eu

24 tenho que ficar ligando todo bimestre pra mãe! Eu já falei com a coordenadora eu não vou mais ligar!

25 Simplesmente eu vou dar a nota! Então vamos lá, espero não ter que falar isso de novo. Eu pedi para

26 não copiar o Macaco aqui que eu vou mudar tá! Porque a Maria Fernanda faltou hoje! Rafaela vai lá

27 na sala dos professores e pega um giz branco pra mim fazendo favor! Rapidinho tá! Então ficou "A

28 Gata Apaixonada" e o " Macaco de Óculos".

No fragmento 2.2, do áudio 5, do quarto ano, observamos, logo de início, a visão de biblioteca, como "lugar de pegar livros" seria como indicio de que a professora desenvolve o comportamento leitor do aluno, por outro lado denuncia o visco restrito de Biblioteca apenas como lugar onde guarda livro e não amplia para uma noção de Biblioteca como espaço de expressão e construção.

Já no recorte 2.2, abaixo notamos que a professora procura deixar claro a responsabilidade de pegar livro para a leitura.

Recorte 2.2

13 **Professora:** Pra pega livro, certo! Então o aluno, ele não tem desculpa que ele num tem livro, para ler
14 na sua leitura diária. Porque é importante ler em casa aquilo que vai ler aqui para os colegas! Só que
15 ninguém trás a sua leitura. num é assim? Então a gente tem que começar a criar o habito de ler e trazer
16 a leitura, Porque vamos supor é só cinquenta por cento da sala que trás, os outros eu já sei que sou eu
17 que tenho que trazer! Então como que a gente vai fazer? E continuamos com o mesmo problema! Já foi
18 falado com os pais na reunião não adianta não sei mais pra quem pedir! [...]

Ao decorrer da aula, observa-se que a professora faz uma breve discussão sobre o texto, e logo em seguida, propõe uma atividade de "leitura, interpretação e análise" da história " O macaco de óculos" apresentada no. A proposta dessa atividade aparece no recorte, abaixo, no qual ela também menciona o estudo de R e RR, linhas 107 á 114 e o uso do L e U no final das palavras, nas linhas 105 á 114

Recorte 2.3

80 **Professora:** Todo mundo conseguiu entender a leitura da Laura? Sim ou não?
81 **Alunos:** Siiiiim!
82 **Professora:** A história do macaco, quem sabe me dizer o que aconteceu? Vamos ver se prestaram
83 Atenção mesmo!
84 **Aluno:** O macaco não estava enxergando e resolveu comprar um monte de óculos!
85 **Professora:** Ok, ele comprou os óculos e o que ele fez com eles?
86 **Alunos:** Ele comprou seis pares de óculos, e colocou na cabeça, no pé, no rabo, na mão em várias partes
87 do corpo menos onde era pra colocar!
88 **Professora:** E tava certo isso?
89 **Alunos:** Nããão!
90 **Professora:** Aí ele continuou enxergando ou não?
91 **Alunos:** Não, porque ele não colocou no lugar certo, e ficou achando que tinha sido enganado, ficou
92 nervoso, desde de pedi ajuda foi lá e quebrou tudo!
93 **Professora:** Isso, e mesmo assim continuou sem enxergar! Muito bem! Olha gente, esse historinha, faz
94 parte de uma atividade que eu vou dar pra vocês hoje! Tá! Como hoje ta meio corrido eu trouxe
95 algumas atividades já impressa para que a gente possa aproveitar um pouco mais a nossa aula, Ok?
96 **Alunos:** Ah, Tá bom!
97 **Professora:** Porque na hora do recreio a gente vai descer, então pra conseguir fazer algumas coisas a
98 mais, e não sair da nossa rotina, tá? Então nós vamos fazer o que agora? É uma atividade pode colocar
99 no caderninho, eu nem coloquei na lousa para não escrever duas vezes a mesma coisa, Então nós vamos
100 fazer no caderninho de Língua Portuguesa, pula umas duas linhas, que vocês já estão acostumados, e
101 coloca lá, leitura vírgula interpretação e análise de texto! Ok? Essa folhinhas nós não vamos colar no
102 caderno, essa folhinha nós vamos fazer, conferir e guardar na nossa? Pasta! Tudo bem? Então leitura,
103 leitura, Leitura vírgula interpretação e análise de texto, Por quê? Porque eu vou interpretar o texto,
104 analisar algumas palavras, o significado, tudo aquilo que a gente já aprendeu! Vai ter algumas coisas
105 que vocês vão reconhecer, mal com L , mau com U. Né? Então vamo vê, até que ponto vocês
106 aprenderam e até que ponto ainda resta dúvida! Né? Qui, que eu falei ontem pra vocês, gente eu

107 fiquei decepcionada quando eu fui corrigir as provas! Tanto que nós estudamos sobre R e RR e
 108 escreveram um monte de bariga, bariga bariga pra barriga! E fora as outras palavras que a gente
 109 conversou ontem que eu não vou falar tudo de novo! Então a gente já teve várias regras! Nós tamos
 110 desde o começo do ano estudando as regras! e tem gente ainda que não aprendeu! Sabe, os dois R,
 111 um R só. Né o fonema! Quando é forte! BaRRiga dois R! Né? Se não fica bariga! O carro gente, o
 112 carro não é tanto! Se não fica como? Caro, é outra palavra! Então é difícil? Não! Lógico que a regra
 113 do R, dois R é uma das mais fáceis que tem! Porque a gente tem como falar a palavra, escutar, nossa o
 114 som é forte! Então é dois R, né? O L no final o U no final! Quantas atividades a gente já tem feito
 115 durante o ano! Porque na prova é assim, uns oitenta por cento esta acertando, mas tem uma parte que não ta
 116 conseguindo, então a gente vai passa revisando algumas palavras né! Algumas frases! desse texto,
 117 ok? Tá? Então vamo lá. Leitura, interpretação e análise de texto, que é justamente o texto que a gente
 118 já leu, "O Macaco de óculos". E vai tá aqui na folhinha. Entrega pra mim laura.
 119 (Aluna entrega as atividades para turma)
 120 Professora: Eu quero que vocês façam com calma! Principalmente análise! Pensem! e reflitam sobre
 121 tudo que a gente estudou sobre ortografia ontem! Tá? Porque a nossa conversa foi ontem! Certo?
 122 Fizemos o ditado interativo, fizemos o quê? Mais uma atividade com L e com u! Tá? E isso vai ficar
 123 na pasta, tá? Ai esqueci de colocar aqui entre parênteses, coloca aqui na folha, que é pro pai saber que
 124 essa atividade foi feita na folha, que vai ser guardada na pasta que eles vão olhar na reunião! Ok?
 125 (Crianças analisam o texto em silêncio, Durante a execução da atividade a professora ajuda os alunos
 126 de carteira em carteira.)

No entanto, como podemos observar no fragmento abaixo, recorte 2.4 o desenvolvimento da atividade de "leitura, interpretação e análise do texto" mencionado no recorte 2.3, as atividades de interpretação, na realidade, não são de interpretação, são de localização de informações explícitas no texto, pois podemos notar no recorte 2.4 do áudio, que todos os alunos respondem em uníssono, conforme linhas 142, 144, 148, 153, 157, 165. As perguntas pouco ou nada exigem do aluno do 4º ano. O trabalho de "interpretação" resume em chegar no sentido textual e pela mera localização de informações e decodificação. Nenhuma pergunta da professora solicita um trabalho inferencial do aluno, tampouco provoca um desdobramento crítico, conforme linhas 140, 146, 151, 155, 159.

Recorte 2.4

136 Professora: vamo lá gente! Vamos conversar a respeito! Matheus Bom senta ai filho! Presta atenção
 137 os de mais que estão conversando. Eu vou chamar um aluno, ele vai responder e nós vamos concordar
 138 ou não com a resposta dele, ok? Então vamo lá! Éééé, deixa eu ver aqui, vamos Vitória, primeira
 139 pergunta! Olha lá vamos escutar a pergunta!
 140 Aluno: "A personagem da história é?" O macaco que se achava muito esperto!
 141 Professora: Todo mundo concorda?
 142 Alunos: Siiim!
 143 Professora: Todo mundo colocou a mesma resposta?
 144 Alunos: Siiim!
 145 Professora: Muito bem! Número dois, Lê pra mim Maria Eduarda.
 146 Aluno: "O macaco não enxergava bem por quê?" Porque estava ficando velho.
 147 Professora: Muito bem! Todo mundo colocou a mesma resposta?
 148 Alunos: Siiim!
 149 Professora: Se alguém não colocou levanta a mão pra gente tirar a dúvida! Ta bem fácil essa parte de
 150 interpretação né? Lê pra mim Ruan a Número três!
 151 Aluno: "O macaco para descobrir como enxergar melhor resolveu?" Conversar com alguns homens.
 152 Professora: Todo mundo concorda com a reposta?
 153 Alunos: Siiim!
 154 Professora: Alguém respondeu diferente? Número quatro, vai Matheusinho!
 155 Aluno: "O que o macaco descobriu conversando com os homens?" Que ele tinha que usar óculos.
 156 Professora: isso, todo mundo respondeu igual?
 157 Alunos: Siiim!
 158 Professora: Então vamos lá, número cinco! João Rodrigo, vamo lá!
 159 Aluno: "Em quais lugares do corpo o macaco pendurou os óculos?"
 160 Professora: Então tem uma parte do texto, onde ele fala os lugares do corpo onde ele pendurou os?

161 **Alunos:** Óculos!

162 **Professora:** Óculos... O que você respondeu João? vamos lá.

163 **Aluno:** Pescoço, nunca, rabo, pé, mão e cabeça!

164 **Professor:** E cabeça, muito bem! Todo mundo respondeu da mesma forma?

165 **Alunos:** Siiim!

Ressalva-se que, diante da atividade proposta pela professora, não aconteceram as atividades de interpretação. Apenas, aconteceu as atividades de reconhecer informação explícita no texto. Esse trabalho que a professora chamou de leitura, interpretação e análise do texto", mas não realiza atividades que contribuam para um desenvolvimento inter-relacional daquele texto com o aluno e outros textos que o alunos possam conhecer. Como ressalta Lajolo (1994, p. 51),

É fundamental que exercícios e atividades trabalhem elementos do texto que contribuam para um relacionamento mais intenso dos alunos com aquele texto particular e que uma espécie de subproduto da atividade ou do exercício, fique inspiração e caminho para o inter-relacionamento daquele texto todos ou outros conhecidos daquele leitor.

Isso enfatiza a importância de se trabalhar também com as informações implícitas no texto que, muitas vezes, podem ser descobertas através das interpretações da leitura, sendo ela oral ou escrita. É no desenvolvimento de atividades dessa natureza que se cria vínculo entre texto e leitor.

Recorte 3 – áudio 6

O áudio 6 também proporciona destacar alguns fatos de ensino de literatura, os quais são apresentados em três recortes, conforme abaixo:

Recorte 3.1

16 **Professora:** Que lindo, né? Mais alguém? Segunda feira é o dia de nós trabalhar com as notícias, Fala

17 Túlio, primeiro espero que você tenha melhorado, esteja bem! Pode falar.

18 **Aluno:** Eu vi na televisão, tem um país que no inverno eles fazem um hotel em baixo da terra cheio de

19 gelo.

20 **Professora:** Eles fazem um hotel?

21 **Aluno:** É de gelo em baixo da terra!

22 **Professora:** Isso eu também já vi essa reportagem. Mais alguma coisa?

23 **Aluno:** Eu vi uma de cachorros que ficam soltos na rua e atacam as pessoas! E como as pessoas devem

24 se defender dos ataques!

25 **Professora:** Passou no fantásticos, que você deve subir em um lugar alto, né.

26 **Aluno:** Verdade, proteger a cabeça e a barriga! Por que assim quando o cachorro vai atacar ele não vai

27 conseguir e vai embora, e a outra e se fingir de morto!

28 **Professora:** E o que vocês acham disso, isso é uma notícia? Uma informação? Isso se encaixa no que?

29 Pensa no que nós estudamos lá trás. É um texto informativo, é uma notícia? Ela é informativa e texto

30 científico? o que vocês acham que ele é?

31 **Alunos:** informativo, ta passando uma informação!

32 **Professora:** Isso informativo, né, ta passando uma informação, né? Eles tão dando uma informação de

33 como você se defende do?

34 **Aluno:** Do animal quando ele vem atrás de você!

Nesse recorte de áudio, observa-se que a professora começa um diálogo com os alunos sobre as notícias que eles viram na TV, no decorrer da semana e no final de semana, levando em conta, assim, os horizontes de expectativa dos alunos. No entanto, ela também faz confusão entre os gêneros notícia e reportagem, tratando os dois como se fossem a mesma coisa. Não vamos discorrer sobre a diferença entre eles nem tampouco apresentar as características peculiares de ambos por fugir dos objetivos deste trabalho, mas também não podemos deixar de sinalizar esse equívoco.

Nesse dia, a professora substitui a leitura diária por uma notícia intitulada "Garoto de dez anos conta como comprou carro só com a mesada". Acreditamos que a leitura dessa notícia tinha o objetivo de introduzir a atividade do livro "Ler e escrever", cuja finalidade era o estudo das partes que constituem uma notícia (estrutura). Como mostra o recorte 3.2 abaixo:

Recorte 3.2

120 **Professora:** Então o que nós vamos fazer, hoje nós vamos estudar as partes que compõe uma notícia, certo?
 121 Uma visão geral, ainda não vai ser assim detalhada! Hoje vai ser uma visão geral, olha os objetivos,
 122 investigar características gerais de uma notícia no que se refere a sua organização interna! Então o que cada
 123 grupo vai fazer, vocês vão olhar no jornal e escolher duas notícias, ok! E dentre essas duas notícias nós
 124 vamos pegar as informações que estão no quadro do ler e escrever! Ok?

125 **Alunos:** Siiim!

126 **Professora:** Certo! Então como por exemplo, qual o fato noticiado? Onde ocorreu? Quando
 127 aconteceu? Quem eram os envolvidos? E, por que ocorreu esse fato? Eu vou por essas perguntinhas
 128 na lousa, mas vocês não tem que copiar, ou pode copiar pro rascunho de vocês pra colocar na
 129 pastinha do projeto jornal! Certo? Ai vocês vão tá procurando informações antes de nós preenchemos
 130 o quadro, Ok? Então, o que esse quadro tá pedindo pra nós? Lê pra mim Laura!

131 **Aluno:** Analisando, a estrutura das notícias.

132 **Professora:** E o que o quadro tá pedindo pra mim?

133 **Aluno:** Título, subtítulo quando houver, a data, autoria da notícia, Possui fotografia? Possui box
 134 complementar? Qual o fato da notícia? Onde ocorreu? Como aconteceu? Quem eram os envolvidos?
 135 Por que ocorreu?

136 **Professora:** Então as perguntas são simples, porém vocês vão ter que investigar dentro das duas
 137 notícias que vocês escolherem esses fatos, Ok?

138 **Alunos:** Siiim!

139 **Professora:** E vamos analisar a notícia um e a notícia dois, e depois nós vamos passar as informações
 140 obtidas no livro de vocês, lembrando que os jornais que estão aqui são de datas diferentes viu!

141 (Alunos começam o trabalho)

142 **Professora:** então ficou claro pra vocês o que nós temos que fazer na atividade de hoje?

143 **Alunos:** Ficou tia!

144 **Professora:** Peguem os jornais e já vão selecionando em! Sem bagunçar o jornal pra não se perder.

145 Folheando o jornal pra poder achar aquilo que é mais interessante pra vocês, ok?

Ressalta -se que a professora, diante da atividade, deixa claro as características que os alunos terão que observar na notícia . No decorrer da atividade, a professora também apresenta uma fala, defendendo a importância da escrita, quando se vai contar, escrever um

fato. A professora destaca a importância de se fazer entender através do que se escreve, conforme linhas 192 e 193:

Recorte 3.3

191 **Aluno:** Éé. "Laboratório desenvolve orquídeas."

192 **Professora:** Quando a gente vai escrever, nós temos que prestar atenção na escrita, porque se não depois nós
193 mesmos não conseguimos entender o que nós escrevemos, quem dirá outra pessoa não é? Se não couber no
194 quadro, passa na folha que depois nós vai grampear tudo junto a atividade. Foi né? Então nós temos uma
195 notícia que é de Arealva, que tem um laboratório em Arealva que desenvolve orquídeas, vocês sabiam disso
196 ou não? Eu sabia, já conheço. Nenhum de vocês conhecia isso ainda?

A análise dos áudios do quarto ano, permitiu - nos notar a falta de diálogo entre alunos e professores diante das histórias apresentadas. A mediação da leitura feita pela professora não estabelece o vínculo entre texto - leitor e, como consequência, faz com que os textos funcionem apenas como objetos pragmáticos para o ensino de conceitos, conteúdos escolares, estudando apenas sua estrutura, e fatos explícitos na narrativa. Sem ao menos levar a interpretabilidade dos textos para torná-los significativos aos alunos, para torná-los sujeitos de sua própria leitura. Como ressalva Lajolo (1994, p. 51),

É, exatamente, no exercício dessa reinterpretabilidade que cada leitor assenhorando-se do texto, torna-se sujeito de sua leitura, espécie de significante daquilo que o autor, ao escrever, deixou como aquele silêncio ao qual Drummond sugere que seu pergunte: trouxeste a chave?

4.3.5 - 5º Ano: vídeos 1, 2, 3 (anexos: 8.12/ 8.13 e 8.14)

Recorte 5.1: Áudio 1

O primeiro áudio do quinto ano começa com a leitura da obra "O fantasma vaga-lume", livro escolhido pelo aluno, na biblioteca. O aluno inicia a leitura e em determinado momento diminui o volume da voz, impedindo que os outros o ouçam. Diante disso, a professora comenta:

Recorte 1.1

21 **Professora:** Você lê muito bem, mas tem hora que você esquece e volta a ler só pra você!

Nessa fala da professora, podemos inferir, pelo comportamento do aluno que houve uma interação com o texto, pois ele se envolve tanto com a leitura, que se esquece que está lendo para os demais colegas e lê só para si. Iser (1977, p. 83) classifica esse momento "como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o

leitor. Esta influência recíproca é \descrita como interação." A interação foi tão intensa que o aluno se esquece dos colegas e mergulha no texto.

Outro momento importante desse episódio de ensino acontece quando a professora retoma a conversa sobre a "Trilha Folclórica", projeto que estava acontecendo na escola, no momento da gravação do áudio. Então volta a falar sobre Ricardo Azevedo, autor trabalhado no projeto. O recorte 1.2 mostra a apresentação do autor e a discussão sobre a preservação oral dos contos, de geração em geração.

Recorte 1.2

37 **Alunos:** Ricardo Azevedo... Ricardo... Ricardo Azevedo!

38 **Professora:** Quem é o Ricardo Azevedo?

39 **Aluno 4:** É um escritor!

40 **Professora:** E ele recorre? O que ele escreve?

41 **Aluno 4:** Contos!?

42 **Professora:** Sim, contos! Mas quem conta esses contos?

43 **Aluno 5:** Pessoas... A População!

44 **Professora:** Isso, ele faz pesquisas de contos, falados pelas pessoas, geralmente aqueles contos que são
45 passados de pai pra filho, durante todo o tempo de existência dos seres humanos. Então, pra que esses
46 contos não se percam, pois cada vez menos os pais se sentam com os filhos, os avós com os netos pra
47 contar história, todo mundo tá sempre correndo atrás do relógio né? Ninguém tem mais tempo pra
48 nada e, às vezes, as histórias estão se perdendo. Pra que isso não aconteça, nós temos
49 escritores/pesquisadores como Ricardo Azevedo, que é moderno, né? Do nosso tempo, que começou a
50 recolher essas histórias pra que não fiquem perdidas. Nós já tivemos outro escritor chamado Câmara
51 Cascudo, que recolhia também em outro século, os contos narrados pelas pessoas...
52 (Alunos se agitam)

No recorte 1.3, a professora retoma o conceito de contos populares, e faz a diferenciação de Conto de Encantamento, Conto de Susto (Terror). Como mostra os recortes abaixo:

Recorte 1.3

54 **Professora:** Na segunda -feira, nós vimos o conto de esperteza do sapo! Qui qui é o conto de esperteza?

55 **Aluno 6:** Quando o sapo foi esperto iludindo os ladrões!

56 **Professora:** Isso, ele usou de uma estratégia pra enganar os ladrões que tinham fugido e queriam

57 matá-lo. Na terça-feira ... Nós lemos qual conto?

58 **Aluno 6:** De encanto!

59 **Professora:** De encanto!?...

60 **Aluno 6:** De Encantamento....

61 **Professora:** Isso! De encantamento! Por que era de encantamento?

62 Alunos falam juntos: Porque tinha mágico... eles faziam umas coisas mágicas!

63 **Professora:** Então, quer dizer que esse encantamento era de magia!?

64 **Aluno 1:** Éééé... tinha elementos mágicos!

65 **Professora:** E os elementos mágicos, Eduard, quem eram mesmo?

66 **Aluno 1:** O tapete mágico...

67 **Professora:** Por que que era mágico?

68 **Aluno 1:** Porqueee eli, porque eli sabi... sa...conseguia vuá !

69 **Aluno 8:** maçã!

70 Professora: A maçã era mágica por que, Maria Eduarda?

71 **Aluno 9:** O espelho!

72 **Professora:** E o espelho era mágico, por quê, Natan?

73 **Aluno 9:** porque ele podia ver tudo!

74 **Professora:** Isso porque ele podia ver tudo que tava acontecendo... Ontem, nós vimos qual conto?

75 **Aluno 9:** De terror...

76 **Professora:** De terror...

77 **Aluno 10:** De susto!

78 **Professora:** De terror, de susto; ele é da mesma linha. Por que ele era de terror? Que ele tinha?

79 **Aluno 10:** Porque entrô em uma casa abandonadaaa ...ii ... ele começou a ouvir Gaspaaarrr (Risos 80 da professora) tinha um fantasma!

81 **Professora:** Um fantasma!? É ?

82 **Aluno 10:** É!

83 **Aluno 11:** é Assim o homem entrou...

84 **Professora :** Am!?

85 **Aluno 11:** E não tinha nada pra fazer, ele foi e começou a escutar o barulho de um esqueleto...

86 **Professora:** Mas ele sabia que era esqueleto?

87 **Aluno 11:** Não!? Tiiiaaa Wall (Alunos se agitam e falam todos juntos)

88 **Aluno 11:** Eles perguntaram quem era, ai eles...

89 **Professora:** Tá, mas ai ? Ele é de susto por quê? De terror, por quê ?

90 (Alunos se agitam e começam a falar todos juntos sobre o conto.)

91 **Professora:** Por que tinha algo ... ?

92 **Aluno 11:** Estranho!

93 **Professora:** Isso, porque tinha alguma coisa misteriosa ali, que dava medo... iii ... a gente pode falar que

94 o esqueleto é um fantasma?

95 **Aluno11:** NÃO!

96 **Professora:** Pode! Tinha uma assombração ali, uma coisa do outro mundo, não tinha? Ele era uma voz

97 cavernosa , assim, OOOOOOO, Num é assim? Que fazia arrepiá todos ossinhos da coluna, num era

98 assim?

99 **Aluno 11:** Éé.. Depois cai o braço! Cai a cabeça!

100 **Professora:** Isso torna a história fantasmagórica! Ai o Gabriel disse que conhecia uma versão

101 diferente! E da princesa e dos três namorados o conto de encantamento nós tinha visto uma parecida

102 também! Qual que era?

103 Alunos juntos: Três... os.... Os três irmãos!!!

104 **Professora:** Isso, "Os três irmãos", que era o quê?

105 **Aluno 2 :** Africano

106 **Professora:** Um conto africano, ao invés de ser três príncipes eram três aldeões, pessoas simples, que

107 eram apaixonados por quem?

108 Alunos juntos: Pela princesa!

109 **Professora:** Ai eles foram para o mundo, porque eles não poderiam casá com uma princesa, e foram!?

110 ... Capturados por monstros...

111 **Alunos:** Soobrenaaturaaais...

112 **Professora:** Ham, e ai? O que acontece com eles?

113 **Aluno 1:** Eles trabalham juntos, daí eles veem os itens mágicos... o tapete voador, o espelho...

114 Professora: E no lugar da maçã, o que qui tinha nessa história?

115 **Alunos:** Redii... Uma Redi!

116 **Aluno 12:** E dai eles vão lá, só que olham no espelho, e ela ta presa com um monstro e agora eles

117 salvam ela, e eu acho..cho.. com o tapete mágico.

118 **Professora:** Então, teve mais ou menos a mesma função o tapete levou os irmãos prá lá, e eles viram

119 que ela tava em perigo. A maçã, de uma certa forma, salva a princesa e eles jogam a rede em cima do

120 mostro... Então, teve a mesma função só o objeto que era diferente.

121 **Aluno:** E os príncipes!

122 **Professora:** Isso! Não pode esquecer dos príncipes que também mudaram

123 (alunos conversam e se agitam lembrando partes da história)

124 **Professora:** E ai eu perguntei pra vocês , por que uma história africana virou história brasileira?

125 **Alunos:** Porque, por, porque os escravos trouxeram suas histórias pra qui

126 (Professora concorda com a cabeça)

127 **Professora:** E ai, o povo que tava aqui começou...?

128 **Alunos:** aaaaa, a contar... passar um pro outro

129 **Professora:** Ammm (e concorda com a cabeça)

Observamos nesse episódio, uma conversa, bem coesa, com as crianças, levando em conta seus horizontes de expectativas. A professora lança questionamentos, para que por meio destes, as crianças reflitam sobre o texto, seus devaneios e os contextos históricos sociais nos quais foram produzidos. Jauss chama, essa aliança entre texto, leitor e autor de hermenêutica literária, como afirma abaixo (1979, p. 56):

[...] entendo que a hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação de tensão entre texto e atualidade como um processo, no qual o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai e vem de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico.

Logo abaixo, notamos a introdução da leitura diária, no caso foi a do conto " O macaco e a velha", como mostram os recortes desse áudio. A professora ressalta ser um Conto de Riso, questionando os alunos dizendo: "Quando a gente fala riso lembra de quê? E os alunos interagem nessa conversa expressando seus conhecimentos. A professora continua a coletar os saberes dos alunos, ressaltando o título do texto " O macaco e a velha" e, diante disso, faz com que as crianças falem sobre as estruturas psicológicas que remetem ao comportamento do macaco nas histórias. Ressalta que, se o macaco é tudo o que as crianças comentam, pode-se esperar determinado comportamento desse animal na história, com isso mais uma vez, a professora faz a coleta de conhecimentos prévios dos alunos. Alguns chegam até a hipótese de que conhecem a história, porém, não têm certeza. Esses destaques constam no recorte, 1.4:

Recorte 1.4

137 **Professora:** Bom, então hoje a história que vamos ler é "O macaco e a velha", é um conto de riso.

138 Quando a gente fala riso lembra do quê?

139 **Alunos:** risada...

140 **Professora:** E a palavra risada lembra o quê?

141 **Aluno:** Engraçada

142 **Professora:** isso! engraçado, Pedro.... então, é coisa que traz humor, que traz felicidade vai fazer a gente...?

144 **Alunos:** Dar risada, rir.

145 **Professora:** Muito bem "O Macaco e a Velha" ... O macaco, ele é conhecido pelo quê?

146 **Alunos:** por fazer arte... travessuras

147 **Professora:** Ham?

148 **Alunos:** Ser travesso !

149 **Professora:** Travesso...

150 **aluno:** Brincalhão!

151 **Professora:** Travesso, Brincalhão

152 **aluno:** Engraçado!

153 **Professora:** Travesso, brincalhão, engraçado que mais?

154 **Alunos:** Arteiro... Esperto

155 **Professora:** Isso, Esperto!

- 156 **Aluno:** Eu também falei!
 157 **Professora:** Você também falou, então tá ... Si o macaco é tudo isso junto, então, a gente pode esperar
 158 o quê de uma história de um macaco?
 159 **Aluno:** Risada!?
 160 **Professora:** Não! mais ó, esperto, travesso engraçado...
 161 **Aluno:** travessura... Acho que, nessa história, tem de tudo uma pouco!
 162 **Professora:** tem de tudo um pouco? E que você acha que vai ser o mandão nessa história?
 163 **Alunos:** O macaco... a velha o macaco
 164 **Professora:** E a velha? Qual será o papel da velha, nessa história?
 165 **Alunos:** Ah! Eu já sei, (falam todos juntos muitas coisas)
 166 **Aluno:** Tia Wal, eu já escutei essa história já!
 167 **Aluno:** Acho que o macaco vai perturbar a velha!
 168 **Professora:** Você acha que o macaco vai lá perturbar a velha?
 169 **Aluno:** Tia Wal, eu já, escutei essa história já, eu já escutei... você já leu pra nois já uma veis... que ele
 170 vai lá rouba um negócio!
 171 **Professora:** Mas será que é a mesma, Pedro?
 172 **Aluno:** Não sei....

Durante o período de observação, notamos que, nas aulas do 5º ano havia uma grande abertura para o diálogo, transcendendo do texto para uma conversa que vai além da sala de aula, lembrando valores das pessoas mais velhas e costumes que, muitas vezes, ficam esquecidos pelos jovens. Diante disso, podemos observar o aluno não mais como um leitor "puro" de percepções, pois ele cria suas próprias imagens mentais em relação ao texto, mas considerá-lo um leitor que traz seus conhecimentos embasados na leitura de textos anteriores. Sobre isso disso Iser (1977, p. 86) afirma:

[...] estas imagens, contudo, não são mais qualificáveis como "puras" percepções; são o resultado de uma interpretação. Esta necessidade de interpretação deriva da estrutura da expectativa interpessoal. Temos experiência do outro a partir do momento que conhecemos a conduta do outro.

Isso fica claro no recorte 1.4 acima, por meio do qual podemos notar que os alunos fazem inferências sobre o comportamento do macaco e da velha, pois, em situações anteriores, eles já tiveram contato com esses personagens, real que, no caso, seria a Velha e imaginário, Macaco. A partir disso a professora provoca essa necessidade de interpretação e as crianças a atendem. Como apresenta o recorte 5.

Recorte 1.5

- 174 **Aluno :** Conta a historia! Ai eu acho que a velha vai ser rabugenta
 175 **Professora:** Você acha que a velha vai ser rabugenta? Só porque é velha tem que ser rabugenta
 176 (Risos)
 177 **Alunos:** É, fica cricri, não gosta de bagunça, barulho
 178 **Professora:** Ah, então, pessoa de idade num gosta de barulho, bagunça...
 179 **Alunos:** É, eles ficam tudo cricri
 180 **Professora:** Fica cricri! (risos) ... mas por que será que mudam tanto quando chega a idade?
 181 **Alunos:** Porque eles não conseguem fazer nada... ficam fracos!

182 **Professora:** É, eles ficam com menos força, não podem fazer tudo aquilo que eles gostam
 183 **Aluno:** Dalhi a pouco começam a reclamar um monte! (risos)
 184 **Professora:** E eles, geralmente eram mais trabalhadores do que nós, porque eles não tinham as
 185 tecnologias pra ajudá-los, né?
 186 **Aluno:** Tia Wal... Tia Wal
 187 **Professora:** Não tinha motor na bomba de água; tinha que ficar lá rodando a manivela; não tinha
 188 trator, tinha que tocar o burro e o arado
 189 **Aluno:** Minha vó fala "ai minha coluna", tem dor!
 190 **Alunos:** Tia... Ow, Tia Wal... Tia (alunos falam todos juntos)
 191 **Professora:** Pera lá um pouquinho. Um de cada vez! (Fala e aponta para um aluno)
 192 **Aluno:** Lá, no sitio sabe, tem um poço e meu tio ainda vai lá rodá a manivela e pegá a água que passa
 193 lá embaixo!
 195 **Professora:** Manivela, ainda? Num tem bomba?
 196 **Aluno:** Não
 197 **Aluno:** Tia Wal, Minha vó... meu vô, ele tem 75 ano, então, só, então ele ainda, ele é tão cricri assim
 198 (risos) que quando eu to sistindo lá ele desliga a força e manda eu i lá ajudar ele, e eu fico com aquela
 199 cara emburrada!
 200 **Professora:** Acha que você faz cara emburrada!?! (com ar de rir)
 201 **Aluno:** Ai ele cata a bengala e fala assim, se eu ucê num trabaia se vai toma uma na cabeça, ai tem que
 202 trabaia né, porque!?!
 203 **Professora:** porque eles são acostumados de uma época que eles falavam uma vez só... e a moçada de
 204 hoje em dia um trilhão e cinquenta e cinco milhões de vezes pra acontecê né?

Observamos também, nesse episódio de ensino, as atividades de linguagem a serem executadas. A professora expôs um projeto de comunicação que foi realizado verdadeiramente, culminando com a apresentação dos trabalhos dos alunos em um evento intitulado "Trilha Folclórica". Esse fato é registrado no recorte 1.6, abaixo:

Recorte 1.6.

290 **Professora:** Então, tá! Elas virão pra frente e vão explicar pra gente, o que é folclore? Da onde surgiu
 291 a palavrinha "folclore"? Quais são os povos que contribuiu para o nosso folclore? Lembrando que o
 292 "projeto trilha folclórica" vai terminar no dia 21, com a exposição do trabalho de todas as escolas do
 293 município, lá no bosque municipal! Então, nós temos que capricha! A nossa ferinha já ta exposta ali
 294 no pátio, e, a semana que vem, nós vamos chamar o terceiro ano pra vocês explicarem! Então, vocês
 295 vão treinar a explicação, aqui, hoje, com a gente!

Já no recorte 1.7 abaixo, podemos observar a apresentação que a professora faz da situação ressaltando os parâmetros dessa situação, como a quem se divide a produção comunicativa, quem participará da produção e que forma assume a produção.

Recorte 1.7

351 **Professora:** Agora, vocês, quando forem apresentar pro terceiro ano, não vão poder ler tanto assim,
 352 lembra que o combinado era de se preparar e registrar na mente os fatos mais importantes, a parte
 353 escrita tá bem trabalhada, lindo, bem feito, bem pesquisado. Só que, na hora de apresentar para os
 354 pequenos, nós temos que aprender que eles não tão no quinto ano e não conhecem tantas palavras
 355 quanto a gente, não tem todo conhecimento que o quinto ano tem. Então, nós precisamos simplificar,
 356 pois a hora que nós fomos apresentar o folclore para os pequenos, vocês vão ter que apresentar sem a
 357 leitura, combinado!? Da mesma forma que, depois que vocês leram, vocês contaram, novamente,
 358 deram uma explicação. Nós vamos dar a explicação para o terceiro ano! Combinado!?

Nas aulas da professora do quinto ano, notamos o uso da literatura como saber catalisador para a formação textual escrita, quando ela apresenta os aspectos e características que devemos usar na produção de um conto de mistério. Na ocasião, a professora Apresenta a introdução, o tempo, o clímax e o desfecho, conforme recorte 1.8, abaixo:

Recorte 1.8

385 **Professora:** Pedro! Marmol, eee Marmol Hoje nós vamos dar continuidade na atividade de
386 segunda feira do texto, então, analise é estudo! Os aspectos são as características de como a gente
387 escreve um conto de mistério! Toda narrativa, toda história ela tem algumas características... A gente
388 tem que perceber, quem é a personagem principal, o que acontece com essa personagem, onde a
389 história dessa personagem, como acontece, por que acontece? Num é assim!? Nós temos os
390 personagens principais, às vezes, um só, às vezes, temos dois. Nós temos os personagens secundários,
391 tem histórias que nós temos o vilão! Num é? Como no Escaravelho do Diabo, nós tínhamos o vilão,
392 que assassinava todas as pessoas que tinham, né Pedro?

393 **Aluno:** Cabelo vermelho!

394 **Professora:** Os cabelos vermelhos Hoje, nós vamos nos preocupar com a montagem da nossa
395 narrativa! Nós vamos pensar Leandro na introdução...Que nem sempre é um único parágrafo como
396 nós vimos na história do cuba livre! Né, Mariana? Com a introdução! O que tem na Introdução que
397 nós já estudamos? Que que acontece na introdução da narrativa do conto?

398 **Aluno:** Apresenta os personagens!

399 **Professora:** Isso, Apresenta os personagens, principalmente o principal, mis importante que a história
400 acontece por causa dele! Que mais? Como que apresenta essa personagem?

401 **Aluno:** Como ela é, o que ela faz!

402 **Professora:** Como ela é (Concorde com a cabeça) ... Aspecto físico, aquilo que a gente enxerga,
403 psicológico, se ela é boa, se ela é inteligente, se ela é amiga, se ela vai ser companheira, se ela vai ser
404 má,

405 **Aluno:** Sentimentos, né!

406 **Professora:** Isso! A parte de sentimentos de características que a gente não consegue ver, a gente
407 chama de característica psicológica! Agora, física é quando a gente bate o olho e sabe, gordo, magro,
408 alto, baixo, loro, moreno, né!

409 **Aluno:** Ruivo!

410 **Professora:** Esses são os aspectos físicos! Então, tá! Na introdução, vai dá o lugar que ele mora?

411 **Aluno:** Vai! Vai sim!

412 **Professora:** Vai dar uma pista de onde essa pessoa vive. Da onde ela trabalha, o que ela faz. Da uma
413 noção básica da personagem pra gente começar a entender porque a história é sobre ela, então tá! ...
414 O que é a complicação, da nossa história? Quem lembra? Por que no primeiro parágrafo, situa ela na
415 vida dela, ta tudo lindo, maravilhoso? O que essa complicação?

416 **Aluno:** É o assassino ... é...

417 **Professora:** O que é a complicação?

418 **Aluno:** Quando a história começa a desenvolver, acontecer as coisas...

419 **Professora:** Isso, quando a nossa história começa a acontecer! A desenrolar a partir dessa complicação,
420 vai se desenvolvendo a partir dessa complicação. Nos contos de mistério o que é a complicação?

421 **Aluno:** Assassinato!

422 **Professora:** Assassinato, os que a gente viu até agora foi todos de assassinato, né!? Num é?

423 **Alunos:** Sim... Sim!

424 **Professora:** Do poço e o pendulo, foi o sumiço do rapaz. Sempre tem uma pessoa amada tenta matar
425 ou não, mas todos circularam em volta desse assunto! E o clímax, que é novo pra gente? Qual é o
426 clímax? A nova palavrinha apresentada no quinto ano?

427 **Aluno:** É o final?

428 **Aluno:** Não, é o meio da história

429 **Professora:** Vai aparecer no meio da história, mas o que ele traz esse meio? O assassinato foi aqui, ai
430 aqui começa a resolver a história, ai aqui acontece alguma coisa muito importante. Então, o clímax é
431 uma coisa que acontece bem importante na história que vai encaminhar essa história pra? Desfecho
432 que é a conclusão da história, a resolução do mistério. Então hoje nós temos que identificar na história
433 a introdução a complicação e o clímax da nossa história.

434 (Professora escreve Introdução, complicação e clímax na lousa)

435 **Professora:** Nós já lemos essa história no semestre passado, pra identificar, quem, quando, como, onde

436 e por quê? Hoje temos novamente a história pra identificar a introdução, o clímax, e o desfecho! A
 437 história do livro do aluno está na página cinquenta e quatro. Farei a leitura e vocês acompanharão.
 438 Abram então o livro do ler e escrever. página cinquenta e quatro, a história de hoje " Se eu Fosse
 439 Sherlock Holmes" do autor Medeiros e Albuquerque.

Recorte 5.2 - Áudio 2

Nota-se, novamente, no áudio do quinto ano, a abertura para o diálogo durante o momento da leitura diária do conto "Forró no céu". Após a leitura, a professora abre espaço para a discussão, momento em que os alunos comentam que a história é parecida com a da festa no céu, observando a troca dos personagens. Ressalta-se a mediação que a professora faz durante a interpretação da leitura, levando os alunos a resgatarem conhecimentos, da mitologia grega (Ícaro), fatores de religiosidade (Nossa Senhora Aparecida, São Pedro). Conforme recorte 2.1 abaixo:

Recorte 2.1

135 **Aluno:** Pareceeee, a festa no céu!
 136 **Professora:** A festa no céu, mas ó qual a diferença da festa no céu?
 137 **Aluno:** É que lá e a garça, a tartaruga...
 138 **Professora:** Ai essa história ta misturada com qual outra história? Quem que tinha asas de cera? Era
 139 de outro povo essa história, quem que conta a história que tem a asas de cera?
 140 **Aluno:** gregos! Eu num lembro o nome dele. Ele chegou no céu, asas derreteram porque ele chegou
 141 perto demais do sol. Que vivia numa ilha lá.
 142 **Professora:** O Ícaro!
 143 **Alunos:** Isso!
 144 **Professora:** Filho de Dédalo!
 145 **Aluno:** Tem um livro que ele chega no espaço, ai tem uma constelação lá que chama Ícaro.
 146 **Professora:** O livro chama "O sonho de Ícaro"
 147 **Aluno:** Ele tem asas!
 148 **Professora:** Isso, o pai dele o Dédalo, era um grande engenheiro, um grande criador, ele que criou o
 149 labirinto pra criar o Minotauro.
 150 **Aluno:** Que era metade gente, metade boi!
 151 **Professora:** O Minotauro era meio Deus, ele era filho de um Deus! Então ele também não poderia ser
 152 tratado de qualquer jeito né. E foi Dédalo que criou o labirinto e ele foi trancado nesse labirinto,
 153 junto com o seu filhinho, ai ele criou as asas de cera pra fugir desse labirinto, só que Ícaro quando se
 154 viu voando ficou maravilhado, assim como nosso sapinho, esqueceu da vida e voo para muito pertinho
 155 do sol, as asas derreteram, ele caiu e morreu. Dizem que as ilhas gregas que tem lá, em formato de
 156 asas, é em homenagem as asas que o Ícaro perdeu. Então a nossa história tem ó, coisas misturadas.
 157 Nós temos a invenção para explicar, porque o sapo é manchado que vai confundir com as histórias dos
 158 mitos. Vai ser uma cultura popular junto, e ainda pegou um misticismo, a nossa fé! Envolveu São
 159 Pedro, e?
 160 **Aluno:** eeeeeeee, Nossa Senhora Aparecida!
 161 (Professora concorda com a cabeça)
 162 **Professora:** Nossa Senhora,
 163 **Aluno:** mais porque São Pedro?
 164 **Professora:** Gente vocês tem que guardar as crendices do povo, Pedro era uma dos 12 apóstolos de
 165 Jesus, vocês sabem disso?
 166 **Alunos:** Siim!
 167 **Professora:** Ele era o mais velho! quando Jesus Cristo morreu, ressuscitou, passou por todo aquele
 168 processo, dai uns anos foi Pedro que fundou a igreja católica! Então quando ele morreu ele se tornou
 169 santo. Porque foi ele que conseguiu fazer uma igreja e essa igreja e a mesma que a gente conhece hoje!
 170 É a mesma igreja de agora, foi Pedro que fundou, por isso que fala que Pedro tem a chave do céu!
 171 Porque foi ele que começou tudo isso! Então ó tem misticismo tem a crendice do povo, para poder
 172 explicar... Mas tem a fé quando junta São Pedro, e a Nossa Senhora que aparecem na história. Vem

173 explicar o que essa história?
 174 **Aluno:** porque o sapo virou o sapo!
 175 **Professora:** Parece que o sapo não tem osso, vocês já repararam? Se você tiver um espacinho desse
 176 tamanquinho na sua porta e ele resolver entrar na sua casa, ele se achata, se achata se esguia, se
 178 estreita por aqui ali, passa e entra.
 179 **Aluno:** É porque ele é bem elástico!
 180 **Professora:** Então tá aí a explicação porque ele é tão elástico! Ele caiu do céu! (Risos)

Nota se também, nesse episódio de ensino, a relação que a professora faz entre o estudo de provérbios, apresentados pelos alunos, com a leitura do conto de mistério "Se eu fosse Sherlock Homens", conforme o recorte 2.2 abaixo:

Recorte 2.2

292 **Professora:** A Ana Júlia por morar no sítio, teve que fazer sozinha! O dela é os provérbios e as frases
 293 feitas! O que são os Provérbios? Lê lá pra gente!
 294 **Aluno:** São relacionados a aspectos da nossa vida. São utilizados nos dias atuais.
 295 **Professora:** E as frases feitas? O que são?
 296 **Aluno:** Com poucas palavras, dão sentido do contexto a ideia central. Todos não usamos quantas
 297 vezes nos proferimos
 298 **Professora:** Cadê seu óculos? Então é assim a frase feita, ó a gente tá lá conversando, de repente a
 299 gente fala assim ó "deixa de dar esse sorriso amarelo". O que é um sorriso amarelo?
 300 **Alunos:** Dente podre? Não Pedro é quando tá sem graça
 301 **Professora:** Isso sem graça, sabe quando a pessoas fica lá com cara de deboche, igual alguém que a
 302 gente conhece! Então dá um sorriso amarelo, sem graça, forçado! Qual outra frase feita que tem?
 303 **Aluno:** " Vai lamber sabão!"
 304 **Professora:** Isso, "vai lamber sabão", onde que a gente uso essa frase?
 305 **Aluno:** Quando fala palavrão!
 306 **Professora:** Palavrão! (Concorde com a cabeça) ou quando a gente tá de saco cheio daquela pessoa
 307 que não para de falar só fala bobeira, aí a gente fala assim " vai lamber sabão".
 308 **Aluno:** O dia Walkiria, O tia Walkiria! Minha vó passo um vez na minha boca, entro até no meu
 309 nariz assim, nossa.
 310 **Professora:** Então os provérbios, são frases elaboradas que fazem a gente pensar um pouquinho, Por
 311 exemplo, " água mole me pedra dura tanto bate até que fura" o que quer dizer?
 312 **Aluno:** A água é mole, mas se ela fica pingando direto em um lugar fura.
 313 **Professora:** (Concorde com a cabeça) Isso, se a água que é molinha, passa pela gente, até gostoso
 314 sentir né, mas se você deixar uma torneira pingando no chão durante anos e anos. aquele gotinha
 315 macia faz o que no cimento?
 316 **Aluno:** Ela fura!
 [...]
 480 **Professora:** E será que essa história do Doutor Cave, vai dar certo naquele ditado, " quem vê cara não
 481 vê coração"?
 482 Nesse episódio observamos Também que a professora depois da discussão do texto oferece novamente
 483 uma atividade de estudo da narrativa, onde ela pede a descrição dos personagens, descrição do
 484 ambiente e as marcas de tempo como mostra o recorte abaixo:
 485 **Professora:** Quando nós começamos a ler essa história, nós tínhamos, três ações pra fazer. Descrições
 486 das personagens, descrição do ambiente e as marcas de tempo! Vamo lá! Volta lá na página sessenta e
 487 dois, Presta atenção! Vocês perceberam que tem alguns travessões que estavam na fala do narrador?
 488 Que tem algumas coisas erradas na hora que digito o texto, então tem hora que tem umas marcar
 489 erradas aí no texto! Porque quem escreve uma história é uma coisa, depois quem vai digita pra
 490 imprimir é outra coisa né! Então as vezes erra e não percebeu porque não é o escritor! Porque a pessoa
 491 que vai copiar pro computador nem sempre conhece as regras da língua portuguesa, ele só tem a
 492 função de digitar! Aí ele não prestou muita atenção, então sai palavrinhos errados! saia travessão
 493 errado, e a tem que tomar cuidado. Então vamo lá!

Recorte 5.3 – Áudio 3

O áudio três é recortado em dois momentos, diante da leitura do texto " Nas ruas do Brás" podemos notar que a professora faz uma análise com os alunos, recorrendo a fatores históricos, mundiais e os afunila para as vivências cotidianas dos alunos, ou seja, a própria

cidade, fazendo com que aconteça, assim, um vai e vem, na relação existente entre obra/autor/leitor, que Jauss (1979, p. 56) classifica, na teoria da Estética da Recepção, como hermenêutica literária.

[...] entendo que a hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação de tensão entre texto e atualidade como um processo, no qual o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai e vem de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico.

43 **Professora:** [...] Silêncio né, gente! Essa história ta contando uma das partes da história mais tristes do
44 nosso planeta!

45 **Aluno:** Verdade! Quando a bomba caiu em uma cidade do Japão!

46 **Professora:** Exatamente, e vocês perceberam o impacto dessa bomba?

47 **Aluno:** Evaporou a água!

48 **Professora:** Vocês ouviram que eu falei, que eu acabei de lê?

49 **Aluno:** Sim, o impacto foi tão grande, que fez um cogumelo tão grande de fumaça, que deixou o céu
50 todo escuro. Daí desapareceu toda água!

51 **Professora:** Olha só! " A explosão levantou um enorme cogumelo de fumaça, que escureceu o céu e
52 liberou um calor absurdo, desconhecido do homem até então. Todos os prédios ruíram, a água da
53 cidade evaporou em uma fração de segundos, quem estava perto desapareceu sem deixar vestígios.

54 Quando a poeira radioativa da bomba baixou caiu uma chuva negra que queimou a pele dos que
55 tinham escapado da explosão e perambulavam pela cidade destruída atrás dos parentes e de água para
56 beber. Morreram 100 mil pessoas em Hiroshima!"

57 **Aluno:** Noooooossaaaa, verdade?

58 **Professora:** Verdade! lembra que eu falei que ele ta contando a vida, esse livro é uma biografia? Fala o
59 que aconteceu realmente.

60 **Aluno:** Você viu Tia, na verdade a temperatura da bomba é tão grande que desintegrou todos os
61 corpos!

62 **professora:** Exatamente! As pessoas viraram pó!

63 **Aluno:** Meu Deus viraram, areia pura!

64 **Aluno:** Eu vi na televisão, que a temperatura a hora que a bomba caiu foi maior que o sol!

65 **Professora:** Exatamente! Olha a potência dessa bomba! Olha a explosão, mata 100 mil pessoas assim ó.

66 **Aluno:** Hiroshima?

67 **Professora:** Hiroshima! Depois a história vai se repetir em Nagazaqui!

68 **Aluno:** Nossa já pensou se acontece aqui em Arealva! Nossa eu pegaria uma bicicleta

69 **Professora:** E aí o homem que inventou a bomba ficou louco! Porque ele tinha inventado mais não pra
70 isso! Ele tava pensando no problema da radioatividade, pra fazer o primeiro submarino, que foi
71 radioativo! Ele pensou nessa explosão pra movimento, não pra assassinato! Porque foi um assassinato
72 que aconteceu! Uma pessoa insana, uma pessoa que não tem juízo, porque mata tantas pessoas por
73 causa de poder.

74 **Aluno:** o poder incontrolável e Puum!

75 **Professora:** E lá na Europa, quem são os países da Europa que a gente aprendeu?

76 **Aluno:** Espanha, Portugal, Itália, Alemanha!

77 **Professora:** isso, a Holanda, que mais? A Rússia. Estavam todas guerreando! Todas umas contra as
78 outras. Fizeram grupos, e um guerreava contra o outro! Os Estado Unidos como sempre, ponha o bico
79 em todas as guerras, e foi lutar contra o Japão, que era contra os aliados dele, o Japão estava apoiando
80 a Itália nessa história. A Itália e a Alemanha eram as cabeças dessa guerra! Ai vinham os países que
81 apoiavam, nessa guerra o Brasil foi ajudar também! Muitas pessoas, muitos brasileiros morreram
82 nessa guerra.

83 **Aluno:** Professora o pai do Carlos!

84 **Professora:** Isso, o pai do Carlinhos. Esse Carlos, era um professor de matemática que a esposa dele
85 chama Rosana. Faz pouco tempo que ele morreu também! Aquela sorveteria que agora é lanchonete
86 entre o Fabinho e o seu Nelsinho, ali tinha uma sorveteria, ele era o dono! Num lembro como ele
87 chamava, acho que era Chico Romão. Num lembro! Bom eles eram chamados de pracinhas brasileiros.

88 **Aluno:** Em que cidade ele foi pra lutar?

89 **Professora:** Não sei. O meu avô se preparou pra essa guerra, só que ele não foi chamado. É criança,

90 temos histórias terríveis! Por isso que temos que estudar, conhecer o passado! Porque os erros do
 91 passado, são a inteligência do futuro, Por quê? Porque a gente aprende com os erros, ninguém ta livre
 92 de errar, só que se continuar cometendo os mesmo erros aí já e burrice né!
 93 **Aluno:** A minha psicóloga falou, que a gente não aprende com os erros, mais com o conserto dos erros.
 94 **Professora:** Mais é lógico, tem que aprender, ou você gosta de sempre ficar batendo a cabeça na
 95 parede, temos que aprender com os erros, para não repeti-los. Hoje tem “trocentos” modos de bomba
 96 atômica.
 97 **Aluno:** Bomba nuclear, bomba tecnológica, de bactéria.
 98 **professora:** Hoje em dia quando alguém quer fazer o estrago, eles pensam em bombas poderosas,
 99 nuclear, devastadoras mesmo! Ou nuclear ou aquelas que têm os agentes vivos, que jogam vírus e
 100 matam as pessoas bem rapidinho.
 101 **Aluno:** Mais eles compram as bombas?
 102 **Professora:** Eles fabricam, há engenheiros, pessoas que dedicam a vida, quinze, vinte anos estudando
 103 para acabar fazendo bomba pra mata os outros. Gastou tanto tempo, tanta inteligência pra fazer o
 104 mal. As vezes duzentas pessoas passam a vida, salvando vidas, e usa os estudos e acaba com um monte
 105 de gente de uma vez.
 106 **Aluno:** Ontem passou na tv, eu assisti né, um cara que ele não tava deixando ninguém corta a floresta,
 107 as árvores da floresta sabe, aí foram lá e mataram esse homem.
 108 **Professora:** É, bem por aí, tem uma história de Chico Mendes, bem parecida. " Distantes dessas
 109 atrocidades, na Henrique Dias, Italianos, Portugueses e Espanhóis, viviam em paz, eram tantos
 110 imigrantes que quando fomos para lá as pessoas diziam: "Mudaram-se os brasileiros." E Porque que
 111 esses Italianos, Espanhóis e Portugueses vieram mesmo?
 112 **Aluno:** Que acharam que aqui iriam ter uma vida melhor, né.
 113 **Professora:** Mas o que estava acontecendo lá?
 114 **Aluno:** A guerra!
 115 **Professora:** Qual guerra?
 116 **Aluno:** A Segunda Guerra Mundial!
 117 **Professora:** Quando eles vieram era á?
 118 **Aluno:** Primeiraa!

Nota-se, também, o trabalho com a escrita, apresentando uma atividade de pontuação, como mostra o recorte 3.2, abaixo:

Recorte 3.2

165 **Professora:** Ó agora é hora de ouvir! Na aula de pontuação hoje! Nós vamos aprender os verbos, que
 166 são as palavras que indicam que alguém vai falar. Quais são as palavras, quais são essas palavrinhas
 167 que nós chamamos de verbo! Porque indicam ação. Agora é hora de ouvir! Que indicam ação, por isso
 168 que vão indicar quem vai falar, que anuncia a fala da personagem, depois nós vamos aprender como
 169 marcar essas falas, usando as aspas, usando dois pontos e travessão. Você ouviu Natã? Então hoje a
 170 gente precisa presta atenção, porque é nisso que nós estamos mais errando na hora de fazer a nossa
 171 produção de texto. Então hoje não dá pra conversa! Natã e Cauana, o que está acontecendo que as
 172 duas não sossegam?
 173 **Aluno:** Nada tia Wal.
 174 **Professora:** Ó todo mundo pego o livro? A primeira atividade tá na pagina 34. Depois eu marco a
 175 outra. Olha o que está falando, as marcas linguísticas do discurso direto.
 176 (Crianças se agitam)
 177 **Professora:** então vamos lá página 35, alias 34! Olha o que eu quero, na página 34 vocês tem uma
 178 pedacinho da história do marreco lembra? O marreco que precisava ter documento, porque ele poluía
 179 o meio-ambiente, ta lembrado? Eu quero que vocês leiam e com o lápis de escrever tente buscar, tente
 180 achar as palavras que apresentam as falas da personagem. quando nós vamos escrever, a gente não
 181 coloca assim ó, vou dar um exemplo, presta atenção! A gente num coloca assim" branca de neve
 182 disse:".
 183 (Professora escreve a frase na lousa)
 184 **professora:** A palavrinha disse é um verbo! Que vai anunciar que ele vai fala alguma coisa, o verbo
 185 dizer! Mas a gente não usa só o disse, qual outras palavrinhas a gente costuma falar?
 186 **Aluno:** Falou!
 187 **Professora:** falou. Qual outra?
 188 **Aluno:** Murmurou!
 189 **Professora:** Murmurou, Pensou, disse já falaram, então eu quero que vocês grifem, eu quero

192 que vocês grifem, o texto, grifem a palavrinha que aponta que a personagem vai falar! São cinco para
193 nove! Vocês tem até nove e dez para fazer isso! Lendo o texto e grifando a palavrinha que apresenta a
194 fala da personagem! (Segue atividade em anexo).

Notamos nos áudios estudados no quinto ano, a abertura para o diálogo com os alunos o que não acontece nos áudios anteriores dos outros anos do Ensino fundamental. Observa-se também a preocupação da professora com o ensino da escrita, pautada no texto, para assim ensinar a produção escrita para os alunos, sem perder o caráter Emancipatório da obra literária.

Para possibilitar uma visão geral dos dados coletados, segue o quadro dos pontos positivos e negativos observados nas aulas de Literatura Infantil na escola pesquisada.

Quadro 3: Pontos positivos e negativos levantados pela pesquisa

LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA		
ANO ESCOLAR	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
1.º ANO	Rotina; Atenção à curiosidade dos alunos; Preocupação com o comportamento leitor. Rotina de leitura.	Escolarização da literatura para fins pragmáticos, como a discussão de valores. Professora não se reconhece como leitora, uma vez que não faz a leitura prévia dos livros. Pouca margem para o diálogo e investigação dos horizontes de expectativas dos alunos.
2.º ANO	Não houve atividades relevantes as serem analisadas. Promoção de uma “Roda de leitura”, apesar de não ser bem fundamentada.	Uso da literatura para fins pragmáticos. Não valorização dos horizontes de expectativas dos alunos. Pouca margem para o diálogo das crianças.
3.º ANO	Organização do “Cantinho da leitura”. Rotina de Leitura. Demonstra preocupação com o ato de ler. Prepara diferentes modulações vozes e movimento de corpo para a apresentação da leitura. Discussões sobre os textos lidos.	“Desatenção” às obras que os alunos já conheciam. Não reconhecimento do próprio material de trabalho (conteúdo do Livro de Textos dos Alunos – Ler e Escrever)
4.º ANO	Preocupação com a escrita.	Falta de sistematização do conhecimento. Não conhece bem os objetivos da leitura diária. Muitas vezes, nem abre para a discussão, faz a leitura como se fosse um “tapa buraco”.
5.º ANO	Leva em conta os horizontes de expectativas dos alunos. Media a relação: obra/leitor/ contexto. Preocupação com a escrita. Valoriza contexto e história de vida das crianças, colocando-as imersas no texto literário	Falta de tempo para o aprofundamento de conceitos específicos da constituição da uma narrativa.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que o ensino da Literatura Infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental, da escola pesquisada, está organizado de uma maneira que visa à integração do texto literário a rotina escolar, por meio da leitura diária e vários outros projetos desenvolvidos na escola, vinculados à Literatura Infantil. Assim, podemos dizer que a literatura é usada como um instrumento catalisador para o desenvolvimentos de outros saberes. É relevante aqui trazer a afirmação de que a Literatura Infantil é "uma literatura mais do que simples divertimento, é um fecundo instrumento de formação humana, ética, estética, política, etc." (COELHO, N. N. apud SOARES, 1996, p. 19).

Essa integração do texto literário à rotina escolar fica evidente dentro dos episódios de ensino, sendo que, em cada ano escolar, este foi trabalhado de uma maneira diferente, segundo as práticas dos professores aqui analisadas. Desse modo, no 1º, 2º, 3º e 4º anos, o texto literário é usado como pretexto para ensino de conteúdos escolares e, no 5º ano, a professora trabalha o texto literário como instrumento de formação e emancipação humana. Sobre a forma de trabalhar a Literatura Infantil na escola, também é oportuno trazer, a esta altura do trabalho, a afirmação de Soares (1996) de que o literário dentro da escola, de uma maneira ou outra, sofre uma escolarização, mas que pelo menos, essa seja adequada e que conduza, com maior êxito as práticas de leitura dentro da escola,

O que se quer deixar claro é que a literatura sempre é, inevitavelmente, escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura - aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar - e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura - aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à literatura. (SOARES 1996, p. 25)

A escolarização adequada da Literatura Infantil, por conseguinte, atende a função de conhecimento, pois, ao alargar os horizontes de expectativas dos alunos. Tendo por conseguinte, a formação de conhecimento, ao alargar os horizontes de expectativas dos alunos, leva-os à emancipação.

Respondendo, então, a pergunta-problema da pesquisa, na turma do 1º ano, não acontece o desenvolvimento do letramento literário ao mesmo tempo que a literatura atua como instrumento catalisador para a aprendizagem da leitura e escrita. A professora não dá margem ao diálogo após a leitura do texto, e nem leva em consideração os horizontes de expectativa dos alunos. Apenas segue suas expectativas, percepções e devaneios diante do

texto literário. A mesma, ocorrendo com o 2º ano, enfatizando ainda mais a Leitura em seu fim pragmático, isto é, usa-a apenas para ensinar bom comportamento as crianças. Na turma do 3º ano acontece um trabalho um pouco mais elaborado levando em consideração o ambiente para a leitura e a cobrança da parte da profissional docente sobre a valorização do ato de ler. Porém, a margem para o diálogo e manifestações diante da obra literária acabam sendo podadas pela professora. Ao observarmos o 4º ano, há uma inversão dos objetivos Leitura Diária, que propõe a leitura de textos literários, que permitem para além da fruição, também a reflexão e a percepção tanto de si quanto do outro, favorecendo o desenvolvimento intelectual, social e psicológico do leitor. Finalmente, nas ações com turma do 5º ano, percebemos que a leitura infantil vem não apenas como uma ferramenta de ensino ou de prazer, mas sim, como uma estratégia de união entre o aprendizado, a promoção da percepção de si, do outro e do próprio mundo em que vive e que compartilha com esse outro. Ação que permite diálogos, promovendo tanto o aprendizado quanto a reflexão, não apenas da obra lida, como também, de fatos do passado e do presente, como estes influenciam em nosso futuro. A influência dessas ações, modelizadas, de forma fictícia ou verídica permite ao aluno desenvolver um novo olhar e compartilhá-lo com seu próximo.

Com a apresentação de como a Literatura Infantil é trabalhada nos 5 primeiros anos do ensino fundamental, entendemos que o objetivo geral proposto para a realização da pesquisa foi alcançado.

Quanto aos objetivos específicos, o primeiro: (descrever como o ensino da Literatura Infantil está organizado (rotina de ensino) no 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º anos do ensino fundamental) foram atingidos, pois, o resultado da análise demonstra que durante todas as ações de leitura em todas as turmas observadas, o texto literário esteve presente, mesmo que de forma ceifadora, em algumas turmas, promovendo um diálogo, ainda que este não tenha promovido a reflexão pretendida.

Já o segundo objetivo específico que se propôs identificar os gêneros literários utilizados, consideramos tê-lo atendido, pois os instrumentos de coleta de dados, somados com o acesso ao material adotado pela escola e mais o acompanhamento dos alunos quando em visita na biblioteca escolar, foi possível fazer o levantamento dos gêneros trabalhados em cada ano escolar, os quais foram apresentados no quadro 02 (Quadro de textos estudados nos cinco anos do ensino fundamental presentes nos áudios), capítulo 4.2 - Situações de Ensino recortadas por ano escolar, deste trabalho.

O terceiro objetivo que trata de verificar se o procedimento de ensino da Literatura Infantil visa articular as atividades com o texto literário, utilizando-o como um constituinte do

interdiscurso dos alunos, como conteúdo para a produção textual escrita, pode ser constatado o seu alcance por meio da observação dos textos dos alunos que constam no Anexo. Estes textos são derivados dos projetos individuais de cada sala, que se encontram no quadro 01 - O instrumento da gravação das aulas de Literatura Infantil em áudio e a transcrição dessas aulas possibilitaram a descrição do modo e o objetivo com que os textos literários foram trabalhados, permitindo compreender a forma como a escola estrutura o trabalho com a literatura infantil e, se através dessa, promovem a visão de mundo e a percepção do outro, ou seja, humanizando, essa leitura.

A inferência dos objetivos do trabalho com cada texto literário, estudado em cada turma possibilitou que observássemos a articulação do trabalho com o texto literário, com o trabalho da escrita, com o objetivo de verificar se o primeiro (literatura infantil) servia como instrumento catalisador para o ensino da produção textual escrita. Sobre isso, também o resultado foi diferente entre os anos escolares. No 1º, 2º, 3º, 4º, anos, a literatura infantil não serviu como instrumento catalisador para o ensino da escrita serviu apenas de pretexto para ensinar bom comportamento. No 5º ano, a Literatura Infantil serviu como instrumento catalisador para o ensino da produção textual escrita, pois a professora utilizava potencialmente o texto literário para ampliar os horizontes de expectativas dos alunos e, por conseguinte, este era constituinte do interdiscurso dos alunos e, por sua vez, esse interdiscurso era conteúdo temático para a produção textual.

Diante desse resultado obtido pela análise dos dados, percebemos que há muito por se fazer em relação ao ensino da Literatura Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A importância da Literatura Infantil para o aprendizado da criança não vem por apropriação desta, mas sim, para a grande maioria dos docentes, pelas exigências dos órgãos burocráticos que norteiam as diretrizes educacionais. Esse fato é agravado pelos professores por não terem o perfil de leitor e não explorar na leitura, o prazer. Assim, não dão conta da transcendência de se por no lugar da personagem, de se articular com o tempo vivido pelo escritor (contextualização de tempo), de perceber as dicotomias no enredo, ao observar o bem e o mal e não conseguir transpor todos esses saberes dentro do contexto histórico real, percebendo a História dentro de uma ficção, percebendo as intenções do autor, em nos mostrar essa realidade fictícia, pois não precisa apenas saber ler, ou ter o prazer pela leitura, para apresentá-la aos pequenos, mas também conhecimento de mundo pra fazer essa transposição. Ou seja, o professor precisa dominar sua ferramenta de trabalho, o conhecimento, historicamente construído pela humanidade, onde não será um “ensinador”, mas sim o

mediador que possibilitará seus alunos a quererem, através do contexto literário, buscar novos saberes, assim como querer aprender essa construção do conhecimento humano. Quiçá como forma, inclusive de conhecer a si mesmo e sua relação com esse mundo.

Inferimos, que para muitos professores, a Literatura ainda é vista em seu teor pragmático, sem pensar no aluno como um ser humano em formação, que precisa de vivências para se constituir como sujeito crítico dentro de uma sociedade. Como pudemos perceber, quando conseguimos estabelecer a relação entre o texto e as percepções, do leitor desenvolvemos a leitura crítica, que evolui para a criativa e permite ao leitor transcender a leitura. Portanto, se conseguirmos fazer com que a criança tenha uma boa experiência com a leitura, que sua percepção possa ser revelada, rechaçada, discutida, validada por si e por outros para que essa transcendência ocorra, ou seja, que saia da comodidade da leitura pelo prazer e a ultrapasse para a promoção do ser humano como cidadão consciente.

Aprender a ler não é uma atividade natural, que a criança aprenda sozinha, entre livros e leitores há os professores que precisam ser os mediadores, que serão o modelo mais importante de leitor para cada um de seus alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício. Por isso, precisa revelar-se um leitor dedicado e ser referência para os pequenos. Cabe ao professor, desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de uma aproximação significativa com os livros, para isso, como já dissemos, ele precisa ser leitor. Não há receitas a seguir, cada professor de acordo com sua história de leitura e as necessidades de seu alunado tem condições de perceber o melhor caminho a ser trilhado. No entanto, para que haja sucesso na formação do leitor mirim, precisamos efetivar uma leitura, sedutora, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos usarem a leitura para viverem melhor, por fim descortinar o mundo. E o professor para ajudar o seu aluno a descortinar esse mundo, além de ser um bom leitor, precisa tomar como sua aliada a formação continuada, para que vitalize seus saberes constantemente, reaprenda conceitos, enquanto aprende outros novos conceitos, nesse mundo globalizado e dinâmico. Enfim, terá que ser um eterno estudioso.

6. REFERÊNCIAS

- CADERMATORI, L. **O que é literatura infantil**. 2.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 1.^a ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CARVALHO, J. G. H. **Teoria da Linguagem; natureza do fenômeno linguístico e análise das línguas**. 2.^a ed. Coimbra: Atlântica, 1967.
- CHALHUB, S. **Funções da Linguagem**. 5.^a ed. São Paulo: Ática S. a., 1987.
- COELHO, N. N. **Literatura e linguagem**. 3.^a ed. São Paulo: Queiroz, 1980.
- EVANGELISTA, ARACY A. M. et al. **Escolarização da leitura literária**. 2.^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 1.^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GANCHÓ, C.V. **Introdução à poesia**. 2.^a ed. São Paulo: Atual, 1989.
- ISER, Wolfgang. **A interação do texto como leitor**. 7.^a ed. In: A Literatura e o leitor. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- JAUSS, Hans Robert e outros. In: **A Literatura e o leitor**. 7.^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- LAJOLO, M. **O que é literatura**. 1.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6.^a ed. São Paulo: Ática, 2005.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. **Usos e abusos da literatura na escola**. 1.^a ed. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 3.^a ed. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, MA; LAKATOS. **Em Técnicas de pesquisa**. 2.^a ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- MARTINS, M. H.; et al. **Questões de Linguagem. São Paulo**. 7.^a ed. Contexto, 2004.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1997.
- PROENÇA FILHO, D. **A Linguagem Literária**. 1.^a ed. São Paulo: Ática S.A, 1986.

SMOLKA, A. L. B.; et al. **A dinâmica discursiva no ato de escrever: relações oralidade-escritura. In: A linguagem e o outro no espaço escolar: 4.^a ed.** Vygotsky e a construção do conhecimento. Campinas, SP: Papirus, 2001.

7. Apêndice

7.1.1: 1.º ano

- 1 Áudio 12 - 1º ano
- 2 (Crianças sentam em duplas. Professora escolhe quais crianças vão sentar juntas.)
- 3 Professora: Conversou muito, a tia muda, hein! Combinado? Então vamos lá. Num quero
- 4 ninguém fazendo nada agora. Agora é hora de rezar. Isso faz depois!
- 5 Todos: Em nome da Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém. Santo anjo do senhor meu
- 6 zeloso guardador se a Ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarde, me
- 7 governe, me ilumine. Amém! Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, Amém.
- 8 (Crianças cantam)
- 9 Todos: Bom dia! Meus coleguinhas, de volta à escola estou. Deixei a mamãe em casa, sua
- 10 amiga agora eu sou. Palma, palma, palma. Pé, pé, pé. Roda, roda, roda nossa escola alegre é!
- 11 Hei!
- 12 Professora: Vamos lá! Tirem a bolsa do caminho! Stefany! Peguem o estojo coloquem em
- 13 cima da mesa. Vamos lá pegar o estojo!
- 14 Aluno: O meu tá, com você, tia.
- 15 Professora: Não senhor, ontem eu te devolvi, olha na bolsa!
- 16 Aluno: Nossa, tá aqui!
- 17 Professora: Né senhor! E já tava culpando a professora.
- 18 (Risos)
- 19 Professora: Ontem, foi dia 26. Então, hoje é dia?
- 20 Alunos: 27!
- 21 Professora: Carlos faz o número 27 pra mim, na lousa, por favor!
- 22 (Aluno vai até a lousa e faz o número)
- 23 Professora: Carlos, esse número é par ou é ímpar?
- 24 Aluno: Ímpar!
- 25 Professora: Por que é ímpar?
- 26 Aluno: Porque termina em sete. Sete é ímpar.
- 27 Professora: Certo! E se eu mudar a posição do número, qual número que forma?
- 28 Aluno: 72.
- 29 Professora: Isso, setenta e dois. Olha só classe, eu perguntei pra ele se vinte e sete é par ou
- 30 ímpar, ele respondeu que é ímpar, tá certo?
- 31 Alunos: Siiim.
- 32 Professora: E se eu mudar a posição do número?
- 33 Aluno: Fica setenta e dois!
- 34 Professora: Lembra que a tia deu essa atividade pra vocês fazerem? Só a Amanda... Acho que
- 35 foi só quatro ou cinco e acertaram o resto errou. E a tia fala isso todo dia! Então, tá. Se ontem
- 36 foi segunda hoje é?
- 37 Alunos: Terça!
- 38 Professora: Que mês nós estamos?
- 39 Aluno: Outubro!
- 40 Professora: E o ano?
- 41 Alunos: 2015!
- 42 Professora: Como tá o tempo?
- 43 Alunos: Nublado!
- 44 Professora: Tá nublado! E a estação?
- 45 Alunos: Primavera!
- 46 Professora: Primavera é a estação das?
- 47 Alunos: Flores!
- 48 Professora: Então tá. Vamos lá. Vamos fazer a leitura do alfabeto. Deixa eu pegar a régua
- 49 aqui, não vou fazer seguido tá, a tia aponta e vocês falam. Tá?
- 50 Alunos: L- A - B - D - E - C - I - J - H - K - M - U - Z- N - R - S - T - V - Y - X -W.

- 51 Professora: Quantos meses o ano tem?
- 52 Alunos: Doze!
- 53 Professora: E qual são eles?
- 54 Alunos: Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro,
55 novembro, dezembro.
- 56 Professora: Certo. Agora eu vou fazer a chamada!
- 57 (Professora faz a chamada.)
- 58 Professora: Quantas faltas tivemos?
- 59 Alunos: Duas!
- 60 Professora: Duas. Agora nós vamos fazer a leitura diária. Na leitura diária o que temos que
61 fazer?
- 62 Alunos: Silêncio.
- 63 Professora: Então, vamos prestar atenção. O Livrinho que a tia escolheu foi "Bichos da praia",
64 tá? A autora é Ana e Roseli. Olha a foto delas aqui. Ela é artista plástica tem um ateliê e
65 gosta muito de ler e pintar. Então essa é quem fez a ilustração a Ana. Agora, essa é a autora.
66 "Meu nome é Roseli Tuân, porém não sou japonesa. Desde pequena, gosto de ver os bichos e
67 observar o que eles fazem. Sou bióloga e, hoje vivo rodeada de caramujos, mosquitos e
68 muitos livros. Tenho uma filha chamada Marina, que só usa calça jeans!"
- 69 Aluno: Quem que é a Maria tia?
- 70 Professora: Num falei nenhuma Maria!
- 71 (Risos)
- 72 Professora: Ah! Marina! É a filha da autora. É essa daqui!
- 73 (Risos)
- 74 Professora: Ah! Guilherme! Sempre tem um pra fazê a tia dar risada, né! "A praia é um lugar
75 para nadar e para brincar na areia. Lá vive muitos bichos! Vamos conhecer alguns deles?"
76 Quais são os bichos de praia? Quem sabe falar pra tia?
- 77 Alunos: Peixe, gaivota
- 78 Professora: Então vamos lá. "A ostra é um bicho de corpo mole, coberto por uma concha, ela
79 faz uma pérola, a partir de um simples grão de areia."
- 80 Aluno: Tia, na praia tem escorpião também.
- 81 Professora: Na praia? Tem no deserto, em lugares sujos, né. "A Maria Farinha parece um ET,
82 tem pinças robustas e olhos móveis! E é coberta por uma carapaça dura!" Olha essa chama
83 Maria Farinha.
- 84 Alunos: Parece um caranguejo!
- 85 Professora: "O ermitão precisa achar uma concha vazia para morar!" Alá quem é o ermitão,
86 desse lado aqui, ó. Ele mora numa concha vazia, ele é folgado. Olha lá o Lucas! "Qualquer
87 movimento da água ele percebe com sua linha lateral. No ar quente a gaivota voa em busca de
88 peixes que são seus alimentos".
- 89 Aluno: Ela come caramujo, também, não num é caramujo, é é caranguejo!
- 90 Professora: É. E já acabou a historinha! Nossa que historinha curta! Então vamos lá. Voltando
91 na historinha. Como chama a história?
- 92 Alunos: "Bichos da Praia"
- 93 Professora: Certo. Então, quais são os bichos da praia? Que tá aqui? Que foi mostrado?
- 94 Alunos: A gaivota, peixe!
- 95 Professora: Gaivota, peixe, que mais?
- 96 Alunos: Ostra. A farinha lá!
- 97 (Risos)
- 98 Professora: A Maria Farinha, Que é o caranguejo, né. E esse daqui como chama?
- 99 Alunos: Ermitão!

100 Professora: ERRmitão, Isso. E, aqui, a gaivota que vocês já tinham falado! Vocês conhecem
101 mais algum bicho da praia? Que mais que tem?
102 Alunos: Tubarão, baleia, golfinho, tartaruga.
103 Professora: Nossa, tem bastante. Nê. Ó A tia vai passa o livrinho pra vocês olharem tá!
104 Aluno: O Tia, as ostra no desenho do Bob esponja são passarinho.
105 Aluno: Num é ostra aquilo, é água viva! E queima aquilo.
106 Professora: Então vamos lá, pra começar nós vamos cantar. Primeira qual é?
107 Todos: "O Meu chapéu tem três pontas. Têm três pontas o meu chapéu! Se não tivesse três
108 pontas! Não seria o meu chapéu! " - " A galinha do vizinho bota ovo amarelinho. Bota um,
109 bota dois, bota três, bota quatro, bota cinco, bota seis, bota sete, bota oito, bota nove, bota
110 dez!" - " Eu vi uma barata na careca do vovô! Quando ela me viu, bateu asas e voou. Dó - ré -
111 mí - fá - fá - fá. Dó - dó - ré - ré - ré. Dê - sol - fá - mí - mí- mí. Dó - ré - mí - fá - fá - fá." - "
112 Pirulito que bate bate. Pirulito que já bateu. Quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou.
113 (Aula de Educação Física).

1 Áudio 13 - 1º Ano
2 (Professora organiza novamente a sala, colocando os alunos sentados em dupla)
3 Professora: Peguem o estojo, coloquem a bolsa no lugar certo pra professora não tropeçar!
4 (Risos)
5 Professora: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Santo Anjo do Senhor meu
6 zeloso guardador se, a Ti me confiou, a piedade divina, sempre me rege, me guarde, me
7 governe, me ilumine. Amém! Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. Amém.
8 (Crianças cantam)
9 Todos: Bom dia! Meus coleguinhas, de volta a escola estou. Deixei a mamãe em casa, sua
10 amiga, agora, eu sou. Palma, palma, palma. Pé, pé, pé. Roda, roda, roda, nossa escola alegre
11 é! Hei!
12 Professora: Opa, quase falaram caranguejo! Tão com sono? Quem me chamo? Fala, José.
13 Aluno: Tô com alergia, tia.
14 Professora: Alergia do quê?
15 Aluno: Frio.
16 Professora: Você não quer ficar aí, por conta do vento do ventilador? Senta lá atrás da Ana
17 Laura. Gabriel senta com ele lá, pra ele não ficar sozinho. Vamos lá.
18 (Professora faz chamada.)
19 Professora: Quantas faltas nós tivemos?
20 Alunos: Quatro.
21 Professora: Então, vamos lá, a tia pegou esse livrinho aqui para a leitura diária.
22 Aluno: "O livro da paz."
23 Professora: Isso. A tia já leu esse livrinho aqui. Porém, no dia faltou alguma criança e como a
24 tia tá precisando fala com vocês sobre paz, porque a coisa tá complicadinha, né? Vocês tão
25 brigando, não tão respeitando um ao outro. Então, a tia já leu, mais vai ler outra vez. O autor é
26 Tody Car. Ele já escreveu vinte e cinco livros. Então vamos lá. "O livro da Paz." - "Paz é tirar
27 uma soneca. Paz é aprender outras línguas. Paz é a chegada de novos bebês. Paz é ser livre.
28 Paz é viajar para lugares diferentes. Paz é ser diferente, sentir-se bem consigo mesmo e ajudar
29 o próximo. O mundo é um lugar maravilhoso graças a vocês! Paz é fazer novos amigos. Paz é
30 manter a água limpa para todos os peixes. Paz é ouvir diferentes tipos de música. Paz é dizer
31 desculpe quando você magoa alguém. Paz é fazer um pedido para uma estrela. Paz é ser. Paz
32 é ter pizza suficiente para todas as pessoas do mundo. Paz é manter alguém aquecido. Paz é
33 ajudar o seu vizinho. Paz é ler todos os tipos de livros. Paz é pensar em quem você ama. Paz é
34 dar sapato para quem precisa deles. Paz é plantar uma árvore. Paz é dividir a comida. Paz é
35 vestir roupas diferentes. Paz é olhar a neve caindo. Paz é manter as ruas limpas. Paz é poder
36 oferecer um abraço para um amigo. Paz é todo mundo ter um lar. Paz é cultivar um jardim."
37 Qual é o nome da história mesmo?
38 Alunos: "O livro da paz."
39 Professora: Vocês gostaram dessa historinha?
40 Alunos: Sim.
41 Professora: Do que fala essa historinha?
42 Aluno: Dê paz! Que ela pode ser encontrada em vários lugares.
43 Professora: Então vamos lá retomar. Paz é tirar?
44 Alunos: Uma soneca!
45 Professora: É tão bom, né? Você fica lá quietinho, né? O que mais pode ser paz? Falar todas
46 as?
47 Aluno: As Línguas!
48 Professora: Paz é a chegada de bebês! Quem falou três de uma vez? São trigêmeos, né.
49 Aluno: O tia!
50 Professora: Oi!

- 51 Aluno: Eu tenho duas irmãs, sábia?
- 52 Professora: É. Que legal. Você sabia que a tia não tem irmã. A tia é filha única. Paz é ser
53 livre! Olha lá. Paz é viajar para?
- 54 Alunos: Todos os lugares.
- 55 Professora: Olha lá, ó, presta atenção. Paz é ser diferente, sentir-se bem como você mesmo e
56 ajudar o próximo. O mundo é um lugar maravilhoso graça a você. Tem muita criança que, às
57 vezes, num tá contente com o jeito que é, com o que tem. Sempre quer o que o amiguinho
58 tem, o mundo não pode ser assim. A gente tem que ser feliz do jeito que a gente é. A gente
59 tem que se amar! Se a gente não se amar, quem vai gostar da gente se a gente não se ama?
60 Então primeira coisa a gente tem que se amar! Tá?
- 61 Aluno: Tia eu me amo. Muito ainda.
- 62 (Aluno beija os braços.)
- 63 (Riso)
- 64 Professora: Tá, chega. Olha lá. Ter paz, é fazer novos amigos, é sempre bom conhecer novas
65 pessoas crianças não só daqui da escola, mas no jardim, na praça. Gostoso fazer amigo.
- 66 Aluno: O Tia, antes deu entrar na escola eu já conhecia todo mundo.
- 67 Professora: Então, vocês são uma sala que estão juntos desde o maternal. Num é legal isso,
68 conhecer bastante, gente fazer amigos.
- 69 Aluno: O, tia quando eu fui em Ubatuba. Lá na areia eu conheci um amiguinho.
- 70 Professora: A, lá ta vendo? Lá longe ele conheceu um amiguinho. É gostoso né! Agora essa
71 parte aqui eu quero conversar com vocês. Paz é pedir desculpas quando você magoa alguém.
72 Vocês concordam com isso?
- 73 Alunos: Simm.
- 74 Professora: E o que ta acontecendo aqui na sala, magoando os amiguinho e não estão pedindo
75 desculpas. Vocês não podem fazer com os outros o que não gostariam que fizessem com
76 vocês. E outra coisa a tia vai fala, às vezes a gente faz alguma coisa pro amiguinho não com
77 intenção de magoar, mas magoa! Então peça desculpas. Outra coisa que tá acontecendo
78 também um dá um tapa e revida! A tia já pediu pra parar de fazer isso. Fala tia, “ele bateu em
79 mim”. Não é pra revidar, é pra conversar. Combinado? Mas agora, o que é paz para vocês?
- 80 Aluno: Descansar! Dormir!
- 81 Aluno: Comer uma pizza enorme e depois descansar.
- 82 Aluno: Brincar na piscina!
- 83 Professora: Isso, lembra que a tia falou que ia trazer uma adivinhas?
- 84 Alunos: Siiim!
- 85 Professora: Então elas estão aqui! Vamos começar? Pagina 51. Toda vez que a tia pega o
86 livro, ela vai aonde pra saber o que ela quer?
- 87 Aluno: Na página.
- 88 Professora: Como chama?
- 89 Aluno: Número?
- 90 Professora: Sumário ou índice. Puxa vida, ninguém lembrou. É um nome difícil né. Mas tudo
91 bem! Adivinhas! Página 51. "São luzes, mas não tem fios. São quietas e agitadas. Dormem
92 durante do dia à noite ficam acordadas."
- 93 Aluno: A luz!
- 94 Aluno: Eu sei, eu sei. As estrelas!
- 95 Professora: Isso.
- 96 Professora: "O que é o que é, quanto mais cresce menos se vê?"
- 97 Aluno: A escuridão!
- 98 Professora: Muito bem! "O que é o que é, voa, voa mas não tem asa. Leva a vida a assoviar.
99 Sopra, sopra não tem boca. Tem pé, mas vive no ar?"
- 100 Alunos: Nuvem, vaga-lume. O que é tia?

- 101 Professora: Vento!
- 102 (Aula de Educação Física).
- 103 (Aula de Inglês).

1 Áudio 14 - 1º Ano.
2 (Crianças sentam em duplas. Professora escolhe quais crianças vão sentar juntas.)
3 Todos: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Santo Anjo do Senhor, meu
4 zeloso guardador se a Ti me confiou à piedade divina, sempre me rege, me guarde, me
5 governe, me ilumine. Amém! Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.
6 (Crianças cantam)
7 Todos: Bom dia! Meus coleguinhas, de volta a escola estou. Deixei a mamãe em casa, sua
8 amiga agora eu sou. Palma, palma, palma. Pé, pé, pé. Roda, roda, roda nossa escola alegre é!
9 Hei!
10 Professora: Muito bem, tem gente que tá dormindo de olho aperto, hein, de tanto sono. Dora,
11 por que você faltou ontem?
12 Aluno: Meu pai num me acordou!
13 Professora: Aí, aí, aí, em! E tarefinha quem fez? Nossa. Vocês não tão fazendo a tarefinha?
14 Vocês nem estão mostrando pro papai e pra mamãe né?
15 (Crianças se agitam)
16 Professora: Ontem foi dia 28 então hoje é dia?
17 Alunos: 29!
18 Professora: Ana faz o número 29 pra mim na lousa por favor!
19 (Aluno vai até a lousa e faz o número)
20 Professora: Ana, esse número é par ou é ímpar?
21 Aluno: Ímpar!
22 Professora: Por que é ímpar?
23 Aluno: Porque termina em nove. Nove é ímpar.
24 Professora: Certo! E se eu mudar a posição do número, qual número que forma?
25 Aluno: 92.
26 Professora: Isso, noventa e dois. Olha só classe, eu perguntei pra ele se vinte e nove é par ou
27 ímpar, ele respondeu que é ímpar, ta certo?
28 Alunos: Siiim.
29 Professora: E se eu mudar a posição do número?
30 Aluno: Fica noventa e dois!
31 Professora: Isso. Que mês nós estamos?
32 Aluno: Outubro!
33 Professora: E o ano?
34 Alunos: 2015!
35 Professora: Como tá o tempo?
36 Alunos: Ensolarado
37 Professora: Ensolarado! E a estação?
38 Alunos: Primavera!
39 Professora: Primavera é a estação das?
40 Alunos: Flores!
41 Professora: Ok, vamos lá.
42 Aluno: O tia amanhã é a festa!
43 Professora: Festa aonde?
44 Aluno: Lá na minha casa!
45 Professora: Ah, sim. A tia vai fazer a leitura diária hoje de provérbios. Lembra que a tia, que o
46 Guilherme perguntou o que era provérbio e a tia explicou aquele dia, lembra?
47 Aluno: Siiim.
48 Professora: Então vamos lá a tia vai fazer e vocês veem se conhecem alguns. O livrinho é da
49 turma da Mônica que fala sobre folclore brasileiro. Como chama mesmo quando a gente vai
50 procurar alguma coisa no livro?

51 Aluno: Página!

52 (Risos)

53 Professora: Tem as páginas, mas como chama quando a gente olha pra achar mais rápido?
54 Sumário ou índice. Vamos então. Provérbios página 103. A tia vai ler outra vez o que são
55 provérbios tá? "Provérbios, são ditos populares, frases ou expressões que transmitem
56 conhecimentos comuns sobre a vida. Muitos deles foram criados na antiguidade. Porém estão
57 relacionados a aspectos do cotidiano. Por isso são utilizados até nos dias de hoje." Então os
58 provérbios são ditados populares. Vocês nunca ficaram atrás de um caminhão que tinha uma
59 frase escrita? Então aquilo lá são provérbios. É uma frase. Então vocês prestem atenção se
60 virem algum falem pra tia. Tá bom? Ahh! Esse, aqui, eu falo sempre! "Pimenta nos olhos dos
61 outros, é refresco." Alguém já ouviu?

62 Alunos: Jááá!

63 Professora: "Cão que ladra, não morde." "Devagar se vai longe." "Quem tem boca vaia
64 Roma." "Quem com ferro fere, com ferro será ferido." "O peixe morre pela boca." Olha a tia
65 vai mostrar pra vocês, tem quarenta provérbios aqui. Então vamos lá. "Quem planta, colhe."
66 "Quem avisa amigo é." Esse aqui a tia usa muito. "Pau que nasce torto, morre torto." "Quem
67 tem pressa come cru." "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura." "Em boca fechada
68 não entra mosquito." "Cada macaco no seu galho." Vocês nunca ouviram essa também?

69 Alunos: Eu já!

70 Professora: "Em terra de cego, quem tem olho é rei." "Ladrão que rouba ladrão, tem cem anos
71 de perdão." "Diga-me com quem tu andas, que ti direi quem és." "Santo de casa não faz
72 milagre." Já ouviram esse?

73 Aluno: Não!

74 Professora: Não. "Aqui se faz, aqui se paga." Vamos fazer assim pergunta pra mamãe que
75 ditado popular ela conhece. Daí, segunda-feira, vocês falam pra tia. Tá bom. Então
76 provérbios.

77 Aluno: Tia, eu conheço uma piada.

78 Professora: Uma piada? Então vamos lá, pode contar. Ó, gente, a Stéfany ta falando!

79 Aluno: Como é que transforma o suco em sucuri?

80 Professora: Num sei.

81 Aluno: É só fazer cócegas no suco, que ele se transforma em SUCO - RI.

82 (Risos)

83 Professora: Aí, que bonitinha! Vocês ouviram classe?

84 Alunos: Siiim!

85 (Risos, crianças se agitam)

86 Professora: Certo, tá. Então, a tia vai ver a tarefa:

87 (Professora olha a tarefa dos alunos.)

7.1.2: 2.º ano

- 1 Áudio 10 - 2º Ano.
- 2 (Primeira aula educação física, crianças agitadas)
- 3 Professora: Vamos lá gente, acabou a aula de Educação Física. Pode guardar esse dinheiro da
- 4 foto porque não sou eu que vou pegar! O que aconteceu com você?
- 5 Aluno: Cortei o pé lá no bosque!
- 6 Professora: Aí meu Deus! Você cortou o pé lá no bosque, e passou uma água pra tirar a
- 7 sujeira?
- 8 Aluno: Sim, a tia lavou!
- 9 Professora: Então, ó vocês tiveram aula de Educação Física, hoje é quinta feira. Vamos cantar
- 10 a musiquinha da semana?
- 11 Alunos: "Sete dias a semana tem! Quando um termina o outro logo vem! Sete dias a semana
- 12 tem! Quando um termina o outro logo vem! Hoje é quinta feira, aí que alegria! A todos bom
- 13 dia! O meu canto diz! Que o dia de hoje seja bem feliz! Trá lá lá lá hei! Trá lá lá lá hei! "
- 14 Professora: Muito bem! Senta Maria Fernanda! Depois eu vejo a tarefa de história, eu não vou
- 15 dar história agora. Senta Enzo! O Mateus, dá licença? Ontem a Sofia deixou o livrinho, ela
- 16 trouxe pra eu ler, como eu já tinha uma outra leitura, hoje eu vou ler uma do livrinho da Sofia
- 17 como nossa leitura diária.
- 18 Aluno: Tia, Tia, lê essa aqui ó!
- 19 Professora: Não! Eu já escolhi a que eu vou ler. "O desejo do lobo mal." São contos de vários
- 20 autores que tem nesse livro. Então são vários contos. Hoje, eu ler um desses! E se a Sofia
- 21 deixar, aí, a gente pode ler outros, posteriormente. "Essa noite o lobo mal está cansado.
- 22 Deitado sobre a grama, ele reclama: "Estou farto de correr atrás dos três porquinhos e assoprar
- 23 sob suas casas. Estou farto de colocar a saia da vovó para enganar a Chapeuzinho Vermelho.
- 24 Estou farto de caçar cabras. Estou infeliz! Estou farto!" "Silvina, a pequena fada da floresta
- 25 ouviu o lobo mal. Sentiu vontade de ajudá-lo e foi pousar ao lado do focinho do lobo. "Eí, o
- 26 que está acontecendo com você meu amigo?" "Ó Silvina, se você soubesse! Eu gostaria de
- 27 mudar, gostaria que me amassem, aterrorizo todo mundo! E não tenho amigos." "Não é fácil
- 28 fazer amigos quando pensamos apenas em mastigar aqueles que nos rodeiam." Criticou o seu
- 29 amigo. "Sei disso muito bem, e desejo mudar. Tô cansado dessa vida! Não é mais divertido,
- 30 nada divertido. Você pode me ajudar, bondosa fada?" "O lobo mal, como todos os animais da
- 31 floresta têm direito de fazer um pedido em sua vida e esse dia chegou para você. Faça seu
- 32 pedido e eu realizarei. Mas atenção! Pense bem, pois você tem direito, apenas, a um pedido.
- 33 Então, não se engane!" Para um lobo, pensar é tudo. Ele levanta, solenemente, uma pata e
- 34 declara: "Pela honra do lobo mal, peço a fada da floresta, aqui presente, que me transforme
- 35 em um lobo bondoso, para o resto da vida!" Desde desse dia, o lobo não afugenta mais
- 36 ninguém na floresta, onde, agora, ele vive rodeado de amigos." E aí, o que vocês acharam? Da
- 37 mudança?
- 38 Alunos: Ah, legal mais e as histórias? Como vão ficar sem o lobo? Afinal ele é bom, qué
- 39 amigos mas ele é o lobo!
- 40 Mais a mudança dele foi certa, né, tia? Mais ainda fico pensando nas histórias sem lobo agora.
- 41 Professora: Mais pensa que aquelas histórias já aconteceram. Como ele mudou, agora, ele
- 42 devia ter novas histórias pra contar. Que mais vocês acharam da história gente?
- 43 Aluno: Linda!
- 44 Professora: Então, vocês acham que ele, realmente, mudou?
- 45 Alunos: Simmm. Sempre há uma hora de mudar, né, tia?
- 46 Professora: Isso. Isso mesmo. Quem bom, né, como o Mateus disse, sempre há uma hora pra
- 47 pessoa mudar. Se, às vezes a pessoa, por exemplo, uma criança, ela fala muito às vezes, deixa
- 48 de fazer algumas atividades. Mais ela pode mudar?
- 49 Alunos: Nãoo. Pode siim. Lógico que pode!
- 50 Professora: Pode ou não pode?

51 Alunos: Pooooodee!

52 Professora: Isso! Pode! A gente pode sempre mudar! Para o ?

53 Aluno: Bem!

54 Professora: Para o bem, para melhor. Assim como o lobo ele comia os porquinhos, os

55 cabritinho, né, do "lobo e os sete cabritinhos".

56 Alunos: Chapeuzinho Vermelho! Ele comeu a vovó!

57 Professora: Isso, Chapeuzinho Vermelho onde ele come a vovó. E, então ele, resolveu mudar.

58 Por que ele tinha amigos? Agindo desse jeito ele tinha amigo?

59 Alunos: Não!

60 Professora: Difícil, né? A mesma coisa com aquela criança que tá sempre empurrando na fila,

61 ou colocando o amigo pra fora. Será que ela vai ter muitos amigos?

62 Alunos: Não!

63 Professora: Por que a gente quer ser o que? Bem tratado! E pra ser bem tratado a gente tem

64 que fazer para os outros, o que gostaríamos que fizessem com?

65 Alunos: A gente!

66 (Crianças se agitam)

67 Professora: Então vamos lá!

68 (Professora passa o cabeçalho na lousa e as crianças copiam)

69 Aluno: O tia, eu to sem lápis.

70 Aluno: Toma pega o meu!

71 Professora: Deixa. Deixa eu empresto pra ele! Senta Sofia!

72 (Crianças se agitam)

73 Professora: O, Maria Fernanda! Chega, né? Chega, né gente! Ó Enzo tem que fazer, depois a

74 tia dá pra você tá?

75 (O Enzo é um aluno que tem deficiência intelectual, não possui professora de apoio. É uma

76 das funcionárias da escola que, às vezes, fica com ele na sala.)

77 Professora: Ó Enzo, a tia vai ficar deixar aqui tá olha pra mim! Depois que você terminar essa

78 atividade, ela te dá ok? Mais só depois que você fizer! Olha lá, gente, vamos fazer uma lista

79 de palavras. Animais, ó! Vou começar. Pra quem estiver fazendo letra cursiva, letra de mão.

80 Não precisa começar com letra maiúscula nesse caso, entendeu, Mateus? Que tá sempre

81 fazendo, letra minúscula, por exemplo, se eu ditar lá "anta" o A da anta é minúsculo, não

82 precisa sem maiúsculo.

83 Aluno: Assim, tia!

84 Professora: Isso. Então tá.

85 Aluno: Tia espera um pouco!

86 Professora: Eu tô esperando. Vamos esperar o amigo.

87 (Crianças aguardam todos acabarem de copiar a matéria da lousa)

88 Professora: Pronto! Resolveu? Vamos lá?

89 Aluno: Não, não, não!

90 Professora: Vamos Giovana, eu preciso começar! Vai, Lucas, você também anda!

91 (Professora faz chamada enquanto aguarda os alunos.)

92 Professora: Tudo bem, agora, já conseguiu ai, Lucas? Enzo, olha essa atividade, você vai

93 colocar cada cor num potinho. Azul, vermelho, verde e branco. Vai separando pra tia. Vamos

94 lá moçada. Lista de animais. Escrevam aí: RI-NO-CE-RON-TE. RINOCERONTE. Pula,

95 Lucas, uma linha e começa a lista, depois você acaba.

96 Aluno: Rinoceronte e uma palavra tudo junta?

97 Professora: É sim, tudo junto. Ó, eu acabei de falar quem tá fazendo letra cursiva não precisa

98 fazer a lista com letra maiúscula no começo. A não ser que vocês forem começar um texto.

99 Nome próprio. O nome de vocês. Mas lembra que nós falamos, ontem, que os nomes comuns

100 não têm necessidade.

101 Alunos: Simmm.
 102 Professora: Próxima! Vamos passar pra próxima!
 103 Alunos: Sim, sim.
 104 Professora: CRO-CO-DI-LO. CROCODILO.
 105 Aluno: Cro! Cro!
 106 Professora: O que é o CRO, de crocodilo?
 107 Alunos: C, R e o O
 108 Professora: Isso, CROCODILO.
 109 Aluno: Acabei!
 110 Professora: Guarda pra você!
 111 Aluno: Tia, é dois CRO?
 112 Professora: Não, um é CRO e o outro é CO. CROCODILO. Próxima, SER-PEN-TE.
 113 SERPENTE. O que vocês acham? É com quê SERPENTE?
 114 Alunos: Com S.
 115 Professora Isso. SER-PEN-TE
 116 Aluno: Tia, é com S ou com C?
 117 Professora: O que a gente falou agora? Tem que prestar atenção! Vamos lá, LA-GAR-TO.
 118 LAGARTO. Tem um R aí no meio em se não fica é...
 119 Aluno: LAGATO!
 120 (Riso)
 121 Professora: Isso. Shiii. I-GUA-NA. IGUANA.
 122 Aluno: Tem acento tia?
 123 Professora: Não, nenhuma dessas aqui tem acento. A próxima. LES-MA. LESMA.
 124 Aluno: LES, LESMA. O, tia, se escreve com um s no meio?
 125 Professora: Isso, olha sempre o que vocês escreveu. Vamos lá. GAR-ÇA.
 126 Aluno: É com S ?
 127 Professora: Num sei, o que vocês acham?
 128 Alunos: Ééé. Lógico que não é com C!
 129 Professora: C?
 130 Aluno: Ç!
 131 Professora: Ah, sim! Isso Mateus. Porque se colocar o C vai fica GARCA.
 132 (Risos)
 133 Professora: PUL-GA.
 134 Aluno: É um monstrinho a pulga, ela faz cosquinha na gente.
 135 Professora: Vamos lá, PULGA.
 136 Aluno: PULL, PULLL.... Pulga. Tem L.
 137 Professora: Vamo lá, QUA-Ti. Quati.
 138 Alunos: QUA, Q-U e o A. Tia esse QUA é a mesma coisa do QUATRO?
 139 Professora: Isso, a mesma coisa do QUA-TRO. A mesma coisa.
 140 (Aula interrompida pela escovação.)

1 Áudio 11 - Roda de leitura - 2º Ano.

2 (No pátio são distribuídos cartazes com nome e algumas ilustrações de livros. Não são
3 identificados os nomes de nenhum professor. Alunos de turmas diversas podem se
4 inscreverem na história de seu interesse. Professores entram levam os alunos para sala e
5 começa a roda de leitura)

6 Professora: Olá, bom dia a todos! Vocês escolheram aí "O condomínio dos monstros" E eu
7 trouxe para vocês a senhora múmia"

8 (Professora trás um fantoche de múmia para contar a história)

9 Professora: O que é isso daqui?

10 Alunos: É uma Muuuumiiiiiaaa!

11 Professora: É uma múmia, não é gente? Será que a múmia é um monstro?

12 Alunos: Éééé.

13 Professora: Que outros monstros nós encontraremos, aqui, dentro desse livro?

14 Aluno: Lobisomem, bruxa!

15 Professora: Isso. A múmia fica toda enrolada no sarcófago. E tem milhares de anos. Vamos lá
16 "Condomínio dos monstros", de André de Castro Gomes.

17 (Professora mostra a capa do livro)

18 Professora: Então, aqui, está o condomínio, né. "O condomínio dos monstros fica na rua,
19 Mortinho da Silva, número 13. Seus moradores são apavorantes. A criançada do bairro morre
20 de medo de chegar perto do prédio roxo de cinco andares. Apesar de ser assustador e do
21 barulho que se ouve, será igual a todos os condomínios? O que será que acontece lá dentro?

22 Auuuuuuu. Tum! Tum!Tum! Iáááárárárá. Trec, Trec, Trec. " Cheeeegaaaa!" A múmia
23 acordou invocada com o barulho. Interfonou para todos os apartamentos exigindo uma
24 reunião para discutirem o assunto." Não é possível! Tenho que dormir mil anos, mas não vou
25 conseguir com essa barulheira! Façam o favor de descer para o playground a meia noite para
26 discutirmos o problema." Blen, Blen, Blen... O relógio tocou anunciando o começo de uma
27 sexta feira treze. Os monstros foram chegando no playground, onde a múmia já esperava com
28 muito sono e mal humor. Frankstein desceu pelas escadas, pois não cabia no elevador. A mula
29 sem cabeça veio galopando pela porta da garagem. O saci chegou em um redemoinho de
30 vento, e o fantasma atravessou as paredes. A bruxa entrou voando com a vassoura, junto com
31 o Drácula, transformado em morcego. Já o lobisomem, o bicho papão, e o esqueleto vieram
32 pelo elevador mesmo. " Vamos logo com isso, porque hoje é noite de lua cheia." Avisou o
33 lobisomem. " É bom mesmo, porque estou morrendo de sede!" Reclamou o Drácula. " E
34 minha poção esta esfriando." Resmungou a bruxa. " Qual é o problema?" Perguntou o
35 Frankstein com sua voz rouca. Todos reclamavam, afinal de contas, era meia noite e os
36 monstros queriam sair para fazer maldades. Ninguém queria passar a sexta-feira treze em uma
37 reunião de condomínio. " Eu tenho várias reclamações a fazer!" Interrompeu a múmia
38 batendo na mesa. " Esse prédio está muito bagunçado! Aqui, ninguém respeita ninguém!" " O
39 Que você quis dizer com isso?" Quis saber o Saci. "Quero dizer, que andam acontecendo
40 coisas que devem parar de acontecer, como por exemplo senhor saci." A múmia continuo
41 olhando para a cara do negrinho travesso. " Algum moleque, por aqui, tem a mania de apertar
42 todos os botões do elevador!" O saci deu um risadinha e ficou quieto. Nesse momento, o
43 esqueleto pediu a palavra. " Eu não tenho motivos para ser criticado, afinal de contas, nunca
44 incomodei ninguém!" " Pois é, os corredores estão cheio de ossos! Que você esquece por aí,
45 emporcalhando o chão!" Observou a múmia. Enquanto isso o lobisomem se coçava num canto
46 olhando para todos, como se fosse um cachorrinho assustado. " Estão vendo! As pulgas
47 infestam esse lugar! Se pelo menos o lobisomem tomasse um banho de vez em quando!" O
48 bicho papão resmungou alguma coisa sobre estar ficando tarde para assustar crianças, e
49 limpou a baba que escorria sob o queixo. A múmia, prosseguiu. " O Frankstein já nos causou
50 quatro blecautes com suas experiências com eletricidade. A mula sem cabeça quase colocou

51 fogo no prédio. A bruxa prepara poções fedorentas, que deixa o nosso edifício cheirando mal.
 52 "Espere aí ou do trapo! Os meus negócios não interferem no dia a dia do nosso condomínio."
 53 Interrompeu o fantasma. " O quê? Isso é o que você pensa!" Então a múmia fez uma maior
 54 reclamação. "Pois fique sabendo, que o ruído das correntes é um dos motivos pelo qual
 55 marquei essa reunião! Lembre-se que o limite termina quando começa o do próximo. Estou
 56 precisando de silêncio para poder dormir meu sono sagrado de mil anos! E não consigo. O
 57 meu limite foi ultrapassado! Aqui, tem barulho pra tudo quanto é lado! Das correntes, o uivo
 58 do lobisomem, o passos pesados do Frankstein, os gritos do apartamento do Drácula, o galope
 59 da mula, as gargalhadas da bruxa, o barulho que faz o vendo do redemoinho do saci, o estalar
 60 dos ossos do esqueleto. O Drácula que até então observava a conversa resolveu se meter no
 61 assunto. Tudo aquilo seria resolvido por ele, afinal quem mais possuía autoridade de príncipe
 62 das trevas? "Senhora múmia, tenho uma proposta. Acredito que todos estão querendo resolver
 63 isso de uma vez e ir embora. Vamos fazer um acordo? Está bem? Se todos nós ficarmos
 64 quietos por uma noite você nos deixa em paz?" A múmia pensou na proposta, seu sono era
 65 pesado, se ela adormecesse em silêncio depois seria muito difícil acordá-la, estava mesmo
 66 precisando dormir, e apesar de saber que fazer acordos com o Drácula é sempre um mal
 67 negócio, resolveu concordar! Se todos fizessem silêncio ela não teria porque incomodar. " De
 68 acordo." Respondeu meio grosseira, já pensando em seu sono de beleza. A reunião estava
 69 encerrada saíram todos correndo para a rua. Havia todos os motivos para ninguém querer ficar
 70 em casa, de sexta feira treze! Eles iriam precisar fazer silêncio no condomínio e aquela era
 71 uma noite de festa e diversão. Os monstros voltaram para a casa quando o dia estava
 72 amanhecendo. Ao chegar em seus apartamentos, arrumaram-se para dormir. Quando,
 73 ninguém conseguiu dormir! A múmia roncava muito alto. Mil anos seria muito tempo para
 74 aguentar aquele barulho horrível. Foi um desespero! Não é possível! Assim não dá! Foram os
 75 comentários. "Vamos fazer outra reunião de condomínio!" Disse a bruxa, que sempre foi
 76 respeitada por ser a mais velha. Na noite seguinte, todos, com exceção da múmia voltaram ao
 77 playground. Os monstros estavam nervosos, com olheiras, por um dia mal dormido. " Essa
 78 chata reclamou de todo mundo e, agora, está fazendo todo esse barulho." Resmungou o
 79 fantasma. " Calma, calma." Pediu o Drácula que se levantou. " Ela não disse que o limite
 80 termina quando o do outro começa? O acordo com a múmia foi que ela nos deixasse em paz
 81 se fizéssemos silêncio não é? Nossa parte foi feita! Como ela não respeitou o combinado,
 82 podemos tomar nossas providências." Os monstros concordaram! O ronco da múmia
 83 incomodava muito! Mas, agora, isso os permitia tomar uma atitude. Juntos planejaram o fim
 84 para aquela barulheira que incomodava todo mundo. Sugestões foram dadas! Voluntários se
 85 apresentaram. Enquanto isso o saci e outros monstros saíram para catar os ingredientes
 86 necessários. A bruxa foi arrumar sua poção. Esperaram a noite chegar para colocar o plano em
 87 prática! Plac, plac, plac. Nhec, nhec, nhec. "Falta óleo na dobradiça da janela", disse o
 88 Drácula. Assim que entrou foi abrindo a porta do apartamento para o grandalhão verde. " Vai
 89 lá Frank, O caixão está no meio da sala. Só toma cuidado com as armadilhas", avisou. "A
 90 múmia podia, pelo menos, criar armadilhas decentes", sussurrou enquanto colocava o
 91 sarcófago nos ombros. "Ainda bem que a Bruxa mora nesse andar. Subir escadas com ele
 92 seria um problema"." Fale baixo Frank! E não balance muito, se não ela acorda e o plano ó,
 93 mela!", respondeu o dentuço. O gigante costurado subiu até o apartamento da bruxa! Andava
 94 com cuidado para não esbarrar nas paredes. Parecia até que estava carregando um violão
 95 caríssimo, ou uma prancha de surf. Chegando lá, com cuidado colocou o sarcófago em cima
 96 de uma bancada, enquanto a velha terminara de misturar os ingredientes, formas estranhas se
 97 formavam dentro de um caldeirão. Aqui, no caldeirão, entra gosma de camarão, se tiver bem
 98 cozido, entra pelo de ouvido." Pra mistura ficar doce e tosca, entra casca de mosca. Salamalé,
 99 vai embora mulhé!" A bruxa mergulhou a concha no caldeirão e derramou o líquido em cima
 100 do sarcófago. " É com um grito, que te mando para o Egito! AArárarárá". O Sarcófago sumiu

101 em uma nuvem de fumaça! Diante do sucesso os monstros fizeram uma festa no playground.
102 Com direito a bebidas estranhas e quitutes esquisitos. A vida no condomínio tinha finalmente
103 voltado ao normal. Auuuuuuuu. Tum, Tum, Tum. Iarárará. Tec, tec, tec! " E aí ó, um
104 apartamento para alugar. Dê quem será que é esse apartamento?
105 Alunos: Do condomínio!
106 Professora: o condomínio tem mais apartamentos, qual foi o apartamento que ficou vago?
107 Aluno: O da múmia.
108 Professora: O da múmia gente, por que eles mandaram ela pra bem longe! Num foi isso que
109 aconteceu?
110 Aluno: É mandaram ela lá pro Egito!
111 Professora: No começo, o que tava incomodando? Quem era a incomodada?
112 Aluno: O Barulho. A múmia!
113 Professora: A múmia. Aí ela fez uma reunião! Onde?
114 Aluno: No Playground.
115 Professora: Lá, ela foi falando de todos os problemas enfrentados ó, vocês lembram de alguns
116 problemas?
117 Aluno: Dos ossos espalhados da caveira. Éééé, da corrente do fantasma!
118 Aluno: Do redemoinho do saci.
119 Professora: Isso, que mais?
120 Aluno: Os uivos do lobisomem!
121 Aluno: A risada da bruxa!
122 Professora: Isso, quem mais quer participar? Quem lembra mais alguma coisa.
123 Aluno: Os gritos.
124 Professora: Então, tá ó. Qual foi o acordo fechado entre eles?
125 Aluno: Ficar todo mundo em silencio e sem fazer barulho para a múmia dormir.
126 Professora: Isso. Mas aí, o problema foi resolvido?
127 Alunos: Não, porque, agora, quem deu problema foi a múmia!
128 Professora: Ó deixa os outros amigos participarem também!
129 Aluno: Foi mal.
130 Professora: E aí, Qual foi então, o que aconteceu depois que todos deixaram de fazer barulho?
131 Aluno: A múmia começou a roncar muito alto!
132 Professora: Como tava todo mundo em silêncio, ninguém mais fazia barulho, né. Aí quem
133 começou a perturbar?
134 Alunos: A Múuuuumia.
135 Professora: E, aí, qual foi, o que eles resolveram agora?
136 Aluno: Fazer uma reunião sem a múmia para resolver a situação, tia.
137 Professora: Certo, e o que foi resolvido lá?
138 Aluno: Que cada um tinha seu limite, e tinha que ser respeitado. Então, eles fariam alguma
139 coisa com a múmia para resolver o problema.
140 Professora: Isso. Ela falava, né, que o limite de um começa onde termina o do outro. Então,
141 eles levaram isso a sério e viram que se, realmente o limite de um começa onde termina o do
142 outro, ela não respeitou. Tava roncando um monte e incomodando todo mundo. Imagina isso
143 por, quantos anos mesmo?
144 Alunos: Miiil.
145 Professora: Mil anos nesse sono! Aí eles resolveram o quê?
146 Alunos: Fazer um feitiço e mandar ela pro Egito.
147 Professora: Aí, quem foi que levou ela lá pro Egito?
148 Aluno: O Frankstein levou ela até o quarto da bruxa. A bruxa fez um poção e falou umas
149 palavras mágica e mandou ela lá pro Egito.
150 Professora: Isso. Muito bem! Vocês lembram de algo que a bruxa colocou lá na poção?

151 Alunos: Pelo de ouvido! Gosma de camarão.
152 Professora: Isso. Casca de mosca, tudo isso. E a poção foi um sucesso! Onde a múmia foi
153 parar?
154 Alunos: Lá no Egito!
155 Professora: Bem longe! Isso. Então, agora eu vou fazer com vocês uma brincadeirinha de
156 força. E uma competição entre meninos e meninas. Só vai poder falar a letra quando levantar
157 a mão. Tá, num adianta querer ficar. Então, ó primeira palavra, ó. Vamos começar pelas
158 meninas, levanta a mão! Fala.
159 Aluna: A
160 Professora: Meninos! fala.
161 Aluno: S
162 Professora: Meninas! Levanta, fala!
163 Aluno: N
164 Professora: N não tem! Fala, Lucas uma letra, anda!
165 Aluno: R
166 Professora: Como tá na vez dos meninos alguém quer arriscar?
167 Alunos: Eu, eu , eu!
168 Professora: Pode falar!
169 Aluno: Sarcófago!
170 Professora: Muito bem!
171 (Professora faz a brincadeira da força com as crianças até o final da aula. As palavrinhas
172 aparecem na histórias.

7.1.3: 3.º ano

- 1 Audio 7 - 3º Ano.
- 2 (Crianças agitadas)
- 3 Professora: Crianças, bom dia!!! Crianças, tinha uma tarefinha de Matemática que eu li todos
- 4 os probleminhas aqui, depois tinha um desafio, vocês fizeram?
- 5 Aluno: Siiim!
- 6 Professora: Crianças, depois tinha a tarefinha de Português, da página 108, das palavrinhas
- 7 com G e com J. Fizeram?
- 8 Alunos: Siiim!
- 9 Professora: O, Daniel. Você trouxe o caderninho que tinha esquecido ontem? Hoje é dia sete
- 10 de outubro. Tem aula de Inglês! Eu vou continuar a leitura diária de ontem. Né! Vamos sentar
- 11 lá no fundo, então!
- 12 (Crianças sentam ao fundo da sala onde há um ambiente organizado com livros, um tapete e
- 13 almofadas)
- 14 Professora: Gabriel dá um pro Renan! Todo dia a gente senta nessas almofadas e é sempre a
- 15 mesma história! Quem se lembra da parte que nós paramos ontem na leitura diária?
- 16 Aluno: Ééé... Que ele tava na casa dele, e a hora não passava!
- 17 Professora: E o que aconteceu com o relógio?
- 18 Aluno: A hora não passava!
- 19 Professora: Mas, o que aconteceu com todas as outras coisas?
- 20 Alunos: Pararam. Pararam no tempo!
- 21 Professora: Pararam no tempo. Por que será que parou?
- 22 Alunos: Por que o menino quebrou o relógio!
- 23 Professora: Será que foi porque ele quebrou o relógio?
- 24 Aluno: Porque ele quebrou a ampulheta!
- 25 Professora: A ampulheta, então, vamos lá. A última frase que a tia leu. "No seu quarto Pedro
- 26 Paulo assustado, via o programa de desenhos animados que, geralmente, acabava cinco horas,
- 27 continuar como se o tempo não tivesse passando. A medida que as pessoas notavam os
- 28 relógios parados na mesma hora, as coisas iam se complicando! Nos bancos, nas lojas, nas
- 29 fábricas, nas repartições públicas, o expediente de trabalho se encerrava às cinco e meia, por
- 30 isso todos continuavam a trabalhar normalmente, apesar do dia estar escurecendo lá fora. Se
- 31 os relógios marcavam dez para cinco era porque era dez para cinco! Entretanto, uma pessoa
- 32 aqui e ali, sentindo-se cansada, olhava continuamente o relógio na esperança de que ele se
- 33 movesse, mas tudo continuava na mesma. Ouvir o tic tac dos relógios, ligar para a companhia
- 34 telefônica, nada funcionava, pois o horário era sempre o mesmo!" Que horas?
- 35 Alunos: Dez para ciiincooo!
- 36 Professora: "O prefeito da cidade vendo que o céu escurecia cada vez mais, consultou o
- 37 relógio pela vigésima vez." Vigésima vez, é quantas vezes?
- 38 Alunos: Vinte vezes!
- 39 Professora: Sempre na mesma hora. Ele era um homem que confiava muito nas máquinas,
- 40 estava convencido de que elas eram feitas com muito cuidado e que não podiam falhar! Se
- 41 alguma coisa estava errada era o tempo, que anoitecia antes da hora. A secretária invadiu o
- 42 gabinete do prefeito antes do tempo: "Senhor prefeito, não aguento mais! De todas as partes
- 43 telefonam reclamando que o tempo parou as dez para cinco. Deve providências!" "Que
- 44 providências posso tomar? Relógios não falham!" Respondeu o prefeito convencido de que as
- 45 máquinas são infalíveis e justificou: "Eles são feitos de rodas, engrenagens, coisas mecânicas
- 46 ou eletrônicas, ou de ambas que não erram!"
- 47 (Aula interrompida por um funcionário da escola para atender um pedido da professora)
- 48 Funcionário: Bom dia!
- 49 Professora: Oi, bom dia!
- 50 Funcionário: Eu queria saber de quantas garrafinhas de tinta a senhora vai precisar?

51 Professora: Vinte e uma, assim, ó!

52 Funcionário: Beleza, tudo bem, então! Vou buscar.

53 (Crianças se agitam)

54 Professora: Crianças, vamos lá! "Mas já está anoitecendo!" - Disse a moça desolada. "Não

55 está anoitecendo!" Contestou o homem. "O dia esta escurecendo devido a algum fenômeno

56 meteorológico desconhecido, não pode anoitecer agora. São dez para cinco!" A moça ainda

57 insistiu. "Estão todos reclamando que as ruas estão escuras e pedem que o senhor mande

58 acender a iluminação pública." "Negativo, não podemos acender as luzes das ruas a essa hora.

59 Alguma coisa está errada! Chame o vice-prefeito." A secretária saiu e logo depois entrou o

60 vice-prefeito, baixinho e gorducho. "Senhor vice-prefeito, o tempo deve estar quebrado!

61 Estamos precisando de alguém que o concerte, é urgente!" Apesar do absurdo do pedido o

62 vice-prefeito não discutiu. A secretária ainda tentou detê-lo. "Os relógios podem estar

63 errados." "Todos?" Perguntou ele. "Todos errados? Só se tiverem em greve!", disse sorrindo.

64 Assim que deixou o prédio da prefeitura, o vice-prefeito encontrou o diretor do colégio

65 municipal que vinha correndo transtornado. "O que aconteceu, senhor diretor?" "Os

66 estudantes estão em greve! Estão fazendo uma passeata." "Por quê? Não querem mais

67 estudar?" "Hoje não, acham que o horário das aulas já terminou, hora veja o senhor," disse o

68 diretor, mostrando o relógio de pulso. "Ainda não são cinco horas, e os alunos saíram das

69 salas e deixaram os professores falando sozinhos!" "Por que isso?" "Porque o dia está escuro,

70 eles dizem que já é noite! Embora os relógios marquem exatamente dez para cinco!" A rua

71 começou a se encher de gente. Em frente à prefeitura, os estudantes desfilavam em passeata

72 carregando cartazes, faixas, bandeiras, protestando que já era noite! E não poderiam continuar

73 tendo aulas indefinitivamente! A cidade estava em polvorosa, a confusão o burburinho a

74 inquietação, espalhava-se por todos os cantos: nas lojas, nos bancos, nas fábricas, nas

75 oficinas, em todos os lugares havia conflitos. O cansaço, o nervosismo, um pouco de medo

76 tomava conta de todos que viam chegar o fim do dia e os relógios marcando dez minutos para

77 cinco horas, e nenhum fenômeno meteorológico diferente tinha acontecido! Quem duvidasse

78 do horário, ali estavam os relógios para provar. Dezenas, centenas, milhares deles. A corda, a

79 pilha, a peso, elétricos, mecânicos, de pulso, de bolso, de parede, despertadores, cronômetros

80 sempre marcando exatamente aquela mesma hora! E se houvesse ainda alguma dúvida lá

81 estavam os relógios da torre da igreja, no alto de sua imponência, e o da prefeitura com toda

82 sua importância. O vice-prefeito, inquieto e assustado deixou o diretor da escola, e misturou-

83 se ao povo que invadiu as ruas. Onde ele iria encontrar um consertador do tempo? Pedro

84 Paulo estava preocupado. "Ó, o menino aqui, onde tá, ó." Pedro Paulo estava preocupado, o

85 relógio continuava a marcar dez para cinco. Dentro de casa tudo na mesma, sua mãe na

86 cozinha parecia não acabar o que estava fazendo. O menino ficou com medo de que alguém

87 tivesse visto sair da casa de seu Mané Mota. "Os relógios pararam no momento em que eu

88 quebrei a ampulheta! E agora? Será que o velho ainda não acordou?" Não, ele só acordava às

89 cinco horas, mas, quem iria dar um jeito naquilo tudo? Pedro Paulo debruçou na janela da

90 frente que dava para a rua. Já era noite e algo estava acontecendo na cidade. Viu, de longe, a

91 passeata de estudantes! Teve vontade de ir até lá para saber o que era aquilo, mas sentiu

92 medo! Gente passava apressada reclamando, consultando o relógio. O pai sempre chegava do

93 trabalho ao anoitecer, mas, nesse dia estava atrasado. "Será que até ele está pensando que são

94 dez para cinco?" Pensando em tudo isso, saiu de casa sem saber para onde ir, sentou-se no

95 banco da praça e enfiou a cabeça entre os braços. O vice-prefeito passou por ali, e o viu

96 naquele estado. Aproximou-se e perguntou: "O que é que você tem amiguinho? Está

97 aborrecido?" "Estou é com fome!" "Hora se tá com fome, vá comer! Aposto que a fome passa

98 num minuto." Logo se arrependeu do que disse, pois os minutos não passavam. E, então,

99 consertou: "Passa num instante!" "Minha mãe, não quer me dar comida!" "Por quê? Você fez

100 alguma coisa errada e esta de castigo?" "Não! Ela disse que se eu comer agora, não vou ter

101 fome para o jantar." "Ela está certa! Você deve esperar o jantar." "Acontece que não vai ter
 102 jantar, já é noite escura, mas todos os relógios já estão marcando dez para cinco. Ela acha que
 103 ainda são dez para cinco." "E ela está certa, são dez para cinco mesmo!" Pedro Paulo baixou
 104 novamente a cabeça entre os braços, não adianta os adultos são uma raça perdida,
 105 incompreensíveis, voltou a levantar a cabeça. "O senhor também?" "Eu também o quê?" "Está
 106 pensando que o tempo parou?" "Mas é claro que parou menino. Vocês crianças são muito
 107 imaginativas, ficam sonhando muito. Não vê que os relógios estão marcando a mesma hora?
 108 E o relógio é uma máquina que não pode falhar? Não existe nada a discutir, os relógios estão
 109 certos, foi o tempo que quebrou." "O tempo quebrou? Então, mande seu Mané Mota
 110 consertar!" O menino disse aquilo quase sem querer. Apenas deixou sair o que ouviu dizer
 111 que o velho consertava tudo. Tinha até esquecido de sua travessura na casa do relojoeiro. O
 112 vice-prefeito, então, desapareceu, saiu em disparada então pensando alto: "Como não me
 113 lembrei disso antes? Mistura de bruxo e santo o velho Mané Mota era a única pessoa que
 114 podia resolver o problema." Quando o vice-prefeito se aproximou da casa do relojoeiro, notou
 115 que muita gente vinha nessa mesma direção. Quem vinha devagar apressou o passo, quem
 116 vinha depressa correu ainda mais. Parece que todos tiveram a mesma idéia ao mesmo tempo.
 117 A praça onde morava o velho começou a se encher de gente. As pessoas abandonavam as
 118 lojas, deixavam os bancos abertos, esqueciam as fábricas, as oficinas as repartições, os
 119 escritórios as próprias casas. Pulavam dos ônibus, desciam as escadas dos edifícios aos pulos
 120 correndo. Todos em direção a casa do Mané Mota. Quem que chegasse primeiro teria a glória
 121 de ter pedido ao velho para consertar o tempo, e seria considerado um herói nacional." O
 122 Primeiro a chegar quem foi?

123 Alunos: Pedro Paulo!

124 Professora: "Pedro Paulo. Logo que acabou de conversar com o vice-prefeito deu um pulo,
 125 atravessou a praça por cima dos canteiros e chegou antes de todos a casa do relojoeiro. Ágil,
 126 subiu no muro do jardim, abrindo os braços e pedindo a todos que esperassem. Os que iam
 127 chegando pararam diante do menino, logo depois, outros, e mais outros e mais outros, formou
 128 se uma grande, uma enorme uma gigantesca multidão que tomou toda a praça e se espalhou
 129 pelas ruas vizinhas. Pedro Paulo, de braços estendidos, gritou: " Calma pessoal, só seu Mané
 130 Mota será capaz de consertar o tempo que está quebrado. Mas, acontece que ele está
 131 dormindo, todo mundo sabe que ele só acorda às cinco horas, e ainda faltam?"

132 Alunos: Deez para ciincoo.

133 Professora: Ahhhh! Fez a multidão decepcionada. A esperança que se via nos olhos de cada
 134 um transformou-se em desespero! Havia uma lenda na cidade, no dia em que seu Mané Mota
 135 acordasse antes da cinco horas, morreria imediatamente! Quem teria coragem de acordá-lo
 136 faltando dez minutos para cinco? Um Silêncio imenso, cinzento tomou conta da multidão!
 137 Tristemente, todos baixaram os olhos. Por algum tempo as pessoas permaneceram caladas,
 138 com os olhos para baixo sem coragem de se encararem. Foram as crianças que mudaram
 139 aquela situação. Impacientes, elas começaram a se movimentar. =[hO que importava se os
 140 relógios estavam parados? E as correrias, e o pega-pega, os risos infantis, as algazarras?
 141 Quebraram o silêncio. Aquela alegria contagiou os adultos, eles levantaram os olhos e foram
 142 se reconhecendo, descobriram, lado a lado pessoas conhecidas que há muito não encontravam,
 143 o tempo havia lhes pregado uma peça, recusara-se a andar deixando-os frente a frente. Não se
 144 visitavam, pois não tinham tempo, agora com os relógios parados parecia que lhes sobravam
 145 tempo para tudo! As primeiras palavras eram tímidas, mas logo o burburinho foi aumentando.
 146 Formaram-se grupos, surgiram os primeiros risos e as primeiras gargalhadas. Enquanto a
 147 noite corria, os grupos se abriam para receber desconhecidos, fazer novos amigo, fortalecer
 148 amizades, os relógios parados já não era mais problema! Os cumprimentos, as conversas, as
 149 confidências, as anedotas, as ideias, as opiniões, as apresentações, os apertos de mão, os
 150 abraços, o calor humano, a vida era muito mais importante do que isso. E, então, um grito de

criança chamou a atenção de todos." Pai, o que é aquilo?" O pai do menino olhou para o alto, bem para o alto, para onde o menino apontava o dedinho, e viu um ponto de luz azulada, bem forte. estendeu a vista por aquele foco luz e viu outros maiores cintilantes, mais opacos, azulados, dourados prateados. Durante muito tempo, ficou olhando como se quisesse descobrir o que era aquilo. Lembrou-se que há muito tempo teria visto algo semelhante, mas não se recordava como. Então, chamou um vizinho, ele também não sabia. Perguntaram a outros, ninguém podia esclarecer o fenômeno. Estava todo mundo de nariz para cima, quando um homem, já bem velhinho, resolveu o mistério. "São as estrelas, estrelas de verdade!" "Estrelas!?" Homens e mulheres começaram a se lembrar que haviam esquecidos as estrelas. Alguns nem recordavam os dias em que haviam erguido os olhos para apreciar aquela maravilha. A cidade, às escuras, deixava ver o céu em todo seu esplendor! A Via Láctea parecia uma estrada de estrelas. Um imenso e inesquecível espetáculo! De repente, parecia que as pessoas estavam habitando outro mundo! A luz que vinha do alto era fraca, e tinha um certo mistério. A leve brisa que todos sentiam no rosto, esvoaçando os cabelos, acariciando a face, por certo vinha daquele céu iluminado. Nem parecia a mesma que soprava todos os dias e ninguém percebia. E, junto com a brisa, espalhou-se um perfume, cheio de mato, de flores, de jardins, uma luz maior surgiu no céu, então outra voz de criança gritou: "Olhem, como é linda aquela estrela!" O mesmo homem descobridor das estrelas disse: "Aquela é a estrela Dalva." E alguém lembrou. "A estrela Dalva no céu desponta e a lua fica tonta com tamanho esplendor." E toda multidão explodiu cantando a famosa marchinha. Ao terminarem de cantar essa música, alguém lembrou outra, e depois mais outra, e outra mais! A cidade inteira, homens, mulheres, crianças, jovens, velhos, todos deram-se as mãos e fizeram uma imensa serenata à amizade, ao amor, à liberdade e à vida. Durante toda a noite, a cidade esteve em festa, e quando a estrela Dalva estava bem forte e brilhante, ouviu-se um canto mais forte, um canto que se destacou de todas as canções! Cocórocó! O galo anunciava o nascer do sol, instantes depois, desenhava-se na janela da casa de seu Mané Mota a sua figura simpática, ele havia acordado com o canto do galo, todos conferiram o relógio, eram cinco horas da manhã!

(Palmas)

Alunos: Noooooosaaa, muito legal, tia!

Professora: O que vocês têm que me contar, me falar sobre essa longa história?

Aluno: Nada a declarar!

Professora Nada a declarar, Daniel?

Aluno: Foi linda!

Professora Num foi linda? O tempo que ficou parado, o quê aconteceu, então? O quê as pessoas fizeram? Elas tiveram tempo para quê?

Aluno: Pra observar as coisas que há muito tempo não observavam.

Professora: Isso é verdade. Eu tenho certeza que vocês, é, na correria do dia a dia tem até coisas que vocês tem em casa, e esquecem de brincar e esquecem de ver, por conta da correria do dia a dia, e do tempo que passa muito rápido! E, aqui, eles aproveitaram a parada do relógio, pra quê?

Alunos: Pra poder conversar, se encontrar!

Professora: Isso! Pra poder conversar, pra poder cantar, pra poder observar. Né? Quantas vezes anoitece a gente já tá indo dormir, fica trancado dentro de casa e não sai, momento algum, pra observar lá fora.

Alunos: Eu saiu, Eu saiu à noite!

Professora: Quem aqui, por exemplo, sai a noite e olha pro céu, observa...

Aluno: Eu, quando não estou dormindo. Não todo dia.

Professora: Vê se a gente deixa alguma coisa que a gente tá fazendo pra observar isso aí? É raramente, pois a gente tem outras preocupações, outras coisas pra fazer. Então, eles aproveitaram aqui, ó, "O menino que quebrou o tempo". Deu aquela parada e eles

201 aproveitaram para fazer as coisas que a tempo não faziam. Tá, foi longa a história, a gente
 202 começou ontem, terminou hoje, mas foi bastante interessante! Né? Que parte vocês gostariam
 203 de comentar? Acharam mais legal?

204 Aluno: A primeira, onde ele quebra o relógio, e ficou preocupado que tinha quebrado o
 205 tempo!

206 Aluno: Eu gostei da última, onde Mané Mota acorda e como mágica o tempo volta ao normal!

207 Aluno: Tia, isso faz a gente pensá né? Nois num aproveita o tempo que tem pra curtir a vida, a
 208 natureza, fica só pensando em dormir, ganhar dinheiro e esquece as coisas importantes, né?
 209 Como os coleguinhas, as brincadeiras o céu, a natureza, né, tia!

210 Professora: Né? Isso mesmo, essa história faz a gente pensar nisso mesmo, bem legal! Então,
 211 vamos voltar pro lugar?

212 (Crianças voltam para as carteiras)

213 Professora: Crianças, nós vamos começar com aula de Língua Portuguesa, eu gostaria que
 214 vocês pegassem o caderninho e o livro, que nós vamos corrigir. Nós vamos também continuar
 215 com a atividade de caligrafia, que falta algumas músicas da coletânea pra gente escrever, pra
 216 gente trabalhar com elas, né! A parte da ortografia. A música que vocês vão ouvir, hoje, é
 217 essa aqui, ó!

218 (Professora coloca um rádio com o CD tocando a música do Sítio do Pica Pau Amarelo)

219 Professora: Nós vamos escrever essa música!

220 Alunos: Ah! A música do sítio!

221 Professora: Vocês conhecem?

222 Alunos: Siiimmm!

223 Professora: A letra toda?

224 Alunos: Siim, mais ou menos! "Sítio do pica pau amareluuu"

225 (Crianças cantam o refrão da música)

226 Professora: Quem tá cantando aí? Vocês sabem?

227 Alunos: Siiim.

228 Professora: Vocês conhecem essa outra parte que está cantando?

229 Alunos: Não! Eu conheço!

230 Professora: Falaram que sabe quem está cantando, quem que é? Na voz de quem que é? É
 231 música nacional brasileira? O que é? É um produtor brasileiro? Conhecem a letra? Quem é?

232 Aluno: Num lembro tia! Onde tinha isso?

233 Professora: Na coletânea de vocês, tinha lá!

234 (Professora escreve o cabeçalho na lousa)

235 Professora: Vou colocar aqui entre parênteses, pois foi continuação da história, né. Vamos
 236 corrigir a tarefa do G e do J. Não descobriram aqui quem canta?

237 Aluno: Gilberto Gil!

238 Professora: Isso, vocês olharam na apostila? Alguém conhece o Gilberto Gil? Já ouviu falar
 239 dele em algum momento?

240 Aluno: Eu, eu ouvi falar dele. Ele tem novela num tem?

241 Professora: Gilberto Gil fez novela? Acho que não. Ele é um compositor brasileiro, né! Se ele
 242 teve participação em alguma novela eu num sei. Crianças, vamos lá na página 108, do livro
 243 era pra vocês escreverem as palavras da Jéssica e do Getúlio, né? As que tinham G e J, né.
 244 Então na hora da gente escrever algumas dúvidas surgem com JA, JE, JI, JO, JU do J né.
 245 Então, vamos lá, quem é esse daqui? Como eu leio essa sílaba?

246 Alunos: JÁ!

247 Professora: Essa!

248 Alunos: JEE!

249 Professora: Essa.

250 Alunos: JIII.

251 Alunos: JO.
252 Alunos: JU.
253 Professora: Tá, mais e, aí depois como eu leio isso aqui?
254 Alunos: Ga, Ge, Gi, Jo
255 Professora: Jooo?
256 Alunos: Gooo, Gu!
257 Professora: Então ó, na mesma família eu tenho sons diferentes! Né? E quem é o GUE?
258 Alunos: G, U, E.
259 Professora: E o GUI.
260 Alunos: G, U, I
261 Professora: Então, olha só, na hora de vocês escrever, quanta dúvida que pode surgir, porque
262 no JA, eu sei já quem é, quem é no JA?
263 Alunos: O J e o A
264 Professora: Porque o GA é diferente, né. Então, a dúvida acontece no Ge e no Gi mesmo, que
265 tem som igual.

1 Áudio 8 - 3º Ano.
2 Professora: Bom dia crianças! Vamos se ajeitando. Nossa, Geovana, o que aconteceu com seu
3 rosto filha? Tá muito vermelho.
4 Aluno: Eu fiquei no sol.
5 Professora: Sol? Passou protetor? Conversa, fala.
6 Aluno: Passei, é que eu fui na piscina e fiquei o dia todo.
7 Professora: Passou e mesmo assim ficou assim?
8 Aluno: Ela não consegue mexer a boca.
9 Professora: Por que tá muito queimado? Ardendo?
10 (Concorda com a cabeça)
11 Professora: E onde você foi? Que piscina? Aqui em Arealva?
12 Aluno: É, na casa da minha tia.
13 Professora: Tá, ardendo o rosto?
14 Aluno: Sim.
15 Professora: E as costa, tá ardendo?
16 Aluno: Tá!
17 Professora: Deve tá mesmo, nem conversa! Nem mexe o pescoço.
18 (Risos)
19 Professora: Criançada, hoje, é segunda feira, semana que vem já começam as provinhas, sexta
20 já tem de Língua Portuguesa. A Natasha também perdeu o rumo da escola, será?
21 (Risos)
22 Aluno: Perdeu o rumo da escola!
23 Professora: Uma semana inteira, mais hoje. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16,
24 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25. Gabriely, Ana Beatriz, Natasha, rafaely, Daniel e a Isa.
25 Todas faltaram, O Daniel e a Isa a gente já sabia, né! Mas a Natasha, a Ana Beatriz e a
26 Rafaely.
27 Aluno: A Ana Beatriz chega atrasada sempre!
28 (Crianças se agitam)
29 Professora: Crianças, então olha! Não entendi uma palavra do que você falou até agora.
30 Aluno: Eu não entendi a letra da Isa. Nossa! Minha mãe teve que ir ditando pra mim!
31 Professora: Além de emprestar ainda vai criticar o caderno da colega? Eh! Laíá! Não.
32 Aluno: O tia vamos dar o caderno do Gabriel pra ver o que ele entende!
33 (Risos)
34 Professora: Sabe o que é Pietra, tem que pegar o livro né? Pegar o caderno só num dá, porque
35 tinha tarefa no livro de História, Geografia. Qual livro que era mesmo crianças?
36 Alunos: Geografia!
37 Professora: Então, lá tinha todo o conteúdo, lá você ia entender, né!
38 Aluno: Mais eu entendi! É que tinha algumas coisas que ela escreveu que não dava. Então, o
39 Carlinho, foi tentando explicar pra mim.
40 Professora: É, então, mas se a gente empresta uma coisa do colega, a gente não pode criticar o
41 colega, pois ele tava aqui pra copiar, ele ta apenas fazendo um favor pra você que não está
42 aqui. Então nós vamos começar hoje, vocês trouxeram o livrinho da biblioteca?
43 Alunos: Siiim!
44 Professora: Mudou o horário né!
45 (Crianças se agitam pegando seus livros de literatura)
46 Aluno: Você trouxe meu livro, né, Pedro?
47 Aluno: Trouxe, trouxe sim! Eu li Já!
48 Aluno: Tia, você num vai pergunta o que a gente fez no final de semana?
49 Professora: Vou, vou perguntar o que vocês fizeram, como foi.
50 Aluno: Pode começar tia!

51 Professora: Letícia, como passou o final de semana?
52 Aluno: Bem, tia, brinquei, dormi e sai pra comer lanche!
53 Professora: É, e o Rodrigo?
54 Aluno: Brinquei!
55 Professora: Brincou onde Rodrigo? Lá na sua casa mesmo?
56 Aluno: É.
57 Professora: Num veio nenhum parente? Nada? Não. Luan?
58 Aluno: Eu fui pra praia.
59 Professora: É, você tava viajando, você chegou quando?
60 Aluno: Ontem, a meia noite!
61 Professora: A meia noite!?
62 Aluno: Ele não conseguiu dormir nem as oito horas que tem que dormir!
63 Aluno: Eu também nem sei a hora que eu fui dormir!
64 Aluno: Eu tô acostumado, tia.
65 Professora: Ó gente, o colega tá falando e a gente não tá ouvindo! Fala Geovana!
66 Aluno: Eu nadei, brinquei e sai para comer com meus pais.
67 Professora: Nadou, se queimou né!
68 (Risos)
69 Professora: Murilo, você filho.
70 Aluno: Brinquei, só!
71 Professora: Beleza! Pedro!
72 Aluno: Meu pai tava jogando videogame comigo, aí o jogo tava quatro a quatro. Aí, ele
73 começou a fazer um monte de gol, a bola foi tudo entrando no gol.
74 Professora: Jogou videogame!
75 Aluno: Isso porque ele não sabia jogá, ele nunca jogou comigo. Aí ele segurava com força a
76 bolinha e a bola ia muito longe, aí tava quatro a quatro e ele começou a passar na frente. Aí
77 depois empatou de novo e eu ganhei nos pênalti.
78 Professora: Que mais, além de jogar videogame, com seu pai?
79 Aluno: Fui no aniversário do meu primo, brinquei de bola com meu pai. E só.
80 Professora: Brenda?
81 Aluno: Dormi, assisti, televisão e brinquei. No sábado ainda fui comer lanche. E no domingo,
82 fui assistir o Gabriel e o Pedro jogando futebol, lá na arena!
83 Professora: Só Branda?
84 Aluno : Sim.
85 Professora; Jennifer?
86 Aluno: Eu fui pra casa da minha tia.
87 Professora: Aqui em Arealva?
88 Aluno: É, aqui no sítio.
89 Professora: Ah, lá no sítio. A Natasha?
90 Aluno: Brinquei um pouco.
91 Professora: Brincou um pouco é. A Juliana falou que morreu sua vó? Como chamava sua vó?
92 Aluno: É, Num sei tia.
93 Professora: É mãe da sua mãe? Mãe do seu pai? Quem que é?
94 Aluno: Mãe do meu pai.
95 Professora: Tava doente?
96 Aluno: Tava!
97 Professora: Tava. Pedro?
98 Aluno: Eu treinei sexta-feira. Ai, depois, sábado, fui no cinema e depois jogá. Perdemo de
99 oito a um.
100 (Risos)

101 Aluno: Oito a um? Nossa!
102 Professora: Então vocês perderam? De oito a um? Quem era o goleiro?
103 Aluno: Eu, eu era o goleiro.
104 Professora: Você era o goleiro? Olha! Eduarda? Pedro, Pedro! Deixa os coleguinhas falarem!
105 Aluno: sábado eu fui na missa, brinquei, dormi, fiquei com a minha vó.
106 Professora: Aquela vó sua que veio de Bariri? Ela foi embora já?
107 Aluno: É. Não, ela vai ficar aqui.
108 Professora: A tá, ela vai fica aí então. Maria Antônia!
109 Aluno: Brinquei, dormi e sai com meus pais.
110 Professora: Daiane?
111 Aluno: Brinquei.
112 Professora: Leandro?
113 Aluno: Eu fui no cinema, brinquei com meu primo e dormi.
114 Professora: Num foi no rancho do vô esse fim de semana?
115 Aluno: Não meu primo tava em casa!
116 Professora: Nina!
117 Aluno: Eu fui na missa, fui posá no sítio, brinquei dormi e só,
118 Professora: Só. Geovana?
119 Aluno: Fui no Shopping.
120 Professora: Fez as unhas!
121 Aluno: Ah, É.
122 (Risos)
123 Aluno: Brinquei e dormi.
124 Professora: Geovana, aquele dia que você saiu daqui, você melhorou depois? Da dor?
125 Aluno: Demorou um pouco pra passar, mais depois que tomei remédio melhorou.
126 Professora: Você vai.
127 Aluno: Brinquei, dormi, comi e só.
128 Professora: A Ana.
129 Aluno: Eu viajei, mais foi um dia só, Aí, eu voltei. Sábado, eu sai, fui na missa, comi lanche e
130 dormi, brinquei e só. Ah! Eu fiquei acordada até as duas da manhã. assistindo filme.
131 Professora: Nossa! Até tarde, então. Gabriel?
132 Aluno: Eu andei de cavalo, lá na estrada do meu vó. Dormi, brinquei. Ah! Eu fui lá ver o
133 riozinho também, e só.
134 Professora: Com certeza acordou tarde, casa da vó!
135 (Risos)
136 Professora: Você, fala.
137 Aluno: Sábado eu fui em Piratininga, joguei bola, nadei.
138 Professora: Mas num é o mesmo campeonato dele?
139 Aluno: Não é outro. Esse é do Corinthians.
140 Professora: Ah, é outro. Você não treina com ele né, é o Eduardo.
141 Aluno: Ganhamos de 6 a 2
142 Professora: Ganharam, então. Tá bom. Pyetra?
143 Aluno: Eu dormi, assisti TV, brinquei, fui na missa.
144 Professora: Eu num fui na missa e falaram que você leu, lá?
145 Aluno: Leu! A Maria também!
146 Professora: A tia Ângela não foi. Você leu bem ou leu engasgando, lá na frente?
147 Aluno: Leu mais ou menos.
148 Professora: Ahhh, me falaram que foi lendo meio que engasgando, hein!
149 Aluno: Eu enrosquei numa parte, eu num conseguia ler devagar.

150 Professora: Mas, Pyetra. Você não sabia que você ia ler lá sábado? Num levou em casa pra
151 treinar?

152 Aluno: Eu num sabia! As professoras dão no mesmo dia!

153 Professora: Ahh, mais mesmo assim, tem que treinar a leitura bastante. Aí quando vai ler
154 assim num enrosca tanto.

155 Aluno: Às vezes, eu leio.

156 Professora: Às vezes, Pyetra? Leitura é todo dia! Todo dia, pra ficar boa, tem que ler todo dia!
157 Viu, num adianta pegar às vezes, a gente vai sempre na biblioteca, eu tenho certeza que você
158 tem um monte de livrinho na sua casa, num é? Não adianta livro não pé enfeite! É pra ser lido,
159 apreciado. A tia Ângela esse fim de semana preparou as avaliações de Português, Matemática
160 e História. É. Mande pra coordenadora, então eu fiquei até tarde preparando prova. Depois
161 fui pro sítio, almocei com minha família.

162 Aluno: A gente vai ter prova tia?

163 Professora: Sim. Então, é bom já ir estudando, lendo os livros de História, Geografia, pra não
164 deixar tudo pra última hora. Então num deixa só pra semana que vem pra estudar, sexta feira
165 já vais ser provinha de Língua Portuguesa. Vou fazer uma leitura, fiquem no lugar mesmo,
166 depois a gente já vai pra biblioteca. Tá? Vamos fazer pelo menos na segunda-feira a nossa
167 oração, para que nós tenhamos uma boa semana. Que ninguém fique doente. Então, que nós
168 tenhamos uma ótima semana.

169 (Crianças fazem a oração)

170 Professora: Então crianças a leitura diária de hoje é um conto popular que chama "O Aprendiz
171 de Mago". Tá? Então, vamo lá. "Há muito tempo, num país distante, vivia um mago, que
172 tinha fama de ser um dos homens mais sábios das redondezas. Ele passava, a maior parte do
173 tempo, estudando velhos livros. Logo cedo, já estava em seu laboratório, ensaiando palavras
174 mágicas e criando novas poções! Esse mago tinha um jovem aprendiz que fazia os serviços
175 domésticos, e o ajudava no laboratório. Ele era muito esperto! E sentia vontade de também se
176 tornar um grande mago como o mestre. Certo dia, o mago foi ao bosque, antes de sair pediu
177 ao aprendiz que pegasse água do poço para encher a banheira, quando se viu só, o jovem
178 entrou no laboratório do mago. Que emocionante era aquele lugar, ali estavam todos os
179 objetos com o quais o mago preparava suas poções. Cheio de emoção, o aprendiz pegou a
180 varinha mágica, pôs o chapéu e folheou o grande livro de magias. Brincando, apontou para
181 uma vassoura que estava num canto e repetiu essas palavras mágicas: "Bambuí, bambuá,
182 carambí, carambá." Num instante a vassoura criou vida! O aprendiz mandou que ela
183 carregasse água para ele. A vassoura então, pegou dois baldes e começou a carregar água do
184 poço até a banheira. Feliz com o resultado de sua mágica, o jovem aprendiz distraiu-se
185 mexendo nos frascos coloridos do laboratório. Depois de certo tempo, o aprendiz sentiu os
186 pés úmidos, então se deu conta de que a água da banheira havia transbordado e cobria o piso
187 de toda casa. O aprendiz pegou a varinha mágica e pronunciou novamente as palavras
188 mágicas para anular o feitiço, mas de nada adiantou. A vassoura continuou trabalhando.
189 Desesperado, o jovem pegou um machado e partiu a vassoura em cem pedaços, cada pedaço
190 transformou-se em uma nova vassoura! Agora eram cem vassouras pegando água e
191 despejando-a na banheira! Quando o mago voltou do bosque, encontrou a casa alagada, o
192 laboratório inundado e o jovem aprendiz se esforçando para não se afogar. O mago estendeu
193 os braços e pronunciou algumas palavras estranhas. Num instante, todas as cem vassouras
194 deixaram de se mover e a água do chão voltou ao poço. O jovem aprendiz estava caído no
195 chão e muito envergonhado sob o olhar severo do mestre! Sem dizer nenhuma palavra, o
196 jovem se levantou, abaixou a cabeça pegou os baldes e se dirigiu ao poço para pegar água e
197 encher a banheira.

198 (Palmas)

199 Professora: Lembra, essa daqui, alguma história pra vocês?

200 Aluno: Am?

201 Professora: Essa história lembra uma que eu já li pra vocês?

202 Aluno: Num lembro bem, mais lembra sim!

203 Professora: Na outra história não era água, era sopa!

204 Aluno: Ahhhh, verdade a da sopa! "A Boa Sopa" Né tia?

205 Professora: Isso! "A Boa Sopa." Lembra que a menininha fez a mágica?

206 Aluno: Na hora que ele fez a mágica eu achei que ele ia falar leviosa!

207 Professora: Vocês lembram da boa sopa? Da menina, que ganhou uma panelinha. E o que ela

208 repetia?

209 Aluno: Panelinha, cozinhe!!!

210 Professora: Isso, panelinha cozinhe! Um dia, a panela despencou a cozinhar e não parava né!

211 O Pedro você falou que assistiu esse filme, e é assim?

212 Aluno: Não, é um pouco diferente! "Chama o aprendiz de feiticeiro"

213 Professora: É. Então, tá! Crianças peguem o livro da biblioteca e vamos lá trocar.

214 (Crianças seguem para a biblioteca)

215 Professora: Crianças, alguém gostaria de comentar o livro que pegou? Fazem duas semanas

216 que vocês estão com o livro! Jennifer trouxe o livrinho?

217 Aluno: Trouxe!

218 Professora: Quem gostaria de comentar? Ninguém? Todo mundo leu o livrinho?

219 Alunos: Eu Li. Eu também Li.

220 Professora: Porque num adianta nada pegar e deixar na bolsa. Tem que ler o livro né? Vamos

221 trocar, então, com os colegas.

222 (Crianças trocam os livros entre si. Observam um o livro do outro)

223 Professora; Crianças, já tá na hora de vocês pegarem livros que tenham mais leituras. Porque,

224 às vezes, dá uma olhada e fala esse, aqui, não tem tanto o que lê, e por isso, acaba pegando.

225 Dá uma olhada lá atrás, naquele resuminho do livro, dá uma lida no que tem ali. Ali vai falá,

226 mais ou menos, sobre a leitura, do que se trata a história, entendeu?

227 (Professora recolhe os livros antigos que estavam com as crianças e coloca outros sob a mesa

228 para que elas escolham as histórias para leitura.)

229 Professora; Aí, tem criança que leva duas, três vezes o mesmo livro. Tudo bem que é legal ler

230 o mesmo livro, mas também é importante fazer e conhecer outras leituras, concordam?

231 Quanta história diferente tem aí pra gente conhecer né! Olha esse, "ollll;;;;O Colecionador de

232 manhã." Será que você tem olhado para os céus? Será que você sabe pastorear nuvens? E

233 manhã? Você coleciona? Essa história fala da relação entre, pai e filho, neto e avô. Fala de

234 mares, de nuvens e de manhãs! Duas histórias sobre o afeto, um sentimento delicado como

235 um pássaro com asa quebrada. Mas sabe o que é incrível sobre ser um pastor de nuvens? Um

236 colecionador de manhãs? Que qualquer um de nós pode ter talento para ser um deles!" Que

237 lindo, né? Esse pedacinho fala um pouco da história e também nos deixa curiosos para saber

238 um pouco mais sobre ela.

239 Aluno: E esse, tia?

240 Professora: Esse, aí, não é legal levar: é de atividades. Nem sei porque tá aí, junto. Bom já

241 escolheu o seu Geovana? Já escolheu Rodrigo? Todos já escolheram?

242 Alunos: Sim. Eu já. Escolhemos, sim tia!

243 Professora: Olha esse é pra você Pyetra, "Quem lê com pressa, tropeça." Um livro de trava

244 línguas.

245 (Risos)

246 Professora: Olha esse: "Dom Quixote das crianças." É um livro de Monteiro Lobato. Quem já

247 viu o filme Dom Quixote?

248 Alunos: Eu, ele é meio passadinho, né?

249 (Risos)

250 Aluno: Esse é grande, né, tia?
251 Professora: Não é por conta de ser grande, né? Tem que ser livros interessantes. O primeiro
252 ano que usa mais as imagens, vai mais pelas imagens.
253 Aluno: Eu gostei desse, tia.
254 (Professora oferece um tempo para as crianças observarem e escolherem com calma os livros.
255 Anota os títulos referentes às escolhas dos alunos e segue, novamente, para a sala de aula)
256 Professora: Vamos pegar o caderninho de Língua Portuguesa.
257 (Crianças copiam o cabeçalho da lousa.)
258 Professora: Nós fizemos, na sexta, um final de história. Como faltou muita gente eu vou
259 entregar para vocês fazerem em casa. Porque não vai dá tempo de fazer, aqui, na sala! Tá? É o
260 final de um conto. Quem veio lembra?
261 Aluno: "O óculos do gato"
262 Professora: Isso. E não tinha escritor, só falava que era um conto popular!
263 (Crianças continuam a copiar matéria da lousa)
264 Professora: Nós temos que finalizar, também nosso projeto de astronomia! Né? Então nós
265 dividimos os grupos e aí vocês, pesquisaram sobre... pega seu caderno na bolsa pra tia vê.

1 Áudio 9 - 3º Ano

2 (Crianças agitadas, primeira aula de Educação Física)

3 Professora: Vamos lá crianças, calma, relaxa! Vamos sentar, ali, no fundo. Vamos fazer nossa
4 leitura diária. Eu vou ler pra vocês, ó, um texto do livro " Lendas e fábulas do folclore
5 brasileiro". Tá! Do Valcir Carrasco. Chama: "O Macaco e seu rabo". A gente viu, outro dia, a
6 história do macaco e do coelho, né? Hoje é "O macaco e seu rabo". Quem já ouviu essa
7 história? Quem conhece?

8 Aluno: O macaco e o rabo.

9 Professora: Isso, "O macaco e seu rabo!"

10 Aluno: Eu acho que eu conheço. Acho que é a história que ela faz um monte de troca, num é?

11 Professora: Conhece? Lembra alguma coisa?

12 Aluno: Eu li um de macaco, que tava lá na estante da biblioteca, onde o macaco tava em cima
13 do pé de manga e o jacaré tava só dormindo. Mas, não é essa. É? Daí, quando teve uma hora,
14 ele caiu, ele foi atravessar o rio, quase que o jacaré pegou ele.

15 Professora: Quem mais escutou alguma e quer falar? Fora a história que a gente viu aquele
16 dia, que era uma fábula sobre o macaco e o coelho, onde um queria matar as cobras e o outro
17 matar as borboletas, né? Lembra da fábula na provinha? Essa daqui é, "O macaco e o seu
18 rabo". O macaco é esperto?

19 Alunos: Ééé! E muito, né, tia! Pelo menos nas histórias falam que ele é travesso, esperto,
20 brincalhão!

21 Professora: Então, vamos lá. "Havia um macaco que sonhava em enriquecer! Ele foi para a
22 estrada e estendeu o rabo. Um homem se aproximou em um carro de bois. Ao ver o rabo do
23 macaco esticado pediu: "Macaco, tira o rabo daí, se não as rodas vão passar em cima!" "Não
24 tiro!" Respondeu o macaco, que era muito teimoso. O Homem tangeu ou bois, o carro passou
25 sobre o rabo do macaco, cortou. O macaco ficou sem rabo e começou a gritar: "Devolve meu
26 rabo! Devolve!" "Foi culpa sua!" Disse o homem. Eu avisei que ia passar. Então, me dá uma
27 navalha," pediu o macaco. Para se ver livre de confusão, o homem deu-lhe uma navalha. O
28 macaco saiu pulando! "Perdi meu rabo, mas ganhei uma navalha, vou viajar para Angola." E
29 foi adiante"... O que vocês acham que aconteceu? Vocês que conhecem? Todo mundo tava aí,
30 eu conheço! Eu conheço. E agora? O macaco sem rabo e com a navalha. "E, foi adiante,
31 quando encontrou um senhor negro na porta de uma casa, ele fazia cestos. Mas, por falta de
32 outra coisa era obrigado a cortar os cipós com os dentes. O macaco aproximou-se, "O amigo
33 está cortando cipó com os dentes?" O Homem nem respondeu, pois estava com a boca
34 ocupada! "Use minha navalha ofereceu o macaco." O cesteiro aceitou. Quando foi cortar o
35 primeiro cipó, a navalha arrebentou. O macaco iniciou nova confusão! "Minha navalha, quero
36 minha navalha!" "Que posso fazer se quebrou?" "Então me dá um cesto!" O homem lhe deu
37 um cesto. O macaco foi embora gritando: "Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, Perdi minha
38 navalha, ganhei um cesto! Vou embora vou para Angola!" Mais adiante encontrou uma
39 mulher que terminava de assar uma fornada de pães. Por falta de lugar para colocá-los, botava
40 na saía. O macaco ofereceu: "Sinhá, bota os pães no cesto." A mulher aceitou. Mas, o cesto
41 que o macaco ganhara era velho, quando ela colocou os pães, o fundo caiu. O macaco fez
42 outra confusão. "Meu cesto, eu quero meu cesto!" "Estava velho, não foi minha culpa!"
43 "Então, me dá um pão!" A mulher concordou, o macaco pegou o pão, e foi embora todo feliz.
44 "Perdi meu rabo, ganhei uma navalha. Perdi a navalha, ganhei um cesto. Perdi o cesto, e
45 ganhei um pão! Vou embora, vou para Angola!" E o macaco foi embora comendo o pão, sem
46 pensar que, dali, a pouco não teria mais nada.

47 (Palmas)

48 Professora: Era essa que vocês conheciam?

49 Alunos: Era! Tem na coletânea!

50 Professora: Mais a da coletânea é essa aqui do rabo?

51 Alunos: É.

52 Professora: Então, depois a gente dá uma olhadinha e compara. Crianças “Lendas e fábulas do
53 folclore brasileiro”, Valcir Carrasco. Tem outras, aqui, bem bacana! Tá?

54 Aluno: Tia, tá vendo como a gente tem que gostar do que tem, se a gente for muito chato e
55 querer ter tudo, acaba como o macaco. Fica tentando passar o pé nos outros e quem acabou
56 sem nada, foi ele! Né?

57 Professora: Isso mesmo! Muito bem. Temos, sim, que buscar novidades, conquistas. Mas,
58 também temos que respeitar os outros! Bom, e a aula de Educação Física crianças?

59 Alunos: Foi boa. Foi legal, sim.

60 Professora: Então tivemos conselho semana passada, e como vocês sabem a professora de
61 Educação Física participa deles. Ela falou que com a mudança de horário, muitas coisas
62 melhoraram, mas que alguns alunos, ainda não perderam o costume de fazer aquelas coisas.
63 Melhorou então, não cem por cento. Então precisamos pensar, né, nas nossas atitudes,
64 gracinhas, precisa parar pra pensar! Viu. Voltar pro lugar, então! Organizem as almofadas! E
65 peguem o caderno de matemática. Temos alguns problemas pra resolver.

7.1.4: 4.º ano

- 1 Áudio 4 - 4º Ano
- 2 Professora: Pessoal, bom dia, né! Vamos pegando os nossos cadernos.
- 3 (crianças se agitam)
- 4 Professora: Olha o caderno de Português e vamos copiar a rotina, gente!
- 5 Aluno: Tia, que hora que vai tira a foto?
- 6 Professora: Que hora que vai tirar a foto? Eu penso que vai ser agora na parte da manhã! Mas
- 7 não posso afirmar nada do horário!
- 8 Aluno: Vai demorar uma meia hora, né, tia!
- 9 (Crianças copiam a matéria da lousa)
- 10 Professora: Todo mundo já terminou?
- 11 Alunos: Nããão.
- 12 Professora: A Leitura diária, ontem, foi do Gabriel. João Furlanetto! Você trouxe algum livro?
- 13 Não, né! Eu já sabia, então eu trouxe uma leitura pra você.
- 14 (Crianças continuam a copiar da lousa)
- 15 Professora: Vamos gente, que hoje a tia tem um probleminha. A tia vai ter que sair da sala e a
- 16 tia Bia vai assumir aqui, daqui a pouco.
- 17 Aluno: Por quê?
- 18 Professora: Porque a tia tem uma pequena reunião, tá bom! Ó eu gostaria que vocês
- 19 prestassem atenção na leitura diária, por o que a tia sempre fala da leitura, ela tem um objetivo
- 20 não tem?
- 21 Alunos: Siiim
- 22 Professora: Num é, então se a leitura diária tem objetivos, todo mundo já tá cansado de saber,
- 23 desde o começo do ano. Nós temos que prestar atenção! Certo?
- 24 Alunos: Siiim!
- 25 Professora: Matheus vira pra frente, filho! Matheus, você tá tacando borracha no André?
- 26 Aluno: Não, eu tô sem, tô emprestando!
- 27 Professora: Tá bom, você tem bastante borracha agora! Pode voltar para o seu lugar! Vem cá
- 28 fazer a leitura! Pode começar!
- 29 Aluno: "A rã Santa Aurora".
- 30 (Segue anexo.)
- 31 (Não houve nenhuma discussão sobre a leitura)
- 32 Professora: Ok! Peguem seu caderno de história! Podem ir colocando a data de hoje. Quem
- 33 não terminou a rotina gente, termina, hein! Tem que copiar a rotina no caderno de Língua
- 34 Portuguesa!
- 35 (Crianças se agitam).
- 36 Professora: Gente, gente vamo! As provas já passaram, e a gente já terminou a primeira
- 37 unidade do livro! Agora eu vou entregar pra vocês, enquanto vocês vão abrindo o caderno,
- 38 colocando a data, eu vou entregar o convite da festa de sexta feira, tá? Vai ser lá no bosque, tá
- 39 bom. Vai ser às 10 horas. Mas ó! Primeiro a gente vai ter as três aulas normais! 10 horas nós
- 40 vamos descer pro bosque, pra festinha, tá bem! Tá! Como a gente combinou, quem tiver a
- 41 camisa do seu time, assim, o tema da festa vai ser o Corinthians, mais pode vir são paulino,
- 42 palmeirense! Então é uma união entre os times. Então, vamos lá!
- 43 (Professora faz a entrega dos convites para os alunos)
- 44 Professora: Certo! Certo, gente! Agora guarda. Calma, porque a tia Bia vai assumir a sala!
- 45 Ok! Todo mundo já colocou a data? Agora, voltando pra história, vamos lá gente! Abrindo o
- 46 caderno! Voltando na tarefinha! Unidade 8. "Os bandeirantes e a busca por riquezas". Página
- 47 104, 105. Todo mundo já colocou a data no caderno?
- 48 Alunos: Siim! Nãoooo! Pera um poquinho!
- 49 Professora: Sim?
- 50 Alunos: Siiim.

51 Professora: Eu vou passar o resuminho pra vocês! Vocês vão colar no caderno, antes da
52 leitura. Ok? A Vitória distribui desse lado! Gente, vamos colar o resumo! Vamos colar gente,
53 sem fazer hora, pra fazer uma colagem!

54 Professora: Vamos! Vamos observar a imagem! Na página 104 e 105! O que nois tamo
55 observando nessa imagem? Vocês vão falar pra mim, uma rodovia! Ok! Quem já leu o
56 quadradinho aqui embaixo?

57 Aluno: A Rodovia dos Bandeirantes, estado de São Paulo, 2007!

58 Professora: Isso, vamos, essa rodovia liga a capital paulistana ao interior de?

59 Alunos: São Paulo!

60 Professora: Isso, os Bandeirantes e a busca por riquezas! Quem sabe me falar, quem eram os
61 bandeirantes? Quem lembra ou já viu alguma coisa? Já leram ou estudaram isso antes? Por
62 que essa rodovia chama "Rodovia dos Bandeirantes"? Isso vocês já ouviram ano passado em
63 gente! Ninguém lembra nada? Nadinha?

64 Aluno: A professora Bia chegou!

65 Professora: Ah, então eu vou ter que me ausentar um pouquinho. A Professora Bia vai
66 continuar. Bia, o resumo eles já colaram no caderno.

67 (Professora efetiva sai da sala pra resolver alguns assuntos, e a sala é assumida pela
68 professora Bia, coordenadora da escola).

69 Professora: Olha, agora a tia Bia tá no comando! Vocês podem sentar e começar!

70 Professora 2: Bom dia queridos, tudo bem?

71 Alunos: Tuuuudo!

72 Professora 2: Então, vamos lá! Será que os bandeirantes eram homens, bichos, mulheres?
73 Quem será que eles eram?

74 Alunos: Homens com bandeiras!

75 Professora 2: Homens com bandeiras...

76 Aluno: É, ó o nome deles, Bandeirantes!

77 Professor 2: Será? Então, vamos lá! Analisando a imagem da página 104 e 105! Enquanto a
78 professora vai lá tirar sangue, fazer os exames dela.

79 Aluno: Sangue? Mais, num era uma reunião?

80 Professora 2: Shiiu, vamos lá então! O Bandeirante e a busca por riquezas. O que será que
81 lembra a palavra riqueza?

82 Aluno: Fortuna, dinheiro!

83 Professora 2: Muito bem. Fortuna, dinheiro!

84 Aluno: Ouro! Diamante!

85 Professora 2: Pedras preciosas! Isso muito bem! Então, vamos lá! Observem ó! Rodovia dos
86 bandeirantes, estado de São Paulo, a foto foi tirada em dois mil e?

87 Alunos: Sete!

88 Professora: Estamos em dois mil e?

89 Alunos: Quinze!

90 Professora 2: Então quantos anos faz que tiraram essa foto? Sete pra chegar no quinze?

91 Alunos: Oito!

92 Professora 2: Oito. Dois mil e sete, que século será que é?

93 Alunos: hummm difícil! 21?

94 Professora 2: Isso 21!

95 Aluno: Nossa acertei!

96 (Risos)

97 Professora 2: Acertou. Ó vocês querem aprender a descobrir o século dos anos?

98 Aluno: Sim, a professora diz que a cada cem anos é um século né?

99 Professora: Isso. Ó dois mil e sete, quem é a unidade?

100 Alunos: Sete!

101 Professora: Quem é a dezena?
102 Alunos: Zero!
103 Professora: Quem é a centena?
104 Alunos: Zero!
105 Professora: E essa casa aqui chama-se?
106 Alunos: Dezena de milhar!
107 Professora: Dezena de milhar?
108 Alunos: Unidade!
109 Professora: Unidade de milhar! Muito bem! Sempre que vocês estiverem lendo um livro,
110 ouvindo alguma coisa, e eles falarem o ano, eu vou dar uma dica pra vocês descobrirem o
111 século! Você tem que olhar, na unidade e na dezena! Se tiver dois zeros aqui, é outra coisa,
112 como não tem zero na unidade, só tem zero na dezena, você soma mais uma centena! Vinte
113 mais um?
114 Alunos: Vinte e um!
115 Professora: O Brasil foi descoberto em que ano?
116 Aluno: 1500!
117 Professora: 1500, tem zero na unidade?
118 Alunos: Teeem!
119 Professora: Tem zero na dezena?
120 Alunos: Temmm!
121 Professora: Você corta os zeros! Qual século que era?
122 Alunos: Quinze! Que legal!
123 Professora: Fala um ano aí qualquer!
124 Alunos: humm.
125 Professora: Pra baixo de mil e quinhentos!

1 Áudio 5: 4º Ano

2 (Alunos Agitados)

3 Professora: Maria Fernanda? Num veio, né! Ela queria tanto ler um poema. Quem leu o
4 Detetive ontem?

5 Alunos: kauê!

6 Professora: Põe na lista, então, hoje então é a Laura! Pessoal ninguém começou a copiar
7 ainda, num é? Eu vou inverter a leitura diária porque faltou a Maria Fernanda que ela ia ler
8 um poema e hoje ela não veio! Tá? Então eu vou deixar a "Gata apaixonada pra mim" e o
9 Macaco de Óculos, pra Laura, porque você não trouxe a leitura. Né Laura? Olha gente, mais
10 uma fala minha, eu acho que eu tô virando papagaio, porque todo dia a mesma coisa, a
11 responsabilidade da leitura diária é de vocês! Por que nós vamos na biblioteca?

12 Aluno: Pra pega livro...

13 Professora: Pra pega livro, certo! Então, o aluno, ele não tem desculpa que ele num tem livro,
14 para ler na sua leitura diária. Porque é importante ler em casa aquilo que vai ler aqui para os
15 colegas! Só que ninguém traz a sua leitura. Num é assim? Então, a gente tem que começar a
16 criar o habito de ler e trazer a leitura. Porque vamos supor, é só cinquenta por cento da sala
17 que traz, os outros eu já sei que sou eu que tenho que trazer! Então, como que a gente vai
18 fazer? E, continuamos com o mesmo problema! Já foi falado com os pais na reunião, não
19 adianta. Não sei mais pra quem pedir! Tá difícil. Num tá não? As crianças que estavam me
20 devendo trabalho trouxeram? Que eu falei que precisava fechar as notas no final de semana?
21 Sim ou não? Kauê, você trouxe? Pela terceira vez eu vou ter que ligar na sua casa! Né? Então,
22 fica difícil! Porque os trabalhos eu considero como uma terceira nota! Ou até a quarta nota,
23 porque a gente faz prova mensal, faz o trabalho de História e Geografia! E aí? Né! Eu já
24 expliquei como é que eu somo! O que vale, qual é a pontuação, fiz a conta na lousa! Agora o
25 aluno não traz o trabalho. Eu tenho que ficar ligando, todo bimestre, pra mãe! Eu já falei com
26 a coordenadora, eu não vou mais ligar! Simplesmente, eu vou dar a nota! Então, vamos lá,
27 espero não ter que falar isso de novo. Eu pedi para não copiar o Macaco aqui, que eu vou
28 mudar. Tá! Porque a Maria Fernanda faltou hoje! Rafaela, vai lá na sala dos professores e
29 pega um giz branco pra mim, fazendo favor! Rapidinho, tá! Então ficou "A Gata Apaixonada"
30 e o "Macaco de Óculos".

31 (Professora muda ordem das leituras na lousa)

32 Professora: "A Gata Apaixonada". Vamos prestar atenção na leitura! Quando perguntaram
33 como é que eu consegui sair com a Carla, eu respondo que foi por causa do Ademir, o pintor
34 famoso. Eu estava tranquilo estudando, lá pelas três da tarde, o telefone tocou, era ela: a
35 vizinha da casa três! A mãe morreu, há uns quatro anos, o pai é super ciumento, e não a deixa
36 sair de casa, nunca. "Oi, Rodrigo! Você tem um gato grande malhado?" "Tenho, o nome dele
37 é sorvete!" " Sooorverte!?" " Quando a gente encosta a mão, ele se derrete todo." " Ele briga
38 com minha gata a Taty. Já aconteceu várias vezes, acho que é ciúmes!" " De outro gato?" "
39 Não! De um pintura do Ademir Martins." Dez minutos depois, eu estava na sala da casa dela,
40 só nós dois. "Você vai ver ela?" - Disse ele. "É sempre na mesma hora, você já ouviu falar no
41 Ademir Martins?" "Já, é um pintor famoso! Mora aqui em São Paulo!" "Morava! Morreu à
42 pouco tempo!" "Minha mãe era apaixonada pelas pinturas dele, ele ilustrava livros, revistas e
43 jornais! Pintava cangaceiros, galos, passarinhos e peixes." "To sabendo, desenhava até rótulo
44 de maionese e de vinho." Minha mãe comprava tudo que podia, a gente comia em pratos
45 desenhados por ele, tinha lenços, cortinas, tapetes, cordinhas." Carla me levou para um canto
46 na sala, em cima de uma imitação de lareira, havia uma tela do Ademir, pequena, com o
47 desenho de um gato, um gato gordo, vermelho e azul, um focinho enorme, mostrando as
48 garras. Olhos verdes, calmos e hipnóticos. Minha mãe adorava esse quadro, então ela me
49 puxou para trás de uma cortina pesada que cobria a vidraça que dava para o jardim. Taty
50 entrou na sala, pulou no beiral da falsa lareira e parou em frente ao quadro olhando para o

gato pintado. Ficamos assim, uns vinte minutos escondidos, calados, até que ele apareceu, o velho sorvete. O gato mais desconsolado do pedaço veio chiando, passou entre os móveis, parou na frente da lareira, olhou para o alto e não gostou nada do que viu! Carla segurou no meu braço. Sorvete pulou pro beiral. Briga de gato é mais rápido que videogame. Taty pulou, atravessou uma janela aberta e fugiu para o jardim com o sorvete atrás. "Minha mãe dizia que uma artista é capaz de recriar a vida. Se Deus existe com certeza é um artista! Mas acho que você vai ter que trancar o sorvete em casa. "Não gostei daquilo. "Não Carla, a gente encontra outro jeito. Pra mim, as pessoas, os bichos, qualquer coisa que se mexa tem que ter a liberdade, tem que ter uma janela aberta. Mas o Sorvete é meio selvagem. Isso. É assim que gosto dele. Eu também sou meio selvagem. Sabe o que eu faço? É como um tomate inteiro, eu não fico esperando minha mãe partir e colocar na salada aquilo que eu não gosto". Ela riu. Não sei da onde tirei essa história do tomate. Ai me empolguei, queria dar mais exemplos de como eu era selvagem, mas a cortina abriu de repente e o pai dela apareceu. O cara ficou nervoso, quase chamou a polícia, mas depois a gente explicou, e ele se arrependeu e acabou até deixando a filha sair comigo. Eu e a Carla estamos namorando." Legal a história, né? E os gatos também, um tinha ciúmes do outro que ficava observando o quadro do gato que não existia, né? Muito Legal! Agora a Laura vai ler pra mim "O Macaco de Óculos". Vem Laura! Lê com calma, tá? Presta atenção nas palavras pra você não ficar enroscada. Pode ler alto por conta do ventilador!

Aluno: "O Macaco de Óculos". O Macaco que se achava muito esperto e inteligente, estava ficando velho e já não enxergava mais. Preocupado com isso, resolveu usar suas espertezas, e saber o que as pessoas fazem quando ficam velhas, e já não enxergam bem. Conversando com alguns jovens, descobriu que era preciso usar óculos. Arranjou seis pares de óculos, para não correr o risco de um só não dar certo. Pendurou um no pescoço, outro no rabo, um na cabeça, outro na nuca, um no pé e outro na mão. Mas, nada. Continuava sem enxergar! Cheirou, lambeu, mudou as posições e não conseguia nenhum resultado, continuava enxergando mal. O macaco, então, pensou que ele estava sendo enganado Ficou furioso, pegou seus pares de óculos jogou-os no chão e pisou em cima. Coitado continuou sem enxergar.

Professora: Todo mundo conseguiu entender a leitura da Laura? Sim ou não?

Alunos: Siiiiim!

Professora: A história do macaco, quem sabe me dizer o que aconteceu? Vamos ver se prestaram atenção mesmo!

Aluno: O macaco não estava enxergando e resolveu comprar um monte de óculos!

Professora: Ok, ele comprou os óculos e o que ele fez com eles?

Alunos: Ele comprou seis pares de óculos, e colocou na cabeça, no pé, no rabo, na mão, em várias partes do corpo, menos onde era pra colocar!

Professora: E tava certo isso?

Alunos: Nããão!

Professora: Aí ele continuou enxergando ou não?

Alunos: Não, porque ele não colocou no lugar certo, e ficou achando que tinha sido enganado, ficou nervoso. Em vez de pedi ajuda, foi lá e quebrou tudo!

Professora: Isso, e mesmo assim, continuou sem enxergar! Muito bem! Olha gente, essa historinha, faz parte de uma atividade que eu vou dar pra vocês hoje! Tá! Como hoje tá meio, corrido eu trouxe algumas atividades já impressa para que a gente possa aproveitar um pouco mais a nossa aula, Ok?

Alunos: Ah! Tá bom!

Professora: Porque na hora do recreio a gente vai descer. Então, pra conseguir fazer algumas coisas a mais, e não sair da nossa rotina, tá? Então, nós vamos fazer o que agora? É uma atividade pode colocar no caderninho. Eu nem coloquei na lousa para não escrever duas vezes a mesma coisa. Então nós vamos fazer no caderninho de Língua Portuguesa. Pula umas duas

101 linhas, que vocês já estão acostumados, e coloca lá: leitura, vírgula, interpretação e análise de
 102 texto! Ok? Essas folhinhas nós não vamos colar no caderno, essa folhinha nós vamos fazer,
 103 conferir e guardar na nossa pasta! Tudo bem? Então leitura, leitura. Leitura, vírgula,
 104 interpretação e análise de texto, Por quê? Porque eu vou interpretar o texto, analisar algumas
 105 palavras, o significado, tudo aquilo que a gente já aprendeu! Vai ter algumas coisas que vocês
 106 vão reconhecer, mal com L, mau com U. Né? Então vamo vê, até que ponto vocês
 107 aprenderam e até que ponto ainda resta dúvida! Né? Qui, que eu falei, ontem, pra vocês, gente
 108 eu fiquei decepcionada quando eu fui corrigir as provas! Tanto que nós estudamos sobre R e
 109 RR e escreveram um monte de bariga, bariga bariga pra barriga! E fora as outras palavras que
 110 a gente conversou, ontem, que eu não vou falar tudo de novo! Então, a gente já teve várias
 111 regras! Nós tamos desde o começo do ano estudando as regras! E tem gente ainda que não
 112 aprendeu! Sabe, os dois R, um R só. Né o fonema! Quando é forte! BaRRiga dois R! Né? Se
 113 não fica bariga! O carro, gente, o carro não é tanto! Se não fica como? Caro, é outra palavra!
 114 Então é difícil? Não! Lógico que a regra do R, dois R é uma das mais fáceis que tem! Porque
 115 a gente tem como falar a palavra. Escutar. Nossa! O som é forte! Então é dois R, né? O L no
 116 final o U no final! Quantas atividades a gente já tem feito durante o ano! Porque, na prova, é
 117 assim, uns oitenta por cento está acertando, mas tem uma parte que não tá conseguindo.
 118 Então, a gente vai passá revisando algumas palavras, né! Algumas frases desse texto, ok? Tá?
 119 Então, vamo lá. Leitura, interpretação e análise de texto, que é justamente o texto que a gente
 120 já leu, "O Macaco de óculos". E vai tá aqui, na folhinha. Entrega pra mim, Laura.

121 (Aluna entrega as atividades para turma)

122 Professora: Eu quero que vocês façam com calma! Principalmente análise! Pensem! E
 123 reflitam sobre tudo que a gente estudou sobre ortografia, ontem, tá? Porque a nossa conversa
 124 foi ontem! Certo? Fizemos o ditado interativo, fizemos o quê? Mais uma atividade com L e
 125 com u! Tá? E isso vai ficar na pasta, tá? Ai esqueci de colocar aqui entre parênteses, coloca
 126 aqui na folha, que é pro pai saber que essa atividade foi feita na folha, que vai ser guardada na
 127 pasta que eles vão olhar na reunião! Ok?

128 (Crianças analisam o texto em silêncio, Durante a execução da atividade a professora ajuda os
 129 alunos de carteira em carteira.)

130 Aluno: Professora o que é pra fazer aqui?

131 Professora: Ilustração da história, um desenho gente! Não quer desenhar o macaco desenha só
 132 a carinha, a floresta, faz um desenho bem bonito da história. Terminem a pintura pra gente
 133 conversar a respeito do texto.

134 (Crianças se agitam)

135 Professora: Vamo lá, gente! Vamos conversar a respeito! Matheus Bom, senta aí, filho! Presta
 136 atenção, os demais que estão conversando. Eu vou chamar um aluno, ele vai responder e nós
 137 vamos concordar ou não com a resposta dele, ok? Então vamo lá! Éééé, deixa eu ver, aqui.
 138 Vamos Vitória, primeira pergunta! Olha lá, vamos escutar a pergunta!

139 Aluno: "A personagem da história é?" O macaco que se achava muito esperto!

140 Professora: Todo mundo concorda?

141 Alunos: Siiim!

142 Professora: Todo mundo colocou a mesma resposta?

143 Alunos: Siiim!

144 Professora: Muito bem! número dois. Lê pra mim Maria Eduarda.

145 Aluno: "O macaco não enxergava bem por quê?" Porque estava ficando velho.

146 Professora: Muito bem! Todo mundo colocou a mesma resposta?

147 Alunos: Siiim!

148 Professora: Se alguém não colocou, levanta a mão pra gente tirar a dúvida! Tá bem fácil, essa
 149 parte de interpretação né? Lê pra mim, Ruan, a número três!

150 Aluno: "O macaco para descobrir como enxergar melhor resolveu?" Conversar com alguns
151 homens.
152 Professora: Todo mundo concorda com a repostagem?
153 Alunos: Siiiiim!
154 Professora: Alguém respondeu diferente? Número quatro, vai Matheusinho!
155 Aluno: "O que o macaco descobriu conversando com os homens?" Que ele tinha que usar
156 óculos.
157 Professora: Isso, todo mundo respondeu igual?
158 Alunos: Siiim!
159 Professora: Então vamos lá, número cinco! João Rodrigo, vamo lá!
160 Aluno: "Em quais lugares do corpo o macaco pendurou os óculos?"
161 Professora: Então tem uma parte do texto, onde ele fala os lugares do corpo onde ele
162 pendurou os?
163 Alunos: Óculos!
164 Professora: Óculos... O que você respondeu João? Vamos lá.
165 Aluno: Pescoço, nunca, rabo, pé, mão e cabeça!
166 Professor: E cabeça, muito bem! Todo mundo respondeu da mesma forma?
167 Alunos: Siiim!
168 (Crianças se agitam)
169 Professora: Então vamos continuar pessoal! Número seis, que todo mundo tava apavorado! E
170 era tão simples! Né! Laura!
171 Aluno: "Numere as ações do macaco, na ordem que aparecem no texto."
172 Professora: Na ordem que aparecem no texto! Vamos lá Laura o que você respondeu!
173 Aluno: Número um, cheirou os óculos.
174 Professora: Muito bem! Todo mundo colocou isso?
175 Alunos: Siiiiim!
176 Professora: Vai Laura!
177 Aluno: Número dois, lambeu os óculos.
178 Professora: Muito bem!
179 Aluno: Número três, mudou os óculos de posição.
180 Professora: Muito bem, a próxima!
181 Aluno: Número quatro, jogou os óculos no chão.
182 Professora: Muito bem! Todo mundo respondeu igual?
183 Alunos: Siim!
184 Professora: Vamos lá!
185 Aluno: "Só podia ser engraçado, macaco botar óculos no rabo. Na frase acima, por qual
186 palavra, a palavra sublinhada pode ser substituída?" Colocar!
187 Professora: Isso! Então, tá bom. Vamos lá. Próximo! Marcos!
188 Aluno: "Na frase, o macaco enxergava muito mal, o contrário da palavra sublinhada é?" Bem!
189 Professora: Isso, próximo!
190 Aluno: "Complete a frase corretamente: O macaco é?" Peludo! "Nós gostamos muito de?"
191 Animais!
192 Professora: Tá todo mundo acompanhando? A última agora!
193 Alunos: "Os macacos?" Fugiram!
194 Professora: Todo mundo entendeu? Isso é coisa que a gente vem estudando, mais que tão
195 acontecendo erro na hora do vamo ver! Porque na escrita de vocês tem muita palavra que tá
196 errada! Os verbos estão errados, na colocação errada! Entenderam? Então vocês tem que
197 prestar atenção nisso, pra não errar mais! O que nós falamos ontem? Não posso mais errar!
198 Né? Vamo lá, gente! Vamo! Então, vamo lá! E faça um desenho. Todo mundo fez? Agora

199 enquanto eu passo a atividade de matemática, eu vou dar visto pra vocês guardarem na pasta!
200 Ok?

- 1 Áudio 6- 4º Ano
- 2 (Crianças agitadas)
- 3 Professora: Bom dia, quarto ano! Vamo pegá, agora, o caderninho de Língua Portuguesa.
- 4 Vamos colocar a data de hoje. Nossa rotina tá na Lousa! Alguém leu alguma notícia, alguma
- 5 coisa que gostaria de tá comentando? Júlia? Vamo lá, vamos começar nossa horinha da
- 6 conversa. Fala Júlia o que você escutou que é interessante pra sala.
- 7 Aluno: Ontem, eu ví a reportagem de um menino, que ele é apaixonado por Deus. Ele faz balé
- 8 e é muito bom. Ele mora sozinho, a mãe mora muito longe!
- 9 Professora: É um que é bem novo ainda? E tem várias medalhas? Como dançarino? Isso?
- 10 Aluno: É! Isso!
- 11 Alunos: Ah! Eu ví ontem, verdade eu ví!
- 12 Professora: E o que você achou dessa notícia?
- 13 Aluno: Eu achei muito legal, porque ele fala que como ele mora sozinho, a academia de dança
- 14 ali, é a família dele!
- 15 Professora: Que lindo, né? Mais alguém? Segunda-feira é o dia de nós trabalhar com as
- 16 notícias, Fala Túlio, primeiro espero que você tenha melhorado, esteja bem! Pode falar.
- 17 Aluno: Eu ví na televisão, tem um país, que no inverno, eles fazem um hotel embaixo da
- 18 terra, cheio de gelo.
- 19 Professora: Eles fazem um hotel?
- 20 Aluno: É de gelo embaixo da terra!
- 21 Professora: Isso eu também já vi, essa reportagem. Mais alguma coisa?
- 22 Aluno: Eu ví uma de cachorros que ficam soltos na rua e atacam as pessoas! E como as
- 23 pessoas devem se defender dos ataques!
- 24 Professora: Passou no Fantástico, que você deve subir em um lugar alto, né?
- 25 Aluno: Verdade! Proteger a cabeça e a barriga! Por que assim quando o cachorro vai atacar
- 26 ele não vai conseguir e vai embora. E a outra é se fingir de morto!
- 27 Professora: E o que vocês acham disso, isso é uma notícia? Uma informação? Isso se encaixa
- 28 no que? Pensa no que nós estudamos lá trás. É um texto informativo, é uma notícia? Ela é
- 29 informativa e texto científico? O que vocês acham que ele é?
- 30 Alunos: Informativo, tá passando uma informação!
- 31 Professora: Isso! Informativo, né? Tá passando uma informação, né? Eles tão dando uma
- 32 informação de como você se defende do?
- 33 Aluno: Do animal quando ele vem atrás de você!
- 34 Professora: Isso. Quem mais? É um quadro, né? Tá passando no Fantástico. Não sei se vocês
- 35 viram mais, se você tivesse num desabamento, o que você faria? Né? Você gritaria? Você
- 36 tentaria escalar pra poder sair ou você se esconderia atrás de um lugar seguro?
- 37 Aluno: Não pode gritar nem subir, pois corre risco de desabar mais.
- 38 Professora: Isso, então a melhor opção era?
- 39 Alunos: Procurar um abrigo!
- 40 Professora: Isso procurar um lugar seguro para se esconder, onde você fique protegido,
- 41 porque dizem que as pessoas já ficaram vários dias, protegidas, né, naquele espaço e
- 42 conseguiram ser resgatadas. E, as demais, eles destacam como uma possibilidade que você
- 43 pode morrer! Né, se gritar vai ingerir muita poeira, se tentar escalar pode desabar, então o
- 44 ideal é achar um lugar seguro e ficar esperando ser resgatado! Ta bom! Mas, da próxima,
- 45 espero que vocês tenham mais conteúdos diferentes, anota pra próxima segunda feira, a
- 46 agenda é pra isso, toda segunda-feira lembrar do nosso projeto jornal e trazer umas notícias
- 47 para a sala de aula, certo! Então, todo mundo anotando ou está todo mundo dormindo? Então,
- 48 nós vamos começar toda segunda-feira agora a ler notícias, ok?
- 49 Alunos: Siiim!

50 Professora: Eu trouxe uma notícia que eu achei interessante pra tá lendo com vocês, ok?
 51 Gente a leitura do aluno. como hoje nós vamos separar algumas notícia, então nós vamos
 52 escolher uma noticia os alunos vão ler e nós vamos colocar os nomes deles aqui, então deixa
 53 um espaço ta! Como leitura diária!

54 (Alunos copiam a rotina da lousa. Professora distribui jornais e orienta cada equipe a escolher
 55 uma notícia e responder algumas questões entregues impressas em uma folha.)

56 Professora: Vamo lá, então Eu vou ler a notícia que eu separei pra vocês como leitura diária,
 57 "Garoto de dez anos conta como comprou carro só com a mesada", São Paulo, 08/09/2014.
 58 Muita gente, não importa a idade economiza dinheiro para comprar algo que quer muito!
 59 Thiago Morales Teles, de dez anos, que mora na cidade de Assis, na Paraíba, foi além dos
 60 brinquedos, jogos eletrônicos, revistas em quadrinhos e doces. Ele economizou por três anos
 61 cada moedinha do seu pai e avós, e acaba de comprar um carro modelo fusca ano 1936. Que
 62 custou 2.500 reais. Para realizar uma façanha dessa o garoto conta que se inspirou no próprio
 63 pai, Waldir, que comprou o seu primeiro carro também um fusca aos treze anos de idade.
 64 "Meu pai me falou, se eu quiser ter um carro ainda novo deveria economizar, foi assim que
 65 aos sete anos comecei a juntar o dinheiro". Em entrevista por telefone disse o pai do menino:
 66 "A cada mês ele depositava o dinheiro que havia juntado, entre cinquenta e sessenta reais, em
 67 uma conta de poupança em um banco." Como ele ainda não tem idade para dirigir no Brasil
 68 só é possível tirar habilitação aos dezoito anos. Cabe ao pai dele, que é proprietário de um
 69 pequeno comercio da cidade, ter a missão de guiar o carro nos passeios dos dois pelos
 70 municípios do oeste paraibano, segundo Thiago, o fusca é usado para pai e filho fazerem o
 71 que mais gostam nos finais de semana, pescar! Agora Thiago está juntando dinheiro para
 72 equipar seu fusca, e para quando for a hora, pagar seus estudos da faculdade. Ele conta que
 73 quando crescer, quer ser jogador de futebol. Para alcançar tal meta, o menino trabalha em
 74 duas frentes, estuda no quinto ano do ensino fundamental e diz ser bom aluno e que só tira
 75 notas altas, e atua como lateral direito no time da escolinha de futebol, do município onde
 76 vive. Sobre a fama repentina, depois que sua mãe postou nas redes sociais sobre a compra do
 77 automóvel, Thiago diz que está se divertindo muito, entre as entrevistas para imprensa de todo
 78 Brasil, pelo assédio, até do prefeito da cidade. O garoto ficou conhecido como "O menino do
 79 fusca." "Até meus amigos estão economizando, agora que comprei o meu carro, alguns
 80 querem uma moto, outro, um carro também." Disse Thiago entre risos. Foi a Folha Express
 81 que publicou essa notícia. Bem legal, né, gente? Esperto ele.

82 Aluno: Nossa! Comprou um carro já!

83 Professora: Né? E quem disse que num tem capacidade? Ele comprou um carro com 10 anos!
 84 Comprou um fusca, mais já é o que?

85 Aluno: O começo, né tia!

86 Professora: Isso! Já é o começo, né? Foi em 2014, né? Quer dizer que não faz tanto tempo
 87 assim, não é verdade? Então, ele seguiu o exemplo do pai, o sonho dele era ter um carro
 88 quando era jovem. Então ele conseguiu economizando um dinheirinho. E comprou um carro
 89 com 10 anos de idade. Legal isso, né? Vocês gostaram?

90 Alunos: Sim, eu vou juntar também tia. Nossa muito legal!

91 Professora: Olha gente, agora voltando para os grupos do projeto jornal, vamos! O grupo um
 92 ta junto com outro grupo Aí? Vem mais pra cá!

93 (Crianças se organizam)

94 Professora: Gente, na pasta, está escrito o nome de todos os componentes dos grupos. Vamos
 95 ler. A Maria Eduarda não sabe onde ela está!

96 Aluno: Acho que ela tá no grupo da Nicole, lá ó!

97 Professora: Vocês apagaram o nome da Maria daqui por quê?

98 Aluno: Porque só tem homem! E ela falou que queria trocar! Foi o Artur que trocou!

99 Professora: Trocou por que Artur?

100 Aluno: Porque ele disse que não queria ficar com nois! E o Túlio é culpado porque foi ele que
 101 me emprestou a borracha!

102 Aluno: Eu? Num falei nada não tia!

103 Professora: Eu to vendo que tem alguma coisa esquisita, porque tava marcado o nome de
 104 todos, e agora o nome dela num tá em nenhum lugar! Quer dizer que vocês apagaram, né? O
 105 Artur apagou e o Túlio é o culpado porque deu a borracha? Nossa que legal! Fazer isso com o
 106 colega! Chega vai, senta aqui na frente com a Maria Eduarda, coloca o nome dela no grupo,
 107 faz favor! Nossa! Vocês não podem ser desse jeito! Tem que aprender a se misturar, meninos
 108 e meninas! Eu já percebi que o grupo de vocês tem algum receio quando coloca alguma
 109 menina junto! Só que não pode ser assim não! Tem que parar com isso!

110 (Crianças se agitam)

111 Professora: Recapitulando, semana passada, abram o livro do Ler e Escrever de vocês na
 112 página 105. A semana passada nós estudamos sobre as revistas e os jornais, semelhanças e
 113 diferenças, certo?

114 Alunos: Siim!

115 Professora: Nós tínhamos que ter feito essa atividade semana passada, Só que não deu tempo,
 116 devido aos acontecimentos da escola, ficou pra essa semana. Então lê pra mim, o Rian, o que
 117 nós vamos fazer hoje nessa atividade!

118 (Aluno lê a questão)

119 Professora: Então o que nós vamos fazer, hoje? Nós vamos estudar as partes que compõe uma
 120 notícia, certo? Uma visão geral, ainda não vai ser assim detalhada! Hoje vai ser uma visão
 121 geral: olhá os objetivos, investigar características gerais de uma noticia no que se refere a sua
 122 organização interna! Então, o que cada grupo vai fazer, vocês vão olhar no jornal e escolher
 123 duas notícias, ok! E, dentre essas duas notícias, nós vamos pegar as informações que estão no
 124 quadro do Ler e Escrever! Ok?

125 Alunos: Siiim!

126 Professora: Certo! Então, como por exemplo, qual o fato noticiado? Onde ocorreu? Quando
 127 aconteceu? Quem eram os envolvidos? E, por que ocorreu esse fato? Eu vou por essas
 128 perguntinhas na lousa, mas vocês não tem que copiar, ou pode copiar pro rascunho de vocês
 129 pra colocar na pastinha do projeto jornal! Certo? Aí, vocês vão tá procurando informações
 130 antes de nós preenchermos o quadro, Ok? Então, o que esse quadro tá pedindo pra nós? Lê pra
 131 mim Laura!

132 Aluno: Analisando, a estrutura das notícias.

133 Professora: E o que o quadro tá pedindo pra mim?

134 Aluno: Título, subtítulo quando houver, a data, autoria da notícia, Possui fotografia? Possui
 135 box complementar? Qual o fato da noticia? Onde ocorreu? Como aconteceu? Quem eram os
 136 envolvidos? Por que ocorreu?

137 Professora: Então, as perguntas são simples, porém, vocês vão ter que investigar dentro das
 138 duas notícias que vocês escolherem, esses fatos, Ok?

139 Alunos: Siiim!

140 Professora: E vamos analisar a notícia um e a notícia dois, e depois nós vamos passar as
 141 informações obtidas no livro de vocês, lembrando que os jornais que estão aqui são de datas
 142 diferentes, viu!

143 (Alunos começam o trabalho)

144 Professora: Então, ficou claro, pra vocês, o que nós temos que fazer, na atividade de hoje?

145 Alunos: Ficou tia!

146 Professora: Peguem os jornais e já vão selecionando, hein! Sem bagunçar o jornal pra não se
 147 perder. Folheando o jornal pra poder achar aquilo que é mais interessante pra vocês, ok?

148 (Alunos começam a trabalhar em grupo, para a realização do trabalho. professora faz
 149 mediação sobre a leitura da notícia)

- 150 Professora: Aqui, vamos lá! Qual a notícia que vocês escolheram?
- 151 Aluno: "Veneno de cobra é um Selante"
- 152 Professora: Certo! Então, pra entender a notícia você vai ter que ler ela inteirinha. Depois se
- 153 vocês não entenderem alguma coisa, tem o dicionário, aí, atrás de vocês, podem recorrer aos
- 154 colegas do grupo e a professora, tá bom? Ok! E vocês qual notícia escolheram?
- 155 Aluno: "Milhares caminham hoje pela família".
- 156 Professora: Milhares de pessoas caminham hoje pela família, e como tem, "O amor a nossa
- 157 missão, eu e minha família seguiremos ao senhor." Evento espera, você viu que isso aqui é
- 158 religioso? Você, leu? Sim ou não? Vocês não tão lendo a notícia inteira pra saber o que estão
- 159 fazendo, vocês tão achando que é uma caminhada, e é uma caminhada religiosa! Tudo bem,
- 160 pode ser essa notícia, mais, antes de começar a falar sobre ela, vocês tem que se informar
- 161 certinho, viu! Pra não ficar falando outra coisa!
- 162 Professora: Aqui já chegaram alguma conclusão, ou não? Qual notícia que vocês escolheram?
- 163 Aluno: "Destroços do Avião."
- 164 Professora: Ok. Mas vocês vai ler certinho pra falar pra gente, qual avião é esse, que destroços
- 165 são esses, onde isso aconteceu, tá bom? Tá, e vocês aqui?
- 166 Aluno: "Como nasce uma praça".
- 167 Professora: Que legal, "Como nasce uma praça", é o nome da notícia de vocês! Ok. Então
- 168 vamos ler e tirar as informações direitinho tá?
- 169 (Crianças continuam a trabalhar em grupos.)
- 170 Professora: A gente pode começar já?
- 171 Alunos: Nãããão!
- 172 Professora: Tão terminando gente? Então, vamos começar a discussão a respeito agora! O que
- 173 tá faltando aqui?
- 174 Aluno: A última tia!
- 175 Professora: Tá. Então, vamos lá, gente, se não, num dá tempo!
- 176 (Crianças se agitam)
- 177 Professora: Então gente, vamos começar se não nós num termina isso aí hoje! Vamos lá! Ok!
- 178 Ou Julia, você ou alguém representando o grupo levanta e me fala um pouco sobre a notícia
- 179 que vocês encontraram. Pode levantá, pro pessoal podê ouvi escutá, tá.
- 180 Aluno: A primeira notícia foi: "Milhares caminham hoje pela família".
- 181 Professora: Tá, e do que se trata essa notícia?
- 182 Aluno: É uma caminhada religiosa, com mais de dez mil pessoas.
- 183 Professora: Qual o objetivo?
- 184 Aluno: É um tema onde eles querem juntar pessoas para seguirem ao Senhor.
- 185 Professora: Louvar, seria isso?
- 186 Aluno: É.
- 187 Professora: Louvar e fazer uma caminhada em busca do amor, é isso?
- 188 Aluno: Sim, isso.
- 189 Professora: A segunda?
- 190 Aluno: Éé. "Laboratório desenvolve orquídeas."
- 191 Professora: Quando a gente vai escrever, nós temos que prestar atenção na escrita, porque se
- 192 não depois nós mesmos não conseguimos entender o que nós escrevemos, quem dirá outra
- 193 pessoa não é? Se não couber no quadro, passa na folha que depois, nós vai grampear tudo
- 194 junto a atividade. Foi, né? Então, nós temos uma notícia que é de Arealva, que tem um
- 195 laboratório em Arealva que desenvolve orquídeas, vocês sabiam disso ou não? Eu sabia, já
- 196 conheço. Nenhum de vocês conhecia isso ainda?
- 197 Alunos: Não. Nunca ouvi fala tia.
- 198 Professora: Não. Ok.
- 199 (Aula interrompida pela escovação de dentes)

200 Professora: Então pelo que eu entendi a primeira notícia dela, fala de uma caminhada, que
 201 pelo que eu entendi é evangélica, que eles fizeram em Bauru e a segunda qual foi?
 202 Aluno: Do laboratório de orquídeas! Que cria novas flores!
 203 Professora: Ok, um laboratório em Arealva que desenvolve orquídeas! Todo mundo falou que
 204 ninguém sabia! Agora estão sabendo! Tem um laboratório aqui em Arealva, que é de uma
 205 moça, como é o nome da moça?
 206 Aluno: Luciana Giatti.
 207 Professora: Isso, eu conheço esse lugar e eles desenvolvem lá espécies novas de orquídeas!
 208 Eles fazem enxerto pra que tenha, pra que a planta tenha um desenvolvimento melhor. É um
 209 trabalho minucioso, pois as peças que eles manuseiam aquelas coisas, são assim fora do
 210 comum, a pessoas tem que ter uma precisão com a mão, uma mão muito firme pra poder lidar
 211 com isso. Tá! Você conseguiu localizar tudo que você precisava? Então fale de uma notícia
 212 só, fale da segunda, que é aqui da nossa cidade.
 213 Aluno: Éé... " Laboratório desenvolve orquídeas". Pesquisa pode gerar flores mais
 214 duradouras.
 215 Professora: A lá, pesquisa pode gerar flores mais duradouras. Continua meu bem.
 216 Aluno: A data foi setembro de 2015
 217 Professora: É bem atual essa notícia, então vamos lá.
 218 Aluno: A autoria da notícia foi de Rita de Cássia Cornélio.
 219 Professora: Isso, que mais?
 220 Aluno: O fato destacado é o desenvolvimento de orquídeas. É um projeto para desenvolver
 221 orquídeas mais fortes, que duram mais.
 222 Professora: Isso, próximo.
 223 Aluno: Quem eram os envolvidos? A bióloga e os ajudantes dela.
 224 Professora: Isso, a bióloga e os ajudantes. Que mais?
 225 Aluno: Só isso.
 226 Professora: Muito bem! Agora vocês vão olhar todas as notícias escolhidas e olhar se as
 227 respostas estão de acordo com as informações do texto. Ok? Agora vamos aqui, nesse grupo
 228 aqui. Alguém vai levantar e ser o porta voz. Qual foram as notícias que vocês colheram?
 229 Vamo lá.
 230 Aluno: A notícia é "UPA tem lixo hospitalar exposto" Foi assim roubaram uma porta que
 231 protegia o lixo de uma UPA, que ficou tudo exposto lá no bairro Bela Vista, em Bauru,
 232 colocando em risco a vida das pessoas.
 233 Professora: Então tem lá o lixo hospitalar.O olha que absurdo roubaram os portões as portas
 234 onde fica esse lixo armazenado, e o que aconteceu? O lixo foi exposto. E isso tem um
 235 problema de ocasionar alguma coisa ruim, né, pra população. Agora, Ok. O que mais você
 236 encontrou? Quem foi o autor? A data!
 237 Aluno: Foi em Bauru, sete de agosto de 2015.
 238 Professora: Muito bem, tá. Vai, o autor.
 239 Aluno: Marcos Gregório, Jornal da Cidade.
 240 Professora: Tá, continua!
 241 Aluno: Possui fotografias, Box complementares. O fato noticiado foi sobre o lixo hospitalar.
 242 Professora: Muito bem, vai continua lendo, num precisa olhar pra mim.
 243 Aluno: Onde ocorreu? No bairro Bela Vista em Bauru. Como aconteceu? Ladrões forçaram e
 244 arrancaram as portas e deixaram esse lixo exposto.
 245 Professora: Muito bem! E qual é a segunda notícia? Só que essa você não precisa ler toda, só
 246 diga, pra nós qual a notícia que foi escolhida.
 247 Aluno: "Mais de 30% das crianças consomem refrigerantes antes dos dois anos."
 248 Professora: É uma notícia também, né, meio que informativa. Né! Gente, o negócio é
 249 complicado! Isso tudo ocasiona o quê? A obesidade futura. Então, oferecer pra criança com

250 menos de dois anos é um pecado. E esse mês que passou nós estamos falando sobre
251 alimentação. E fizeram uma pesquisa e descobriram que mais de 30% das crianças estão
252 tomando refrigerante antes dos 2 anos. Isso é um absurdo, né? Faz mal pra saúde.
253 Aluno: Por isso que a Cecília gosta tanto de refrigerante, porque minha tia dá desde de cedo
254 pra ela.
255 Professora: E isso é um hábito saudável? Não, né, gente! Isso faz mal pra saúde. Muito bem!
256 Agora quem vai falar aqui nesse grupo? Então enquanto esse grupo pensa quem vai falar,
257 Marcos, Henri, quem vai falar do grupo de vocês?
258 Aluno: Eu.
259 Professora: Então, levanta Marcos. Vem pra frente! Vocês vão falar as duas notícias, mais
260 uma só completa. Se não vai demorar muito. Você vai falar das duas, mais, depois vai
261 escolher uma só pra falar inteira pra sala.
262 Aluno: "Ação solidária, garante um outubro mais feliz para crianças em Bauru."
263 Professora: Ok, então vamos ouvir do que se trata aqui.
264 Aluno: Quatro estudantes da USC e um do ensino médio, se reuniram com um entidade e
265 foram cozinhar para os moradores de rua.
266 Professora: Olha lá, um grupo de jovens da USC. Eles se reuniram, coletaram alimentos e
267 fornecem quantos por mês que eu ví, lá?
268 Aluno: Cinquenta refeições por dia!
269 Professora: Isso, cinquenta refeições por dia, pro pessoal carente de Bauru. Agora vamos ler
270 aqui o que interessa. Então vai lá.
271 Aluno: Data, 04/10/2015. Autoria da notícia, Cintia Milanez. Possui apenas fotografias e não
272 tem Box complementar. O fato da notícia: Os estudantes se reuniram para arrecadar
273 mantimentos e alimentar os moradores de rua. E aconteceu através da idéia de um dos
274 estudantes.
275 Professora: E isso aconteceu pois eles tiveram necessidade de alimentar as pessoas mais
276 carentes. E vocês qual é a notícia? Pelo menos uma, vamos lá!
277 Aluno: "Derivado de veneno de cobra é um selante".
278 Professora: Vocês ainda não acabaram de completar o quadro?
279 Aluno: Tô no último!
280 Professora: Então, termina! Eu vou pro outro grupo, depois gostaria de saber sobre isso.
281 Então, aqui vocês já chegaram a uma conclusão?
282 Alunos: Siiim.
283 Professora: Então vamos levantar, vem aqui na frente. Olhando para os amigos, fala as duas
284 notícia e nós vamos escolher uma pra você falar inteira.
285 Aluno: Escola de Bauru é a melhor da rede pública do estado no ENEN.
286 Professora: Isso, continua, legal saber disso, né! Qual é a outra?
287 Aluno: "Como nasce uma praça."
288 Professora: "Como nasce uma praça". E pelo o que você leu, como nasce uma praça. É uma
289 notícia ou é um texto informativo?
290 Aluno: É um texto informativo.
291 Professora: Certo. Vamos ler sobre o ENEN?
292 Aluno: Data, 06/08/2015. Possui fotografias e não possui Box de informação. O fato noticiado
293 é sobre a melhor escola de Bauru no ENEN.
294 Professora: Não, sobre o resultado da escola no ENEN que se destacou.
295 Aluno: Num fala como aconteceu.
296 Professora: Como aconteceu isso gente? Através de uma pesquisa que aconteceu! Num é isso?
297 Com certeza eles fizeram uma pesquisa na região, pra saber qual escola teve a nota maior, e é
298 divulgado isso daí também, quem mais se destacou. Pode falar. Aluno: Os envolvidos foram
299 alunos e professores.

300 Professora: Isso.

301 Aluno: E isso ocorreu por que eles foram os melhores, e os alunos que mais se destacaram
302 foram considerados os que mais estudaram.

303 Professora: Isso. Tá bom então! Gente olha é muito importante. A gente já estudou o que é
304 notícia e o que é texto informativo. Tá! Então, teve grupos aí que pegaram textos informativos
305 outros notícia, certo? A gente tem que saber quando é texto informativo, quando é notícia, que
306 mais que nós estudamos? Vamos lá! Recapitulando. Texto informativo, notícia, classificados
307 é uma coisa né? A notícia é outra. Então, vocês têm que saber diferenciar isso. Então, eu
308 percebi que tem alguns que ainda estão confundindo! Ou a pressa, ou a falta de vontade de
309 ler! Porque a hora que vocês começaram a falar sobre a praça, vocês tem que entender como
310 se faz uma praça. Então, é uma informação! Então eu tenho que ler observar pra saber do que
311 se trata! Vamos prestar mais atenção, de se comunicar com o grupo, se dividir para que saia a
312 atividade! Tem que trabalhar em equipe, o grupo tem que se entender!

7.1.5: 5.º ano

- 1 Áudio 1 - 5º ano
- 2 (Crianças conversando todas juntas.)
- 3 Professora: Bom dia, moçada!
- 4 Alunos: Bom dia!
- 5 (Professora conversa com os alunos e faz algumas brincadeiras, enquanto passa a rotina na
- 6 lousa.)
- 7 Professora: A leitura diária de hoje é do e... Eduardo! E ai, Dudu, lembrava que era você? O
- 8 que você trouxe pra ler? Vem cá mostra pra sala!
- 9 Aluno 1: O livro da biblioteca, pressora. Chama" fantasma vaga-lume"
- 10 Professora: - Como, Eduardo?
- 11 Aluno 1: não, pera, ai... "O fantasma vaga-lume"
- 12 Professora: Quem escreveu?
- 13 Aluno 1: Sandra Aymoré.... Sandra Aymoré! É, é isso.
- 14 Professora: Então, vem, Eduardo. Lê alto e devagar!
- 15 Aluno 1: "O Fantasma vaga-lume,"
- 16 Professora: ALTO!
- 17 Aluno 1: está com quinze anos...
- 18 Professora: MAIS ALTO!
- 19 (Leitura do texto pelo aluno)
- 20 Professora: Você lê muito bem, mas tem hora que você esquece e volta a ler só pra você!
- 21 Aluno 1: É, eu esqueço...
- 22 Professora: Esse livro, criançada, é da nossa caixinha da biblioteca, e ele conta a história de
- 23 uma turma de amigos que vão para um sítio e tem um fantasma rondando ali. Gente! E, esse
- 24 fantasma, tem a ver com alguma coisa sobre poluição do rio da cidade... e ... eles vão
- 25 desvendar um mistério...
- 26 Aluno 2 - Nossa! Eu coloquei vaga-lume tudo junto, pois cabeu na linha...
- 27 Professora: Mesmo que caiba na linha "vaga-lume" continua com o tracinho. O tracinho
- 28 continua (Professora aponta na lousa)
- 29 Aluno 2: - Ai... coloquei tudo junto!
- 30 Aluno 3: Nossa! Eu também coloquei...
- 31 Professora: (Aponta pra lousa) Ó! Mesmo que, na linha de vocês, caiba tudo junto, "vaga-
- 32 lume" continua com o tracinho, pois a palavra se escreve assim e é o título do texto... livro.
- 33 Professora: Bom... Essa semana nós começamos nosso projeto Trilha Folclórica. E, o
- 34 homenageado vai ser quem mesmo?
- 35 Alunos: Ricardo Azevedo... Ricardo... Ricardo Azevedo!
- 36 Professora: - Quem é o Ricardo Azevedo?
- 37 Aluno 4: É um escritor!
- 38 Professora: E ele recorre? O que ele escreve?
- 39 Aluno 4: Contos!?
- 40 Professora: Sim, contos! Mas quem conta esses contos?
- 41 Aluno 5: Pessoas... A População!
- 42 professora: Isso, ele faz pesquisas de contos, falados pelas pessoas, geralmente aqueles contos
- 43 que são passados de pai pra filho, durante todo o tempo de existência dos seres humanos.
- 44 Então, pra que esses contos não se percam, pois cada vez menos os pais se sentam com os
- 45 filhos, os avós com os netos pra contar história, todo mundo tá sempre correndo atrás do
- 46 relógio, né? Ninguém tem mais tempo pra nada e, às vezes, as histórias estão se perdendo. Pra
- 47 que isso não aconteça, nós temos escritores/pesquisadores como Ricardo Azevedo, que é
- 48 moderno, né? Do nosso tempo, que começou a recolher essas histórias pra que não fiquem
- 49 perdidas. Nós já tivemos, outro escritor, chamado Câmara Cascudo, que recolhia também em
- 50 outro século, os contos narrados pelas pessoas...

51 (Alunos se agitam)
52 Professora: Na segunda-feira, nós vimos o conto de esperteza do sapo! Qui qui é o conto de
53 esperteza?
54 Aluno 6: Quando o sapo foi esperto iludindo os ladrões!
55 Professora: Isso, ele usou de uma estratégia pra enganar os ladrões que tinham fugido e
56 queriam matá-lo. Na terça-feira ... Nós lemos qual conto?
57 Aluno 6: De encanto!
58 Professora: De encanto!?...
59 Aluno 6: De Encantamento....
60 Professora: Isso! De encantamento! Por que era de encantamento?
61 Alunos falam juntos: Porque tinha mágico... eles faziam umas coisas mágicas!
62 Professora: Então, quer dizer que esse encantamento era de magia!?
63 Aluno 1: Éééé... tinha elementos mágicos!
64 Professora: E os elementos mágicos, Eduardo, quem eram mesmo?
65 Aluno 1: O tapete mágico...
66 Professora: Por que que era mágico?
67 Aluno 1: Porqueee eli, porque eli sabi... sa...consequia vuá !
68 Aluno 8: Maçã!
69 professora: A maçã era mágica por que, Maria Eduarda?
70 Aluno 9: O espelho!
71 Professora: E o espelho era mágico, por quê, Natan?
72 Aluno 9: Porque ele podia ver tudo!
73 Professora: Isso! Porque ele podia ver tudo que tava acontecendo... Ontem, nós vimos qual
74 conto?
75 Aluno 9: De terror...
76 Professora: De terror...
77 Aluno 10: De susto!
78 Professora: De terror, de susto; ele é da mesma linha. Por que ele era de terror? Que ele
79 tinha?
80 Aluno 10: Porque entrô em uma casa abandonadaaa ... iiii ... ele começou a ouvir
81 Gaspaaaarrrr (Risos da professora) tinha um fantasma!
82 Professora: Um fantasma!? É ?
83 Aluno 10: É!
84 Aluno 11: É. Assim o homem entrou...
85 Professora : Am!?
86 Aluno 11: E não tinha nada pra fazer, ele foi e começou a escutar o barulho de um esqueleto...
87 Professora: Mas ele sabia que era esqueleto?
88 Aluno 11: Não!? Tiiiaaa Wall (Alunos se agitam e falam todos juntos)
89 Aluno 11: Eles perguntaram quem era, ai eles...
90 Professora: Tá, mas aí? Ele é de susto por quê? De terror, por quê ?
91 (Alunos se agitam e começam a falar todos juntos sobre o conto.)
92 Professora: Por que tinha algo ... ?
93 Aluno 11: Estranho!
94 Professora: Isso, porque tinha alguma coisa misteriosa ali, que dava medo... iiii ... a gente pode
95 falar que o esqueleto é um fantasma?
96 Aluno 11: NÃO!
97 Professora: Pode! Tinha uma assombração ali, uma coisa do outro mundo, não tinha? Ele era
98 uma voz cavernosa, assim, OOOOOOO, Num é assim? Que fazia arrepiá, todos ossinhos da
99 coluna, num era assim?
100 Aluno 11: É,é.. Depois caiu o braço! Cai a cabeça!

101 Professora: Isso torna a história fantasmagórica! Ai, o Gabriel disse que conhecia uma versão
102 diferente! E da princesa e dos três namorados o conto de encantamento nós tinha visto uma
103 parecida também! Qual que era?
104 Alunos juntos: Três... os.... Os três irmãos!!!
105 Professora: Isso, "Os três irmãos", que era o quê?
106 Aluno 2 : Africano
107 Professora: Um conto africano, ao invés de ser três príncipes eram três aldeões, pessoas
108 simples, que eram apaixonados por quem?
109 Alunos juntos: Pela princesa!
110 Professora: Aí eles foram para o mundo, porque eles não poderiam casá com uma princesa, e
111 foram!? ... Capturados por monstros...
112 Alunos: Soobrenaaturaaais...
113 Professora: Hã! E, aí? O que acontece com eles?
114 Aluno 1: Eles trabalham juntos, daí eles veem os itens mágicos... o tapete voador, o espelho...
115 Professora: E no lugar da maçã, o que qui tinha nessa história?
116 Alunos: Redii... Uma Redi!
117 Aluno 12: E, daí, eles vão lá, só que olham no espelho, e ela tá presa com um monstro e agora
118 eles salvam ela, e eu acho..cho.. com o tapete mágico.
119 Professora: Então, teve mais ou menos a mesma função o tapete levou os irmãos pra lá, e eles
120 viram que ela tava em perigo. A maçã, de uma certa forma, salva a princesa e eles jogam a
121 rede em cima do mostro... Então, teve a mesma função só o objeto que era diferente.
122 Aluno: E os príncipes!
123 Professora: Isso! Não pode esquecer dos príncipes que também mudaram
124 (alunos conversam e se agitam lembrando partes da história)
125 Professora: E aí eu perguntei pra vocês, por que uma história africana virou história
126 brasileira?
127 Alunos: Porque, por, porque os escravos trouxeram suas histórias pra qui.
128 (Professora concorda com a cabeça)
129 Professora: E aí, o povo que tava aqui começo...?
130 Alunos: aaaaa, a contar... passar um pro outro...
131 Professora: Hã! (e concorda com a cabeça)
132 Professora: Bom, então hoje a história que vamos ler é "O macaco e a velha", é um conto de
133 riso. Quando a gente fala riso, lembra do quê?
134 Alunos: risada...
135 Professora: E a palavra risada lembra o quê?
136 Aluno: Engraçada
137 Professora: Isso! Engraçado, Pedro.... Então, é coisa que traz humor, que traz felicidade. Vai
138 fazer a gente...?
139 Alunos: Dar risada, rir.
140 Professora: Muito bem "O Macaco e a Velha" ... O macaco, ele é conhecido pelo quê?
141 Alunos: Por fazer arte... travessuras...
142 Professora: Hã?
143 Alunos: Ser travesso !
144 Professora: Travesso...
145 Aluno: Brincalhão!
146 Professora: Travesso. Brincalhão.
147 Aluno: Engraçado!
148 Professora: Travesso, brincalhão, engraçado. Que mais?
149 Alunos: Arteiro... Esperto.
150 Professora: Isso, Esperto!

151 Aluno: Eu, também, falei!
152 Professora: Você também falou, então tá ... Si o macaco é tudo isso junto, então, a gente pode
153 esperar o quê de uma história de um macaco?
154 Aluno: Risada!?
155 Professora: Não! Mais. Oh! Esperto, travesso engraçado...
156 Aluno: travessura... Acho que, nessa história, tem de tudo um pouco!
157 Professora: Tem de tudo um pouco? E quem você acha que vai ser o mandão nessa história?
158 Alunos: O macaco... a velha o macaco
159 Professora: E a velha? Qual será o papel da velha, nessa história?
160 Alunos: Ah! Eu já sei. (falam todos juntos muitas coisas).
161 Aluno: Tia Wal, eu já escutei essa história, já!
162 Aluno: Acho que o macaco vai perturbar a velha!
163 Professora: Você acha que o macaco vai, lá, perturbar a velha?
164 Aluno: Tia Wal, eu já, escutei essa história já, eu já escutei... Você já leu pra nois, já. Uma
165 veis... que ele vai lá rouba um negócio!
166 Professora: Mas será que é a mesma, Pedro?
167 Aluno: Não sei....
168 Aluno: Conta a historia! Aí, eu acho que a velha vai ser rabugenta.
169 Professora: Você acha que a velha vai ser rabugenta? Só porque é velha tem que ser rabugenta
170 (Risos).
171 Alunos: É, fica cricri, não gosta de bagunça, barulho.
172 Professora: Ah! Então, pessoa de idade num gosta de barulho, bagunça...
173 Alunos: É, eles ficam tudo cricri.
174 Professora: Fica cricri! (risos) ... Mas, por que será que mudam tanto quando chega a idade?
175 Alunos: Porque eles não conseguem fazer nada... ficam fracos!
176 Professora: É, eles ficam com menos força, não podem fazer tudo aquilo que eles gostam.
177 Aluno: Dali a pouco começam a reclamar um monte! (risos)
178 Professora: E eles, geralmente eram mais trabalhadores do que nós, porque eles não tinham as
179 tecnologias pra ajudá-los, né?
180 Aluno: Tia Wal... Tia Wal...
181 Professora: Não tinha motor na bomba de água; tinha que ficar, lá, rodando a manivela; não
182 tinha trator, tinha que tocar o burro e o arado.
183 Aluno: Minha vó fala "ai minha coluna", tem dor!
184 Alunos: Tia... O, Tia Wal... Tia (alunos falam todos juntos)
185 Professora: Pera lá, um pouquinho. Um de cada vez! (Fala e aponta para um aluno)
186 Aluno: Lá, no sítio, sabe, tem um poço e meu tio, ainda, vai lá rodá a manivela e pegá a água
187 que passa, lá embaixo!
188 Professora: Manivela, ainda? Num tem bomba?
189 Aluno: Não
190 Aluno: Tia Wal, minha vó... meu vô, ele tem 75 ano, então, só, então ele, ainda, ele é tão
191 cricri... assim... (risos) que quando eu tô sistindo, lá, ele desliga a força e manda eu i lá ajudar
192 ele, e eu fico com aquela cara emburrada!
193 Professora: Acha que você faz cara emburrada!? (com ar de rir)
194 Aluno: Ai, ele cata a bengala e fala assim, “se eu ucê num trabaiá, se vai toma uma na
195 cabeça”. Aí, tem que trabaiá, né. Por quê!?
196 Professora: Porque eles são acostumados, de uma época, que eles falavam uma vez só... e a
197 moçada de hoje em dia... um trilhão e cinquenta e cinco milhões de vezes... pra acontecê, né?
198 Aluno: Tia... Tia Walkiria? Eu fui ajudar meu pai colher quiabo, ai ele mandô eu guardar o
199 trator. E, deixou uma caixa debaixo da roda do trator, eu esqueci e fui dar partida no trator e
200 despedaçô a caixa!

201 Professora: Então tá! "O Macaco e a velha".

202 Professora: Era uma casa em cima do morro, a velha morava lá, na frente, tinha jardim, e

203 atrás, um moontão de bananeira... Perto da porta da cozinha ficava uma escada de pegar

204 banana, a escada quebrou... as bananas estavam maaaduriinhas, o macaco vinha passando e a

205 mulher chamou: - Me ajuda a catar? O Macaco disse que sim, trepou pelas foolhas, deu um

206 suspiro e desandou a comer tuudo quanto foi banana bem bonita. A velha gritou: - SAFADO!

207 O macaco ria. - PILANTRA! A mulher ralhava. O macaco só jogava pra velha banana verde

208 ou, então, fidida, cheia de mosca e mancha preta. Depois o macaco deu até logo e foi embora.

209 A velha juntou a banana que sobrou xingando e caraminholando. A velha mandou fazer uma

210 boneca grudenta de cera, botou na porta da casa, junto com uma cesta cheia de bananas, e

211 ficou agachada espiando.

212 Passou um dia... Nada... Passou outro dia... No terceiro, o macaco passou e sentiu um

213 cheirinho bom. Veio chegando... chegando, chegou: - O Keterina!? Quero banana! A boneca

214 nem se mexeu. No céu, um sol de rachar. O macaco pediu outra vez. A boneca, quieta. O

215 macaco falou grosso: - Me dá uma banana, Keterina! Se não leva um tapa! A boneca, nada. E

216 ele Paah! Deu e ficou com a mão colada no beijo da moça de cera: - Larga minha mão se não

217 leva um beliscão! A boneca nem ligou! O macaco deu e ficou com a outra mão presa: - Me

218 solta, ou keterina! Me solta se não lhe dou um chute! Esperou, esperou... meteu o pé e ficou

219 mais grudado ainda: - DIABA, MULECA me larga, ou Keterina! Chegou a velha regaçando

220 os dentes: - Agora, você me paga! Levou o macaco lá dentro e mandou a cozinheira preparar

221 o coitadinho para comer na janta! A empregada foi e fez CREC! Na hora de matar o macaco

222 revirou os olhos e cantou: - Me mata devagar que dói, dói dói, que também tenho filhos que

223 dói, dói, dói ... Na hora de esfolar o macaco, o macaco cantou: - Me esfola devagar que dói,

224 dói, dói...Que também tenho filhos que dói, dói, dói ... Na hora de teeemperar o macaco,

225 cantou: - Me tempera devagar que dói, dói, dói...Que também tenho filhos que dói, dói, dói ...

226 Na hora de assar o macaco cantou: - Me assa devagar que dói, dói, dói ... Que também tenho

227 filhos que dó, dói, dói ... A cozinheira serviu o macaco num prato enfeitado com arroz, feijão

228 preto, couve, farofa e mandioca frita. A velha estalou a língua, sorriu, cortou um pedaço e

229 mordeu. Na hora de mastigar o macaco cantou: - Mastiga devagar que dói, dói, dói (alunos

230 falam juntos com a leitura) ... Que também tenho filhos que dói,dói,dói. A velha estranhou,

231 apertou os olhos, mas comeu tudinho! Foi quando deu uma dor de barriga daquelas, pior do

232 que riboliço nas tripas, a mulher levantou, andou, foi pra lá, foi prá cá, não teve jeito, era o

233 macaco pedindo: - Quero Saiir! A velha respondeu: - Sai pelas orelhas! - Não posso, não, que

234 tem cera! Gritou o macaco - Quero saairr!! A barriga da mulher "duía": - Sai pelo nariz! - Tá

235 assim de gosma! Quero Saiir!! A barriga roncava cada vez mais: - Sai pela boca! - Pela boca

236 num dá, tem cuspi, quero saairr!! Ai a velha estufou, estufou e PUM!!! Foi um estouro que se

237 ouviu lá de longe, e de dentro dela saiu o macaco e mais um bando de macaquinhos, tocando

238 viola, dançando e cantando: - Eu vi a bunda da véia, eu vi a bunda da véia, eu vi a bunda da

239 véia... (Risos)

240 Alunos: Acabô!? Ahh

241 Aluno: Tia, essa história, ai, você já leu pra nois, né!? Ou não?

242 Professora: Essa não! Uma parecida!

243 Professora: E, ai gente!? Qui qui tem de engraçado nessa história?

244 Alunos: A parte final! Hahahaha

245 Professora: Ceis gostaram da bunda da velha!? (Risos)

246 Professora: Mas o que tem de loco nessa história?

247 Alunos: Ele fala morto... ele fala que dói,dói, dói, sendo que ele já tava morto, ali!!!

248 Professora: Então! E olha as etapas da história! Na hora de matar, tudo bem, tá lá pegando a

249 faca, sei lá com que vai matar o macaco. Ai ele pedir, tudo bem. O que é esfolar o macaco?

250 Alunos: Corta ele, tirá o pelo!

251 Professora: Tirá o pelo! “Rancá” o coro dele! Que não vai comer com pelo! Que jeito que
 252 esfolo porco?

253 Alunos: Meu tio, pega um negócio lá, ... água quente? não!

254 Professora: Sapeca no fogo quente, ou, joga uma água quente, depois pega o facão.

255 Aluno: O meu tio joga lança chamas nele!

256 Professora: Seu tio é chique, mas quem não tem lança chamas, esquenta água coloca e raspa
 257 com a faca! Só que, quando faz isso, o bicho já tá o quê?

258 Alunos: Morto!

259 Professora: Dá pra falar? Na hora de “temperá”! Dá pra falar?

260 Alunos: Não!

261 Professora: Aí, começa a graça da história. Como uma pessoa mortaaa pode falar? Se mexer...
 262 (Alunos se agitam.)

263 Professora: Então, a ironia, a graça dessa história, que faz a gente começar a rir, é nessa
 264 história, toda ação do macaco de enganar a velha, di ser tão danado! Num é!? De ser tão
 265 danado, porque ele poderia ser bonzinho pra velha, não poderia? Ter pegado um pouco de
 266 banana pra ela e um pouco pra ele. Ele foi maldoso, nessa história, né? E a velha mais ainda,
 267 querendo vingança!

268 Aluno: Tia, tô com Muita dor de cabeça, num dá pra aguentar!

269 -----

270 Professora: Na nossa trilha folclórica, nós trabalharíamos o " Meu livro do Folclore", de
 271 Ricardo Azevedo. Então, nós estamos lendo seus contos. Além dos contos, nós vimos que
 272 tem, adivinha, trava-língua, parlenda, mitos, lendas, provérbios, ditados populares, as frases
 273 de caminhão e cada grupo da sala ficou responsável por um pra fazer a apresentação. O
 274 primeiro grupo, hoje, que vai apresentar o nosso projeto da trilha do folclore, será o grupo da
 275 Maria Clara, Kamilli, Amanda...

276 Aluno: Manu e a Thais. Mas, a Thais acho que não veio!

277 Professora: A Thais.. Alguém mais faltô?

278 Aluno: Não, só!

279 Professora: Então, tá! Elas virão pra frente e vão explicar pra gente, o que é folclore? Da onde
 280 surgiu a palavrinha "folclore"? Quais são os povos que contribuiu para o nosso folclore?
 281 Lembrando que o "projeto Trilha Folclórica" vai terminar no dia 21, com a exposição do
 282 trabalho de todas as escolas do município, lá no bosque municipal! Então, nós temos que
 283 caprichá! A nossa ferinha já ta exposta ali no pátio, e, a semana que vem, nós vamos chamar o
 284 terceiro ano pra vocês explicarem! Então, vocês vão treinar a explicação, aqui, hoje, com a
 285 gente!

286 Aluno: A gente ficou com a parte do trabalho, o que é o folclore, o que tem no folclore, quii
 287 são as danças, as comidas e brincadeiras ...

288 (Alunas apresentam o trabalho lendo o que escreveram no cartaz. Professora chama a atenção,
 289 falando que a pesquisa, realmente, está boa. Mas, é necessário que elas estudem o que
 290 escreveram no cartaz, para apresentar com maior desenvoltura às outras turmas. Professora
 291 esclarece, muitas dúvidas e ajuda, oralmente, explicando conceitos como: ARTESANATO,
 292 COMIDAS TÍPICAS, CULTURA)

293 Professora: A nossa festa junina falou da tradição nordestina, nós vimos xote, nós vimos o
 294 baião, a xilogravura, cantamos a Asa Branca, num foi? Qual foi a dança, que o quinto ano
 295 apresentô, na festa? Como chamava? Dança?

296 Alunos: Das fitas!

297 Professora: Dança das fitas! Ela é uma dança folclórica, trazida pelos portugueses.
 298 (Crianças apresentam falam nomes de várias danças da região, surge a curiosidade da catira e
 299 a professora complementa dizendo:)

300 Professora: Catira é um dança, principalmente, utilizada pelos tropeiros e o peões... Que, na
 301 hora que eles descansam com a boiada, eles dançam a catira pra esperar a noite passar, para,
 302 no outro dia, tocar a boiada.

303 Aluno: Meu vô dança catira.

304 Professora: Arealva é tradicional na dança da Catira.
 305 (Crianças continuam a apresentação, lendo o cartaz.)

306 Professora: Agora, vocês vão falar da parte mais gostosa: das brincadeiras e dos brinquedos
 307 folclóricos que vocês estudam, desde o primeiro ano! Vocês construíram com a professora
 308 Fanfy, depois com a professora Roseli e com a professora Ângela. Agora, quem lembra a
 309 diferença entre brinquedos e brincadeiras que foi sempre falado com vocês! O que é um
 310 brinquedo?

311 Aluno: Brinquedo é uma coisa que a gente usa pra brincá, e brincadeira é o modo como a
 312 gente brinca!

313 Professora: Isso! Então, brinquedo é um objeto, brincadeira é a ação! Ela tem regras pra
 314 gente brincá! Então, brinquedo é um objeto a brincadeira a ação!

315 (Crianças continuam a ler o cartaz.)

316 Professora: E olha que engraçado! O estilingue antigamente era considerado um brinquedo e
 317 hoje ele é o que?

318 Alunos: Uma arma!

319 Professora: Uma arma! (Concorda com a cabeça) Antigamente, era engraçado matar
 320 passarinho, né? Os nossos pais, os nossos avós é... saíam com estilingue no bolso. A
 321 professora, aqui, também. Só que eu não tinha coragem de matar o passarinho. A gente
 322 pegava mixirica do alto, goiaba com estilingue, né!

323 Aluno: Ô, tia! Só que a minha prima não sabia usar; ela ficou, virou e tah! (risos)

324 Professora: Ele sempre foi utilizado pra caça. E, aí, nós temos, aqui, o Otávio que trouxe pra
 325 gente um brinquedo que, o ano passado, o quinto ano resgatou e que o Pedro começou a rodar
 326 o pião, e todo mundo ficou assanhado. Né, Pedro? Pedeu pro Pedro ensina e virou febre na
 327 escola, novamente, a história do pião.

328 (Crianças continuam a apresentação.)

329 Professora: Oh! Elas gravaram um pedacinho no celular pra gente pegar o ritmo, tá? Está
 330 baixinho, então, a gente precisa de?

331 Alunos: Silêncio...

332 Alunos: É uma música no ritmo da Asa branca, só que é sobre o folclore!

333 Professora: Espera a abelha funciona! (Risos) Deixa eu falá a letra pra vocês, ó!

334 Professora: Você sabe o que é Folclore? Vou lhe dar explicação! É tudo aquilo que vem do
 335 povo, nasce livre no coração. Tem a lenda da mãe d'água, tem a história do saci, do curupira,
 336 vitória-régia, caipora, jurupá. Tem as danças e tem os cantos que até são um carnaval, festa
 337 junina, a capoeira e o maculelê.... É um trequinho que elas vão apresentar.

338 (Crianças cantam a música para a sala.)

339 (Palmas)

340 Professora: Agora, vocês, quando forem apresentar pro terceiro ano, não vão poder ler, tanto
 341 assim, lembra que o combinado era de se preparar e registrar na mente os fatos mais
 342 importantes. A parte escrita tá bem trabalhada, lindo, bem feito. Bem pesquisado. Só que, na
 343 hora de apresentar para os pequenos, nós temos que aprender que eles não tão no quinto ano e
 344 não conhecem tantas palavras quanto a gente, não tem todo conhecimento que o quinto ano
 345 tem. Então, nós precisamos simplificar. Pois, a hora que nós fomos apresentar o folclore para
 346 os pequenos, vocês vão ter que apresentar sem a leitura, combinado!? Da mesma forma que,
 347 depois que vocês leram, vocês contaram, novamente, deram uma explicação. Nós vamos dar a
 348 explicação para o terceiro ano! Combinado!?

349 Alunos: Sim... Beleza

350 Professora: Eu vou passar o trechinho da música, porque é bem bacana. E, vocês pelo jeito,
 351 decoraram. Então, o pedacinho que estiver faltando, Kamilli, você vai continuar pra mim ir
 352 escrevendo.

353 Professora: Olha, a mãe d'água ela tem um D mudo e essa virgulazinha, aqui, que a gente
 354 chama de apóstrofo. Onde a gente economiza a junção do DA e o A da água, vai economizar
 355 uma letra e, aí, na hora de falar, fala d'água! Uma coisa só!

356 Aluno: E porque fizeram isso?

357 Professora: Por causa da sonoridade. Numa música, numa poesia faz toda diferença uma letra
 358 a mais ou a menos na hora de cantar, na hora de narrar...
 359 (Crianças se agitam.)

360 Professora: Pronto! Projeto Ler e Escrever: Contos de mistério, atividade 3E... Analisando os
 361 aspectos linguísticos... Nós começamos, na segunda-feira, com a história que vocês mais
 362 gostaram que foi o Cuba-libre. (risos)

363 Aluno: Ah foi!

364 Professora: Vocês adoraram...

365 Aluno: Nem um pouco! Ah!... Até que era legalzinha!

366 Professora: Depois da “décima quinta” leitura vocês começaram a gostar. Não é mesmo? A
 367 hora que começa a entender a história, ela fica legal. Não é mesmo?
 368 (Crianças se agitam.)

369 Professora: Essa atividade 3E diz assim... Oh! ANALISANDO ... Então a gente vai estudar,
 370 toda vez que fala analisar nós vamos estudar ... OS ASPECTOS LINGUÍSTICOS ... As
 371 características da nossa língua, como que esse texto foi escrito, o que nós usamos para poder
 372 criar uma história.
 373 (Aula interrompida pela escovação de dentes feita pela dentista da escola.)

374 Professora: Pedro! Marmol! Eh! Marmol... Hoje nós vamos dar continuidade na atividade de
 375 segunda-feira do texto. Então, analise é estudo! Os aspectos são as características de como a
 376 gente escreve um conto de mistério! Toda narrativa, toda história ela tem algumas
 377 características... A gente tem que perceber, quem é a personagem principal, o que acontece
 378 com essa personagem, onde a história dessa personagem acontece, como acontece, por que
 379 acontece? Num é assim!? Nós temos os personagens principais, às vezes, um só, às vezes,
 380 temos dois. Nós temos os personagens secundários, tem histórias que nós temos o vilão! Num
 381 é? Como no Escaravelho do Diabo, nós tínhamos o vilão, que assassinava todas as pessoas
 382 que tinham... Né, Pedro?

383 Aluno: Cabelo vermelho!

384 Professora: Os cabelos vermelhos... Hoje, nós vamos nos preocupar com a montagem da
 385 nossa narrativa! Nós vamos pensar... Leandro! ...Na introdução... Que nem sempre é um único
 386 parágrafo, como nós vimos na história do Cuba-libre! Né, Mariana? Com a introdução! O que
 387 tem na introdução, que nós já estudamos? Que, que acontece na introdução da narrativa do
 388 conto?

389 Aluno: Apresenta os personagens!

390 Professora: Isso! Apresenta os personagens, principalmente o principal, o mais importante,
 391 que a história acontece por causa dele! Que mais? Como que apresenta essa personagem?

392 Aluno: Como ela é? O que ela faz?

393 Professora: Como ela é? (concorda com a cabeça) ... Aspecto físico, aquilo que a gente
 394 enxerga, psicológico, se ela é boa, se ela é inteligente, se ela é amiga, se ela vai ser
 395 companheira, se ela vai ser má.

396 Aluno: Sentimentos, né!

397 Professora: Isso! A parte de sentimentos, de características que a gente não consegue ver. A
 398 gente chama de característica psicológica! Agora, física é quando a gente bate o olho e sabe,
 399 gordo, magro, alto, baixo, loro, moreno, né!

400 Aluno: Ruivo!

401 Professora: Esses são os aspectos físicos! Então, tá! Na introdução, vai dá o lugar que ele
402 mora?

403 Aluno: Vai! Vai sim!

404 Professora: Vai dar uma pista de onde essa pessoa vive. Da onde ela trabalha e o que ela faz.
405 Da uma noção básica da personagem pra gente começar a entender porque a história é sobre
406 ela. Então tá! ... O que é a complicação, da nossa história? Quem lembra? Por que no primeiro
407 parágrafo, situa ela na vida dela, tá tudo lindo, maravilhoso? O que é essa complicação?

408 Aluno: É o assassino ... é...

409 Professora: O que é a complicação?

410 Aluno: Quando a história começa a desenvolver, acontecer as coisas...

411 Professora: Isso! Quando a nossa história começa a acontecer! A desenrolar a partir dessa
412 complicação, vai se desenvolvendo a partir dessa complicação. Nos contos de mistério o que é
413 a complicação?

414 Aluno: Assassinato!

415 Professora: Assassinato, os que a gente viu até agora, foi todos de assassinato, né!? Num é?

416 Alunos: Sim... Sim!

417 Professora: Do poço e o pêndulo, foi o sumiço do rapaz. Sempre tem uma pessoa armada,
418 tenta matar ou não, mas todos circularam em volta desse assunto! E o clímax, que é novo pra
419 gente? Qual é o clímax? A nova palavrinha apresentada no quinto ano?

420 Aluno: É o final?

421 Aluno: Não, é o meio da história.

422 Professora: Vai aparecer no meio da história, mas o que ele traz nesse meio? O assassinato
423 foi, aqui. Aí, aqui começa a resolver a história. Aí, aqui acontece alguma coisa muito
424 importante. Então, o clímax é uma coisa que acontece, bem importante, na história que vai
425 encaminhar essa história pra? Desfecho que é a conclusão da história, a resolução do mistério.
426 Então, hoje nós temos que identificar na história: a introdução a complicação e o clímax da
427 nossa história.

428 (Professora escreve Introdução, complicação e clímax na lousa)

429 Professora: Nós já lemos essa história no semestre passado, pra identificar, quem, quando,
430 como, onde e por quê? Hoje temos novamente a história pra identificar a introdução, o
431 clímax, e o desfecho! A história, no livro do aluno, está na página cinquenta e quatro. Farei a
432 leitura e vocês acompanharão. Abram então o livro do ler e escrever: página cinquenta e
433 quatro, a história de hoje "Se eu Fosse Sherlock Holmes" do autor Medeiros e Albuquerque.

434 Aluno: não é sessenta e um tia?

435 Professora: Não Otávio, a atividade está na sessenta e um, o texto tá na cinquenta e quatro.
436 Nós grifamos até o nosso texto, tem várias coisas circuladas, que a gente foi analisando, mas
437 com outro foco, com outro interesse. Não podemos esquecer que estamos aprendendo a
438 identificar o início, a complicação, o clímax e o desfecho. Pedro! Porque nós seremos o
439 escritor dos contos de mistério, nós vamos inventar o nosso conto! Então a gente precisa de
440 apropriar das regras do conto de mistério. Pedro! Eu preciso que você preste atenção!

441 Aluno: Que página mesmo professora?

442 Professora: Cinquenta e quatro! O livro... Eduardo cadê o seu livro? Cadê seu livro? João
443 Pedro, cadê seu livro? Seu livro João Pedro! Qual foi o combinado no segundo semestre? Que
444 nós teríamos responsabilidade com o nosso material. Porque não dá pra vir pra escola sem
445 material! Todo mundo tem horário! Mas, tem que lembrar de olhar se a mochila tá completa!

446 (Professora pega livros do armário, os entrega para os alunos sem o material). Professora:
447 Shiiii, "Se eu fosse Sherlock Holmes" (Anexo)

448 Professora: E aí? Quem é o nosso personagem?

449 Alunos: Sherlock Holmes, a Sinhazinha e a sobrinha! E Detetive!?

450 Professora: Fala o nome dele na história?
451 Alunos: Não!
452 Professora: Quem narra essa história?
453 Alunos: Ele!
454 Professora: Ele mesmo! Ele tinha um grande sonho, de ser.... ?
455 Alunos: Sherlock Holmes!
456 Professora: Quem é Sherlock Holmes?
457 Alunos: É um detetive! Famoso! Que é super perito em concluir mistérios!
458 Professora: Isso! Através da observação, da análise de pistas, ele consegue descobrir os
459 criminosos! Tá! Quem é Conan Doyle ?
460 Aluno: Acho que foi... o que acho!
461 Professora: Quem é o Conan Doyle,
462 Aluno: O escritor do detetive.
463 Professora: O escritor de Sherlock Holmes. Muito Bem!
464 Professora: Então tá. Ele tinha terminado a leitura dos livros, das obra escritas por Conan
465 Doyle, que tinha como personagem o Sherlock Holmes. E ele se encantou pelas obras, pelas
466 histórias, e ele queria ser detetive. O que facilitou ele realizar esse sonho?
467 Aluno: O mistério que aconteceu!
468 Professora: Ele ter um amigo ...?
469 Aluno: Delegado!
470 Professora: Isso, delegado! Por que a policia deixa qualquer um entrar numa cena de crime?
471 Alunos: Não!
472 (Professora concorda com a cabeça)
473 Professora: Pra ele, conseguir ser o Sherlock Holmes ele tinha que ter influência, um amigo
474 que ia permitir que ele participasse. Tanto que ele ligou, primeiro, pro amigo, falando o que
475 ele pensava, e eles fizeram algumas combinações.
476 Professora: Era comum as festas na casa da madame?
477 Alunos: Sim!
478 Professora: Então, ela estava acostumada com aquilo, e com as pessoas que eram chamadas,
479 num é? Ela conhecia, tanto que ele sempre participava das festas! O que, que aconteceu nessa
480 festa?
481 Alunos: O roubo do anel. O anel mais caro que existe. Antigo.
482 Professora: Isso! O roubo de um anel! Apesar dele descrever que o anel era super feio, né!
483 Mas, ele custava muito!
484 (Aula interrompida por uma funcionária da escola, para a entrega de bilhetes)
485 Professora: E esse anel, não tem importância se ele era bonito ou feio, o que tinha importância
486 era o seu ...?
487 Alunos: Valor!
488 Professora: Isso! Valor financeiro. A pessoa que tava na festa...
489 (professora interrompida pelo aluno)
490 Aluno: Professora, se o anel era feio como que ele ia vendê?
491 Professora: Ué, gosto não se discute! E o anel se desmancha, e do que ele era formado?
492 Alunos: De brilhante!
493 Professora: Então, desmancha... forma o que qué, vende o que qué! O importante nessa
494 história eram as pedras, não o formato do anel. Aí, como que o roubo foi descoberto? Como o
495 roubo foi descoberto?
496 Alunos: Acho que foi, durante a festa...
497 (Falam todos juntos)
498 Professora: Não, mas como foi descoberto? Antes da festa terminar o anel tinha sumido. Por
499 que?

- 500 Alunos: Porque, a senhora foi lá no quarto, pra pegar a blusa da outra senhora....
- 501 Professora: A gente tá falando de um costume, das pessoas que usam capas, chapéu, num
- 502 tempo mais antigo, todo mundo andava muito elegante, capa, chapéu. Mas precisa se desfazer
- 503 dessas peças quando chegava em casa. E onde vai largar? Vai deixar na sala!? Então a
- 504 senhora colocava no?
- 505 Alunos: Quarto!
- 506 Professora: Quarto. E quem era responsável por essas capas?
- 507 Alunos: A sinhazinha. Não, a dona da casa!
- 508 Professora: A dona da casa. Por quê?
- 509 Alunos: Pra ninguém roubar!
- 510 Professora: Porque ela era muito cuidadosa. Ela não queria que sumisse nada. Porque ela
- 511 queria, que as festas dela, fossem sempre as mais perfeitas. E, quando ela vai lá, ela descobre
- 512 que o anel dela?
- 513 Alunos: Perdeu!
- 514 Professora: Sumiu. E, como ela tinha certeza de onde estava, ela acreditou que fosse um...?
- 515 Alunos: Ladrão!
- 516 Professora: Um roubo. Nesse exato momento, acontece o quê?
- 517 Alunos: Ah! Acontece a complicação!
- 518 Professora: Muito bem, acontece a complicação! Tava tudo lindo, maravilhoso. A festa
- 519 acontecia, normalmente. E tava todo mundo se divertindo, tudo dando certo. O bendito do
- 520 anel some! Nesse exato momento, que a sobrinha dela chega na festa, não deixa a capa, pois
- 521 deixou no automóvel. Uma senhora pede o seu chapéu, porque ela estava indo embora. A
- 522 mulher descobre o sumiço do anel. Como ela conhecia todo mundo e tinha certeza da onde ela
- 523 tinha deixado o anel, ela tinha certeza que tinha sido um roubo. E, não que ela tivesse
- 524 colocado em outro lugar. Então, tá. O nosso Sherlock Holmes, faz o quê?
- 525 Aluno: Tá descobrindo todas as pistas.... ele só repara!
- 526 Professora: A primeira coisa que ele sente quando a mulher fala: " Roubaram o meu anel" ?
- 527 Aluno: Ele entra no quarto e liga para o amigo dele.
- 528 Professora: Mas ele fala uma coisinha, assim que...
- 529 Aluno: "O Sherlock Holmes, gritou dentro de mim".
- 530 (Professora, aponta com o dedo para o aluno e concorda com a cabeça)
- 531 Professora: "O Sherlock Holmes, gritou dentro de mim". Isso! O que ele quis dizer com isso?
- 532 Alunos: Que, que... Tava na hora dele se mostrar!
- 533 Professora: Que tava na hora dele se mostrar como grande investigador, que ele achava, que
- 534 ele era! Era hora dele provar. O que ele faz? Natã, o que ele faz nesse momento?
- 535 Aluno: Ele vai no quarto e fala que ninguém pode entrar, nem mexe na cena do crime.
- 536 Professora: Isso! Ele fala que ninguém pode entrar nem mexer na cena do crime! E depois, o
- 537 que ele faz ?
- 538 Alunos: Ele liga para o amigo dele!
- 539 Professora: Ele liga para o amigo dele. Porque não pode nem ele, sendo Sherlock Holmes de
- 540 mentira, poderia mexer na cena do crime! Ele tinha que pedir permissão. Tá! Ele entra com
- 541 uma mulher no quarto, porque a mulher tinha que devolver as capas e os chapéus pros
- 542 convidados! Ele entra junto. Descreve o que ele achou que ele viu ali?
- 543 Alunos: Não, num fala nada.
- 544 Professora: Faz um suspense e o quarto é trancado. Mas ele tem uma ideia. Qual é a ideia?
- 545 Aluno: Ele, ele chama todas as mulheres.
- 546 (Professora concorda com a cabeça)
- 547 Professora: Quando ele chama todas as mulheres, pra conversar, começa o que?
- 548 Alunos: O clímax!
- 549 Professora: Por que, que a gente tá falando que é o clímax?

550 Aluno: Porque, aí, ele vai tentar resolver o problema!

551 Professora: Mas, isso nos dá... Mas a gente tem a certeza que ele descobriu alguma coisa,

552 apesar de não ter sido revelado na entrada no quarto, o quê? Mas a gente tem uma pista que

553 ele descobriu alguma coisa. Num é? Não nos dá certeza, quem é, mas a gente acredita que ele

554 descobriu alguma coisa.

555 Aluno: Porque ele fala “achei quem roubou o anel”!

556 Professora: mas ele fala isso, isso poderia ser um jogo. Ele fala pra madame que ele achou o

557 ladrão. Mas poderia ser um jogo, você tinha certeza disso? Se ele tinha certeza de quem

558 roubou, por que, ele precisava conversar com todo mundo? Mas, qual foi a razão que ele

559 justifica, logo depois? Ele dá uma explicação pra gente, porque ele resolveu chamar todas as

560 mulheres.

561 Aluno: Porque eram as únicas que tinham pego.

562 Professora: Mas a gente não sabia disso ainda! Ele mesmo dá uma justificativa! Por que só

563 cinco minutos com cada uma?

564 Aluno: Praaa, não criar suspeita!

565 Professora: Isso, pra não criar suspeita. Porque apesar de ele querer resolver o problema, ele

566 ficou com dó de apontar a pessoa. Então, se as mulheres ficassem todas cinco minutos lá, todo

567 mundo seria suspeito ao mesmo tempo. O que fez ele ter certeza, de quem era a ladra?

568 Alunos: As pétalas, porque ela era a única que tinha pétalas de rosa amarela.

569 Professora: Isso! Ele achou aonde as pétalas?

570 Alunos: Lá no chão, perto da gaveta, onde tava o anel.

571 Professora: Muito bem. Perto do criado onde estava o anel, isso fez ele ter a certeza porque

572 ela era a única? E quem era a ladra?

573 Alunos: Que tinha pétalas. A sinhazinha!

574 Professora: E o que a sinhazinha era da madame?

575 Alunos: Sobrinha!

576 Professora: Sobrinha, como ela teve a facilidade, então pra roubar?

577 Aluno: Porque ela conhecia toda a casa, os hábitos.

578 Professora: É, ficou facinho pra ela, tirar o anel de lá. O que ela ia fazer com o anel?

579 Aluno: Vender, porque ela ia na Europa, ficar uma semana e ia vender o anel dela.

580 Professora: Ela tinha uma viagem próxima, e ela poderia vender o anel sem nenhuma

581 suspeita. Só que no desfecho, no finalzinho, a história dele não querer denunciar a ladra...

582 Aluno: As pessoas jogaram a culpa em cima dele!

583 Professora: E como ele tem certeza, que as pessoas acreditaram, que ele era o ladrão? O que

584 fez ele ter certeza, que as pessoas acreditaram na sinhazinha, quando ela disse que ele era o

585 ladrão?

586 Alunos: Porque ninguém nunca mais convidou ele pras festas!

587 Professora: Isso! Porque ninguém nunca mais convidou ele para as festas! Então, acreditaram

588 que ele era o ladrão!

589 Aluno: Ah! Mas era a sobrinha!

590 Professora: Sim! Mas ele num contou pra ninguém, nem pra madame! Esse foi o erro dele, ele

591 não apontar o ladrão nem pra dona do anel.

592 Aluno: O Sherlock fazia isso?

593 Professora: Não, o Sherlock escancarava para todo mundo. O ladrão ia preso!

594 Aluno: Tinha justiça!

595 Professora: Ele resolvia tudo.

596 Aluno: Deve ser muito legal o livro dele.

597 Professora: Então, vamos lá! Na nossa introdução fica a onde?

598 Aluno: No começo! (Risos)

- 599 Professora: Gracinha, não! (Risos) A onde inicia nossa introdução? Quais são os parágrafos
600 da introdução? Geralmente são os...?
- 601 Alunos: Primeiros!
- 602 Professora: Primeiros Parágrafos! Na história de Sherlock Holmes, Os dois primeiros
603 parágrafos falaram o quê pra gente? (1:56)
- 604 Aluno: Falava da vida dele, que ele se inspirava no Sherlock Holmes... Essas coisas
- 605 Professora: Então quer dizer Mariana e Pâmela, que os dois primeiros parágrafos nos
606 apresentaram o quê? Dá vontade do nosso personagem em ser...?
- 607 Alunos: Sherlock Holmes... Ser detetive.... Descobrir crimes!
- 608 (Professora concorda com a cabeça.)
- 609 Professora: De ser detetive, descobrir as ações criminosas, de resolver esses problemas. Tá! A
610 nossa complicação começa em que parágrafo? Quem consegue fazer a leitura assim da onde
611 começa?
- 612 Aluno: Quando ela grita, "roubaram meu anel "
- 613 Professora: Isso! "Roubaram meu anel". Onde tá? Parágrafo?
- 614 Aluno: Nesse aqui, tia Wal!
- 615 Professora: Tá na segunda página! Isso, a última fala da segunda página! "Roubaram-me o
616 anel". É, exatamente, aí que vai começar a nossa complicação! Então, quer dizer... Qué dizê o
617 que que aconteceu Leandro? Se você falasse menos, né!
- 618 Aluno: Onde tia Wal?
- 619 Professora: Aqui ó " Roubaram-me o anel"
- 620 (Professora aponta com o dedo no livro do aluno)
- 621 Professora: É aqui começa a complicação da história! O que tá acontecendo? E aí? E o climax
622 que é onde começa a resolução? Quando ele começa a fazer a investigação dele com as
623 mulheres. E a conclusão? A conclusão, final da história?
- 624 Aluno: Foi a sobrinha que roubou o anel!
- 625 Professora: Isso! Então, Vamos lá. Na página 61.
- 626 Aluno: Ahhh! Tia Wal, a gente fez aquele dia!
- 627 (Alunos preenchem o quadro do livro com o que foi discutido em sala de aula.)

- 1 Áudio 2 - 5º Ano
2
3 (Professora começa a leitura diária, primeiramente, chama o aluno para ler o livro que ele
4 escolheu na biblioteca.)
5 Professora: O livro dele chama, "Em busca de mim" de Isabel Vieira. Shiiii.
6 (Aluno faz a leitura, enquanto os outros prestam atenção.)
7 Professora: Não vai contar o fim da história. Se eles quiserem saber, vão ter que ler o livro
8 (risos). Falou da história que o João Pedro contou pra gente? Porque fala, falarão bastante! A
9 leitura diária dele conto sobre o quê?
10 Aluno: Raiva!
11 Professora: Raiva por quê? Por que o menino tava com raiva? O que ele queria saber?
12 Alunos: Quem era os pais dele de verdade!
13 Professora: E isso significa o quê? Que ele era...?
14 Alunos: Órfão!
15 Professora: Adotado! Ele era adotado, órfão é quando os pais morreram. Ele não sabe o que
16 aconteceu com os pais! Ele descobriu que os pais, que ele tinha, não eram seus pais
17 verdadeiros e ele ficou revoltado. Aí, ao invés de agradecer ...
18 Aluno: É que quando os pais morrem, ele é órfão?
19 Professora: Quando os pais morrem, aí ele é órfão! Nesse caso, ele não é órfão! Os pais dele,
20 estão vivos só não sabem a onde tá. Porque a maioria das crianças que estão no orfanato, não
21 é porque os pais morreram, é porque os pais abandonaram! Não quiseram os filhos por
22 alguma razão! Ou porque não queria o filho também, ou porque se drogava, ou porque não
23 tinha condição de criar, várias coisas.
24 Aluno: Eu vi uma novela, onde a mulher fica grávida e quer aparta!
25 Professora: Abortar! Apartar é quando você separa! (Risos) Novela do SBT. (Risos)
26 Aluno: É sim! (Risos)
27 Professora: É só isso que passa no SBT, aquelas novelas mexicanas, né!
28 Alunos: É. Minha mãe adora, ela assiste!
29 Professora: Aquelas novela, que sai lágrima, choro, só sofrimento!
30 Alunos: O tia, O tia,... Super legal!
31 (Alunos se agitam.)
32 Professora: Pronto! Então, vão fazer quase quinze dias que estamos falando do Ricardo
33 Azevedo, contando as nossas narrativas, que o povo passou de boca em boca, num é?
34 Aluno: Você não contou a lenda da noiva.
35 Professora: Eu já contei!
36 Aluno: Ele não ouviu, tia!
37 Professora: Eu contei a nossa história, daqui! Não! A nossa história daqui!
38 Alunos: Conta quem foi tia, que contou, quem era as pessoas!
39 Professora; Num vou contar quem foi que fez isso!
40 Alunos: Eu sei, tia.... A tia! Por favor!
41 Professora: Um dia eu conto!
42 Aluno: A tia tem quantos anos aquela estrada lá. Eles são velhos?
43 Professora: Acha. É um casal novo! Ele tem uns 34 ela deve ter uns 28, 29 anos!
44 Alunos: Nossa!
45 Professora: Faz três anos essa história. Só!
46 Aluno: Professora, mais meu vô falou que é a mesma pessoa!
47 Professora: Não. Num é a mesma pessoa! É que vocês não escuta! Só escuta o que interessa!
48 Alunos: Tia, tia Walkiria! Tiaaa....
49 (Alunos se agitam.)

50 Aluno: Ontem. Ontem, eu vi uma mulher com roupa branca, daí eu olhei pro lado ela entrou
 51 no carro, falei Nossa Senhora!
 52 Professora: Se toda enfermeira que passa no rua, você assusta, “cê” tá perdido! (Risos) Então,
 53 vamo lá!
 54 (Crianças se agitam)
 55 Professora: Criançada! Deixa eu falar, antes que eu esqueça de novo! Oh! A professora Bia
 56 pediu, que o quinto ano, como são os mais velhos, os mais caprichosos, fizessem pra ela
 57 desenhos bonitos, bem pintados, de saci, curupira, pode ser pipa, pode ser criança pulando
 58 amarelinha! Qualquer coisa, qualquer desenho que lembre o folclore, pra ela colar no painel,
 59 lá perto daqueles cartazes que ela fez! Pode fazer e trazer amanhã!
 60 Aluno: Eu tenho um cartaz!
 61 Professora: Não é cartaz são desenhinhos, pra ela colar em volta dos cartazes! Igual vocês
 62 desenharam aqui, um pouquinho maior!
 63 (Professora aponta para um cartaz que as crianças produziram)
 64 Professora: Então, vamos lá! Essa semana, Pedro! Pedro, é na folha de sulfite! Você sabe que
 65 é só pedir que eu dou!
 66 Aluno: Então me dá uma?
 67 Professora: Depois, Pedro! Pronto! Essa semana, são as narrativas de contos de bicho do
 68 mato. Os bichos, a gente tá vendo, que tem características humanas, num é? Eles pensam, eles
 69 fazem planos, eles desaforam, eles irritam, amam, odeiam, num é? E no finalzinho, a gente
 70 sempre aprende alguma coisa... Pedro! ... com aquela história! Nós vimos duas histórias com
 71 um macaco. E nas duas histórias, qual era a característica principal do macaco?
 72 Alunos: Bagunça, travesso!
 73 Professora: A travessura e a esperteza. Ele nunca se dá mal! Você está falando mais do que a
 74 boca. E é dentro da bolsa!
 75 (Professora chama atenção de um aluno)
 76 Professora: Hoje a história, é de forró! O que é forró?
 77 Alunos: Uma dança! Lá do nordeste!
 78 Professora: Que tem arrasta pé, dança de casal, dança a noite inteira! Esse forró é no céu!
 79 Alunos: É Jesus que vai fazer a festa (risos). Não são as aves!
 80 Professora: Será que é Jesus que vai fazer a festa? As aves, você acha que são as aves! Que
 81 mais?
 82 (Alunos se agitam e falam todos juntos)
 83 Professora: Então, vamos lá, shiiiiii. O quê! Você tá aqui ainda, fazendo o quê, Natã?
 84 Aluno: Eu não tava conseguindo ver!
 85 Professora: Mais Natã faz duas horas que aquilo alí ja tava escrito! Tá bom. " Forró no Céu"
 86 (Crianças se agitam devido a escovação.)
 87 Professora: 1, 2... 3... O sapo estava na beira da lagoa, coaxando, quando passou o bem-te-vi.
 88 "Pra onde você esta indo?" Perguntou o sapo. "Vou pra um forró no céu!". O sapo ficou
 89 animado." Oba! Posso ir também?". Mas, o bem-te-vi cantou, " Qua, qua, qua, o sapo não vai
 90 nem vem. Qua, qua, qua, o sapo nem asa tem!" Depois bateu asas e foi embora. Passou um
 91 tempo, veio a garça. "Pra onde você está indo?", perguntou o sapo. "Vou pra um forró no
 92 céu". O sapo ficou animado! "Oba! Posso ir também?". Mas a garça cantou: "Qua, qua, qua, o
 93 sapo não vai nem vem. Qua, qua, qua, o sapo nem asa tem!" Depois bateu asas e foi embora.
 94 Passou um tempo, veio a andorinha. " Pra onde você está indo?", perguntou o sapo. "Vou pra
 95 um forró no céu". O sapo ficou animado! "Oba posso ir também?". Mas a andorinha cantou a
 96 mesma coisa. E passou o papagaio, a coruja, o jaburu, o pássaro preto, a rolinha, o uirapuru, o
 97 beija-flor, a arara, o gavião, o tucano, o carcará, o sábia, o João-de-barro, o carcará, o
 98 pintassilgo, o corupião, periquito, o pardal, o sem-fim, a saracura, a asa branca, e tudo quanto
 99 foi bicho de bico e de pena. Todos diziam que iam pra um forró no céu. E cantavam,

100 “Qua,qua,qua, o sapo não vai nem vem. Qua, qua, qua, o sapo nem asas tem”. O sapo foi
 101 ficando cada vez mais com vontade de ir no tal forró e lamentou: "Por que todo mundo tem
 102 asas, menos eu?". Foi quando o urubu apareceu com uma viola debaixo da asa e o sapo teve
 103 uma ideia. Perguntou: “Você também vai pro forró no céu?” “Vou sim!” Respondeu o urubu.
 104 "O céu fica longe" - disse o sapo. "Não quer dar um gole de café quente?" O urubu disse que
 105 sim. Enquanto a ave tomava o café, o sapo se escondeu dentro da viola, terminado o café, o
 106 urubu pegou a viola e foi embora. Achou o instrumento meio pesado, mas não deu muita
 107 importância. O forró no céu estava animado, as aves ficaram surpresas com a presença
 108 inesperada do sapo. "Mas como veio parar aqui, se nem asas você tem?" - perguntavam. "Dei
 109 um jeitinho, ué!" Respondia o sapo, todo risonho. E o sapo caiu no forró, dançou, brincou,
 110 sapateou, pererecou, rebolou, cantou, bebeu, comeu, cansou, sentou, deitou, dormiu. Quando
 111 acordou a festa tinha acabado e todo mundo já tinha ido embora, fazia tempo. Perdido na
 112 imensidão do espaço, o sapo sentiu saudade de casa e começou a chorar. Chorou tanto, que
 113 São Pedro ouviu, veio ver. Escutou o caso e resolveu ajudar, fez um par de asas de cera,
 114 prendeu nas costas do sapo, deu um conselho. "Tome cuidado e voe depressa, lembre-se que
 115 você não é pássaro e que as asas são de cera, cuidado com o sol." O sapo agradeceu,
 116 despediu-se e partiu voando feliz como um passarinho. Voar é tão bonito, o sapo começou a
 117 voar para lá, para cá e ficou encantado. Batia suas asinhas, distraído, maravilhado com a
 118 paisagem imensa. Sentia o sopro do vento, vento no rosto, viu de perto a brancura das nuvens.
 119 Imitou o voo apressado do beija-flor, o voo lento do gavião. Voava, vojava, revoava,
 120 esquecido da vida, de tudo e de todos. Boiava no azul do céu e contemplava as florestas, os
 121 rios, as lagoas, as estradas, e as cidades lá embaixo. "Que bonito o mundo é!"- exclamou ele.
 122 Infelizmente o sol esquentou e derreteu as asinhas do sapo. Quando o sapo foi ver, era tarde
 123 demais. Começou a cair, cair e caiu mesmo. Despencou com tudo lá do firmamento e foi se
 124 estropiar no chão de terra dura. Ficou caído, despedaçado, quebrado, gritando, cabeça de um
 125 lado, braço de outro, perna sei lá onde. Espatifado em trezentos mil pedaços, dizem que até no
 126 céu deu pra ouvir a gritaria. Dizem que Nossa Senhora, ficou com pena, desceu a Terra,
 127 juntou os cacos, restos e pedaços do sapo. É, por isso, que o sapo até hoje anda desengonçado,
 128 e tem tantas marcas e manchas pelo corpo. É, por isso, que de noite, lembrando o seu triste
 129 acidente, o sapo olha pro céu e chora, chora, chora.

130 Aluno: Pareceee, a festa no céu!

131 Professora: A festa no céu. Mas... Oh! Qual a diferença da festa no céu?

132 Aluno: É que lá é a garça, a tartaruga...

133 Professora: Aí, essa história tá misturada com qual outra história? Quem que tinha asas de
 134 cera? Era de outro povo essa história. Quem que conta a história que tem a asas de cera?

135 Aluno: Gregos! Eu num lembro o nome dele. Ele chegou no céu, asas derreteram porque ele
 136 chegou perto demais do sol. Que vivia numa ilha, lá.

137 Professora: O Ícaro!

138 Alunos: Isso!

139 Professora: Filho de Dédalo!

140 Aluno: Tem um livro que ele chega no espaço, aí, tem uma constelação, lá, que chama Ícaro.

141 Professora: O livro chama "O sonho de Ícaro"

142 Aluno: Ele tem asas!

143 Professora: Isso, o pai dele - o Dédalo, era um grande engenheiro, um grande criador, ele que
 144 criou o labirinto pra criar o Minotauro.

145 Aluno: Que era metade gente, metade boi!

146 Professora: O Minotauro era meio Deus, ele era filho de um Deus! Então ele também não
 147 poderia ser tratado de qualquer jeito, né. E foi Dédalo que criou o labirinto e ele foi trancado
 148 nesse labirinto, junto com o seu filhinho. Aí, ele criou as asas de cera pra fugir desse labirinto.
 149 Só que Ícaro, quando se viu voando, ficou maravilhado, assim como nosso sapinho, esqueceu

150 da vida e voo para muito pertinho do sol. As asas derreteram, ele caiu e morreu. Dizem que as
 151 ilhas gregas que tem lá, em formato de asas, é em homenagem as asas que o Ícaro perdeu.
 152 Então a nossa história tem, oh! coisas misturadas. Nós temos a invenção para explicar, porque
 153 o sapo é manchado que vai confundir com as histórias dos mitos. Vai ser uma cultura popular
 154 junto, e ainda pegou um misticismo, a nossa fé! Envolveu São Pedro, e?
 155 Aluno: eeeeeeee, Nossa Senhora Aparecida!
 156 (Professora concorda com a cabeça)
 157 Professora: Nossa Senhora,
 158 Aluno: Mais por que São Pedro?
 159 Professora: Gente, vocês tem que guardar as crendices do povo, Pedro era um dos 12
 160 apóstolos de Jesus. Vocês sabem disso?
 161 Alunos: Siiim!
 162 Professora: Ele era o mais velho! Quando Jesus Cristo morreu, ressuscitou, passou por todo
 163 aquele processo, daí uns anos, foi Pedro que fundou a igreja católica! Então, quando ele
 164 morreu, ele se tornou santo. Porque foi ele que conseguiu fazer uma igreja e essa igreja é a
 165 mesma que a gente conhece hoje! É a mesma igreja de agora, foi Pedro que fundou. Por isso,
 166 que fala que Pedro tem a chave do céu! Porque foi ele que começou tudo isso! Então, oh! tem
 167 misticismo tem a crendice do povo, para poder explicar... Mas tem a fé quando junta São
 168 Pedro e a Nossa Senhora que aparecem na história. Vem explicar o que essa história?
 169 Aluno: Porque o sapo virou o sapo!
 170 Professora: Parece que o sapo não tem osso, vocês já repararam? Se você tiver um espacinho,
 171 desse “tamanquinho” na sua porta e ele resolver entrar na sua casa, ele se achata, se achata se
 172 esguia, se estreita por aqui e ali, passa e entra.
 173 Aluno: É porque ele é bem elástico!
 174 Professora: Então, tá aí, a explicação porque ele é tão elástico! Ele caiu do céu! (Risos)
 175 Aluno: Tia, conta a história do ET.
 176 Professora: Do ET. De novo?
 177 Alunos: Conta, conta, shiiii! escutaaa!
 178 Professora: Diz, que mais ou menos, por volta de 35 anos atrás, tinha um senhor que era
 179 advogado, que morava aqui em Arealva. Tinha um montão de filho. Ele tinha ido pra Bauru e
 180 voltando de noite, ele viu um brilho no céu e esse brilho seguiu ele até aqui em Arealva.
 181 Aluno: Credo! Aii!
 182 Professora: E ele desesperado, porque não sabia o que era aquilo lá! Ele veio para um prédio
 183 que hoje é a Santa Casa. Chegou ali, os caras desceram junto com ele. E, eles não tinham
 184 olhos, era um rosto escuro. Ele não conseguia enxergar, tinha uma coisa de luz e uns olhos
 185 escuros. Eles entraram ali, que era uma creche antigamente. E, esse senhor trabalhava ali,
 186 fazendo a documentação, e pegaram água e foram embora.
 187 (Alunos se agitam)
 188 Aluno: Tia Wal, Tia Wal, quem é esse homem?
 189 Professora Eu conto o milagre, mas, não conto o santo! (Risos)
 190 (Alunos se agitam)
 191 Aluno: Em um sítio, professora, os menino tava dormindo....
 192 Professora: Shii, deixa ele contá!
 193 Aluno: Aí, o menino acordou com o barulho, tirou um monte de foto, mais não conseguiram
 194 revelar para saber se era mesmo um disco voador.
 195 (Crianças participam contando relatos)
 196 Professora: Certo moçada! Então hoje os meninos vão apresentar a pesquisa sobre os mitos
 197 deles para nós. Vamos lá meninos. Podem começar a falar, alto tá!
 198 (crianças apresentam o trabalho de pesquisa sobre mitos)

199 Professora: Então, funciona assim, os mitos, eles pegam uma coisa que eles querem falar, isso
200 existe por causa disso. Coloca Deus, magia, efeitos sobrenaturais e pessoas que existiram de
201 verdade para explicar esse fenômeno. Quais são os mitos que vocês colocaram aí?
202 Aluno: "A origem da noite".
203 Professora: Como que a noite surgiu? Vocês só colaram ou leram a história?
204 Aluno: Colamos...
205 Professora: Ah! Vocês só colaram! Não tiveram a curiosidade de ler! Como que vocês vão
206 fazer uma apresentação e vocês não leram as histórias que vocês colaram? Como? Que vocês
207 vão apresentar essas histórias? Eu falei para vocês que vocês não iriam ler! Que vocês
208 apresentariam, rapidinho, as histórias! E aí? Agora vai vir o pessoal lá, como que vocês vão
209 fazer? Nós temos vinte minutos para apresentar tudo! Dá para ler as histórias? Mas, dá pra
210 falar rapidinho o que cada uma conta! E aí? A outra, qual é?
211 Aluno: "O Guaraná"
212 Professora: E como que é a do guaraná?
213 Aluno: Tem o uirapuru, também!
214 Professora: Tudo bem, do guaraná a gente sabe, que é da frutinha que se parece com os olhos,
215 que o indiozinho fica doente e a mãe dele cuida, tá! E o uirapuru?
216 Aluno: É um passarinho.
217 Professora: É um passarinho que fica onde? Na? Alguém sabe? Alguém já ouviu falar do
218 Irupuru?
219 Aluno: O Irupuru, ééé, eu sei, eu sei, era uma mulher que virou...
220 Professora: Isso é o urutau!
221 Aluno: A é o urutau, é uirapuru!
222 Professora: O uirapuru, era um passarinho da Amazônia, que tem um canto inigualável, que
223 se transformava num moço muito bonito, que tinha um monte de moça, um dele se apaixona e
224 sai procurando aquele canto maravilhoso! Ai uma das mocas machuca o uirapuru, porque ela
225 quer caçar o passarinho para por na gaiola. Só que quando machuca, ele se transforma em um
226 moço, um moço muito bonito. Elas levam pra aldeia, claro, ele também se apaixona, né! Ai
227 tem o desenrolar da história e no finalzinho ela também vira o Irupuru, e eles vão, vai virá o
228 casalzinho de uirapuru, lá na floresta amazônica.
229 (Queda de energia na escola, alunos se agitam)
230 Professora: Gente! É problema na força, vocês não são nenezinho! Que coisa absurda! E "A
231 origem do diamante"? Também não sabe "A da origem do diamante"? O que conta "A origem
232 do diamante"? Alguém conhece "A origem do Diamante"? Tinha um casal de índios, recém
233 casados, apaixonadíssimos, e a tribo entra em guerra! O índio vai pra guerra e a esposa fica na
234 barranca do rio, esperando ele voltar durante todo tempo da guerra. Quando a guerra termina
235 todos os índios voltam, menos, o esposo! E ela fica na margem do rio, sempre chorando até
236 ela morrer. Ela morre de tristeza. Aí, Tupã, deus dos índios, com dó da índia, transforma as
237 lágrimas dela, nos diamantes, por isso que achamos os diamantes no rio. Ai! Ai! Ai! Como
238 que vai apresentar a lenda e não leu a lenda, hein moçada? Pode sentar!
239 Professora: Isabelly, Mariana Dias e Natã! Quem não fez o trabalho?
240 (Crianças brigam no fundo da sala e professora interfere)
241 Professora: Certo! Olha o cartaz deles. A letra ficou boa. Lembra que eu falei pra vocês, que
242 toda vez que nós vamos fazer um cartaz, temos que pensar que os outros vão ler isso de longe
243 e que a letra, portanto, tem que ser grande, né! Do que, vocês vão falar?
244 Aluno: Parlendas.
245 Professora: Ok! O que é parlenda, Isa? O que é parlenda Mariana? O que é temática infantil?
246 Serve para? Infantil é o que? Serve para?
247 Alunos: Crianças!
248 Professora: São versinhos para crianças brincarem, tá! Vocês sabem uma parlenda?

249 Aluno: A do sorvete!

250 Professora: Como que é a do sorvete?

251 Aluno: Uni, duni, tê. Salamê, mingüê. O sorvete colorê! O escolhido foi você!!!

252 Professora: E quando a gente brinca com isso?

253 Aluno: Geralmente para escolher.

254 Professora: Quando tem uma brincadeira de escolha! Tá. Qual outra vocês conhecem?

255 Aluno: Um, dois, feijão com arroz. Três, Quatro, feijão no prato. Cinco , seis, bolo inglês.

256 Sete, oito, comer biscoito. Nove, dez, comer pasteis.

257 Professora: Tá vendo, como vocês conhecem!

258 (Alunos falam a parlenda juntos)

259 Professora: Cadê o toucinho que tava aqui?

260 Alunos: O gato comeu!

261 Professora: Cadê o gato?

262 Alunos: Foi pro mato!

263 Professora: Cadê o mato?

264 Alunos: O fogo queimou!

265 (Aluno interrompe a aula)

266 Professora: E as quadrinhas? Quem são as quadrinhas?

267 Aluno: As quadrinhas, tem quatro versos!

268 Professora: Isso, as quadrinhas tem quatro versos, geralmente são rimados! Fala o que você escreveu aí.

270 Aluno: Geralmente as quadrinhas eram usadas pelas meninas e pelas moças, até a década de

271 60. Não tinha televisão, nem todo mundo tinha rádio, as coisas eram diferentes naquela

272 época...

273 (Aluno interrompe a aula)

274 Professora: Isso. E, aí, as moças não tinham o que fazer, porque não tinham televisão, liam

275 livros, cantavam musiquinhas e as quadrinhas eram uma das formar delas se divertirem.

276 Aquele tempo a memória das pessoas era bem melhor, porque elas a exercitavam, guardando

277 esses versinhos. Então, elas trabalhavam a memória, guardando as trovinhas, as musiquinhas,

278 porque não tinha internet para fazer pesquisa, né! Pode sentar. Ana Júlia, é tu!

279 Alunos: É tu "Brutas"! (Risos)

280 Professora: A Ana Júlia por morar no sítio, teve que fazer sozinha! O dela é os provérbios e as

281 frases feitas! O que são os Provérbios? Lê lá pra gente!

282 Aluno: São relacionados a aspectos da nossa vida. São utilizados nos dias atuais.

283 Professora: E as frases feitas? O que são?

284 Aluno: Com poucas palavras, dão sentido do contexto, a ideia central. Todos não usamos

285 quantas vezes nos proferimos

286 Professora: Cadê seu óculos? Então, é assim a frase feita, oh, a gente tá lá conversando, de

287 repente a gente fala assim, oh, "deixa de dar esse sorriso amarelo" . O que é um sorriso

288 amarelo?

289 Alunos: Dente podre? Não, Pedro é quando tá sem graça.

290 Professora: Isso, sem graça, Sabe quando a pessoas fica lá com cara de deboche, igual alguém

291 que a gente conhece! Então, dá um sorriso amarelo, sem graça, forçado! Qual outra frase feita

292 que tem?

293 Aluno: " Vai lamber sabão!"

294 Professora: Isso, "vai lamber sabão", onde que a gente usa essa frase?

295 Aluno: Quando fala palavrão!

296 Professora: Palavrão! (Concorda com a cabeça) ou quando a gente tá de saco cheio daquela

297 pessoa que não para de falar, só fala bobeira, ai a gente fala assim "vai lamber sabão".

298 Aluno: O Tia Walkiria, O tia Walkiria! Minha vó passo um vez na minha boca, entro até no
299 meu nariz assim, nossa.

300 Professora: Então, os provérbios, são frases elaboradas que fazem a gente pensar um
301 pouquinho, Por exemplo, "água mole me pedra dura tanto bate até que fura" o que quer dizer?

302 Aluno: A água é mole, mas se ela fica pingando direto em um lugar fura.

303 Professora: (Concorda com a cabeça) Isso, se a água que é molinha, passa pela gente, até
304 gostoso sentir né, mas se você deixar uma torneira pingando no chão durante anos e anos,
305 aquela gotinha macia faz o que no cimento?

306 Aluno: Ela fura!

307 Professora: Ela corroe o cimento e forma um buraquinho. Ela vai deixar um buraquinho ali.
308 Por isso, que a gente fala, " água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Quem vê cara,
309 não vê coração. Essa todo mundo conhece! Vocês viram lá com a professora Verônica! Qual
310 fábula mostra isso? Vocês lembram?

311 Aluno: É a pessoa. Parece assim, que aquela pessoa é boa, mas você não sabe o que ela tem
312 no coração! Pela aparência ela é boa, mas por dentro ela é ruim!

313 Professora: Então, quem vê cara, não vê coração! Isso olha o que a Kamilli lembrou! Fala.

314 Aluno: Dê grão em grão a galinha enche o papo!

315 Professora: Isso se a gente tem paciência, de pouquinho, em pouquinho a gente consegue as
316 coisas.

317 Aluno: Dê grão em grão a galinha enche o papo! OO Jão!

318 Professora: Dê grão em grão minha paciência, acaba!

319 (Risos, crianças se agitam)

320 Professora: Moçada! Ó "Quem não tem cão, caça com gato". Porque isso, oh! quem é
321 caçador?

322 Aluno: Cachorro!

323 Professora: Cachorro, por natureza, tanto que em alguns países os cachorros são treinados
324 para a caça. Aqui no Brasil, nós temos os cachorros que caçam as drogas nas malas, dentro
325 dos carros, dos caminhões, eles são caçadores de drogas. O caçador natural criado pela
326 natureza é o cachorro, mas o gato é um exímio caçador! Só que você não consegue treinar um
327 gato pra caçar, ele não obedece, ele caça quando ele quer, ele caça pra ele! Agora, o cachorro
328 caça para o ser humano, só se você não tem o cachorro, você corre atrás do gato e roupa a
329 caça do gato, mais ou menos isso! Isso significa o que, se você não tem uma coisa, você não
330 vai desistir você vai tentar até você conseguir nem que seja de outra forma. "Quem não tem
331 cão, caça com gato."

332 Aluno: Tia Wal, e "Olho por Olho, dente por dente"?

333 Professora: Ah, isso é diferente é um pouco mais complicado, foi criado na antiguidade, que
334 funcionava assim você roubava, aí você era roubado. O que você usa pra roubar?

335 Aluno: Uma arma, uma faca?

336 (Professora faz um sinal de negativo com a cabeça)

337 Professora: O que você usa pra roubar?

338 Aluno: As mãos!

339 Professora: Isso! Então diante dessa frase "olho por olho e dente por dente", na antiguidade e
340 você roubava, você perdia a mão.

341 Aluno: Nossa, eu, em!

342 Professora: Se você machuca alguém, e essa pessoa perde o olho, você perde o seu! Mais ou
343 menos assim que funciona! Por isso que fala "olho por olho, dente por dente!" O que você
344 causa no outro ele causa em você! Era a justiça do passado! Não tinha juiz, não tinha polícia,
345 não tinha investigador não tinha nada! Chegava lá, foi que nem, aquela história, ontem, com o
346 Natã, num é! A gente achou que era uma coisa, foi fala era outra coisa, que fizeram outra

347 coisa, que não sabe quem começou, quem terminou! Então, os dois eram punidos, ninguém
348 fazia mais nada! Por isso que o povo era obediente!
349 (Risos)
350 Alunos: Nossa, Tia, tia! Já pensou isso agora, u loco!
351 Professora: Antigamente era o rei que decidia!
352 (Alunos se agitam)
353 Professora: Moçada! Vamos lá! Ler e Escrever!
354 Aluno: Tia você vai ler aquele lá do fantasma?
355 Professora: É, do fantasma!
356 Aluno: Eeeeeee!
357 (Alunos se agitam)
358 Professora: Oh! A leitura do fantasma! É uma leitura complexa, cheia de nomes, cheia de
359 detalhes. Então, não dá pra ter conversa. Hoje nos íamos para o quarto capítulo, que esclarece-
360 se o mistério da bala. Vamo, então, recordar o que aconteceu... Na aula passada, na segunda-
361 feira, nós conhecemos quem? Quem é o personagem ? Quem era a mocinha da história? A
362 Mary!
363 (Risos, crianças se agitam, ao recordar a história)
364 Professora: Nós descobrimos, que ele estava esperando ansioso pela namorada. Até tinha
365 imaginado ela, descendo a escadaria do palacete. Esperando que ela descesse né, a escadaria.
366 Mas ela tava demorando muito, mas ele sabia que mulher demora pra se arruma, de repente,
367 ele ouve o quê?
368 Alunos: Um gritoo!
369 Professora: Como era o grito?
370 Alunos: Aaaaa, de horror!
371 Professora: Um grito de horror, ele sobe em segundos a escadaria e encontra ela como?
372 Alunos: Morta. Não! Desmaiada.
373 Professora: Ele chega lá e acontece o quê?
374 Alunos: Ele quebra a porta,e vê ela desmaiada!
375 Professora: Ela tava desmaiada. E ele vê o quê?
376 Alunos: Um vulto!
377 Professora: Um vulto e ele atira nesse vulto. Ele persegue, mas não consegue achar. Ele anda
378 pelo quarto, acerta ela na cama, toma uns cuidados, chama o médico. O médico diz que ela
379 tem que fica de repouso. Então, ele coloca alguém na porta pra vigiá. E, ele fica dentro do
380 quarto e olhando o quarto ele encontra o quê?
381 Aluno: Uma bala perdida.
382 Professora: A bala que ele mesmo tinha atirado no vulto. E ela tava?
383 Alunos: Intacta!
384 Professora: Não tinha nenhum sinal nela. Toda vez que a bala é disparada e acerta um alvo
385 sempre fica uma ranhura ou esfolado, alguma coisa. E, a bala tava perfeita! Ele cisma com
386 alguma coisa, sai do quarto, deixa o Bob vigiando, pede pra ele não dormir!
387 Alunos: Ai, ele dorme!
388 Professora: O Bob vai até a janela, vê que tá tudo calmo, não tem nada de estranho, ele vai
389 ler! Ele não dorme, ele lê! Só que durante a leitura vem u?
390 Alunos: Sooonoo.
391 Professora: E ele dorme!
392 Aluno: Aí, o fantasma vem e o acerta com uma zarabatana!
393 Professora: Isso! Ele é acertado por uma zarabatana invenenaaada! Ele pega o cara pelo
394 queixo, fica desgostoso, porque não era o alvo! Num era o alvo, num é? Quando o Dik volta,
395 chama ele de preguiçoso! Cutuca! Ai, ele percebe que ele tem uma mancha roxa no pescoço.
396 Chama a polícia, ele conversa sobre a bala, sobre o moço que morreu. Chama o médico de

397 novo, dá um calmante pra moça continuar dormindo e leva ela para um outro quarto! Paramos
 398 aí. Ela sendo retirada do quarto para o outro quarto, mas antes ela recebeu um dose de
 399 calmante para ela não acordar, porque ela não podia se estressar! Só porque ela era madame!
 400 Se fosse “nóis” jogava no ombro e levava, né!
 401 (Risos)
 402 Professora: Então, vamos lá! Página setenta e dois, capítulo quatro. "Esclarece-se o mistério
 403 da bala."
 404 (Anexo, capítulo lido pela professora.)
 405 Aluno: Por quê quinta avenida?
 406 Professora: Porque a casa que tá acontecendo à história, fica na quinta avenida, e o fantasma
 407 apareceu nela.
 408 Aluno: Então, ele mora na quinta avenida?
 409 Professora: Ele atacou a casa na quinta avenida! E, aí, como que o tecido é usado?
 410 Alunos: Em forma de lençol!
 411 Professora: Por isso, que ele viu um vulto, porque o tecido não pode ter costura, por isso que
 412 parecia um fantasma! Mas como ele sumiu de repente, né! Ainda fica esse mistério. Capítulo
 413 5!
 414 Aluno: Mas tem roupa assim?
 415 Professora: Sim, não resistível ao fuzil, mas sem costura, sim. Estamos falando de 1936, 37.
 416 A bala não tinha tanta velocidade como as de hoje! Hoje, vocês tão falando de fuzil AR5!
 417 Para, né!
 418 (Risos)
 419 (Crianças se agitam)
 420 Professora: Vamos, lá! "O fantasma ataca Dick Peter."
 421 (Capítulo 5 em anexo)
 422 Professora: E aí?
 423 Alunos: Nossa o fantasma é uma pessoas próxima, acho que é o vizinho!
 424 Professora: Será que é o Cave?
 425 Aluno: Claro, olha as pistas! E, agora, ele sumiu!
 426 Professora: Uai, e essas pistas podem ter sido plantadas para nos enganar!
 427 Alunos: É, talvez, o verdadeiro fantasma pegou ele primeiro...
 428 Professora: O que será, que o Oliviam, tava procurando tão interessado no jardim? Ué, ele
 429 sabia que a policia tinha ido, mas deu a impressão pelo que falou, aqui na história, de que ele
 430 sabia o que estava procurando! Ele não estava procurando uma coisa aleatória, assim, por
 431 acaso pra tentar descobrir o que a policia não descobriu. Parecia, que sabia o que estava
 432 procurando, num é? E, aí, por que ele se assustou quando viu o Dick Peter ali? Por que ele
 433 ficou assustado? Num era normal? Ele é namorado da moça, ele adora resolver mistério. Era
 434 natural que ele tivesse ali, num era? Por quê que o cara ficou espantado? Quando a gente tá
 435 lendo, a gente precisa pensar em todas essas pequenas coisinhas, pra gente pode entender.
 436 Porque, às vezes, uma palavrinha que a gente perde na leitura, a gente não vai entender a
 437 história. E aí? Alguma hipótese? Alguma suspeita?
 438 Aluno: E, se o pai dela fosse, tipo o fantasma, ele deve tá procurando algum alçapão. Porque o
 439 fantasma sumiu muito rápido!
 440 Professora: Pra sair de casa tão rápido assim, tem que conhecer muito bem a casa, num tem?
 441 Alunos: aham!
 442 Aluno: Pode ter um alçapão camuflado lá.
 443 Professora: Pode ser! Agora quem acha que é o doutor Cave? Quem não tem dúvida que seja
 444 o doutor Cave? Quem acha que a suspeita do doutor Cave, tá correta?
 445 (Alunos ficam divididos nas respostas)
 446 Aluno: Ah, mais ou menos, pode ser ele sim. Ele sumiu, né!

447 Professora: Quem acha que tem outra pessoa? Quem você acha que é Maria Clara?
448 Aluno: O pai dela.
449 Professora: Porque você acha que é o pai dela?
450 Aluno: ah...
451 Aluno: Ah, se é maluca? O pai dela faria tudo por ele!
452 Professora: Eduardo! Deixa ela falá! Opiniões! Num tem essa de maluca! Por que você acha
453 que é o pai?
454 Aluno: Porque o pai dela vive sumindo da frente deles, dando desculpa.
455 Professora: Oh! Tem fundamento o que ela penso. Tá vendo a importância de ouvir? Daniel,
456 quem você acha que é?
457 Aluno: Eu também acho que é o pai. Porque quando ele chegô, né, “ai minha filhinha querida,
458 ela num pode ter inimigos”. Eee deu muita justificativa, sabe.
459 Professora: Quem tem mais? Fala Pedro!
460 Aluno: Eu acho que também foi o pai dela, porque foge muito rápido! Então tem que
461 conhecer muito bem a casa! Ou ele pode ter fugido pela janela, ou que nem o Gabriel falou.
462 Professora: Fala Eduardo!
463 Aluno: Já que a justificativa dele é tão conveniente, eu acho que foi o pai!
464 Professora: Ué! Mas você tava discordando deles! Por que você mudou de opinião?
465 Aluno: Porque eu pensei que o doutor Cave, era o assassino! Só que com essa desculpa de
466 Boston, ele levanto mais suspeita, então pode também ser isso!
467 Aluno: Mas, o médico também num pode ser, pois ele não conhece muito bem a casa. Então
468 ele é inocente!
469 Professora: E será que essa história do Doutor Cave, vai dar certo naquele ditado, "quem vê
470 cara não vê coração"?
471 Aluno: Ah, eu acho também que eles podem ser aliados. Ah! Sei lá, né!
472 Professora: É, verdade tem essa hipótese também! Mas ele falou, que num conhecia, né.
473 Como você não conhece um vizinho? Pode não conhecer intimamente, mas, gente sempre vê
474 o vizinho, né. Encontra a hora que sai, que chega. Se toca música alta.
475 (Risos)
476 Professora: Fala, Gabriel!
477 Aluno: Mais, ele pode tá, disfarçando!
478 Professora: É, bem pensado! Shiii
479 Aluno: Ele também poderia tá procurando alguma coisa que ele deixou cair se ele fosse o
480 fantasma!
481 Professora: Foi o que eu pensei! Porque o jeito que foi escrito aqui, parece que ele sabia o que
482 tava procurando! Não era uma pista aleatória, pode ser que ele sabia o que estava procurando!
483 Mais alguma coisa moçada? "O rosto do fantasma". Último capítulo!
484 Aluno: Nossa último? De hoje né!
485 (Risos)
486 Professora: Não! Acabou!
487 Alunos: Ahhh
488 Professora: Pronto! "O rosto do fantasma!"
489 (Segue anexo)
490 Aluno: Nossa tia ele foi condenado à morte!
491 Professora: Na cadeira elétrica ainda! Precisava disso aqui no Brasil!
492 (Risos)
493 Professora: E, aí, criança! O Doutor acabou morto! Quem vê cara, não vê coração! O
494 doutor era um chato, esquisito, mais era inocente!
495 Aluno: E ainda acabou morto!

496 Professora: Só que ele tinha uma cara esquisita né? Era um médico que não gostava de
497 medicar, mas não era ele o bandido! E o que levantou a pista foi o homem procurar as coisas
498 no gramado! Quem não prestou atenção nesse trecho, não ia desvendar o mistério.
499 Aluno: Tia, eu juro por Deus, que ia fala que ele não era pai dela, era padrasto!
500 Professora: É, e a hora que ele tava lá procurando no quintal as coisas, era pra ver se não tinha
501 nenhuma pista que levava a suspeita pra ele! Ele tava tentando limpar o terreno! Mas olha só,
502 só porque ela não era filha precisava matar a menina? O que o dinheiro não faz, né! Pegou ela
503 com dois aninhos! Acha que não vai amá! O dinheiro falou mais alto né? Infelizmente tem
504 pessoas assim, o dinheiro fala mais alto, né? Ou seja, a ganância!
505 (Crianças se agitam)
506 Professora: Quando nós começamos a ler essa história, nós tínhamos, três ações pra fazer.
507 Descrições das personagens, descrição do ambiente e as marcas de tempo! Vamo lá! Volta lá,
508 na página sessenta e dois. Presta atenção! Vocês perceberam que tem alguns travessões que
509 estavam na fala do narrador? Que tem algumas coisas erradas na hora que digito o texto.
510 Então, tem hora que tem umas marcar erradas, aí, no texto! Porque quem escreve uma história
511 é uma coisa, depois quem vai digit pra imprimir é outra coisa, né! Então, às vezes, erra e não
512 percebeu porque não é o escritor! Porque a pessoa que vai copiar pro computador, nem
513 sempre conhece as regras da Língua Portuguesa, ele só tem a função de digitar! Aí, ele não
514 prestou muita atenção! E, então, sai palavrinhas erradas! Sai travessão errado, e a gente, tem
515 que tomar cuidado. Então, vamo lá!
516 Aluno: É verdade, como no caso desse aqui, ó!
517 (Alunos se agitam)

1 Áudio 3 - 5º Ano
2
3 Professora: Bom dia!!!
4 Alunos: Booom dia!
5 Professora: Dê quem é a leitura diária de hoje?
6 (Crianças estão agitadas)
7 Professora: Oh! Gente atenção!!! Esse livro vermelho, eu tô devendo pra Maria Eduarda, pro
8 Pedro e pro João! Esse livro vermelho, aqui, não precisa deixar ele na bolsa! Eu aviso o dia
9 que é pra trazer!
10 Alunos: Eu trouxe, eu trouxe, eu trooouxe!!!
11 (Crianças se agitam)
12 Professora: Pronto! Agora vamos a leitura diária! "A Casa da Henrique Dias" quem que é
13 Henrique Dias que a gente aprendeu ontem?
14 Aluno: O tio da Mariana!
15 (Risos)
16 Aluno: É a rua onde está a casa da família Varela.
17 Professora: Isso!
18 Aluno: Professora, e a família Vargas, quem é?
19 Professora: Presidente Vargas, foi um presidente do Brasil, Getulio Vargas. E era o nome da
20 minha rua onde eu moro, quando pequena!
21 Aluno: Sério, a rua da praia!
22 Professora: Serio a rua da praia chamava "Presidente Vargas".
23 (Crianças se agitam)
24 Professora: Shiii, shii, agora chega. Hora de ouvir! "Meu pai conheceu minha mãe na
25 vizinhança. Dizem que ela era engraçada quando contava histórias e bonita de chamar
26 atenção. Casaram mocinhos, tiveram quatro filhos. Meu irmão mais velho nasceu em casa,
27 assim nascido por uma parteira como era de costume e morreu dois dias depois do parto. As
28 crianças ainda morriam muito na década de 40. Aí, vieram a Maria Elena, eu e o Fernando.
29 Até eu completar dois anos moramos em uma casa de propriedade dos meus avós maternos,
30 na rua Rio Bonito, também no Brás. Mudamos, depois do parto do meu irmão mais novo,
31 porque minha mãe ficou muito fraca para cuidar dele. A Rio Bonito era um pouco longe, para
32 minhas avós poderem ajudar. Meus pais, minha irmã e eu fomos para uma das três casas que
33 minha avó espanhola tinha na Henrique Dias. Porque assim ela podia tomar conta de mim e
34 da Maria Elena, o Fernando que tinha acabado de nascer ficaria com meus avós maternos, no
35 sobrado da João Teodoro, pertinho até a mãe sarar. Estávamos em 1945, na Europa arrasada
36 pelas bombas chegava ao fim a Segunda Guerra Mundial, que matou mais gente do que todas
37 as guerras anteriores. Em seis de agosto daquele ano, dia do nascimento do meu irmão, um
38 piloto americano, em um avião de hélice, lançou uma bomba sobre a cidade japonesa de
39 Hiroshima e voou para longe, a explosão levantou um enorme cogumelo de fumaça que
40 escureceu o céu, e liberou um calor absurdo desconhecido do homem até então. Todos os
41 prédios ruíram, a água da cidade evaporou numa fração de segundos por causa desse calor.
42 Quem estava perto desapareceu sem deixar vestígios, quando a poeira radioativa da bomba
43 abaixou" ... Silêncio né, gente! Essa história tá contando uma das partes da história mais
44 tristes do nosso planeta!
45 Aluno: Verdade! Quando a bomba caiu em uma cidade do Japão!
46 Professora: Exatamente, e vocês perceberam o impacto dessa bomba?
47 Aluno: Evaporou a água!
48 Professora: Vocês ouviram que eu falei, que eu acabei de lê?
49 Aluno: Sim, o impacto foi tão grande, que fez um cogumelo tão grande de fumaça, que deixou
50 o céu todo escuro. Daí desapareceu toda água!

51 Professora: Olha só! "A explosão levantou um enorme cogumelo de fumaça, que escureceu o
 52 céu e liberou um calor absurdo, desconhecido do homem até então. Todos os prédios ruíram,
 53 a água da cidade evaporou em uma fração de segundos, quem estava perto desapareceu sem
 54 deixar vestígios. Quando a poeira radioativa da bomba baixou caiu uma chuva negra que
 55 queimou a pele dos que tinham escapado da explosão e perambulavam pela cidade destruída
 56 atrás dos parentes e de água para beber. Morreram 100 mil pessoas em Hiroshima!"
 57 Aluno: Noooooosssaaaa! verdade?
 58 Professora: Verdade! Lembra que eu falei que ele ta contando a vida, esse livro é uma
 59 biografia? Fala o que aconteceu realmente.
 60 Aluno: Você viu Tia, na verdade a temperatura da bomba é tão grande que desintegrou todos
 61 os corpos!
 62 Professora: Exatamente! As pessoas viraram pó!
 63 Aluno: Meu Deus, viraram areia pura!
 64 Aluno: Eu vi na televisão, que a temperatura a hora que a bomba caiu foi maior que o sol!
 65 Professora: Exatamente! Olha a potência dessa bomba! Olha a explosão, mata 100 mil
 66 pessoas, assim, oh! (estala os dedos)
 67 Aluno: Hiroshima?
 68 Professora: Hiroshima! Depois a história vai se repetir em Nagasaki!
 69 Aluno: Nossa já pensou se acontece aqui em Arealva! Nossa eu pegaria uma bicicleta
 70 Professora: E, aí, o homem que inventou a bomba ficou louco! Porque ele tinha inventado,
 71 mas não pra isso! Ele tava pensando no problema da radioatividade, pra fazer o primeiro
 72 submarino, que foi radioativo! Ele pensou nessa explosão pra movimento, não pra
 73 assassinato! Porque foi um assassinato que aconteceu! Uma pessoa insana, uma pessoa que
 74 não tem juízo, porque mata tantas pessoas por causa de poder.
 75 Aluno: O poder incontrolável e puum!
 76 Professora: E lá na Europa, quem são os países da Europa que a gente aprendeu?
 77 Aluno: Espanha, Portugal, Itália, Alemanha!
 78 Professora: Isso, a Holanda, que mais? A Rússia. Estavam todas guerreando! Todas umas
 79 contra as outras. Fizeram grupos, e um guerreava contra o outro! Os Estados Unidos como
 80 sempre, põe o bico em todas as guerras e foi lutar contra o Japão, que era contra os aliados
 81 dele, o Japão estava apoiando a Itália nessa história. A Itália e a Alemanha eram as cabeças
 82 dessa guerra! Ai, vinham os países que apoiavam, nessa guerra o Brasil foi ajudar também!
 83 Muitas pessoas, muitos brasileiros morreram nessa guerra.
 84 Aluno: Professora, o pai do Carlos!
 85 Professora: Isso, o pai do Carlinhos. Esse Carlos, era um professor de Matemática que a
 86 esposa dele chama Rosana. Faz pouco tempo que ele morreu também! Aquela sorveteria que
 87 agora é lanchonete entre o Fabinho e o seu Nelsinho, ali tinha uma sorveteria, ele era o dono!
 88 Num lembro como ele chamava, acho que era Zico Romão. Num lembro! Bom eles eram
 89 chamados de pracinhas brasileiros.
 90 Aluno: Em que cidade ele foi pra lutar?
 91 Professora: Não sei. O meu avô se preparou pra essa guerra, só que ele não foi chamado. É
 92 criança, temos histórias terríveis! Por isso que temos que estudar, conhecer o passado!
 93 Porque os erros do passado, são a inteligência do futuro, Por quê? Porque a gente aprende
 94 com os erros, ninguém tá livre de errar, só que se continuar cometendo os mesmo erros, ai já é
 95 burrice, né!
 96 Aluno: A minha psicóloga falou, que a gente não aprende com os erros, mais com o conserto
 97 dos erros.
 98 Professora: Mais é lógico, tem que aprender, ou você gosta de sempre ficar batendo a cabeça
 99 na parede, temos que aprender com os erros, para não repeti-lós. Hoje tem "trocentos" modos
 100 de bomba atômica.

101 Aluno: Bomba nuclear, bomba tecnológica, de bactéria.

102 Professora: Hoje em dia quando alguém quer fazer o estrago, eles pensam em bombas
103 poderosas, nuclear, devastadoras mesmo! Ou nuclear ou aquelas que tem os agentes vivos,
104 que jogam vírus e matam as pessoas bem rapidinho.

105 Aluno: Mais eles compram as bombas?

106 Professora: Eles fabricam, há engenheiros, pessoas que dedicam a vida, quinze, vinte anos
107 estudando para acabar fazendo bomba pra matá os outros. Gastou tanto tempo, tanta
108 inteligência pra fazer o mal. Às vezes, duzentas pessoas passam a vida, salvando vidas, e uma
109 usa os estudos e acaba com um monte de gente de uma vez.

110 Aluno: Ontem passou na tv, eu assisti, né. Um cara que ele não tava deixando ninguém cortá a
111 floresta, as árvores da floresta sabe, aí foram lá e mataram esse homem.

112 Professora: É, bem por aí, tem uma história de Chico Mendes, bem parecida. "Distantes
113 dessas atrocidades, na Henrique Dias, Italianos, Portugueses e Espanhóis, viviam em paz,
114 eram tantos imigrantes que quando fomos para lá as pessoas diziam: " Mudaram-se os
115 brasileiros." E Porque que esses Italianos, Espanhóis e Portugueses vieram mesmo?

116 Aluno: Que acharam que aqui iriam ter uma vida melhor, né?

117 Professora: Mas o que estava acontecendo lá?

118 Aluno: A guerra!

119 Professora: Qual guerra?

120 Aluno: A Segunda Guerra Mundial!

121 Professora: Quando eles vieram era á?

122 Aluno: Primeiraa!

123 (Professora concorda com a cabeça)

124 Professora: Primeira! Então teve a Primeira Guerra Mundial, depois veio a Segunda Guerra
125 Mundial... " As três casas da minha vó Aurélia, ficavam uma ao lado da outra e estavam
126 ocupadas, na primeira morava ela com meu tio Amador, solteiro, nos últimos anos do curso
127 de medicina. A casa do meio estava alugada para a família da Dona Aurora, uma senhora que
128 escutava música espanhola e novela na rádio São Paulo, a manhã inteira. Nessa época, a
129 televisão ainda não existia no Brasil e rádio era privilégio de poucos no Brás, as pessoas iam
130 no vizinho ouvir os programas de rádio. Construídas por volta de 1910, essas duas casas eram
131 semelhantes tinham janelas altas para a rua, portão de ferro e um corredor lateral que dava na
132 porta da sala de jantar. A terceira onde fomos morar, era uma moradia coletiva para três
133 famílias, comuns nos bairros operários. Tinha portão alto de madeira que abria para um
134 corredor comprido ao longo do qual alinhavam-se três cômodos isolados, no da frente único
135 com janela para a rua morava um casal de portugueses pai do Arlindo meu amigo inseparável,
136 no quarto do meio morava o tio Constante, na verdade primo do meu pai casado com a tia
137 Eleonor, filhas de Italianos que morria de rir quando repetia palavrões que ele me ensinava
138 escondido, e o filho deles Flávio meu primo doze anos mais velho do que eu. Nós
139 ocupávamos a parte de trás, para entrar subíamos uma escadinha de cinco degraus e
140 chegávamos em um pequeno cômodo, a esquerda ficava a cozinha, um fogão a lenha e uma
141 chaminé, a direita uma porta dava acesso a sala e tinha uma mesa de jantar e um guarda louça,
142 atravessando a sala tinha um quarto com a cama dos meus pais, os criados mudos e duas
143 cadeiras uma do lado da outra em frente a uma cabeceira e o guarda roupas do casal, os
144 moveis eram de madeira escura, pesada de arrastar. Seguindo o corredor de entrada depois da
145 nossa cozinha tinha um banheiro, um só para as três famílias! Com um chuveiro frio e o
146 cheiro de bolor que nunca esqueci. Ao lado um tanque coberto e mais duas cozinhas a da tia
147 Leonor e da mãe do Arlindo, em frente as cozinhas, um varal, quarador uma folha grande de
148 zinco em cima de um suporte de madeira para secar a roupa ao sol, lá no fundo um galinheiro,
149 nessa época não havia comodidade do supermercado que vendem frango pronto para comer, a
150 dona de casa entrava no galinheiro, escolhia a vítima destroncava o pescoço dela e despenava

151 na bacia com água quente. Era a carne para os domingos especiais, tanto que havia até um
152 ditado: "Pobre quando come frango um dos dois está doente". Aos quatro anos de idade,
153 depois de já ter tomado banho, eu tive uma idéia brilhante, fui fazer xixi no galinheiro, minha
154 intenção era que o jato molhasse as penas das galinhas enquanto elas estavam distraídas, só
155 que o galo, grandão de crista vermelha, parou em frente e ficou me olhando com a cabeça de
156 lado, assim que comecei a fazer xixi, o galo sem dar tempo para nada deu uma picada certa
157 no meu pinto, que tirou sangue. Mas eu não chamei ninguém, fui chorar escondido de
158 vergonha da minha burrice! "

159 (Risos)

160 Alunos: Noooooossaaa, doeu em! O loco, que dor!

161 Professora: Agora acordou né! Acordou todo mundo!

162 (Risos)

163 Professora: Ai, acorda todo mundo! Falou besteira! Vocês tão atacado hoje, né!

164 (Risos, crianças se agitam)

165 Professora: Oh! Agora é hora de ouvir! Na aula de pontuação hoje! Nós vamos aprender os
166 verbos, que são as palavras que indicam que alguém vai falar. Quais são as palavras, quais são
167 essas palavrinhas que nós chamamos de verbo! Porque indicam ação. Agora é hora de ouvir!
168 Que indicam ação, por isso que vão indicar quem vai falar, que anuncia a fala da personagem,
169 depois nós vamos aprender como marcar essas falas, usando as aspas, usando dois pontos e
170 travessão. Você ouviu Natã? Então, hoje a gente precisa presta atenção, porque é nisso que
171 nós estamos mais errando na hora de fazer a nossa produção de texto. Então, hoje não dá pra
172 conversa! Natã e Kauana, o que está acontecendo que as duas não sossegam?

173 Aluno: Nada tia Wal.

174 Professora: Oh! Todo mundo pegô o livro? A primeira atividade tá na pagina 34. Depois eu
175 marco a outra. Olha o que está falando, as marcas linguísticas do discurso direto.

176 (Crianças se agitam)

177 Professora: Então, vamos lá página 35, aliás 34! Olha o que eu quero, na página 34. Vocês
178 tem uma pedacinho da história do marreco lembra? O marreco que precisava ter documento,
179 porque ele poluía o meio-ambiente, tá lembrado? Eu quero que vocês leiam e com o lápis de
180 escrever tente buscar, tente achar as palavras que apresentam às falas da personagem, quando
181 nós vamos escrever, a gente não coloca assim oh, vou dar um exemplo, presta atenção! A
182 gente num coloca assim: " Branca de Neve disse:".

183 (Professora escreve a frase na lousa)

184 Professora: A palavrinha disse é um verbo! Que vai anunciar que ele vai fala alguma coisa, o
185 verbo dizer! Mas a gente não usa só o disse, qual outras palavrinhas a gente costuma falar?

186 Aluno: Falou!

187 Professora: Falou. Qual outra?

188 Aluno: Murmurou!

189 Professora: Murmurou, pensou, disse já falaram. Então eu quero que vocês grifem, eu quero
190 que vocês grifem, no texto, grifem a palavrinha que aponta que a personagem vai falá! São
191 cinco pras nove! Vocês têm até nove e dez para fazer isso! Lendo o texto e grifando a
192 palavrinha que apresenta a fala da personagem! (Segue anexo a atividade).

8. ANEXOS

8.1



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,

Juliana Carla Tremontini de Carvalho

Diretor (a) da Escola: E.M.E.F" João Pereira de Souza Leão", localizada na cidade de Arealva – SP, abaixo assinado, ciente dos objetivos da pesquisa intitulada “ **A Literatura Infantil nos anos finais do ensino fundamental I : Saber catalisador para a produção textual escrita**”. A qual pretende verificar a organização do ensino da literatura dentro da escola, e se a literatura infantil realmente atua como saber catalisador para a formação integral do aluno.

A referida pesquisa será conduzida por **Leticia do Nascimento, aluna do curso de Pedagogia, RA: 121020231** e orientada pela Professora Doutora Rosa Maria Manzoni, docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru.

Desta forma, autorizo que a pesquisa seja desenvolvida na escola de ensino fundamental da rede municipal de Arealva, durante o ano de 2015, e permito a aplicação de questionários, realização de observações, entrevistas e análise de documentos, em situações previamente combinadas com os responsáveis pela escola.

Concordo, também, com a divulgação dos resultados provenientes dessa pesquisa em eventos científicos e periódicos, com o objetivo de colaborar com o avanço das pesquisas educacionais, sendo preservado o direito de sigilo à identidade pessoal dos participantes.

Arealva - SP, 02 de fevereiro de 2015.

JULIANA CARLA TREMONTINI DE CARVALHO
RG: 27.563.532-6
DIRETOR DE ESCOLA

8.2: Atividades de escrita

8.2.1: 1.º ano


DIRETORIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
E.M.E.F. "JOÃO PEREIRA DE SOUZA LEÃO"
 ALUNO(A): RAFAEL

PROFESSORA: FANFY - 1º ANO A - 2015

SONDAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

NOVEMBRO

REESCRITA: OS TRÊS PORQUINHOS
 OBJETIVO: DESENVOLVER COMPORTAMENTOS LEITORES E ESCRITORES.

OS TRÊS PORQUINHOS
 ERA UMA VEZ
 TRÊS PORQUINHOS BEM BO
 NITINHA UM DIA BELA
 A MÃE DELE DICE
 JÁ ESTÁ NAORA DE VO
 CÊS CONSTRUIR CADA
 UM AGUA CASA ENTÃO
 FORAM PRIMEIRO
 FEZ A CASA DE ALHA
 DICE GUNDO E FEZ MADE
 IRA O TERCEIRO FEZ
 DE TIJOLO UM DIA
 O Lobo MAL VEIO
 E LÊ DICE ABRA A



2.2

PORTA/EU/VOU/AGO
 PARA/NA/GUA/CASA
 AGO/PROVO/PRIME
 IRO/PORQUINHO/CORREU
 PARA/OUTRA/CASA
 OLOBOCHEGOU
 ELE/AGO/PROVA/CASA
 CATU/OS DOIS CORRE
 IÃO/PARA/A/OUTRA
 CASA OLOBOCHEGOU
 ELE/AGO/PROVA/NÃO
 DEU/LE/TEVE/UMA
 IDEIA/ENTRA/PELHA
 MINE/MIAS/SAIO/COM
 O RABO/QUE NEM ADO

QUE BOUCA MAS GRANDE QUE ORELHAS MAS
BOCA
 GRANDE QUE BOUCA MAS GRANDE E O LOBO
BOCA
 RESPONDEU E PARA TE COMER CHAPEUZINHO
N
 GRITOU E O CASADO OUVIU E FOI PARA
CAÇADOR
 CASA DA VÓ CORENDO E O LOBO DORMIU
A
 E O CASADO CORTOU A BARRIGA DELE
CAÇADOR
 E TIROU A VÓ E COLOCOU PEDRA DENTRO
DENTRO
 DA BARRIGA DO LOBO E A VÓ E O CHAPEUZINHO
R
 E O CAÇADOR FORAM ENBOBA E O LOBO
CAÇADOR FORAM M
 A CORDOU E FA LOU QUE CEDE ELE FOI
SEDE
 BEBER ÁGUA NO POÇO ELE CAIU E O
POÇO
 LOBO MUREU
R



DIRETORIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
E.M.E.F. "JOÃO PEREIRA DE SOUZA LEÃO"
ALUNO(A): LIVIA

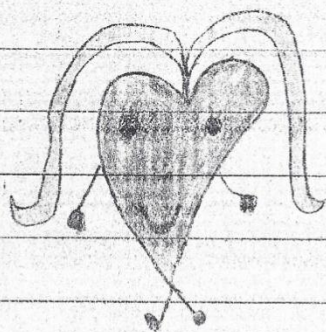
PROFESSORA FANFY



SONDAGEM

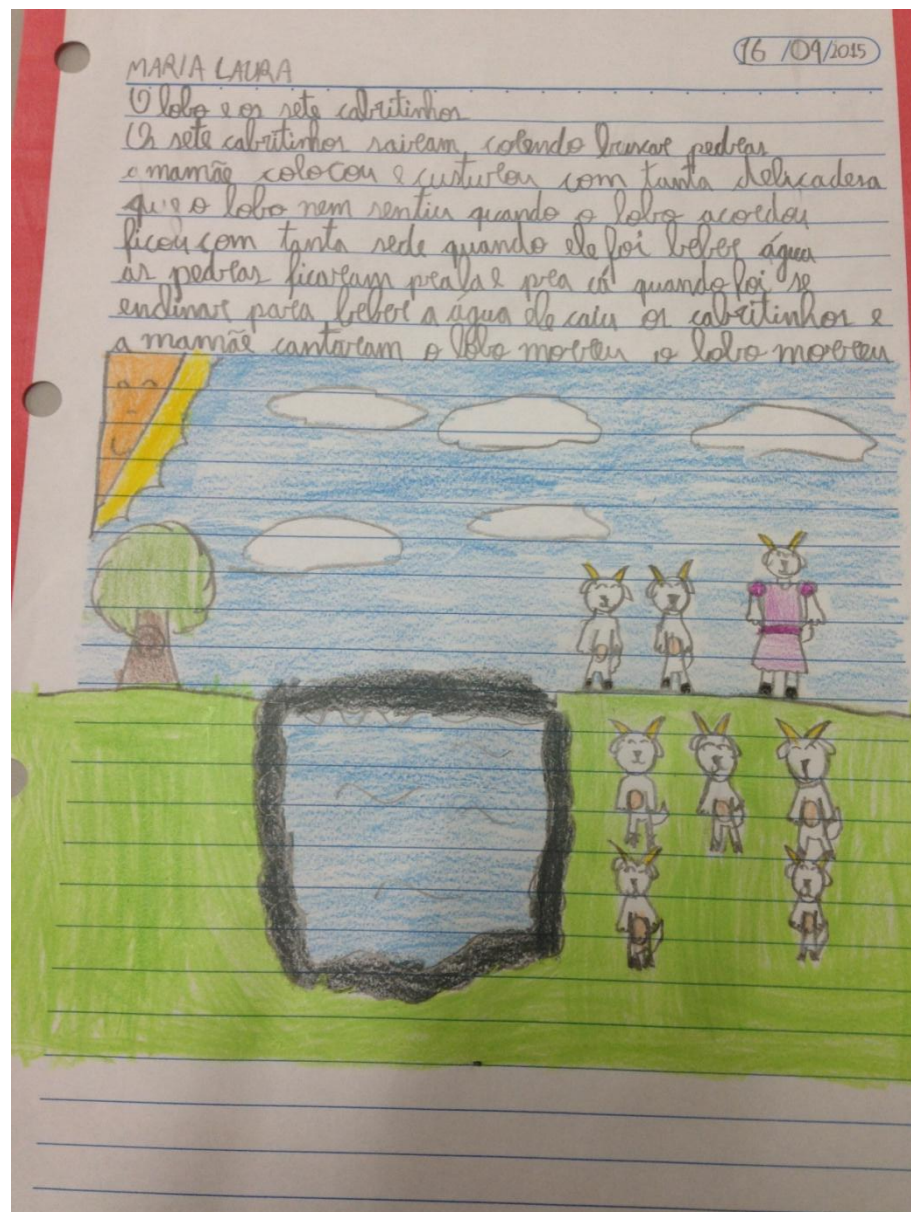
OBJETIVO: _____

BORBOLETINHA ^{ESTAVA} TANA ^{NHA} COZI FAZENDO
CHOCOLATE PARA ^{DRI} MA BRINHA POTI/POTA
PERNA DE PAU OLHO DE VIDRO E
VARIS DE PICAPAU
Z



OUTRAS OBSERVAÇÕES

8.2.2: 2.º ano



8.2.3: 1.º ano

Canta o gato do Beto Cime!

Qu. 1.º ano

Um velho médico que tinha três filhos.
 Antes de morrer deu suas heranças.
 Para o primeiro deu o seu moinho, e ao
 segundo deu seu charro, e para o
 terceiro só sobrou um gato.
 O moço ficou ~~chando~~ ~~para~~ ~~o~~ ~~gato~~ ~~disse~~ ~~me~~
 — Me arranja um par de botas, que te
 deixarei rico.
 O moço comprou um par de botas.
 O gato colocou as botas.
 O gato foi ~~casar~~ ~~um~~ ~~colibri~~ e entregou
 para o rei. O rei deu um saquinho
 cheio de moldes de ouro.
 O gato fez um plano.
 E disse para o moço:
 — Tira a roupa.
 E o moço obedeceu. O gato escondeu a
 roupa debaixo de uma pedra.
 O gato mandou o moço entrar dentro
 da água, e quando a carruagem ^{passa}
 sair:
 — Socorro, socorro, — disse o gato —
 o rei disse:
 — O que aconteceu? disse o rei
 — Roubaram a roupa do meu amo — disse o
 gato. O rei mandou buscar uma roupa
 para o moço. A princesa ficou apaixonada
 o rei olhando ficou encantado de ver
 aquilo. O gato correu na frente da carruagem

e viu um castelo que era de um
ogro. O gato entrou no castelo.

O gato disse:

— Saiba que você se transforma em tudo
que quiser. O ogro respondeu:

— É verdade, posso me transformar em qual
quer coisa você, e se transformou num leão.

O gato disse:

— É isso e fácil, vira um rato!

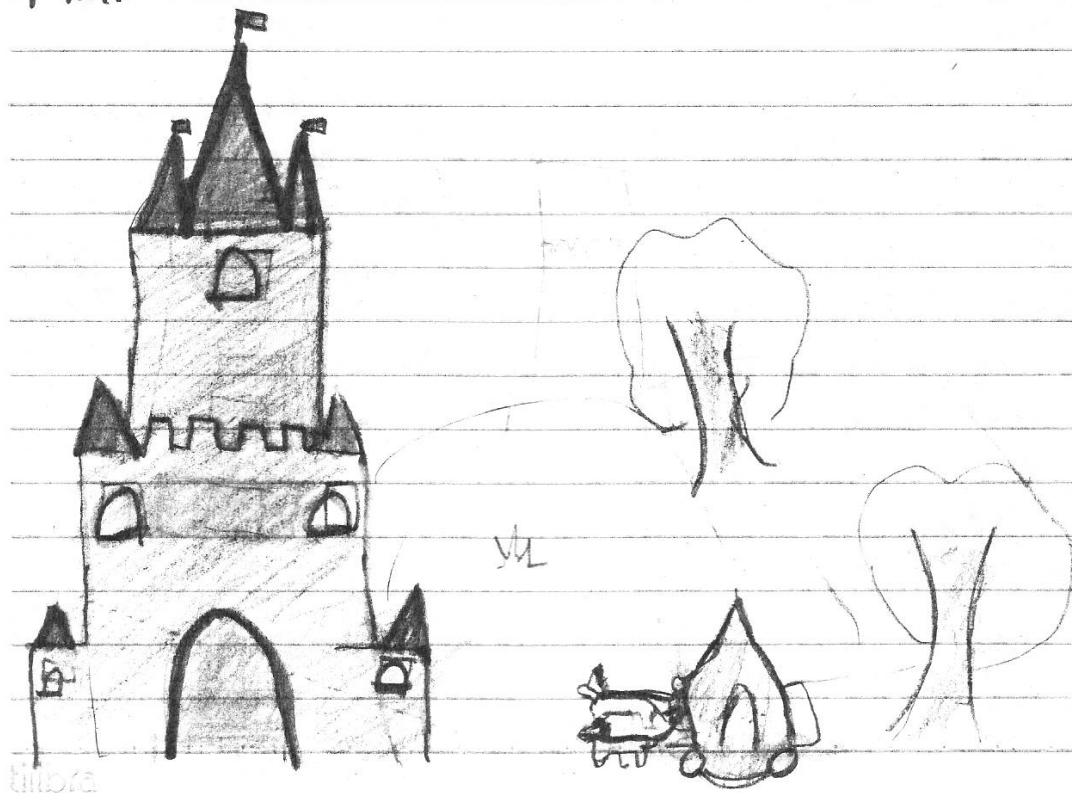
O ogro virou um rato. O gato comeu
o rato. E o rei viu o castelo e palacei.

— Segue que é esse castelo?

— É do marquês de corubas senhor! disse o gato.

O rei acreditou e deixou ele casar com
a princesa e viveram felizes para sempre.

FIM.



Salvador, Bahia, Brasil

26/11/2015

Reescrita

Porque o cachorro foi morar com o homem

O cachorro que todos dizem ser o melhor amigo do homem, vivia antigamente no meio do mato com seus primos: chagal e lobo. Eles brincavam de correr pelas campinas sem fim, moravam a céu aberto e caçavam sempre juntos, mas sempre antes das estações das chuvas os dois tinham dificuldades para conseguir comer, até que um dia eles pararam embaixo de uma árvore gigantesca e o lobo disse:

— Precisamos pegar um pedaço de fogo! — E o cachorro respondeu:

— Quem vai buscar? — O lobo e o chagal falaram ao mesmo tempo:

— Você.

De acordo com a tradição africana o cão mais novo não tem outro feto. Por isso o cão mais novo deveria obedecer aos mais velhos, correu e correu, ao chegar na aldeia viu uma casa e de lá vinha um cheiro bom e o cachorro entrou nela e viu uma fogueira, um mingau de milho quente, uma mulher dando de comer ao filho. Ao acabar de alimentar seu filho, pegou o resto do cão que parecia esfomeado, enquanto comia

Uma criança apertou-se e olizou seu
pêlo e o cão disse para si mesmo:

— Eu é que não volto mais para
a floresta. O lobo e o chacal vivem me
dando ordens. Aqui não falta comida
as pessoas gostam de mim, de hoje em
diante vou brincar com os homens e
ajudar eles a tomar conta de suas coisas.
Por isso que o lobo e o chacal ficam
vivendo na floresta, a procura do primo
fujão.

uma braga de unguis

Rescrita

Porque o cachorro foi morar com o homem.

O cachorro que todos dizem ser o melhor amigo do homem, antigamente vivia na floresta com o seu primo o leão e o chacal, eles brincavam nas montanhas, caçavam juntos, e matavam a rede por coelhos, antes da estação de chuvas, eles tinham dificuldade de encontrar o que comer, porque as rias e a vegetação secavam, já cansados sentaram debaixo de uma árvore para tomar uma decisão:

- Vamos pegar fogo lá na aldeia - Respondeu o leão
- Fogo? - Perguntou o cachorro.
- Para queimar o capim e comer gafanhotos fritos - Respondeu o chacal com água na boca

- E quem vai ir lá na aldeia?
- Você! - Respondeu o leão e o chacal, ao mesmo tempo, apontando para o cachorro.

Como na tradição africana e

o cachorro tinha que obedecer
as ordens dos mais velhos.
O cachorro foi para a aldeia,
chegando lá sentiu um cheiro
que vinha de uma casa. Ele
chegou perto e viu uma mulher
dando comida para os filhos,
a mulher não se importou
com a companhia do cachorro,
ele estava esperando a mulher
se distrair, para pegar o
fogo. Quando a mulher terminou
de dar a comida para os filhos,
ela rapou a tigela e deu
para o cão. Quando o cachor-
ro comia as crianças chegaram
perto e passaram a mão nas
patas dele, então ele falou para
ele mesmo:

- Quero ficar morando aqui,
lá na floresta e charal e
o leão me dá ordens, aqui todo
mundo gosta de mim e tem
comida.

E os primos ficaram vivendo
atrás do primo. fofo.

Gracil Hermosa Brinda

26 11 2015

Parque

Parque e cachorro foi morto com a bala.

O cachorro que todos ^{eram} chamavam amigo da mulher, antes morava na mata com suas primas, a chacha e a loba. Eles faziam tudo juntos, como caso de família.

Mas toda vez, antes da época das colheitas, a regulação e as coisas mudavam e eles tinham dificuldade para conseguir o que queriam.

- Tinha que mandar alguém para a aldeia dos homens para pagar faga - disse a loba.

- Faga? - perguntou a cachorra.

- Mas quem iria até a aldeia para pagar faga? - perguntou a cachorra.

- Não - responderam a chacha e a loba ao mesmo tempo, apertando para a mãe.

De acordo com a tradição, quando a cachorra queria a mais nova tinha que obedecer a ordem das mais velhas, a chacha e a loba.

O cachorro correu e correu até chegar a porta de madeira e por da aldeia, quando sentiu um cheiro gostoso vindo de uma colina, entrou e viu uma mulher dando a que nem a sua filha e esperando ela se distrair para ele pagar um tributo.

Uma pessoa de madeira de milho fumegante, a mulher sem se importar com a presença da mãe colocou pipocas para ela e depois de aumentar os filhos deu a conta da mãe e ela deu o seu e adorou, enquanto estava um dos homens foi acariar

sem pular, O cachorro pensou e disse para si mesma:

- Eu é que não volto para a mata e lábio e a chacal vivem me dando ordens, de hoje em diante vou megerar com os homens e ajudar a proteger suas coisas, e foi assim que o cachorro foi morar com a homem e é por isso que o lábio e a chacal ficaram aliando na mata, por causa da primeira fusão.

8.2.1: 5.º ano

Barbie

26 02 15

Nome: Amanda B 5.º A 2.ª 11.º

produção de final de festa

O Menino que Quase Virou Cachorro ()

Miguel era um menino bacana. Brincalhão, inteligente, amigo dos amigos. E ele era muito amigo do Tanaka, um outro menino brincalhão, inteligente e descolado. Os dois conversavam muito, sobre uma porção de coisas. Um dia o Miguel disse pro Tanaka:

-Cê sabe, Tanaka, eu acho que eu sou invisível.

-Invisível? Como assim? Eu estou vendo você muito bem...

- Não - disse o Miguel - não sou invisível pra todo mundo, não. Só pros meus pais. Eles olham pra mim, mas acho que eles não me enxergam!

O Tanaka ficou espantado. E então eles combinaram que iriam à casa do Miguel só pro Tanaka ver.

No sábado, na hora do almoço Tanaka chegou, como eles tinham combinado. Miguel abriu a porta, mandou o amigo entrar e anunciou a todos que já estavam sentados pra almoçar:

-Eu trouxe o Tanaka pra almoçar conosco!

A mãe do Miguel levantou, botou um a cadeira pro Tanaka, foi buscar um prato, um copo e os talheres. Enquanto isso ia conversando:

-Olá, Tanaka, faz tempo que você não aparece! E sua mãe vai bem? E sua irmã, tão bonitinha, sua irmã...

Mas nem olhou pra Miguel.

Miguel sentou-se, serviu-se, comeu, e ninguém olhou pra ele. Tanaka ficou reparando. Então o Miguel fez uma pergunta pro pai, mas ele estava prestando atenção à TV e só fez:

-Shhh...

Quando os meninos saíram o Tanaka estava espantado, mas ele disse:

-Acho que as famílias são assim mesmo. Ninguém presta atenção aos filhos...

O Miguel ainda falou:

-Pois é, quando eu saio com meu pai é ainda pior! Meu pai fala comigo como se eu fosse o cachorro "Anda", "Anda logo!", "Espera!", "Anda!", "Vem logo!"

Na semana seguinte Miguel saiu com o pai. E como ele tinha dito o pai só dizia "Anda!", "Vem logo!"

Miguel foi ficando bravo.

Aí quando o pai, mais uma vez disse "Anda!" Miguel latiu:

-Au, au, au, au!

O pai olhou espantado, mas o ônibus estava chegando e eles tomaram o ônibus. Quando desceram o pai continuou: Anda, para, espera, vem logo!

Miguel latiu outra vez:

-Au, au, au, au!

O pai olhou espantado:

-Que é isso, menino, vem!

E o Miguel:

-Au, au, au, au!

-Pára com isso! - o pai respondeu - Vem!

Miguel resolveu parar, porque achou que o pai estava ficando bravo...

Mas na outra semana havia um casamento de uma prima e o pai levou o Miguel para comprar uma roupa. Nem perguntou o que ele queria. Já foi escolhendo uma calça comprida, uma camisa, um suéter e uma gravata.

Miguel não falou nada, porque ninguém perguntou. Mas ele pensou: "Eu não vou botar gravata, nem morto. Eu não sou cachorro pra usar coleira..."

No dia do casamento Miguel usou gravata e c.c.



o pai dele ficou pensando ele (como quem)
 achava de verdade. Miguel ficava pensando
 de a gravado e o pai ficou bravo e
 disse:

— Fica ^{quieto} ~~queto~~ menina.

O Miguel de repente latiu:

— Eu, au, au!

as pessoas ficaram falando:

— Shhh...

Depois a mãe com vergonha
 saiu como Miguel pra fora e disse:

— Miguel fica aqui fora!

Miguel ficou ali. O pai atirado
 com uma pedra mágica. De
 repente ele virou cachorro. <sup>*de onde
 veio o
 pedrinho?</sup>
 os abrigos dele também foram
 para lá. O ~~de~~ vizinho o cachorro
 e deram-lhe carinho. O ~~de~~ um deles
 achou a pedra e entregou. O cão
 voltou a ser o Miguel. Depois que
 acabou o casamento, e ele viu
 os pais dele e foram embora.
 quando chegou ^(onde?) ele aprendeu que
 os pais o amavam, porque eles
 ficaram procurando pelo Miguel
 e assim os pais perceberam que o
 amava.

→ repetiu muito a palavra ^(onde?) / ^{parágrafo novo}
 → O pensar na pontuação ^{revisar escrita da palavra}

nome: Guilherme Neto nº 24 26/02/19
5º A

Produção de final de texto

O Menino que Quase Virou Cachorro ()

Miguel era um menino bacana.

Brincalhão, inteligente, amigo dos amigos.

E ele era muito amigo do Tanaka, um outro menino brincalhão, inteligente e descolado.

Os dois conversavam muito, sobre uma porção de coisas.

Um dia o Miguel disse pro Tanaka:

-Cê sabe, Tanaka, eu acho que eu sou invisível.

-Invisível? Como assim? Eu estou vendo você muito bem...

- Não - disse o Miguel - não sou invisível pra todo mundo, não. Só pros meus pais. Eles olham pra mim, mas acho que eles não me enxergam!

O Tanaka ficou espantado. E então eles combinaram que iriam à casa do Miguel só pro Tanaka ver.

No sábado, na hora do almoço Tanaka chegou, como eles tinham combinado.

Miguel abriu a porta, mandou o amigo entrar e anunciou a todos que já estavam sentados pra almoçar:

-Eu trouxe o Tanaka pra almoçar conosco!

A mãe do Miguel levantou, botou um a cadeira pro Tanaka, foi buscar um prato, um copo e os talheres.

Enquanto isso ia conversando:

-Olá, Tanaka, faz tempo que você não aparece! E sua mãe vai bem? E sua irmã, tão bonitinha, sua irmã...

Mas nem olhou pra Miguel.

Miguel sentou-se, serviu-se, comeu, e ninguém olhou pra ele. Tanaka ficou reparando.

Então o Miguel fez uma pergunta pro pai, mas ele estava prestando atenção à TV e só fez:

-Shhh...

Quando os meninos saíram o Tanaka estava espantado, mas ele disse:

-Acho que as famílias são assim mesmo. Ninguém presta atenção aos filhos...

O Miguel ainda falou:

-Pois é, quando eu saio com meu pai é ainda pior! Meu pai fala comigo como se eu fosse o cachorro "Andal", "Anda logo!", "Espera!" "Andal!" "Vem logo!"

Na semana seguinte Miguel saiu com o pai. E como ele tinha dito o pai só dizia "Andal", "Vem logo!"

Miguel foi ficando bravo.

Aí quando o pai, mais uma vez disse "Andal" Miguel latiu:

-Au, au, au, au!

O pai olhou espantado, mas o ônibus estava chegando e eles tomaram o ônibus.

Quando desceram o pai continuou: Anda, para, espera, vem logo!

Miguel latiu outra vez:

-Au, au, au, au!

O pai olhou espantado:

-Que é isso, menino, vem!

E o Miguel:

-Au, au, au, au!

-Pára com isso! - o pai respondeu - Vem!

Miguel resolveu parar, porque achou que o pai estava ficando bravo...

Mas na outra semana havia um casamento de uma prima e o pai levou o Miguel para comprar uma roupa. Nem perguntou o que ele queria. Já foi escolhendo uma calça comprida, uma camisa, um suéter e uma gravata.

Miguel não falou nada, porque ninguém perguntou. Mas ele pensou: "Eu não vou botar gravata, nem morto. Eu não sou cachorro pra usar coleira..."

No dia do casamento Miguel estava se divertindo demais quando

de repente latiu O

- Au! au! au! au!

Todos os miúdos que estavam no calamento começaram a chorar para Miguel quando latiu de novo:

- Au! au! au! au! au! au!

O pai de Miguel mandou ele parar:

- Pare Miguel, vai ficar de castigo!!!

Disse o pai desesperado.

- Não consigo, au! au! au! au! - disse Miguel

A mãe de Miguel mandou ele parar:

- Pare Miguel, quando ^{chegarmos} chegarmos em casa (temos) vamos dar uma conversa muito séria (ficando) (vai ficar) sem celular por (dois) meses

Depois do calamento o pai e a mãe de Miguel tiveram uma conversa seríssima com ele.

- Miguel, o que você fez... não tem perdão (vai ficar) sem celular por 2 meses e ^{não, não} nenhum de seus amigos (vai ver), prencipalmente, o Tanaka!

O pai (de Miguel) e o Miguel saíram para ^{fora} comprar no mercado, quando o pai (de Miguel) disse:

- Vai logo, anda, apressa, volta aqui Miguel começou a latir novamente:

- Au! au! au! au! au!

O pai de Miguel disse:

- Pare Miguel, fique quieto!

Quando Miguel virou um pit bull e latiu novamente:

- Au! au! au! au! au!

(ele estava uma comanda de cada vez)

8.3 – Planejamento semanal

PLANEJAMENTO SEMANAL: 09/11 A 13/11/2015				
Prof. ^a Walkiria Pelegrini Fagian				
5.º ANO A 4.º BIMESTRE				
EMEF “João Pereira de Souza Leão”				
2.º FEIRA 09/11	3.º FEIRA 10/11	4.º FEIRA 11/11	5.º FEIRA 12/11	6.º FEIRA 13/10
Leitura pelo professor Extraordinário, R. J. Palacio.	Leitura pelo professor Extraordinário, R. J. Palacio	Leitura pelo professor Extraordinário, R. J. Palacio	Leitura pelo professor Extraordinário, R. J. Palacio	Leitura pelo professor Extraordinário, R. J. Palacio
Leitura pelo aluno:	Leitura pelo aluno:	Leitura pelo aluno:	Leitura pelo aluno:	Leitura pelo aluno:
Língua Portuguesa (3x)	Ciências (4x)	INGLÊS	Língua Portuguesa (3x)	Matemática (3x)
Ler e Escrever PD: “O Universo ao meu redor”	Unidade 7: Reprodução Humana.	História (2x)	Ler e Escrever Sequência Didática: Cartas de Leitor – Etapa 3: Ler matérias jornalísticas e se posicionar diante delas.	Cálculos e operações
ATIVIDADE 3B: o desmatamento e sua influência em diferentes problemas ambientais (cont).	Tema 1: A puberdade;	Unidade 8: A ditadura Militar.	Atividade 3: Lendo matérias jornalísticas e se posicionando diante delas (cont.)	Campo multiplicativo
- Atividade 3C: O desmatamento no Brasil e no mundo (Parte A)	Tema 2: Homens e mulheres;	Tema 1: Os ações militares no comando do país;		D20 Resolver problema com números naturais, envolvendo diferentes significados da multiplicação ou divisão: multiplicação comparativa, ideia de proporcionalidade, configuração retangular e combinatória.
OBJ: Identificar aspectos principais em trechos de texto, de modo a elaborar sínteses do mesmo.	Tema 3: A fecundação;	Tema 2: O crescimento das cidades e indústrias;		
	Tema 4: Nasce um novo ser.	Tema 3: As manifestações culturais.		
	OBJ: Compreender o funcionamento do corpo humano e as diferenças entre homens e mulheres.	Tema 4: A abertura política.		
	BIBLIOTECA			
RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
Matemática (2x)	Arte (1x)	Matemática (2x)	Língua Portuguesa (1x)	Geografia (2x)
Cálculos e operações	Unidade 6: Lugares e tempos reais e imaginários: Paisagens famosas.	Grandezas e medidas	Atividade de leitura e interpretação de imagem.	Unidade 6: Região Sudeste
Campo multiplicativo		Volume		Tema 1: O sudeste é a região mais populosa e urbanizada;
D20 Resolver		D7 Resolver		Tema 2: O sudeste

problema com números naturais, envolvendo diferentes significados da multiplicação ou divisão: multiplicação comparativa, ideia de proporcionalidade, configuração retangular e combinatória.	EDUCAÇÃO FÍSICA	problemas significativos utilizando unidades de medida padronizadas como km/m/cm/mm, kg/g/mg, l/ml	EDUCAÇÃO FÍSICA	é o berço da indústria brasileira; Tema 3: No sudeste está o maior setor comercial e de serviços do país; Tema 4: Principais cidades do sudeste tem vários problemas.
---	-----------------	--	-----------------	---

ATIVIDADE 3A

NOME _____ DATA ____ / ____ / ____

O último cuba-libre

Marcos Rey

Durante o dia, Adão Flores era um gordo como qualquer outro. Sua atividade e seu charme começavam depois das 22 horas e às vezes até mais tarde. Então era visto levando seus 120 quilos às boates, bistrôs e inferninhos da cidade, profissionalmente, pois não só gostava da noite como também vivia dela. Empresário de modestos espetáculos, era a salvação, a última esperança de cantores, mágicos, humoristas e dançarinos decadentes. Dizia que se dedicava a esses náufragos por puro espírito de solidariedade, pilhéria capaz de comover até os que não tivessem espírito boêmio. Alguns desses artistas haviam tido a sua vez no passado, pouco ou muito prestígio, até serem abandonados pelo público. Adão não abandonava ninguém, talvez devido à tão propagada bondade dos obesos.

Com o tempo, Adão Flores adquiriu outra profissão, paralela à de empresário da noite, a de detetive particular, mas sem placa na porta e mesmo sem porta, atividade restrita apenas a cenários noturnos e pessoas conhecidas. Apesar de agir esporadicamente e circunscrito a poucos quarteirões, Adão Flores começou a ganhar certa fama graças a um jornalista, Lauro de Freitas, que começava a fazer dele personagem frequente em sua coluna, a ponto de muita gente supor tratar-se de ficção e mais nada.

Adão Flores apareceu no “Yes Club”, cumprindo seu itinerário habitual. Rara era a noite em que não comparecia ao tradicional estabelecimento da Bianca, onde seus casos tinham grande repercussão, e onde a seu ver se reuniam as mais prestativas ninfetas. Mas nem teve tempo de sentar-se. Uma mulher, nervosíssima, que já o aguardava, aproximou-se dele um tanto ofegante.

- Lembra-se de mim, Adão?
- Estela Lins?! Como vai o malandrão do seu marido? Anda sumido!
- É por causa dele que estou aqui. Adão, você pode me acompanhar? Meu carro está na porta. É um caso grave.
- O que aconteceu?

– Direi tudo no carro.

Júlio Barrios, mexicano, cantor de boleros, fora um dos contratados de Adão que mais lhe deram dinheiro nos quase dez anos em que estivera sob contrato. Seu valor era contestado por muitos, mas até esses concordavam que o bigodudo era o mais personalíssimo intérprete de “*Perfume de Gardênia*”, “*Total*”, “*Hoy*” e “*Somos*”. Quando o público se cansou dele, Flores levou-o às churrascarias, salões da periferia e cidades do interior, etapas do declínio de qualquer cantor. Júlio não se abateu totalmente, pois, enquanto tivesse uma mulher apaixonada a seu lado, podia levar a vida.

Estela dirigia atabalhoadamente um fusca em estado de desmaterialização.

– Disse que Júlio está assustado?

– Disse apavorado.

– Por quê?

– Telefonemas ameaçadores.

– Quem seria a pessoa?

– Ele diz que não sabe.

– Mas você acha que sim.

– Pode ser algum traficante de drogas.

– Ora, Júlio nunca mexeu com isso. Trabalhamos juntos anos a fio e nunca o vi cheirar nada suspeito. Sua obsessão sempre foi outra...

O que o empresário-detetive imaginava era a ameaça de algum marido ou amante ciumento, daí Júlio não revelar nada a Estela, sua terceira ou quarta mulher desde que chegara ao Brasil. Apesar da decadência artística, Júlio continuava bem-sucedido nessa modalidade esportiva. Adão conhecera diversas favoritas do sultão mexicano, todas apaixonadas e dispostas a dividir com ele o que faturassem. Aliás, odiava mulheres ociosas e sempre lhes permitia a liberdade de ir e vir – ao trabalho. Assim, Estela era esteticista com boa clientela; Glória, a antecessora, possuía um sebo de livros espíritas, e Marusca, massagista, com técnica própria, cuidava da coluna de uma legião de velhos generosos.

– Júlio sabe que veio me buscar?

– Sabe. Disse que quer tomar um cuba-libre com você, como nos velhos tempos.

– Espero que ele não acredite muito na coluna do Lauro de Freitas. Não sou tão bom detetive assim.

– Estamos chegando.

Estela estacionou o carro diante de um pequeno edifício de três andares. O casal morava no primeiro cujas luzes estavam acesas. Passaram por um portão de ferro, atravessaram um pequeno corredor e chegaram à porta do apartamento. A mulher abriu a porta, acendeu a luz e indicou um velho divã ao empresário. Foi se dirigindo ao interior do apartamento, anunciando:

– Adão está aqui, querido!

O empresário-detetive largou todo o seu peso numa mirrada poltrona, que protestou, rangendo. Não conhecia aquele apartamento. Júlio, sempre que mudava de mulher, mudava também de endereço. Glória, por exemplo, fora ao supermercado e ao chegar em casa não o encontrara mais. Marusca não vira mais nem sombra dele ao voltar do cabeleireiro. Júlio explicava aos amigos que seu coração sensível não suportava despedidas. Alguns o elogiavam por isso.

– Quem é o senhor? – Adão ouviu de repente a voz de Estela, vinda do quarto, em tom de pavor. – O que faz aqui?

Adão levantou-se: algo de anormal acontecia.

Novamente a voz de Estela, agora num grito:

– Júuuulio!

Adão deu uns passos enquanto Estela aparecia à porta do quarto, tentando dizer alguma coisa. O detetive entrou precipitadamente. A primeira imagem que viu foi Júlio sobre a cama, ensanguentado.

Estela apontou para a janela aberta.

– Ele fugiu!

Adão correu para a sala e Estela abriu a porta do apartamento. Os dois precipitaram-se para a rua, ela na frente. Logo adiante havia uma esquina, que o criminoso já devia ter dobrado. Estela segurou Adão pelo braço.

– Vamos socorrer Júlio.

Regressaram ao apartamento. A lâmina toda de uma tesoura comprida estava enterrada nas costas de Júlio. O detetive apalpou-lhe o peito. O coração já não batia nem no ritmo lento do bolero.

Enquanto a polícia não chegava, Adão dava uma olhada no quarto. Estela, em prantos, aguardava a presença do cunhado, um de seus únicos parentes. Flores notou que algumas gavetas de uma cômoda estavam abertas. O criminoso estivera procurando alguma coisa. No peitoril da janela, um pouco de terra, certamente deixada pelos sapatos do homem que saltara. E sobre o criado-mudo um copo, o último cuba-libre que Júlio não terminara de beber. Sem gelo. Quem tomaria um cuba sem gelo num calor daquele? Foi ao encontro de Estela, na sala, e a achou dobrada sobre um divã.

– Gostaria de conversar com o zelador.

– O prédio não tem zelador, apenas uma faxineira no período da manhã.

– Acha que poderia reconhecer o homem?

– Nunca mais o esquecerei – garantiu Estela. – Era baixo, troncudo, e tinha os olhos puxados.

– Já o vira antes?

– Não.

Adão retornou ao quarto para dar mais uma espiada. Dali a instantes a polícia chegou: um delegado e dois tiras.

– Não mexi em nada – disse-lhes Flores. – E cuidado com o peitoril da janela. Há terra de sapato nele. Foi por onde o criminoso fugiu.

– O senhor o viu?

– Não, mas dona Estela poderá ajudar a fazer o retrato falado dele. Ela o encontrou no quarto de Júlio.

O delegado encarou o detetive.

– Você não é um tal Adão Flores, metido a Sherlock?

– Sou esse tal, mas vim aqui como amigo, chamado por Estela. Júlio tinha recebido uns telefonemas ameaçadores.

Adão deixou os tiras trabalharem e saiu do quarto. O criminoso saltara da janela para um corredor cimentado que rodeava o edifício. Certamente ele tocara a campainha e entrara pela porta. Antes, porém, pisara em algum jardim, como atestava a terra do peitoril. Havia jardim à entrada do edifício?

Um dos tiras apareceu à porta com uma pergunta.

– O senhor deixou uma ponta de cigarro no cinzeiro? Há duas lá, mas só uma é da marca que Júlio fumava.

– Só fumo em reuniões ecológicas. O criminoso deve ter tido tempo para fumar um cigarro. Só pode ter sido ele, pois Estela não fuma.

Adão permaneceu no apartamento até a chegada da Polícia Técnica, quando Estela Lins, no bagaço, foi levada pelo cunhado, que, antes de sair, declarou com todas as letras:

– Júlio bem que mereceu isso. Um vagabundo, um explorador de mulheres! A polícia não devia perder tempo procurando o assassino.

Já era madrugada quando Flores retornou ao “Yes Club”. Estava cansado, que ninguém é de ferro. Contou a todos o que sucedera, recebendo em troca uma informação. Júlio Barrios aparecera por lá, naquela semana, muito feliz. Uma gravadora resolvera lançar um elepê com seus maiores sucessos, “Recuerdos”, no qual depositava muitas esperanças. Planejava inclusive pintar os cabelos para renovar o visual. Estava animadíssimo.

No dia seguinte, Adão Flores compareceu à polícia para prestar depoimento. Estela, por sua vez, estava cooperando. O retrato falado do criminoso já estava pronto e sairia em todos os jornais. O delegado, porém, já manifestava uma suspeita.

– Não gostei da cara daquele cunhado. Estela pode até estar tentando protegê-lo.

– Não creio – replicou Adão. – Era apaixonada pelo cantor.

– Mas amores passam – comentou o delegado. – Como certas modas musicais...

Adão Flores foi ao jornal onde trabalhava Lauro de Freitas.

– Quantos quilos você pesa, Lauro?

– Acha que estou engordando?

– Que mal há nisso? Os gordos são belos.

– Setenta quilos.

– Então, venha.

– Onde?

– Você tem o mesmo peso do homem que matou Barrios, segundo declaração de Estela na delegacia.

– E isso me torna um suspeito?

– Vamos ao apartamento.

À porta do edifício, Adão identificou-se a um guarda, que vigiava o lugar desde o assassinato. Não foi fácil convencê-lo a deixar que o detetive e o jornalista entrassem no apartamento.

– Estamos aqui. E agora, Adão?

– Você vai fazer uma coisa, Lauro: saltar do peitoril da janela para o corredor.

Abriam a janela e o jornalista espiou.

– Altinho. Posso sentar no peitoril?

– Não, suba nele e salte.

– E se o paraquedas não abrir?

– Não salte ainda. Vou para a sala. Aguarde minhas ordens, então salte e corra até a entrada do edifício.

Adão voltou para a sala, deu as instruções e ficou atento. Ouviu o baque dos pés de Lauro no cimento e, em seguida, seus passos rumo ao portão. Pouco depois, Lauro voltou à sala.

– O que quer mais. Sei plantar bananeira.

– Como atleta amador você não pode ser pago. Mas vou lhe fornecer uma bela história para sua indigna coluna. Não tire os olhos de mim. Agora vamos à gravadora Metrópole.

– Por quê?

– Porque quero pôr na cadeia a pessoa que matou o melhor intérprete de “Perfume de Gardênia”. Quem fez isso é meu inimigo pessoal. Não se apaga assim um parágrafo da História.

Adão e Lauro foram à gravadora, onde o detetive conversou com o diretor-artístico. Sim, Barrios ia gravar mesmo um elefê. Esperavam vendê-lo para uns cem mil saudosistas. E o homem fez mais, forneceu certo endereço que Flores considerou importantíssimo.

Quando os jornais revelaram o assassino de Júlio Barrios, a melhor reportagem certamente foi a de Lauro de Freitas, por dentro de tudo. Adão, claro, ficou muito orgulhoso com a literatura que o amigo deitou sobre ele. O gordo era um saco de vaidade. Naquele dia saiu cedo à rua para receber os louros. O porteiro de seu hotel de duas estrelas foi o primeiro a cumprimentá-lo com uma reverência. Logo depois, gravava uma entrevista para o rádio e uma declaração para a tevê.

Mas o local onde seus casos mais repercutiam era mesmo o “Yes Club”, sempre ouvidos com degustada atenção por aquela senhora de cabelos prateados e piteira longa, a Bianca, e pelo grupo de frequentadores mais íntimos. Aí, sim, Adão assumia por inteiro o *physique du rôle* de detetive internacional. Na véspera, antes que os jornais publicassem a solução do enigma, Adão esteve lá para contar tudo em primeira mão.

– Em que momento você começou a puxar o fio da meada? – perguntou a dona da casa.

– Sou um homem do visual, da imagem – disse Flores. – Aquele cuba-libre sem gelo me chamou logo a atenção. Júlio gostava de colocar verdadeiros *icebergs* nas suas bebidas. Como não havia mais gelo e o copo voltara à temperatura ambiente, deduzi que o crime tinha acontecido há algum tempo. Uma hora, talvez...

– Não me parece argumento suficiente para levar a conclusões – disse um homem, provavelmente um desses invejosos que estão em toda parte.

– Certamente não foi minha única dedução. Havia aquela tesoura, arma ocasional demais para servir a um criminoso determinado, que fazia ameaças telefônicas.

O mesmo freguês, que se recusava a bater palmas para Adão, voltou a obstar:

– Usar armas da casa é um meio para implicar inocentes. Os romances policiais sempre relatam coisas assim.

– Uma tesoura não oferece segurança – replicou Flores. – A não ser que o criminoso tivesse sido um alfaiate...

Bianca tinha outra pergunta a fazer:

– Houve roubo? As gavetas estavam todas abertas, não?

– Elas não foram simplesmente abertas, algumas estavam vazias. E sabe quem as esvaziou? O próprio Júlio.

ATIVIDADE 3B

NOME _____ DATA ____ / ____ / ____

Para realizar esta atividade, você lerá novamente, com seu professor, o conto “O último cuba-libre” e o conto lido no início do projeto.

Depois, reúna-se com seu colega e procure descobrir o que os dois contos têm em comum e quais são as diferenças entre eles. A seguir, converse com ele e organizem, na tabela abaixo, as informações levantadas.

QUADRO COMPARATIVO DOS DOIS CONTOS	
O QUE OS CONTOS TÊM EM COMUM?	O QUE OS CONTOS TÊM DE DIFERENTE?

A noite em que eu lá estive entrou bem nessa regra.

Em certo momento, quando ela estava cercada por uma boa roda, apareceu Sinhazinha Ramos. Sinhazinha era sobrinha de Madame Guimarães; casara-se pouco antes com um médico de grande clínica. Vindo só, todos lhe perguntaram:

- Como vai seu marido?
- Tem trabalhado toda a noite, com uma cliente.
- É admirável como os médicos casados têm sempre clientes noturnas...
- Má língua! – replicou ela. Ele sempre os teve.

Outra senhora, Madame Caldas, acudiu:

- Os maridos, quando querem passar a noite fora de casa, acham sempre pretextos.

Voltei-me para o Dr. Caldas, que era advogado, e interpelei-o:

- Tem a palavra o acusado!

O Dr. Caldas não gostou da afirmação da mulher. Resmungou apenas:

- Tolices de Adélia...

O embaraço dele se dissipou, porque Madame Guimarães perguntou à sobrinha:

- Onde deixaste tua capa?
- No meu automóvel. Não quis ter a maçada de subir.

A casa era de dois andares e Madame Guimarães, nos dias de festas, tomava a si arrumar capas e chapéus femininos no seu quarto:

- Serviço de vestiário é exclusivamente comigo. Não quero confusões.

Nisto, uma das senhoras presentes veio despedir-se de Madame Guimarães. Precisava de seu chapéu. A dona da casa, que, para evitar trocas e desarrumações, era a única a penetrar no quarto que transformara em vestiário, levantou-se e subiu para ir buscar o chapéu da visita, que desejava partir.

Não demorou muito tempo. Voltou com a fisionomia transtornada:

- Roubaram-me. Roubaram o meu anel de brilhantes...

Todos se reuniram em torno dela. Como era? Como não era? Não havia, aliás, nenhuma senhora que não o conhecesse: um anel com três grandes brilhantes de um certo mau gosto espetaculoso, mas que valia de sessenta a oitenta contos.

Sherlock Holmes gritou dentro de mim: "Mostra o teu talento, rapaz!"

Sugeri logo que ninguém entrasse no quarto. Ninguém! Era preciso que a polícia pudesse tomar as marcas digitais que por acaso houvesse na mesa de cabeceira de Madame Guimarães. Porque era lá que tinha estado a joia.

Saltei ao telefone, toquei para o Alves Calado, que se achava de serviço nessa noite, e preveni-o do que havia, recomendando-lhe que trouxesse alguém, perito em datiloscopia.

Ele respondeu de lá com a sua troça habitual:

– Vais afinal entrar em cena com a tua alta polícia científica?

Objetou-me, porém, que a essa hora não podia achar nenhum perito. Aprovou, entretanto, que eu não consentisse ninguém entrar no quarto. Subi então com todo o grupo para fecharmos a porta à chave. Antes de se fechar, era, porém, necessário que Madame Guimarães tirasse as capas que estavam no seu leito. Todos ficaram no corredor, mirando, comentando. Eu fui o único que entrei, mas com um cuidado extremo, um cuidado um tanto cômico de não tocar em coisa alguma. Como olhasse para o teto e para o assoalho, uma das senhoras me perguntou se estava jogando "o carneirinho-carneirão, olhai para o céu, olhai para o chão".

Retiradas as capas, o zum-zum das conversas continuava. Ninguém tinha entrado no quarto fatídico. Todos o diziam e repetiam.

Foi no meio dessas conversas que Sherlock Holmes cresceu dentro de mim. Anunciei:

– Já sei quem furtou o anel.

De todos os lados surgiam exclamações. Algumas pessoas se limitavam a interjeições: "Ah!", "Oh!". Outras perguntavam quem tinha sido.

Sherlock Holmes disse o que ia fazer, indicando um gabinete próximo:

– Eu vou para aquele gabinete. Cada uma das senhoras aqui presentes fecha-se ali em minha companhia por cinco minutos.

– Por cinco minutos? – indagou o Dr. Caldas.

– Porque eu quero estar ao mesmo tempo com cada uma, para não se poder concluir da maior demora com qualquer delas que essa foi a culpada. Serão para cada uma cinco minutos cronométricos.

O Dr. Caldas voltou, gracejando:

– Mas V. veja o que faz. Não procure namorar minha mulher, senão eu lhe dou um tiro.

Houve uma hesitação. Algumas diziam estar acima de qualquer suspeita, outras que não se submetiam a nenhum inquérito policial. Venceu, porém, o partido das que diziam “quem não deve não teme”. Eu esperava, paciente. Por fim, quando vi que todas estavam resolvidas, lembrei que seria melhor quem fosse saindo, despedir-se e partir.

E a cerimônia começou. Cada uma das senhoras esteve trancada comigo justamente os cinco minutos que eu marcara.

Quando a última partiu, saiu do gabinete, achei à porta, ansiosa, Madame Guimarães:

– Venha comigo – disse-lhe eu.

Aproximei-me do telefone, chamei o Alves Calado e disse-lhe que não precisava mais tomar providência alguma, porque o anel fora achado.

Voltando-me para Madame Guimarães entreguei-o então. Ela estava tão nervosa que me abraçou e até beijou freneticamente. Quando, porém, quis saber quem fora a ladra, não me arrancou nem uma palavra.

No quarto, ao ver Sinhazinha Ramos entrar, tínhamos tido, mais ou menos, a seguinte conversa:

– Eu não vou deitar verdes para colher maduros, não vou armar cilada alguma. Sei que foi a senhora que tirou a joia de sua tia.

Ela ficou lívida. Podia ser medo. Podia ser cólera. Mas respondeu firmemente:

– Insolente! É assim que o senhor está fazendo com todas, para descobrir a culpada?

– Está enganada. Com as outras converso apenas, conto-lhes anedotas. Com a senhora, não; exijo que me entregue o anel.

Mostrei-lhe o relógio para que visse que o tempo estava passando.

– Note – disse eu – que tenho uma prova, posso fazer ver a todos.

Ela se traiu, pedindo:

– Dê a sua palavra de honra que tem essa prova!

Dei. Mas o meu sorriso lhe mostrou que ela, sem dar por isso, confessara indiretamente o fato.

E já agora – acrescentei – dou-lhe também a minha palavra de honra que nunca ninguém saberá por mim o que fez.

Ela tremia toda.

– Veja que falta um minuto. Não chore. Lembre-se de que precisa sair daqui com uma fisionomia jovial. Diga que estivemos falando de modas.

Ela tirou a joia do seio, deu-a e perguntou:

– Qual é a prova?

– Esta – disse-lhe eu apontando para uma esplêndida rosa-chá que ela trazia. – É a única pessoa, esta noite, que tem aqui uma rosa amarela. Quando foi ao quarto de sua tia, teve a infelicidade de deixar cair duas pétalas dela. Estão junto da mesa-de-cabeceira.

Abri a porta. Sinhazinha compôs magicamente, imediatamente, o mais encantador, o mais natural dos sorrisos e saiu dizendo:

– Se este Sherlock fez com todas o mesmo que comigo, vai ser um fiasco absoluto.

Não foi fiasco, mas foi pior.

Quando Sinhazinha chegara, subira logo. Graças à intimidade que tinha na casa, onde vivera até a data do casamento, podia fazer isso naturalmente. Ia só para deixar a sua capa dentro de um armário. Mas, à procura de um alfinete, abriu a mesinha de cabeceira, viu o anel, sentiu a tentação de roubá-lo e assim o fez. Lembrou-se de que tinha de ir para a Europa daí a um mês. Lá venderia a joia. Desceu então novamente com a capa e mandou pô-la no automóvel. E como ninguém a tinha visto subir, pôde afirmar que não fora ao andar superior.

Eu estraguei tudo.

Mas a mulherzinha se vingou: a todos insinuou que provavelmente o ladrão tinha sido eu mesmo, e, vendo o caso descoberto antes da minha retirada, armara aquela encenação para atribuir a outrem o meu crime.

O que sei é que Madame Guimarães, que sempre me convidava para as suas recepções, não me convidou para a de ontem... Terá talvez sido a primeira a acreditar na sobrinha.

Fonte: Medeiros e Albuquerque. *Se eu fosse Sherlock Holmes*.
In *Para gostar de ler*, vol. 12. São Paulo, Ática, 1993.
©autor em Domínio Público.

2. Retomando o quadro com as características dos contos analisados na atividade 3B, comente com seu professor e colegas se esse conto contém as características comuns aos demais contos até o momento. Para explicar, procure responder às seguintes questões:

ANALISANDO O CONTO "Se eu fosse Sherlock Holmes"	
ASPECTOS	INFORMAÇÕES OBSERVADAS
O que aconteceu no conto e por quê?	
Onde aconteceu?	
Quando aconteceu?	
A qual enigma se refere?	
Quem são os protagonistas, as personagens e suas características?	
Quem narra os fatos?	

3. Com seus colegas e com a ajuda de seu professor, releia o conto "Se eu fosse Sherlock Holmes", observando aspectos referentes ao texto escrito. Anote-os em seu caderno.

Agora, sente-se com sua dupla de trabalho e procure, em seu livro, o conto que foi lido. Faça a mesma análise, anotando as expressões características do conto de mistério. Depois, compartilhe o trabalho com os demais colegas da turma.

ATIVIDADE 3D

NOME _____ DATA ____ / ____ / ____

Agora, você irá participar de uma roda de leitura. Você já sabe que, nesses momentos, deve comentar o que leu, recomendando – ou não – para seus colegas.

Neste momento, estamos estudando contos de mistério, e a sua tarefa foi selecionar uma obra e comentá-la, de maneira que essa obra possa ampliar o repertório de contos de mistério.

ROTEIRO PARA INDICAÇÃO DE LEITURA

1. Apresente a obra que você leu, informando:
 - a. título;
 - b. autor;
 - c. editora;
 - d. como a obra se organiza (Nesse momento, você pode dar uma lida rápida no sumário, se achar interessante para os colegas; não se esqueça também de mostrar-lhes o livro, explorando capa, contracapa, dedicatórias, cores, projeto gráfico ou outros recursos que achar necessários compartilhar com todos da sala); e
 - e. se tem ilustrações, de que tipo são – observe se são pinturas, gravuras, fotografias; se são coloridas, se explicam ou não informações do texto (e mostre-as para seus colegas) – e dê a sua opinião sobre elas.
2. Comente o conto que você leu, informando:
 - a. título;
 - b. onde e quando aconteceu? De que forma o autor descreve isso?
 - c. quem são os personagens; como o autor faz a descrição dos personagens?
 - d. qual enigma aparece no conto? Ele é resolvido? Como? e
 - e. apresente palavras/expressões características do conto de mistério que o autor utilizou que mais lhe chamaram a atenção.
3. Apresente um conto de mistério e comente:
 - a. se gostou ou não e por quê;
 - b. se recomendaria – ou não – para a leitura dos colegas, esclarecendo o motivo de sua afirmação ou negação; e
 - c. se quiser, pode ler um trecho do conto também ou, pelo menos, aquele que você considerou mais interessante ou bonito.

ATIVIDADE 3E

NOME _____ DATA ____ / ____ / ____

1. Vamos retomar o conto "O último cuba-livre" cuja leitura já foi feita, e coletivamente, fazer a análise do modo como começa, do trecho onde apresenta o início da complicação e como foi solucionado assim como o tema central que aborda. Para organizar melhor as informações, preencha o quadro a seguir.

CONTO	COMO INICIA	CLÍMAX	DESFECHO
Se eu fosse Sherlock Holmes			
O último cuba-livre			

2. Vamos retomar o conto "Se eu fosse Sherlock Holmes" cuja leitura já foi feita, e em grupo, faça a análise do modo como o texto começa, do trecho onde apresenta o início da complicação e como foi solucionado assim como o tema central que aborda. Para organizar melhor as informações, preencha o quadro acima.

ATIVIDADE 3F

NOME _____ DATA ____ / ____ / ____

O Fantasma da Quinta Avenida

Jerônimo Monteiro

I – APARECE O FANTASMA

Dick Peter chegou à casa de Mary às oito horas da noite. O senhor Patrick havia saído numa viagem, e Dick foi introduzido no luxuoso salão de visitas.

Seus olhos não se despegavam da escadaria de mármore por onde Mary costumava descer com seu gracioso passo e um luminoso sorriso nos lábios.

Passaram-se cinco minutos, mas Dick não estranhou a demora... As mulheres, quando se trata de melhorar a sua beleza, não têm muita pressa...

De súbito, um grande grito encheu a casa toda. Era um grito de mulher, lancinante, terrível, que provocou no moço um forte estremecimento e lhe deu a viva intuição de que alguma desgraça acabava de acontecer.

Dick Peter era homem de ação, e não demorou mais de dois segundos para entrar em atividade. Aos pulos, galgou a escadaria de mármore e chegou ao primeiro andar, onde eram situados os aposentos de Mary.

Lá em cima estava tudo em silêncio, mas, de baixo, vinha o ruído do tropel dos criados que corriam para ver o que teria acontecido na casa sempre tão calma.

A porta do quarto de Mary estava fechada por dentro, e Dick descarregou sobre ela uma forte pancada.

Ninguém respondeu. Nesse momento, os criados chegavam ao lado de Dick, falando todos ao mesmo tempo, assustados, desorientados e cheios de medo.

– Silêncio! – gritou Dick. – Onde está a governante? Uma senhora idosa, trêmula e pálida de medo, aproximou-se.

– Onde está a chave deste quarto?

– Está lá embaixo... – Vá buscá-la! Depressa!

A mulherzinha pôs-se a descer a escadaria, o mais rapidamente que lhe permitiam as suas velhas e entorpecidas pernas.

Mas Dick não podia esperar. A sua impaciência era grande demais. Fazendo recuar a criada, afastou-se alguns passos e atirou o corpo contra a porta. Houve um forte estalido. Mas a porta ainda não cederia. Dick afastou-se novamente e atirou-se com a maior força que possuía. Desta vez, a porta abriu-se com violência, arrancando lascas do batente.

Os criados iam precipitar-se para dentro, mas Dick fê-los parar com um gesto, e entrou sozinho.

Dentro do quarto, Mary estava estendida no chão, pálida como um cadáver e segurando ainda na mão crispada um arminho de pó de arroz.

Nada mais.

Os móveis em perfeita ordem, e a janela aberta para a noite negra e silenciosa.

Dick abaixou-se e procurou sentir o coração da moça. Pareceu-lhe que ele não batia mais; insistindo, no entanto, sentiu que o coração lhe pulsava ainda, embora levemente.

Ajoelhado ainda sobre o corpo, voltou-se e gritou para os criados:

— Vão chamar um médico, depressa!

Imediatamente, dois criados se atiraram pela escada abaixo.

Enquanto isso, Dick levantou o corpo de Mary como se ela fosse uma boneca e depositou-o sobre o leito, pondo-se a friccionar-lhe ansiosamente as mãos.

Depois, mandou vir um copo de água, que foi derramando, gota a gota, entre os descorados lábios de sua amada.

Alguns minutos depois, entrava no quarto o Dr. Sammy Cave, que morava no palacete vizinho.

— Que aconteceu aqui? — foi ele perguntando com sua voz fanhosa.

— Não sei, doutor. Eu estava lá embaixo, quando ouvi um grito e corri para cima, vindo encontrar a senhorita Mary neste estado, estendida no chão.

Enquanto falava, Dick ia examinando a fisionomia do médico, e não ficou gostando muito dele. Com seu corpo atarracado, com sua voz fanhosa, seus olhos amortecidos e sua barbicha em ponta, o Dr. Cave tinha, realmente, no aspecto qualquer coisa de repulsivo que impressionava mal logo à primeira vista. Dick, porém, procurou esquecer-se disso, para pensar somente em Mary e nos cuidados de que ela precisava.

Depois de ter examinado a moça, o Dr. Cave voltou para Dick os seus olhos amortecidos e disse:

– Não é coisa de importância. Ela deve ter sofrido um susto qualquer e perdeu os sentidos. Mas ficará logo boa. Depois, com 24 horas de repouso, não terá mais nada.

Em seguida, receitou qualquer coisa, dizendo a Dick:

– Enquanto o remédio não chegar, não lhe façam nada.

Deixem-na em repouso.

– Mas eu não vou deixá-la aqui sozinha...

– É melhor deixá-la – disse o médico.

– Bem – respondeu Dick contrariado. – Se acha isso necessário, sairei.

E todos se retiraram, descendo as escadas. Dick, no entanto, preso por um sentimento qualquer, não foi para baixo. Colocou uma poltrona ao lado da porta do quarto e sentou-se ali, para velar.

Alguma coisa má lhe apertava o coração. Dir-se-ia que um mal-estar, pouco a pouco, dominava todo o seu ser.

Sentado na sua poltrona, ele apurava cuidadosamente o ouvido, para surpreender qualquer rumor, e nem sabia por que fazia isso.

Assim se passou meia hora.

Por fim, a tensão nervosa de Dick tornou-se tão violenta que ele não pôde suportar mais. Levantou-se, com o máximo cuidado, entreabriu a porta. A princípio, a meia-luz que reinava dentro do quarto, em contraste com a iluminação forte do corredor, não o deixou ver nada.

De repente, porém, pareceu-lhe que havia um vulto branco junto à janela. Era um vulto alto, de formas indefinidas.

Pensou que poderia ser Mary delirando, e chamou:

– Mary!

Imediatamente o vulto teve um sobressalto e fez um gesto, como quem vai saltar a janela. Nesse mesmo instante, Dick, olhando para o leito, viu que Mary continuava estendida na cama. E viu também que o vulto trazia um lençol, ou coisa parecida, atirado pela cabeça, cobrindo-lhe o corpo todo.

Então, Dick abriu completamente a porta e avançou.

O fantasma deu outro impulso para saltar a janela. Dick, rápido como um raio, puxou do revólver e atirou sobre ele.

A fumaça escureceu tudo, mas Dick viu ainda o fantasma pular a janela, desaparecendo instantaneamente.

II – A MORTE DE BOB

Vendo o vulto cair, Dick Peter não perdeu tempo. Dirigiu-se para a porta e, ao sair, esbarrou com os criados, que vinham novamente subindo, espavoridos com aquele tiro.

– Fiquem aqui dois homens e a governante – disse Dick –, e os outros desçam comigo.

Ele não parou para dar aquela ordem. Quando terminou a frase, já estava embaixo da escada. Dois homens partiram atrás dele e, em menos de um minuto, estavam os três no parque, ao fundo da casa, para onde dava a janela do quarto de Mary.

– Estava um vulto dentro do quarto – explicou Dick aos homens –, eu atirei e ele caiu para fora. Deve andar por aqui.

E os três homens puseram-se a procurar o vulto, que, forçosamente, devia estar ferido.

Mas, por mais que procurassem, nada encontraram. Esquadrinharam o parque todo, foram até os altos muros que o separavam da rua, sem conseguir descobrir rasto algum do misterioso vulto.

– Ora esta! – dizia Dick intrigado. – Eu tenho a certeza de ter avistado um vulto. Pode ser que a bala não lhe tenha pegado, mas fatalmente ele deve ter-se atirado da janela. Não há escada alguma... Por onde diabo teria ele sumido?

Os três homens reuniram-se novamente sob a janela, procurando vestígios no chão. Um dos criados foi buscar uma lanterna elétrica, e começaram uma investigação meticulosa nos arredores.

É verdade que não se poderiam encontrar sinais de pés, porque um passeio de cimento, de dois metros de largura, rodeava o edifício todo. Ao lado desse passeio havia uma alameda asfaltada, estendendo-se em seguida o gramado.

Mas, se não era fácil encontrar sinais de pés, Dick esperava encontrar pingos de sangue, ou outra qualquer coisa. Mas nada encontrou. Nem o mínimo sinal que lhe fornecesse qualquer indício sobre o extraordinário desaparecimento.

De repente, Dick levantou os olhos e começou a pensar numa coisa: Como poderia o vulto ter subido até à janela? A altura não era muita, apenas uns cinco metros, mas as paredes eram lisas, sem ornamento algum onde uma pessoa se pudesse firmar. Por baixo da janela do quarto de Mary havia apenas um vitral encaixado, que dava para a escada de serviço. Por ali ninguém poderia ter subido. O olhar de Dick fixou-se no fio do para-raios, que descia ao lado da janela. Mas como poderia um homem trepar por ali? E Dick experimentou subir, não o conseguindo. O arame cortava as mãos e a pele queimava-se ao escorregar.

– Por aqui, ele não pode subir – disse Dick.

– Só se ele foi voando – disse um dos criados.

Dick lançou-lhe um olhar de mau humor. O momento não era para brincadeiras.

O outro criado, com o terror estampado no rosto, murmurou:

– Quem sabe se era um fantasma?

– Qual fantasma, nem meio-fantasma! Quem é que acredita em fantasmas?

– Sim – balbuciou o criado nervoso –, mas ele não pôde subir nem descer por aqui. Sumiu. O senhor deu-lhe um tiro, e não o feriu ... Isso só pode acontecer com um fantasma ...

Dick viu que, a seu pesar, teria que aceitar aquela hipótese absurda, se não encontrasse a explicação racional do caso.

Vendo que nada lhe adiantava andar por ali de um lado para outro resolveu subir, para ver como Mary ia passando.

Ela estava voltando a si, com o semblante ainda alterado pelo terror.

Vendo o noivo, agarrou-se a ele desesperadamente. Parecia procurar proteção escondendo a sua cabecinha loura no largo peito de Dick Peter.

– Vamos, querida, vamos ... Já passou tudo ... Que lhe aconteceu?

– Dick! Que coisa horrível – repetia ela cheia de medo. – Que coisa horrível! Parece até que foi um pesadelo!

– Não pense mais nisso, querida. O que você viu foi uma alucinação ...

– Não foi, Dick. Eu vi!

– Mas viu o quê? Pois não havia coisa alguma aqui!

– Havia, sim, Dick. Eu vi. Que horror!

– Seja razoável, Mary. Estamos no coração da maior cidade do mundo, e você vê coisas que só se justificariam numa aldeia de cafres! Que foi que você viu, afinal?

– Um fantasma. Eu estava passando pó de arroz quando, pelo espelho, vi qualquer coisa que se movia junto da janela. Fiquei gelada, e o meu coração parou. Mas voltei-me rapidamente e vi um vulto branco, um fantasma! ...

– Ora, Mary, vamos, raciocine. Você bem sabe que essas histórias de fantasmas são tolices. Você teve uma alucinação. Procure dormir, e tudo passará. Amanhã, com a luz do sol, você rirá desses sustos ...

– Não, Dick. Nunca mais me esquecerei disto!

– Sossegue. Procure dormir.

– Você não sairá daqui, não, Dick? Tenho tanto medo ...

– Não. Não sairei. Procure dormir.

Mary ajeitou-se na cama, e Dick arrastou uma poltrona para junto do leito, instalando-se nela.

Os criados retiraram-se e um deles, Bob, a uma ordem de Dick, sentou-se do lado de fora da porta, onde Dick estivera havia pouco.

Ao contrário do que esperava, Mary não tardou em adormecer. Meia hora depois de haver trocado com Dick as últimas palavras, já dormia. Mas era um sono agitado.

Quando percebeu que Mary dormia, Dick levantou-se da poltrona e foi até à janela. Olhou para fora, sem ver nada de suspeito. Depois, olhou para o chão, por acaso. E teve um sobressalto. Havia sobre o tapete uma coisa que o deixou estupefato: era a bala deflagrada do seu revólver.

Apanhou-a e examinou-a. Estava perfeita, sem um arranhão, sem uma amolgadura. Dick estava completamente tonto. Como poderia ter acontecido aquilo?

De repente, ele teve uma ideia. Pôs a bala no bolso do colete e saiu do quarto. Na porta, falou a Bob, em voz baixa:

– Bob, eu vou sair, e talvez demore ... Talvez só volte pela manhã ... Você, fique lá dentro do quarto, sentado onde eu estava. Não adormeça, porque a gente nunca sabe o que pode acontecer. A coisa não está muito boa, não ...

Bob não disse uma palavra. Entrou no quarto e tomou o lugar de Dick.

Então, mais sossegado, Dick desceu pela escadaria, e, pouco depois, os pesados portões do parque batiam.

Bob não era homem que tivesse medo. Achava toda aquela história absurda e não se sentia, de modo algum, aterrorizado, como pareciam todos os outros.

Por isso, comodamente sentado, tirou do bolso um livro de capa vermelha, que começou a ler com todo o interesse.

Leu durante uma hora. Depois, o sono veio chegando insidiosamente. Bob foi até a janela e, por desincargo de consciência, examinou os arredores. A calma da noite era completa. Não se ouvia ruído algum, fora o barulho de costume da cidade, que, para quem está habituado, não se conta.

Depois de examinar tudo, voltou à poltrona, disposto a dormir, certo de que não havia perigo algum por perto.

Estendeu as pernas, guardou o livro no bolso e descansou a nuca sobre o encosto da poltrona, fechando em seguida os olhos.

Agora, dentro do enorme palacete, o silêncio era completo.

Mary, de vez em quando, era levemente agitada por algum sonho mau. Bob, de frente para a janela, pernas estendidas, mãos cruzadas sobre o ventre, cabeça recostada para trás, dormia na maior das venturas.

E os minutos foram-se passando.

No meio do silêncio, de repente ouviram-se as pancadas de um carrilhão batendo os quartos, seguidos de uma pancada sonora, trêmula, prolongada.

O som do carrilhão tremulava ainda no ar, quando a janela que Bob se esquecera de fechar começou a mover-se ...

E um vulto branco, enorme, apareceu. O seu rosto estava coberto. Depois, lentamente, o vulto ergueu a mão que segurava um tubo de taquara, e levou a ponta do tubo à boca. Ouviu-se um leve sibilar, e Bob teve um estremecimento violento.

Em seguida, a cabeça do criado moveu-se para diante e pendeu pesadamente sobre o peito, enquanto o seu rosto se encobria com as cores sombrias da morte ...

III – A POLÍCIA FAZ PERGUNTAS

Assim que a cabeça de Bob pendeu pesadamente sobre o peito, o fantasma penetrou no quarto e foi direito a ele. Pegou-lhe no queixo e levantou-lhe a cabeça.

No mesmo instante, fez um gesto de contrariedade e largou a cabeça, que tornou a pender, inerte. Evidentemente, ele não esperava ver Bob morto, mas outra pessoa ...

Em seguida, o vulto apanhou uma pequena seta que estava caída sobre as pernas do morto e guardou-a sob o pano que o cobria. Feito isso, voltou-se para a moça adormecida.

O semblante de Mary estava pálido e as suas feições deixavam adivinhar que havia dentro de seu peito uma grande agitação.

O fantasma pareceu hesitar. Durante alguns segundos o seu corpo balançou levemente entre a cama e a poltrona. Ora parecia querer abaixar-se para o morto, ora parecia decidido a dirigir-se ao leito.

Nesse momento, ouviram-se passos subindo a escada. O vulto hesitou ainda um instante, depois correndo para a janela pulou-a, desaparecendo.

Quase imediatamente depois, a porta abriu-se e Dick Peter entrou. Olhando para Bob, Dick ficou contrariado, e resmungou:

– Seu malandro ... esqueceu o seu dever. .. adormeceu ...

E aproximando-se de Bob pôs-lhe a mão sobre o ombro, sacudindo-o. Mas o corpo do pobre criado curvou-se todo sobre si mesmo e rolou para o chão.

Dick Peter, a custo, susteve um grito. Abaixou-se e examinou o corpo caído, verificando que o homem estava morto.

E o seu rosto empalideceu de raiva e terror.

– Agora, a coisa é mais séria – disse ele em voz alta – temos um morto ... Pobre Bob ... Agora, é pior ...

Levantou-se, percorreu o quarto com os olhos, dando com o telefone. Dirigiu-se a ele rapidamente, e discou.

– Alô! Ponha-me em comunicação com a Polícia ... rapidamente ... Sim...

– Alô! Alô! É o Chefe de Polícia? Sim? Perfeitamente .

Aqui é da casa de Mister Olivian Patrick, Quinta Avenida 202. Acaba de ser cometido um crime ... Perfeitamente ... Já? Muito bem ... Quem está falando aqui é Dick Peter...

Dick tornou a pousar o aparelho e apertou o botão da campainha que se achava ao lado dele. Pouco depois, a velha governante aparecia envolvida num peignoir, e com os olhos vermelhos.

– Pronto – ia ela dizendo, mas, ao ver o corpo de Bob estendido no chão, deu um grito, apavorada.

– Deus do céu! Que aconteceu?

– Psiu! Não a acorde! – disse Dick olhando ansiosamente para Mary adormecida.

A velha governante levou as mãos à boca, como para se impedir de gritar, e arregalou tanto os olhos que eles pareciam querer saltar das órbitas.

– Meu Deus! Meu Deus! – gemia ela. – Como foi isto? Que aconteceu aqui?

– Silêncio! – recomendou Dick – não se ponha nervosa. Os outros criados estão dormindo?

– Estão sim. Céus! Que coisa horrível!

– Bem. Deixe-se de lamentações. Vá lá para baixo e espere os homens da Polícia, que vão chegar. Quando entrarem, traga-os aqui para cima. Compreendeu bem? Então, vá.

A velha parecia estar com os pés presos ao soalho, mas arrancou-se, afinal, e foi descendo.

Dick abaixou-se junto ao corpo de Bob e pôs-se a examiná-lo cuidadosamente,

sem lhe tocar. Foi assim que viu uma pequena mancha arroxeada no seu pescoço, acima do colarinho.

– Uma zarabatana – murmurou. – Mataram-no com uma zarabatana ... Quem será o criminoso? .. Deve ser o tal fantasma ... Ah! Se eu o agarrar! ... E isso talvez fosse para mim ... A desgraça de Bob, naturalmente, foi estar dormindo com a cabeça voltada para trás. O criminoso não lhe pôde ver a fisionomia, e teve um excelente alvo no pescoço ... Se lhe tivesse visto a cara, talvez não o matasse ...

Nesse momento, ouviram-se passos embaixo. Eram os homens da polícia, que chegavam. Passos apressados subiram a escadaria, e três homens apareceram à porta.

Um deles adiantou-se e disse: – É o Sr. Dick Peter?

– Sim. Estou falando com o inspetor Morris, não é?

– Perfeitamente, Sr. Dick. Que se passou aqui?

– Têm-se passado coisas extraordinárias nesta casa, desde ontem à noite ...

– Bem, conte o que sabe, em ordem.

Dick Peter, vagorosamente, contou tudo o que se passara desde às oito horas da noite, e que nós já conhecemos bem, até ao encontro do cadáver de Bob.

– Mas – perguntou o inspetor –, por que saiu o senhor, deixando Bob aqui? Que foi fazer?

E o olhar do inspetor fixava-se duramente em Dick Peter. Dick pareceu ficar um tanto perturbado e respondeu:

– O senhor conhece-me, inspetor. Peço licença, por enquanto, para não dizer nada sobre isso. Preciso de mais algum tempo para poder confirmar uma suspeita. Então terei todo o prazer em comunicar-lhe.

O inspetor olhou para ele desconfiado, mas não insistiu. Dick, metendo a mão no bolso, tirou a bala que recolhera de sobre o tapete e apresentou-a ao inspetor Morris. – Foi essa bala que eu atirei no fantasma ...

Morris pegou no pequeno pedaço de chumbo, muito interessado. Viu que ele não tinha amolgadura alguma, e passou-o ao outro policial que estava ao seu lado.

– Que lhe parece isto, sargento? – perguntou ele.

– Realmente – falou o outro examinando a bala –, isto é interessantíssimo ... Sr. Dick, tem aí a arma com que deu este tiro?

– Sim – respondeu Dick, entregando uma arma ao sargento.

– Permita-me que a guarde, por algum tempo ...

– Bem – disse o inspetor Morris, dirigindo-se à velha governante, que ainda tremia –, acorde todos os criados e mande-os ficar lá embaixo. Vamos interrogá-los.

Depois, para um dos homens:

– Doutor, faça o favor de examinar esse homem. – E, dirigindo-se para outro, acrescentou: – Sargento, vá lá para fora e proceda às investigações necessárias. Eu vou examinar este quarto e, depois, interrogarei os criados.

O médico abaixou-se sobre o cadáver de Bob, e o sargento saiu. Então, Dick, dirigindo-se ao médico, falou:

– Doutor, seria bom tirar daqui a senhorita Mary. Ela já sofreu um grande abalo hoje e o seu médico disse que ela não pode sofrer mais comoções. Se acordar ... O senhor podia dar-lhe uma pequena quantidade de narcótico, para que possamos transportá-la para outro quarto, sem que ela sinta.

O médico interrogou o inspetor Morris, que nada teve a opor. Pouco depois, Mary era transportada para um aposento próximo.

Quando Dick tornou a entrar no quarto, Morris estava em franca atividade, examinando tudo com uma lente.

– O criminoso usava luvas ... – resmungava ele. – Não deixou rasto algum ...

Pouco depois, o médico informava:

– O homem morreu há cerca de uma hora. Foi ferido por uma seta embebida em veneno violento. – Mais nada, doutor?

– Mais nada.

– Então, faça o favor de descer e mandar aqui o fotógrafo.

Pouco depois, o fotógrafo subia e batia mais de uma dúzia de chapas, sob a direção de Morris. Feito esse serviço, ele desceu com um recado do inspetor para que fosse um homem à casa do dr. Cave, mandando-o ir à delegacia. Tendo feito isso, o inspetor e Dick ficaram novamente a sós. De repente, Morris perguntou a Dick:

– Onde está o Sr. Patrick?

– O pai de Mary foi a Boston, a negócio ...

– Fale-me sobre ele.

Dick hesitou. O pai de Mary não era um exemplo de carinho, nem parecia gostar muito do lar, vivendo uma vida aparentemente atormentada. Mary, no entanto, amava-o muito, apesar das suas qualidades de usurário, para que Dick pudesse falar com franqueza. Desse modo, desculpou-se, dizendo que não o conhecia o suficiente para falar.

Então, olhando-o fixamente, o inspetor disse: – O senhor sabe quem é o fantasma!

Dick ia dizer alguma coisa, mas o inspetor repetiu: – O senhor sabe quem é o fantasma. Diga-o!

IV – ESCLARECE-SE O MISTÉRIO DA BALA

Dick Peter a princípio ficou espantado com a pergunta do inspetor, mas, logo, percebendo que ele aplicava um truque, sorriu e respondeu:

– Não, inspetor. Está enganado. Eu tenho, realmente, as minhas desconfianças, mas não quero comprometer ninguém sem provas. Penso que amanhã já lhe poderei dizer qualquer coisa de positivo. Por enquanto, não tenho senão suspeitas, e suspeitas não podem condenar...

O inspetor não insistiu. Sabia que, quando Dick fazia uma promessa, cumpria-a.

Então, um dos seus auxiliares entrou no quarto, acompanhado do Dr. Cave.

O inspetor fez várias perguntas ao velho médico de voz fanhosa, obtendo sempre respostas positivas. Quando lhe perguntou onde estivera depois de ter visitado Mary, ele declarou que estivera em sua casa, acrescentando:

– Não sei por que me vieram incomodar a esta hora.

Parece que suspeitam de mim ... Por que havia eu de matar este pobre homem?

– É o que procuramos saber.

– Bem, mas não serei eu quem o possa informar. Eu não tenho nada com esta história, e peço que me deixem sossegado.

Nesse momento, ouviram-se passos precipitados subindo a escada. Era o pai de Mary que chegava. Vinha assustado.

– Que é isso? Que aconteceu em minha casa? Que é isso? Bob morto? Oh! Quem fez este crime horrível? Senhores! Quero saber o que se está passando aqui! Onde está minha filha?

Dick Peter ouvia aquela catadupa de palavras sem se impressionar, achando que era exagerado o seu desespero. Ele sabia que o Sr. Patrick era impassível como uma máquina. E o pai de Mary voltou-se para ele, dizendo:

– Sr. Dick, explique-me o que está acontecendo!

– Pouca coisa, por enquanto, Sr. Patrick. Receio que tenha que haver mais ainda. Apareceu um fantasma à sua filha, decerto querendo matá-la, mas não conseguiu o seu fim. Depois, voltou e matou Bob. Por enquanto, é só.

nhas suspeitas recaem sobre o chauffeur e o Dr. Cave, que mora no prédio pegado a este. Que lhe parece?

– Nada posso dizer, inspetor, mas tenho a impressão de que nenhum dos dois tem nada que ver com isto ...

– Por que afirma tal coisa?

– Eu não afirmo nada. É simples impressão.

Mas, interiormente, Dick estava certo da inocência dos dois homens. O Dr. Cave tinha, realmente, um aspecto desagradável e misterioso, mas isso não era suficiente para se culpar um homem.

– Além disso – continuou o inspetor –, o senhor não disse ainda onde esteve enquanto Bob era assassinado. Tinha saído uma hora antes. Onde esteve?

Dick hesitou por um momento, mas respondeu:

– Bem. Vou dizer-lhe o que fui fazer. Fui à redação da revista Mundo Novo.

– Para quê?

– É simples. Porque, quando apanhei a bala no chão, aquela bala que eu atirara contra o vulto, fiquei estupefato com o caso, mas lembrei-me de ter lido numa revista uma notícia sobre a invenção de um tecido impossível de ser perfurado com tiros. Olhe, aqui está ela.

E Dick enfiou a mão no bolso tirando um recorte de papel, que entregou ao inspetor. Este leu em voz alta: “Experiências extraordinárias com um novo tecido – Ontem esteve nesta redação o Sr. Harry Brown, que fez experiências com um extraordinário tecido, de sua invenção. Este tecido, feito de uma fibra elástica, não é perfurado nem por tiros de fuzil. Trata-se de uma composição sintética, que cede ao contato da bala, sem se perfurar, amortecendo completamente a força do projétil. O Sr. Brown espera aperfeiçoar o seu tecido a ponto de permitir que se fabriquem com ele roupas comuns. Por enquanto, ele apenas conseguiu produzi-lo em lençóis que não permitem costuras”.

– Aqui está a chave! – disse o inspetor arregalando os olhos. – De quando é esta revista? – De 1936.

– Um ano! E não se falou mais nesse tal Brown?

– Nunca mais, que eu saiba. Eu o conheci pessoalmente, parece-me que ele vendeu o seu invento e foi para fora do país. – De quem é a revista que publicou isto?

– É o Mundo Novo, do sr. Patrick.

– Muito bem. Deixe-me ficar com este recorte.

Depois, voltando-se, o inspetor deu de cara com o sr. Patrick, que estava atrás deles.

– Não encontrou nada, senhor inspetor? – perguntou o pai de Mary.

– Nada, mas parece que vamos encontrar o fio da meada. Depois falarei consigo a esse respeito. Agora, vamos sair. Sargento, notifique o chauffeur e o dr. Cave para que vão à delegacia amanhã. E vamo-nos embora, que esta gente precisa descansar.

Pouco depois, todos tinham saído, ficando Dick Peter e Olivian Patrick a sós, no salão.

Ambos se mantiveram em silêncio durante algum tempo. Depois, Dick falou:

– Não desconfia de ninguém, sr. Patrick?

– Não. Mas esse dr. Cave tem mesmo uma cara esquisita, não lhe parece?

– O que me parece, sr. Patrick, é que há muita gente com a cara esquisita e incapaz de praticar qualquer mal, assim como há muitos outros com cara de inocentes e capazes de tudo. Não lhe parece?

– Mas, por que diz isso?

– Por que é o que mais frequentemente se vê.

– Mas, no caso presente, quem poderia ter interesse em fazer mal a minha filha? Um anjo que não pode ter inimigos ... – É, realmente, esquisito. Por enquanto, nada se pode dizer. Esperemos mais algum tempo, e tudo ficará esclarecido. – Faço votos. Bem, sr. Dick, precisamos descansar. Principalmente o senhor, que trabalhou tanto ...

– Realmente – disse Dick levantando-se. – Ambos precisamos bem dum descanso. Boa-noite, sr. Patrick.

Os dois homens trocaram um aperto de mão e Dick retirou-se.

Nessa hora, já estava clareando o dia.

Dick, porém, ao sair, não se dirigiu para sua casa. Apenas chegado ao portão, tornou a entrar e escondeu-se no parque que rodeava a residência do Sr. Patrick. Ele estava certo de que alguma coisa ainda havia de acontecer naquela madrugada.

O parque estava imerso nas sombras.

Dick foi caminhando junto ao muro, até em frente dos aposentos de Olivian e de sua filha, e ficou a observar, do seu escuro abrigo, as duas janelas iluminadas.

V – O FANTASMA ATACA DICK PETER

Durante algum tempo, nada notou de anormal.

Mas, pouco depois, pareceu-lhe que um vulto andava no quarto de Mary.

O seu coração começou a pulsar fortemente. Por duas vezes o vulto veio à janela, espiou para fora, pondo-se a andar novamente no quarto de um lado para outro.

Dick não pôde distinguir a fisionomia da pessoa que andava lá em cima, mas estava certo de que não podia ser outro senão o pai de Mary.

Aliás, isso nada tinha de espantoso. O homem, naturalmente, andava à procura de vestígios do drama que ali se desenrolara fazia ainda poucas horas.

Depois, as luzes apagaram-se, ficando apenas as janelas do quarto de Olivian iluminadas por uma luz muito fraca.

Dick Peter, enquanto examinava aquele movimento, torturava o cérebro para descobrir como poderia ter o criminoso subido até à janela do primeiro andar, e, sobretudo, como poderia desaparecer tão rapidamente.

De repente, notou que a porta da frente da casa se abria e que um vulto passava para fora, acendendo uma lanterna elétrica. Era Olivian Patrick. Ele veio chegando e pôs-se a examinar o chão, por baixo das janelas, como Dick já fizera com os criados.

O moço acompanhava com grande interesse aquele trabalho, procurando adivinhar o que fazia ali o pai de Mary. Viu que Olivian se abaixava como quem procura alguma coisa com grande interesse. Depois, como ele se afastasse, Dick deu um passo para poder continuar a vê-lo. Nesse momento, porém, pisou numa lata que estava no chão, fazendo um ruído bastante forte. O sr. Olivian voltou-se imediatamente, gritando:

– Quem está aí? – e, tirando o revólver, avançou para Dick. Este, porém, saiu ao seu encontro dizendo: – Sou eu. Dick Peter.

– Que faz aqui? – perguntou o velho.

– Estou esperando que aconteça alguma coisa.

– Ah! Boa ideia ...

– E o senhor? Que fazia?

– Eu procurava vestígios. Pode ser que alguma coisa tenha escapado à polícia... Bom, vou para dentro. O senhor vai continuar vigiando?

– Não. Penso que já não é preciso. O sol vai nascer. É melhor ir dormir. Mais uma vez, boa noite, Olivian.

– Boa noite, sr. Dick Peter.

Ambos os homens seguiram até o portão e Olivian ficou olhando Dick Peter, que se afastava a passos rápidos. Quando o moço desapareceu ao longe, Olivian voltou para casa, entrou e fechou-se em seu quarto.

Ainda desta vez, no entanto, Dick não foi direto para casa. Ficou rondando por perto do palacete, na expectativa de algum acontecimento. E não foi baldada a sua esperança, porque, passados alguns minutos, o portão abria-se e um homem saía dele, levando na mão uma volumosa pasta de couro.

Dick Peter não hesitou. Compreendeu imediatamente o que estava para acontecer e, correndo a um posto de táxis, tomou um automóvel e voou para casa.

Lá chegando, enfiou-se rapidamente sob as cobertas e tomou a atitude de quem dorme profundamente.

Mas os seus olhos, bem abertos, perscrutavam a porta que deixara apenas encostada.

Quinze minutos mais tarde, ouviam-se passos levíssimos que subiam a escada lentamente.

Depois, a porta entreabriu-se e um vulto apareceu.

Era o fantasma. Lá estava o seu lençol branco atirado sobre a cabeça.

Dick sentiu um calafrio ao pensar na zarabatana, a horrível arma de que aquele monstro se utilizava para abater as suas vítimas.

Por isso, resolveu não esperar pelo golpe.

Deu um salto da cama, atirando-se contra o vulto que avançava para o seu leito.

Nenhum dos dois gritou. Houve apenas um ruído surdo, um ranger de dentes, que deixava compreender a raiva com que os dois homens se haviam agarrado.

Dick esforçava-se para levantar o lençol que cobria o corpo e o rosto do outro, mas, prevendo isso, o fantasma agarrara-se estreitamente ao moço, impedindo-o de realizar o seu intento.

Durante alguns segundos, lutaram de pé, torcendo-se, esforçando-se, cada um, por dominar o seu adversário. Mas as forças de ambos equilibravam-se.

Assim foram lutando, de um lado para outro, até que Dick tropeçou no tapete, caindo com o outro por cima.

O vulto deixou escapar um som rouco de alegria, e levou as mãos ao pescoço do moço.

Dick, desesperado, conseguiu livrar um braço e aplicou um soco no queixo do inimigo, que rolou para o lado.

O moço atirou-se imediatamente sobre ele, desferindo-lhe grande quantidade de socos no rosto. Mas o fantasma não era fácil de se vencer. Enfiou um cotovelo violentamente no estômago de Dick, fazendo-o perder as forças. Dick largou o vulto e

pôs-se de joelhos. O outro aproveitou a ocasião para tirar um punhal de sob o lençol levantando-o sobre o rapaz. Dick Peter viu-se perdido. Agarrou furiosamente o braço do fantasma, tentando deter o golpe. Durante alguns segundos, ficaram assim, ambos de joelhos, um esforçando-se para enterrar o punhal, e o outro pondo toda a sua força na mão que segurava o braço assassino. Mas Dick não podia mais. Num último esforço, afastou o corpo, no momento em que o punhal já lhe tocava as roupas, na altura do coração, enterrando-se na carteira de couro que trazia no bolso, e resvalando de modo a feri-lo muito pouco. Nesse momento Dick resolveu apelar para um último recurso: a astúcia. Deu um grito, como se estivesse mortalmente ferido, e abandonou o corpo, caindo pesadamente.

O fantasma ainda hesitou durante um segundo. Depois, vendo que o grito do moço iria atrair gente dos outros apartamentos, retirou rapidamente o punhal, guardou-o e fugiu às pressas, pela porta.

Apenas saíra, Dick levantou-se e fechou a porta indo em seguida à janela que dava para fora, vendo o homem que atravessava a rua, com a sua pasta de couro bem cheia. Ali, naquela pasta, devia estar o lençol impermeável às balas.

Nisto, bateram à porta.

Era o zelador do prédio que ouvira o grito e vinha ver o que acontecia.

– Nada – disse Dick –, tive um pesadelo e acordei gritando.

Satisfeito, o homem retirou-se.

Dick preparou-se para sair novamente. Passando pelo zelador, na escada, disse:

– Não posso dormir. Vou dar um passeio pela cidade. Talvez me refresque as ideias.

Na primeira esquina tomou um automóvel e mandou tocar para a polícia.

Lá chegando, procurou Morris, que dormia no seu quarto, anexo ao gabinete.

Morris atendeu prontamente.

– Inspetor, o fantasma continua a agir. Ainda não há meia hora procurei matar-me no meu apartamento. Deu-me uma punhalada que, por felicidade, resvalou na carteira, e me feriu muito pouco. Veja.

– Tirando o paletó, Dick mostrou ao inspetor a roupa rasgada pelo punhal, o arranhão na pele e a carteira cortada pelo golpe.

Em seguida, contou tudo o que acontecera, desde que estivera de vigia no parque até o momento de ser atacado.

Morris não perdeu um segundo. Chamou alguns auxiliares e mandou-os imediatamente buscar o criado de quem suspeitava e o dr. Cave.

Dick pediu-lhe que desse a seguinte explicação sobre ele a todas as pessoas: "Que o sr. Dick Peter fora gravemente ferido em seu apartamento, e que, em estado desesperador, não pudera ainda pronunciar uma palavra".

Assim, o fantasma ficaria sossegado quanto a ele, e seria mais fácil apanhá-lo.

E os agentes partiram, com essa informação.

Um dirigiu-se à residência do dr. Cave e o outro à de Olivian Patrick.

Pouco depois, pelo telefone, ambos se comunicavam com o inspetor Morris.

– Encontraram o dr. Cave? – perguntou este.

– Não. O dr. Cave desapareceu. A sua esposa diz que ele chegou em casa danado depois do interrogatório, que se deitou e agora, quando fomos procurá-lo, é que ela viu que ele não estava mais. E a sua cama está fria, o que denota que há tempo já que ele saiu.

– E o criado?

– O criado não saiu. Esteve a noite toda acordado, ao lado da governante, porque não podiam dormir.

– Bem. Procurem saber do paradeiro do dr. Cave. Vou mandar vigiar todas as estações. Falaram com o Sr. Olivian Patrick?

– Falamos. Ele está desesperado com os acontecimentos e fala em deixar Nova York, dizendo que é incrível acontecerem tais coisas numa cidade civilizada.

– Bom, procurem o dr. Cave. Vou mandar uns homens vigiar a residência de Olivian Patrick, para evitar que o criminoso volte lá. Até logo.

Pendurado o fone no gancho, o inspetor olhou para Dick Peter durante uns momentos. Depois, batendo com o lápis na mesa, disse, lentamente:

– Não há dúvida, meu caro: o tal fantasma é o dr. Sammy Cave.

– Talvez.

– Por quê? Não lhe parece?

– Não digo nada. Talvez seja. Quem sabe?

VI – O ROSTO DO FANTASMA

No dia seguinte, quando soube que Dick Peter ficara ferido, Mary ficou desesperada. O seu pai consolava-a como podia, dizendo que não havia de ser grande coisa, que o moço ainda se salvaria e o criminoso seria apanhado.

Mas ela estava inconsolável. Mandava telefonar frequentemente para o hospital,

para ver como ia passando o seu querido noivo. A resposta, do hospital, de acordo com as instruções recebidas da polícia, era sempre a mesma: "O seu estado não se alterou. Continua ainda sem sentidos".

Queria ir visitá-lo à força, mas não lho permitiram. Ele não podia ser visitado, por ser o seu estado muito melindroso.

E o dia passou-se sem maiores novidades.

O dr. Cave não foi encontrado em parte alguma, e também não houve nenhuma nova tentativa por parte do fantasma.

Depois do almoço, o Sr. Olivian Patrick foi para o seu escritório, como de costume, e Mary ficou em seu quarto, entregue a um enorme desespero.

As investigações, que prosseguiram sem cessar em diversos sentidos, não traziam esclarecimento algum. Aliás, a polícia, completamente convencida da culpabilidade do dr. Sammy Cave, procurava-o por todos os cantos.

Pelas oito horas da noite, o inspetor Morris foi à casa de Olivian Patrick saber, pessoalmente, se não houvera mais alguma novidade. Mary informou-o de que não havia nada. – E seu pai?

– Papai telefonou dizendo que hoje virá mais tarde; recomendou que fechássemos tudo muito bem, e que puséssemos um guarda no portão. E para não esperarmos por ele.

– Bem. Vou mandar um guarda. A senhorita fique tranquila. Dick Peter está melhorando. Não há razão para desespero.

Voltando à polícia, Morris informou Dick do que soubera.

Dick pensou por alguns momentos e, depois, falou:

– Inspetor, vou pedir-lhe um favor. Tenho um plano para executar e estou certo de que dará os melhores resultados. Está disposto a deixar-me agir? Eu lhe trarei aqui o fantasma. – Qual é o seu plano?

– Esta noite, o fantasma voltará ao quarto de Mary, para a eliminar ...

O inspetor estranhou, e perguntou a Dick qual era o interesse do fantasma, eliminando Mary.

– Depois saberá tudo bem. São questões de dinheiro.

Deixe-me agir. Vou passar a noite na casa de Mary, e peço-lhe três homens. Encarrego-me de tudo e, ou sou um grande idiota, ou o fantasma acabará esta noite nas nossas mãos.

O inspetor deu-lhe ordem para proceder como achasse melhor, e prometeu-lhe os três auxiliares.

Dick Peter deixou a central de polícia escondido sob um ligeiro disfarce, de modo a não ser reconhecido, e, com os três homens, encaminhou-se rapidamente para a casa de Mary, onde todos entraram sem dificuldade. Dick colocou um homem no parque, outro no portão, outro no corredor, junto ao quarto de Mary. Depois, mandou chamar a moça, encerrou-se com ela numa saleta, e tirou o disfarce. Mary ia dando um grito, mas ele tapou-lhe a boca com a mão, dizendo:

– Psiu! Não grite, querida, acalme-se. Aqui estamos juntos, e nada me aconteceu.

Ela espantava-se e perguntava pelo ferimento de Dick. – Não. O meu ferimento não foi nada. Vamos tratar de um assunto mais importante. Você sente-se com forças para enfrentar os acontecimentos que se vão desenrolar esta noite?

Mary, alarmada, perguntava o que estaria para acontecer.

– Ainda não sei, mas você precisa preparar-se para tudo.

Tanto a minha vida como a sua estão em perigo. Precisamos ter muita calma e sangue-frio. Preciso que você me garanta que, aconteça o que acontecer, seguirá as minhas instruções.

Mary prometeu que assim faria, e ele prosseguiu:

– Você vai esconder-se no quarto mais afastado da casa, vai fechar-se muito bem por dentro, janelas e portas trancadas, e só abrirá quando eu, ou um dos três policiais, à minha ordem, mandar. E a palavra de ordem é “Acabou-se o fantasma”. Está combinado?

Mary prometeu fazer tudo direitinho e os dois foram procurar o aposento onde ela devia esconder-se, sem que nenhuma pessoa da casa o soubesse ... Depois de Mary estar em segurança, Dick instruiu os seus homens sobre a combinação feita.

Tudo assim combinado, os policiais retomaram os seus postos, e Dick foi para o quarto de Mary. Com algumas roupas e travesseiros, preparou um volume sob as cobertas, para dar a impressão de que a moça estava ali deitada, e ele próprio escondeu-se atrás duma espessa cortina, a dois passos da cama.

E passaram-se algumas horas de enervante espera.

Dick não fazia o menor movimento.

Afinal, alguma coisa sucedeu.

Houve um rumor do lado de fora da janela.

Depois, o vulto apareceu. Dick Peter via-o perfeitamente pela frincha da cortina. E dentro do seu coração havia uma forte vontade de apanhar aquele bandido que eliminava vidas com tanta crueldade.

O vulto abriu a janela e entrou no aposento com passos de veludo. Trazia o lençol sobre a cabeça. Aproximou-se do cito e, na obscuridade, não pôde perceber que havia apenas um monte de roupas sob a colcha. Tirou de sob o pano que cobria um frasco e um lenço. Pingou algumas gotas do líquido sobre o lenço e abaixou-se sobre a cama.

– Narcótico! – pensou Dick Peter.

Quando o vulto se curvou sobre a cama, Dick Peter afastou a cortina e avançou lentamente.

E caiu de chofre sobre o vulto, que, na surpresa, deu um verdadeiro urro. Enlaxaram-se. Dick aplicou-lhe um violento pontapé. O vulto caiu para trás, batendo com as costas na cama.

Nesse momento, Dick agarrou a ponta do lençol que o cobria, e deu um puxão violento.

Apareceu um rosto. Era um rosto hediondo, convulsionado pela raiva, com os olhos brilhando de furor sanguinário. Uma verdadeira máscara de ódio!

Dick reconheceu-o imediatamente: era o sr. Olivian Patrick, o pai de Mary!

Dick já esperava por aquilo, mas, mesmo assim, frente a frente com o monstro, sentiu-se paralisado por um momento.

Olivian tirou um punhal, e ia levantar-se para Dick Peter, mas este, rápido como um raio, deu-lhe um tremendo soco no estômago, atirando-o por terra.

Nesse momento, o policial que estava do lado de fora entrou, e algemou o homem caído.

Depois, foi rápido.

O homem foi conduzido para a central de polícia, e Dick Peter foi consolar Mary do tremendo golpe recebido.

Na polícia, o inspetor Morris soube arrancar do prisioneiro toda a verdade. E o estado de abatimento de Olivian era tamanho que ele não fez nenhuma resistência.

A sua história era curta. Ele não era pai de Mary. O verdadeiro pai da moça fora seu companheiro de aventuras, no Oeste. Ao morrer, deixara órfã aquela menina com dois anos, e encarregara Olivian Patrick de olhar por ela e administrar a sua fortuna. Essa fortuna devia ser entregue à moça quando ela atingisse os 21 anos, e assinaram documentos para isso. Olivian tinha as melhores intenções quando se encarregou de Mary, mas, como era muito esperto nos negócios, a fortuna cresceu rapidamente, e,

naquela época, subia a mais de três milhões de dólares. E o momento de entregar todo aquele dinheiro à moça aproximava-se, pois que ela completaria 21 anos dentro de oito meses. Os seus instintos de avareza começaram a agir, até enlouquecê-lo. Não podia suportar a ideia de se separar nem de um pouco daquele dinheiro. Depois de muito refletir, viu que só havia um meio. Era eliminar Mary. Assim, a fortuna caberia toda só a ele. A ideia veio-lhe quando a sua revista *Novo Mundo* publicou a notícia da descoberta de Harry Brown sobre o tecido impermeável às balas. Comprou o invento e guardou-o para a ocasião oportuna. Quando Mary ficou noiva de Dick Peter, ele viu que as coisas pioravam para si, pois que se ela se casasse, então a fortuna passaria para Dick, e as suas esperanças ficariam ainda reduzidas.

Resolveu, então, matá-la, mas quis envolver a morte em mistério, e foi aí que errou. O seu modo de agir era simples. No fundo do parque, havia uma porta velha nunca usada. Ele pela frente saía como quem vai viajar e entrava novamente por aquela porta, indo para o seu quarto. Preparara, ali, uma espécie de ponte curva, em forma de meia-lua, que saindo da sua janela ia à janela do quarto de Mary. Assim, podia passar dum quarto para outro, sem deixar vestígio. Naquela noite em que aparecera à moça pela primeira vez, não esperava ser visto por ela. Diante do grito, viu o seu plano prejudicado, e precisou agir com rapidez. Matou Bob pensando que fosse Dick Peter, porque viu no noivo de Mary um adversário perigoso.

Percebendo que as suspeitas estavam caindo sobre o dr. Sammy Cave, matou-o e atirou-o num poço abandonado, situado no fundo do parque, coberto com uma laje de cimento. Desaparecido o dr. Cave, todas as suspeitas ficariam sobre ele.

Compreendeu, porém, que com Dick Peter pela frente nada poderia fazer, e decidiu matá-lo, o que pensou ter conseguido. Por isso, voltou naquela noite, certo de que tudo ficaria liquidado, mas enganara-se.

Olivian foi para a cadeira elétrica.

Passado algum tempo, depois de apagadas as maiores impressões sobre os dolorosos acontecimentos, Dick Peter e Mary uniram-se para sempre, vivendo inteiramente felizes, apesar das novas aventuras em que Dick continuou a meter-se, por gosto, e que contaremos a seu tempo.

Este conto foi extraído do livro *Aventuras de Dick Peter* (1940).
©Jerônimo Monteiro.

ATIVIDADE 3G

NOME _____ DATA ____ / ____ / ____

Releiam o trecho abaixo, destacado do conto “O Fantasma da Quinta Avenida” e localizem onde estão presentes os discursos direto e o indireto:

“Vendo o noivo, agarrou-se a ele desesperadamente. Parecia procurar proteção escondendo sua cabecinha loura no largo peito de Dick Peter.

– Vamos, querida, vamos...Já passou ...Que lhe aconteceu?

– Dick! Que coisa horrível – repetia ela cheia de medo. – Que coisa horrível! Parece até que foi um pesadelo!

– Não pense mais nisso, querida. O que você viu foi uma alucinação....

– Não foi, Dick. Eu vi!

– Mas viu o quê? Pois não havia coisa alguma aqui?

– Havia, sim, Dick. Eu vi. Que horror!

– Seja razoável, Mary. Estamos no coração da maior cidade do mundo, e você vê coisas que só justificariam numa aldeia de cafres! Que foi que você viu, afinal?

– Um fantasma. Eu estava passando pó de arroz quando, pelo espelho, vi qualquer coisa que movia junto da janela. Fiquei gelada, e o meu coração parou. Mas voltei-me rapidamente e vi um vulto branco, um fantasma!...

ATIVIDADE 4C – Parte B

NOME _____ DATA ____ / ____ / ____

PROJETO "CONTOS DE MISTÉRIO"

Aluno: _____

Data: _____

Aspectos a serem observados	Sim	Não	Preciso rever
Você colocou o título?			
Você iniciou o conto falando de tempo e lugar?			
Você utilizou, no início, expressões como: " Em um certo lugar... Naquela noite... O detetive.... No local escuro.... Naquela avenida...."			
Você descreveu os personagens, suas características físicas e psicológicas e seus comportamentos.			
Você utilizou verbos como: deveria, poderia ter ocorrido, percebeu-se, ouviu-se"			
Apresentou o mistério que deveria ser desvendado?			
Considera que o leitor conseguirá compreender o texto com facilidade?			
Você apresentou os fatos essenciais da narrativa?			
A ordem em que foram apresentados estava correta?			
O texto foi apresentado de maneira atrativa para o leitor?			
A ilustração da capa estava adequada ao texto?			
Você organizou os parágrafos de maneira adequada?			
Você procurou utilizar os sinais de pontuação adequados ao que pretendia dizer?			
Você utilizou letra maiúscula sempre que necessário?			
Você escreveu de maneira legível?			
Procurou escrever sem erros de ortografia?			
Observações do professor			

